

PJ PEREIRA

DEUSES DE DOIS
MUNDOS

O LIVRO DA TRAIÇÃO

Da
Boa
Prosa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Em O livro da traição as duas histórias que correm em paralelo nessa série crescem incrivelmente em intensidade: ganham ainda mais ação, aventura, disputas, paixões e é claro, traições. Essas traições acontecem entre os humanos e também no mundo dos orixás, despertando em você leitor uma gama de sentimentos nem sempre positivos, e em vários momentos até o provocando a intervir, mas nunca o deixando indiferente.

O passado do New, o ambicioso Newton Fernandes, é finalmente revelado, os chamados continuam a atormentar-lhe tanto a carreira quanto às conquistas amorosas e sexuais. Nem sempre eles chegam nos momentos mais propícios, nem sempre parecem alinhados com seu desejo. Os bastidores de disputas pelo poder entre grandes corporações seguem como pano de fundo, bem como tentativas pouco “republicanas” de ganhar espaço na mídia e construir imagens positivas.

No outro mundo Orunmilá não tem vida fácil como líder de um grupo cheio de poderes mas também de vaidades e caprichos na difícil missão de resgatar os príncipes odus e impedir que as feiticeiras Iá Mi Oxorongá controlem o destino. Cada guerreiro segue fiel à sua personalidade e alinhá-las é tarefa que requer paciência, persistência, habilidade e muita sabedoria. São essas histórias que entretém e revelam toda a riqueza da mitologia africana.

Desde que o primeiro livro da série foi lançado inúmeras discussões se aproximaram da importância do respeito às diferenças religiosas. PJ Pereira consegue numa prosa intensa, às vezes até violenta, passar uma mensagem de resgate às nossas raízes, tolerância e paz. Agora é só esperar pelo O livro da morte. O primeiro filme da série demora um pouco mais. Boa leitura!



PJ PEREIRA nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. A paixão por tecnologia e por escrever o levou à Publicidade, e esta à São Paulo e depois aos Estados Unidos. Nela também teve a oportunidade de conhecer as tradições africanas na Bahia, receber muitos prêmios e ser considerado um dos melhores contadores de histórias da propaganda mundial. São mais de cem prêmios internacionais, incluindo quatro Grand Prix no prestigioso festival de Cannes. Sua agência a Pereira & O'Dell, está entre as mais destacadas do mundo. É também produtor de filmes. O seu The Beauty Inside, um filme desenvolvido para redes sociais, ganhou em 2013 o Daytime Emmy. Vive em San Francisco na Califórnia com sua mulher e filho.

O livro da traição é o segundo livro da série Deuses de dois mundos.

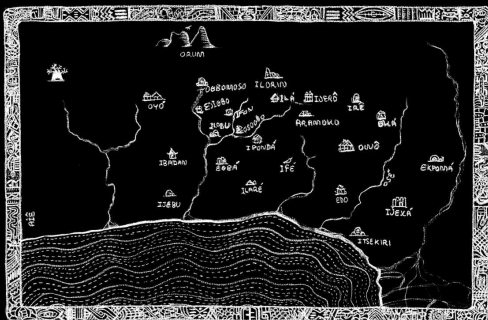
quarta capa

Fazer ficção em cima de mitologia pode parecer arriscado. E se agregar religião? E se for ainda além e incluir um dos fatos mais impactantes do século XXI? Foi isso que PJ Pereira não se recusou a fazer ao narrar a continuação dessa série que vêm despertando paixões em várias idades, ganhando o respeito de vários credos e conectando o Brasil com uma parte nem sempre lembrada da sua história.

Deuses de dois mundos é ficção, da melhor qualidade, entretém sem dúvida, mas sobretudo apresenta a mitologia africana em seu estado mais elevado. Tantos os imortais do Orum (céu), quanto os homens da Terra (o Aiê) ainda vão surpreender você, agora aqui, em breve nos cinemas. Os direitos para a telona foram vendidos e chegam numa grande produção Hollywoodiana em 2016 ou 2017. Vai esperar até lá se pode mergulhar agora mesmo na leitura?



#DDDM



DEUSES DE DOIS MUNDOS
O LIVRO DA TRAIÇÃO

PJ PEREIRA



Copyright © 2014 PJ Pereira
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Livros de Safra.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Preparação: Oliva Editorial e Ingrid Basilio
Revisão: Katia Halbe
Capa: Paulo Coelho, Rafael Gil e Douglas Alves
Foto do autor: Léo Neves
Mapa das págs. 2 e 3: Moses Kelani
Conversão para eBook: Kathya Nakamura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, PJ
Deuses de dois mundos : o livro da traição /
PJ Pereira. – 1. ed. – São Paulo: Editora Da BoaProsa, 2014.

1. Ficção brasileira I. Título.

14-03329.....CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



Alguns têm algo a dizer,
outros a vontade de sabê-lo.

um selo da:

**livros de
Safra**



A gente aduba, planta
e colhe palavras!

Livros de Safra
tel 55 11 3094-2511
www.livrosdesafra.com.br
Rua Simão Álvares, 663
cep 05417-030 São Paulo - SP

Para minha mãe, e todos aqueles
que dedicaram a vida inteira aos outros.

E para a Lo, que faz a vida ser tão melhor.

Os defeitos existem dentro de nós, ativos e militantes, mas inconfessos. Nunca vi um sujeito vir à boca de cena e anunciar, de testa erguida: “Senhoras e senhores, eu sou um canalha”.

Nelson Rodrigues

PREFÁCIO DO AUTOR

O livro do silêncio e *O livro da traição* foram originalmente escritos como um só. Eles são duas partes de uma mesma trama, inspirada na crença dos iorubás, povo africano do início dos tempos, que acredita que o tempo anda em círculos. Que o passado e o presente são repetições das mesmas histórias contadas desde sempre pelos príncipes do destino, os odus. Mas ao terminar de escrevê-los, a saga me pareceu melhor representada em três partes. As duas originais e mais uma terceira que eu ainda iria escrever.

O primeiro livro da trilogia começa em São Paulo, no ano de 2001. O jovem Newton Fernandes, mais conhecido como New, descreve em e-mails para um misterioso homem chamado Laroíê como, entre aventuras sexuais e refeições épicas, sua ascensão na carreira jornalística foi dificultada por inconvenientes chamados à uma missão mística. Dizendo-se avesso a qualquer ideia ou prática religiosa, New tentou escapar daquela responsabilidade que nunca pediu. Mas não foi tão fácil assim. A cobertura de um grande caso de sabotagem industrial que mudaria sua carreira havia sido interrompida sem muita explicação. A relação amorosa com Duda, sua ex-namorada de faculdade, se esvaziou. E o jogo de sedução com a poderosa Yara, executiva do *Jornal* onde ele trabalhava, não o levou a lugar nenhum. Assim New, em suas noites solitárias no seu apartamento em Moema, se viu numa viagem em sonhos por uma terra misteriosa chamada Orum, onde participou de uma cerimônia divinatória ao redor de um lago mágico, junto com outros quinze homens de tempos e lugares distintos.

No fundo do lago, New assistiu à jornada de Orunmilá, o maior babalaô de todos os tempos. Quando seus instrumentos divinatórios se calaram, junto com os de todos os outros babalaôs do mundo, o velho adivinho foi ordenado pelos orixás a recrutar um exército e recuperar os príncipes do destino raptados pelas feiticeiras Iá Mi Oxorongá. Os deuses africanos prometeram manter os búzios de Orunmilá funcionando através de uma solução temporária (o que New e os outros 15 odus substitutos estavam realizando sob o comando de Ifá, o orixá do destino), mas Orunmilá

deveria correr. O adivinho então varreu o mundo de seu tempo e trouxe para sua expedição o mais poderoso grupo de guerreiros já visto naquelas terras. O general Ogum, o guerreiro louco que mesmo tendo água, lava-se com sangue. Seu irmão Oxóssi, o confiante caçador que jamais erra uma flecha. O príncipe Xangô, insolente e sedutor, mas dono de poderosas pedras de raio capazes de partir árvores ao meio e incendiar cidades em instantes. A guerreira Iansã, que além de lutadora aguerrida, é capaz de se disfarçar de animais e comandar tempestades. Oxum, a bela e dengosa filha de Orunmilá, com encantos tão poderosos que controla as águas dos rios, e que logo se tornou esposa do general Ogum. E o jovem e leal mensageiro de Orunmilá, Exu, sempre surpreendente em sua astúcia e sua fome sem fim. Juntos os sete guerreiros seguiram em direção à cidade de Ifé, onde, com a ajuda dos búzios e dos odus substitutos, entre eles New, conseguiram derrotar o poderoso pássaro das Iá Mi Oxorongá e resgatar o primeiro dos odus.

E assim terminou *O livro do silêncio*. Newton, relutante, ajudando o confiante grupo de Orunmilá a encontrar o primeiro dos príncipes do destino. Uma conquista promissora, que será agora desafiada nas páginas a seguir, *O livro da traição*.

Já o terceiro livro, o pesado e misterioso *O livro da morte*, mostrará esse universo do ponto de vista dos orixás e saltará mais de uma década na vida de New. Mas, antes que eu me aprofunde, você ainda tem algumas centenas de páginas pela frente.

Boa leitura.

PJ Pereira

PRÓLOGO

“Quanta culpa um homem é capaz de carregar numa única vida?” Um estranho vento frio zumbia alto nas suas orelhas, desprotegidas pelo cabelo curto e vermelho, enquanto ela cruzava apressada as ruas ainda quietas de Nova York. Era como se o próprio ar da cidade lhe repetisse insistente a mesma pergunta que o mestre lhe fizera naquela manhã.

Havia sido apenas uma pergunta retórica, ela sabia, depois de ter lido os e-mails que o mestre Laroîê lhe havia mostrado. E das histórias que contou, lendas antigas do seu povo na África. De um tempo em que guerreiros com superpoderes tentavam recuperar o destino do mundo de feiticeiras. Ela demorou a entender como duas histórias, e dois tempos, tão distantes se encaixavam, mas agora tudo estava claro. Tudo, menos o desfecho. Qualquer que fosse o plano, porém, estaria terminado naquela manhã de quase outono. Ou melhor, primavera. Estavam no hemisfério Norte.

As portarias monumentais do World Trade Center já se aproximavam, e ela olhou o relógio: ainda não eram sete da manhã. O telefone havia tocado antes das seis, era ele: “Ouça bem o que vou dizer, nem pense em me desobedecer”. Ela não ousaria, claro. Já havia entendido o que acontece com quem contraria alguém tão poderoso. E gostava dele. Haviam tido um início de relação um pouco “original”, quando ele a raptou da pet shop e a levou, tomada por um espírito, para um galpão na periferia de São Paulo. Nunca havia sido possuída, ao menos não daquela maneira – pensou, agora achando graça da frase com cara de livro erótico de banca de jornal. Nem amarrada com uma coleira – riu mais ainda. Tudo era muito distante, agora. Não no tempo, mas no que sentia. E no cabelo, cortado e mudado de cor. E no emprego – num grande banco de investimento internacional. Quem diria.

Até ali, ela havia cumprido todos os rituais exigidos pelo mestre. Religiosamente. Havia se lavado, deixado um pouco de água do lado de fora. Colocou um dos tantos vestidos Prada do seu armário, ainda lembrava

do preço de cada um deles, e deixou todos os documentos de forma displicente caídos no chão, bem ao lado da porta. Agora, o mais difícil.

O suor escorreu pelo lado da testa quando terminou de cruzar o hall de entrada de uma das torres. Apressada, passou o crachá junto ao pequeno sensor que liberava a entrada dos funcionários e, num gesto rápido, girou a catraca em falso, como se seu fantasma tivesse partido em direção ao elevador. Deu meia-volta mas, antes que pudesse se afastar, um dos seguranças, que havia percebido a movimentação de uma estranha na entrada reservada aos que trabalhavam no prédio, surgiu bem na sua frente.

– I.D., please?

“Estúpido!”, ela pensou. Recuperando-se do susto, enquanto procurava no português, ligeiramente manco, a palavra mais desqualificante para a inteligência de um homem, apenas baixou os óculos escuros até a ponta do nariz e deixou que o homem a identificasse.

– Sorry, madam, may I help you?

Ela agradeceu com educação. No fundo, porém, queria matá-lo. Havia sido descoberta, e o mestre fora enfático ao ordenar que ninguém – gente ou computador – percebesse que ela não havia subido naqueles elevadores. Só que não havia mais tempo! Colocou a mão na bolsa e retirou uma pequena agenda como se fosse isso que estivesse indo buscar desde o início.

– No, thanks. – respondeu com um sorriso envergonhado, que pareceu tê-lo convencido.

O guarda ficou ao seu lado quando ela passou o crachá em falso na direção da saída, depois entrou novamente com ele, como manda o protocolo. “Idiot!” – ela pensou novamente, dessa vez em inglês (depois de alguns meses longe de casa, xingar na língua local fica mais fácil do que em seu próprio idioma). Teve que entrar. Pensaria num plano no caminho.

Em frente aos elevadores, um homem alto de bigode com cara de mexicano, duas mulheres gordas e bem-vestidas, e um senhor de mais idade, com cara de gângster, aguardavam pacientes. Quando a luz acendeu, e a porta abriu, entraram todos se empurrando como se precisassem disputar um lugar no gigantesco elevador que havia chegado ao térreo com apenas uma pessoa: um negro muito alto, alinhadíssimo, todo de preto com detalhes vermelhos, inclusive no tênis. Ela o conhecia muito bem. Nervosa, a ruiva tentou não cruzar o olhar e se postou exatamente à frente do gigante. Não sabia o que fazer. “Mestre Laroiê não deveria estar aqui.” –

pensou, apavorada.

Quando a porta se abriu no terceiro andar, ela sentiu algo encostar na sua mão. E a voz na sua nuca disse, suave:

– Your floor, madam.

Ela cruzou a porta, como um cãozinho bem treinado. Ao ouvir o elevador fechar novamente às suas costas, olhou então o que ele lhe havia dado. Um crachá. Do mexicano.

Pegou o próximo elevador de volta e passou pela catraca, torcendo para que o segurança não a parasse. Para seu alívio, ele nem percebeu. Muito cedo para qualquer um estar tão alerta.

Na calçada, ela olhou de novo o relógio. Estava atrasada. E pior: com um salto quebrado. Naquele momento, seu medo era da reprimenda que teria de ouvir por ter precisado que Laroîê tivesse que vir salvá-la de uma tarefa tão simples. “Será que eu preciso ir tirá-lo de lá?” – pensou, depois desistiu. Soubesse ela o que estava por vir, teria voltado. Mas, na sua ignorância, prosseguiu, na ponta dos pés, com apenas um salto, na direção combinada.

Algumas quadras adiante, avistou a limusine preta esperando com o pisca-alerta ligado, todos os táxis de Nova York xingando e buzinando. “Maldito segurança!” Ela tentou apressar o passo, mas a saia justa e a panturrilha em chamas comprometiam seu desempenho de velocista. Já estava atrasada mesmo, o que seriam alguns segundos a mais?

Do lado de dentro, o mestre a aguardava. “Como assim?” ela perguntou sem esperar resposta. Seguiram até uma Starbucks a poucas quadras dali, em uma esquina com vista magnífica das torres gêmeas. Num dos banquinhos do balcão em frente à janela, o mestre lhe trouxe um café. Ele olhou o relógio, depois para as torres, com uma certa melancolia que ela ainda não havia visto em seus olhos. Era setembro de 2001, ela sabia bem. Dia 11, seu aniversário.

– Desculpe pelo atraso. – pediu, acanhada. – E pela confusão na entrada.

Ao que ele respondeu, sustentando o mesmo sorriso pensativo:

– De nada. Eu já sabia.

Laroîê abocanhou metade do croissant com uma dentada só, e prosseguiu, antes mesmo de engolir:

– Ele nunca havia te contado o tal segredo, então?

– Não. Vi só pelos e-mails que você mostrou. Ele podia ter me

contado. Agente achava uma solução.

– Mas ele não contou.

– Não. O que você está preparando?

– Nada. Shit happens. E não tem nada que ninguém possa fazer a respeito.

– Nem você?

Ele tomou um gole do café quente. Não respondeu.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Assunto: Minha história

Caro Laroîê,

Um homem se conhece mesmo pelas suas vergonhas. Aquelas tão íntimas e secretas que o definem. Eu tenho as minhas. A menos que você as conheça, seus motivos e consequências, jamais entenderá o que aconteceu comigo. E nunca conseguirá me ajudar. Comecemos então do início.

Quando tinha uns oito anos de idade, minha mãe me levou para conhecer uma igreja. Não uma comum, de padre e crucifixo, como eu conhecia até então. Eles foram criados católicos mas, desde que aquele sujeito lhes falou no parque sobre minha mecha descolorida nos cílios, eles ficaram mais curiosos, e passaram a buscar outras formas de religião. Encontraram o que procuravam numa dessas seitas dos anos 70 que misturava um pouco de tudo – desde budismo, cristianismo, umbanda, kardecismo até mais uma onda mística da era de Aquarius. Um grupo gentil, esforçado e feliz, que se encontrava todo domingo de manhã, numa casa no Alto de Pinheiros. Não tinha luxo, a casa. Lembro que mal tinha mobília, além de uma mesa ou outra. As pessoas se sentavam no chão e, em cada sala, um homem ou mulher de branco lhes falava. Parecia mais uma escola que uma igreja.

Um dia, cruzamos o corredor que ligava a porta de entrada ao jardim dos fundos, onde uma multidão se aglomerava ao redor de uma mulher. Lembro de achá-la bonita. Tinha um pequeno pássaro em um dos dedos, um pardalzinho, acredito. Uma das pessoas disse que ela o pegara no chão, sem conseguir voar. A mulher acariciou o pássaro algumas vezes. Acalmou-o. Acho que aquela foi a primeira vez que senti minha pálpebra saltar. De repente, ela ergueu a mão para cima, e o pardal voou! Ohhhhh! Sussurravam todos. Seu nome era Pilar, ela era a líder daquela igreja.

Aos oito anos, eu não percebia muita coisa além de uma mágica ocasional nas poucas vezes que a vi pessoalmente. E um anel no formato de cabeça de pássaro repousada sobre seu dedo, de uma forma que, quando ela fechava o punho, o bico saltava para fora. Mas a seita, a partir daquele dia, passou a fazer parte de todos os meus domingos. Aulas dominicais, eles chamavam. Numa sala as crianças, noutra os adultos. Sempre um adulto de branco dando aula sobre espiritualidade para cerca de 40, 50 pessoas em cada

sala. Meus pais eram daqueles que nunca faltavam, e eu me acostumei a ir também. Foi somente na adolescência, no colégio de padres, que eu percebi que aquele mundo era diferente do mundo dos meus amigos. E que não deveria falar muito a respeito, porque ninguém entenderia.

Uma vez, durante uma aula dominical, um moleque perguntou sobre isso, como poderíamos explicar nossa religião para os amigos da escola. O professor, a quem chamávamos de sacerdote, nos incentivou a manter tudo em segredo. “Eles não vão entender. Se entendessem, nessa casa não caberia toda essa gente querendo ouvir o que vocês ouvem. Não queremos explodir a Casa Branca de gente, não é?” – Casa Branca era o nome que dávamos ao casarão, e boa parte das minhas memórias de infância são dali.

Mas a gente continuou crescendo, e aí veio algo que eles não esperavam: a internet. De repente, eu podia pesquisar on-line, achar livros e conversar com gente que não conhecia. Perguntar sobre outras religiões e descobrir que não éramos os únicos a quem se prometeu o reino dos céus. Meu mundo caiu mesmo quando comecei a achar “textos sagrados” que conhecia como sendo exclusivos do nosso grupo em livros das mais variadas culturas. Seria aquilo tudo copiado? Mas quem copiou o quê? Fiquei muito confuso, muito triste.

Foi um ano difícil. Havia começado a primeira faculdade, e passei a me sentir uma aberração. Em público, longe da Casa Branca, me juntei ao grupo dos ateus. Preferia fingir nunca ter tido religião a ter de admitir que fazia parte de um grupo que copiava ensinamentos de outros. Nas aulas dominicais, eu ficava calado.

Daí, dessa vida dupla, veio toda a minha amargura com Deus a que você se referiu. Deus, se é que ele existe, me havia feito de palhaço.

Eu teria saído. Queria muito. Passei a me mostrar meio desgarrado do rebanho e, vez ou outra, faltava aos domingos por motivos pouco importantes. Eu não era o único, todavia. Minha geração parecia estar inteira se desinteressando. Mas os mais velhos continuavam lá. Fervorosos. Não os questiono, porém, porque, se eles continuavam lá por ignorância, eu e tantos outros que enxergávamos o ridículo da coisa toda também continuávamos lá. Por medo.

Quando conheci Pilar, ela era muito doce, o que contrastava com a aspereza da voz de alguém que parecia ter fumado por décadas – mas nunca a vi com um cigarro na mão... Nas poucas vezes que ela ia à Casa Branca, era sempre uma festa. Levava balas para as crianças, conversava com os adultos. Sempre achei que eu recebia um pouco mais de atenção do que os demais. Como se fosse do nível superior, das pessoas que tem acesso semanal a ela, que

os adultos chamavam de Nível 2. Eu, assim como meus pais, éramos meros Nível 1, mas por muito tempo eu tive orgulho disso. Mas divago. Ao longo dos anos, especialmente no final dos anos 90, Pilar começou a ficar mais rancorosa. Ia menos à Casa Branca e, quando ia, era para fazer profecias de morte e perdição, que soavam ainda mais aterrorizantes vindas daquele vozeirão rouco. Passou a falar mais do mal que sofriam os que abandonavam o grupo do que do bem que poderíamos fazer ao mundo, como era antes. Passou a controlar mais com quem saíamos do que quem trazíamos. Conforme o mundo se abria, ela se tornava mais reclusa, e exigia o mesmo de nós.

Quando cheguei ao colegial, era comum contar nas aulas dominicais sobre os namorados e namoradas. Aquele que ousasse namorar gente “de fora”, mais cedo ou mais tarde, levava um sabão. Primeiro era aconselhado pelos sacerdotes, mas se não havia desfeito o namoro antes do dia em que Pilar por acaso aparecesse, estava frito. Ela acabava com você. Na frente de todos. Derrubava-lhe a autoestima e rogava pragas para você e sua família. Ninguém ali queria que a família sofresse, então, de um jeito ou de outro, todos acabavam obedecendo. Eu mesmo terminei com várias namoradas por causa disso. Uma delas foi a Maria Eduarda. Por pressão do grupo, eu parei de ligar. Viajei de férias e não a procurei na volta. Um dia ela me encontrou na faculdade e eu, que me fazia de ateu, inventei que não estava pronto para namorar sério, que, se continuássemos juntos acabaríamos casando cedo e nenhum de nós queria isso. Ela acreditou, ou fingiu. Como lhe contei antes, viramos amigos depois disso. Entre um namoro e outro, ficávamos juntos. Mas nunca nada sério, ou longo o suficiente para que me pegassem.

Porque havia os espíões. Gente que ganhava prestígio contando dos namoros e defeitos dos outros. E aí, mais patada na família. Era um inferno.

O medo mesmo, contudo, a coisa mais apavorante que havia, era que diziam que, quando o espírito de Olomowewê baixava em Pilar para falar com o povo (e acontecia de vez em quando), a alma dela ficava solta para possuir quem ela quisesse. Vez ou outra ouvíamos histórias de gente falando coisas que só ela saberia dizer. Mas as piores histórias eram aquelas em que ela fazia a pessoa passar vergonha em público, como um menino que um dia apareceu nu no campus da faculdade. Ele foi repreendido pelo reitor e quase foi expulso, diz a lenda, porque ninguém ali acreditaria que ele havia sido possuído por uma guru do Alto de Pinheiros. Tudo isso porque ele insistia em continuar namorando uma menina que deixara o grupo. Como essa, havia várias. E era isso que realmente revoltava.

Um dia, me contaram, um rapaz do Nível 2 resolveu levantar a mão para perguntar à Pilar se, quando algo ruim acontecia a alguém que havia saído do grupo, era karma ou era ela que baixava no sujeito e fazia algo para ele se arrepende. Nunca soube se era uma dúvida honesta ou uma provocação. Só sei que, nessa hora, Olomowewê baixou em Pilar e imediatamente ela tomou o corpo do rapaz. O sujeito então pegou um martelo que estava de bobeira por ali, e espatifou a própria mão. Disseram-lhe depois que, em vez de gritar, ele disse, como se fosse para si: “Isso é para aprender a não levantar a mão para faltar com o respeito”. Eu conheci o sujeito uma vez. Ele ainda estava de gesso na mão, e havia ido visitar o pessoal da Casa Branca para que os sacerdotes pudessem usá-lo como exemplo do que acontece quando se mexe com coisas que não se deve mexer.

Então era assim. Um dia falávamos sobre o espírito da saracura, noutro estudávamos textos sobre meditação e “o som sem som”, depois da vida de Jesus, e no outro de repente tremíamos de medo de sermos humilhados em público pelo espírito vingativo de Pilar.

Acho que aprendi mais com a artilosidade de Pilar do que com os tais ensinamentos do bem da escola dominical, aliás. Ela era mestre em fazer com que os inimigos se destruíssem, que os amigos a respeitassem, e que todos, inclusive os muitos poderosos, trabalhassem para fazer qualquer coisa que ela quisesse. E isso não era nada de sobrenatural. Era talento mesmo.

O que nos traz aos dias de hoje, meu caro Laroîe.

O Fred (Siqueira, o que me deu o emprego) um dia começou a pegar no meu pé por causa da relação que comecei a estabelecer com o AA (diretor de redação) e com a Yara (a executiva nova).

Essa coisa de jogo de poder e articulação política faz parte da vida de jornal. Acho que, porque cobrimos tanto o mundo do poder, temos necessidade de trazer o drama do poder de seriado para nossas próprias vidas. O coitado do Fred ficou com tanto ciúme que tentou me tirar da cobertura internacional dos acordos com o *NY Tribune*. Só não conseguiu porque alguém lá de cima não deixou. O que fez a situação ficar ainda mais preta pro meu lado.

A vingança vinha sob a forma de entrevistas ridículas quando eu chegava atrasado. E eu chegava. Porque meu carro, você deve recordar, estava dando tanto problema que eu quase toquei fogo nele. Quando o filho da puta me deixou na mão pela décima vez, decidi dar um fim nele. Mas com que dinheiro? Com o dinheiro do aumento, você diria. E eu responderia: não ia sobrar nada desse aumento se a Yara continuasse me fazendo pagar jantares de R\$700 do

Parigi! (Como no dia que a Yara me deixou na mão e a Duda ligou dizendo que precisava falar comigo, lembra?).

Na época, imaginei que o caso com o namoradinho novo da Duda tinha dado errado e dei graças a Deus por ainda existir uma claraboia para extravasar meus hormônios.

Engano meu. A Maria Eduarda queria falar novamente de tarô, profecias e previsões de um certo alguém que estava tentando me neutralizar, me aniquilar. Coisas estranhas desse gênero que, pelos motivos que confessei acima, eu desprezei por completo. Sexo que é bom, nada. Nem um beijinho. O namoro dela não só estava em pé como andava muito bem. E eu não poderia falar nada ou ela ficaria ainda mais apaixonada só para me contrariar. Melhor era deixar quieto.

Suas mensagens continuavam com uma insistência anormal, contudo. “Eles conhecem seus pontos fracos”, “Eles já começaram a agir” e por aí vai. Eles, eles, eles. Puta enchecão de saco.

A partir de determinado momento, até da Duda eu desliguei. Se fosse apenas para transmitir recados do além, era melhor que eu os recebesse diretamente dos orixás quando me chamassem de novo para visitar o lago de Ifá.

O problema é que, para isso, eu não poderia mais beber nem chegar tarde em casa nem viajar com os amigos... Aliás, que amigos? A essa altura não sobravam muitos. Os do grupo me rejeitavam como um desgarrado leproso, os da redação não iam com a minha cara...

Sem amigos, sem namorada... As únicas coisas que tinha eram uma TV de 29 polegadas, um carro que não andava... e meu novo plano de dominação do *Jornal*.

Esse sim, estava indo muito bem. Havia passado dias estudando o portfólio de investimentos da JPark. Escolhi uma empresa que gostava mais e fiz uma reportagem positiva sobre ela, o que fez com que o valor das ações subisse 7% em um único dia. Recebi em troca um comedido e-mail de parabéns direto da Yara, e informações sobre outras empresas interessantes, caso eu estivesse interessado.

Havíamos nos tornado cúmplices numa ciranda. Ela me informava as probabilidades nas quais acreditava (a ponto de investir o próprio dinheiro ou recomendar a seus clientes), eu escrevia sobre elas como se fossem minhas próprias ideias, e a influência do *Jornal* fazia o resto. Uma profecia autorrealizável, diriam meus antigos professores de Economia. Um cenário que me elevava como profeta junto ao público e como um pequeno messias junto

aos que agora controlavam minha carreira.

De um jeito ou de outro, tirando a merda do carro que não funcionava, o destino ia me ajudando a tocar meu plano. Ter sido obrigado a deixar de lado o lunático dos iogurtes, inclusive, permitiu me concentrar na ciranda com Yara. Claro que meu súbito interesse por empresas desconhecidas somado à atenção da direção do *Jornal* impulsionaram algumas pessoas na redação a me odiar ainda mais. Mas, para quem já tinha fama de repórter-promoção, receber um pouco mais de ódio das mesas ao lado não era nada demais. O problema era o Fred me olhar torto, o resto eu resolvia. Precisava realmente arrumar um fim, ou melhor, uma solução, para ele.

E, falando em solução, queria lembrar um certo acordo que você e eu fizemos. Você me disse que “me traria mensagens dos orixás” em troca das minhas dicas gastronômicas. Até agora, convenhamos, não recebi muito. Como é que vou confiar em você e ter certeza de que não está me enganando, que não está apenas me enrolando para alimentar seu sadismo ao conhecer minha história completa? Mostre-me. Diga que você sabe alguma coisa que eu ainda não sei ou que tem alguma resposta relevante.

Eis um bom desafio. Vejamos como você se comporta diante de um pouco de pressão.

Até mais.

Axé,
New

São Paulo, 9 de julho de 2001.

O SEGREDO

Elas eram duas. Uma tão velha que mal andava. A outra, uma senhora valente e forte, de seios fartos e cadeiras imensas. Cobriam-se, ambas, com trapos de andarilhas. Como chegaram ali, ninguém sabia. A cidade de Oká ficava a dias de viagem de qualquer outra.

– O que as senhoras procuram? – perguntou um dos guardas no portão.

– Deixe-as, disse o outro. — As senhoras querem água? Devem estar exaustas.

As senhoras agradeceram a gentileza do segundo, mas estavam bem. O primeiro guarda, porém, insistiu.

– O que procuram?

Não era tanto a insistência, mas o ar insolente que incomodou a mais velha das duas. Ela então se aproximou, devagar, pousou a mão trêmula sobre o braço do guarda e falou com sua voz fraca:

– O rei. Queremos ver o rei.

O guarda riu. Um deles, apenas, o outro sabia bem que não deveria desafiar os mais velhos. Nunca se sabe quem tem o dom da feitiçaria numa terra como aquela. Foi o que o salvou. O outro, que ria, parou quando sentiu sua garganta fechar. Seu braço, começando por onde a senhora o segurava, e espalhando por todo o corpo, começou a secar, como uma pimenteira largada sob o sol. A pele afinou, a carne murchou. Os olhos desapareceram para dentro da cabeça, enrugados como frutas secas. O cabelo, caiu como se não tivesse raiz. Até os ossos se esfarelaram dentro do corpo do homem. Secou inteiro e caiu, semimorto, no chão. Chacoalhava o braço, agora da finura de um graveto, e fazia um som arranhado ao respirar. Aprópria visão da agonia. Melhor se estivesse morto. Mas não estava, porque elas não tinham misericórdia com insolentes.

As senhoras então olharam com gentileza para o guarda que ainda estava de pé:

– Então, o rei, por favor?

À sua volta, uma dúzia de pássaros, de diferentes tipos e cores pousava sobre os muros da cidade.

Encontraram-se, o chefe da cidade e as duas feiticeiras ancestrais, no meio da praça central. Não havia vento que ousasse soprar. Os pássaros, que continuavam a chegar, agora cobriam os telhados, muros, cada espaço que encontravam. Gralhavam alto, um canto de morte e olhavam todos para o pequeno homem que os locais chamavam de rei. Um olhar intenso e coletivo, de causar calafrios. O povo entrava em suas casas e fechava portas e janelas. Apenas uns poucos curiosos arriscavam assistir, por frestas e esquinas, contudo.

As duas senhoras então abriram os braços e olharam para os céus. Uma camada de penas ligava seus braços e cintura, como asas negras de duas mulheres-pássaro. De onde estavam, os que assistiam não saberiam distinguir se tinham mesmo asas, ou eram as roupas que lhes causavam essa impressão. Não que fizesse qualquer diferença, aliás.

– IÁÁÁÁ! – gritou a mais jovem.

Os pássaros então revoaram, todos de uma vez. O som do mundo todo das suas asas batendo, corpos se chocando e gritos raivosos. Rodando em turbilhão, subiram e se formaram em círculo, todos no mesmo sentido, cobrindo cada raio de sol. O dia escureceu numa sombra sinistra. O rei tremeu. Havia aprendido que, diante da presença das Iá Mi Oxorongá, tudo poderia acontecer. Deitou-se no chão e bateu com a testa no solo, em sinal de respeito. Talvez tenha sido por isso que viveu. Ou talvez porque elas quisessem algo do pequeno homem.

Ele arriscou, com deferência e medo:

– O que querem as senhoras? Em que podemos ajudar, aqui em Oká?

– Preciso que guardem algo para nós.

– Claro. Um tesouro? Dinheiro? Feitiços?

– Um segredo.

A senhora de peitos gigantes pegou então uma das cabacinhas que levava pendurada ao redor do corpo e a abriu. Uma fumaça negra se derramou sobre o chão. A fumaça se misturou à terra, criando uma lama grossa, que se mexia, como se borbulhasse. Borbulhasse não, como se levantasse. A lama então tomou a forma de um homem, tão idoso e fraco, que mal podia se levantar.



Os seis guerreiros andavam há três dias à procura das velhas feiticeiras Iá Mi Oxorongá e dos príncipes do destino que elas haviam sequestrado. Mas nenhum sinal delas. Nada para o adivinho Orunmilá adivinhar. Para o caçador Oxóssi caçar. Para o general Ogum abater. Para a guerreira Iansã desafiar. Para o príncipe Xangô destruir. Para a menina Oxum seduzir.

Exu, o mensageiro de estômago sem fundo, não estava ali. Ele era o único longe do grupo. Havia sido encarregado de levar o primeiro dos odus resgatados de volta para o Orum. O mestre estava confiante com essa primeira vitória, e mandou seu vassalo avisar aos orixás que era apenas uma questão de tempo até que eles fossem todos encontrados. Mas talvez a missão não fosse tão fácil assim?

Oxum pediu ao pai que descansassem. Tantos dias sem progresso nem sinal das feiticeiras, ao certo elas teriam tomado um atalho até a cidade de Oká. Não era concebível que aquelas senhoras andassem mais rápido que um grupo de jovens no auge da vitalidade. Se não as encontraram até aquele dia, provavelmente não conseguiriam mais alcançá-las no caminho, calculou Ogum.

Apesar de contrariado, Orunmilá teve de concordar. Sua cabeça, porém, por algum motivo que o grupo desconhecia, rejeitava completamente a ideia de parar. Mas seu corpo já não aguentava mais.

Primeiro Oxum, depois os demais, todos se sentaram. Oxóssi, Iansã e Xangô, jovens e fortes, aguentariam mais um dia sem dificuldades. Ogum também poderia esticar a caminhada por mais tempo, pois aprendera nos campos de batalha a dominar o próprio cansaço e economizar energia. Mas Oxum e Orunmilá não aguentariam chegar a Oká se continuassem naquela toada.

– Ogum, Xangô, Oxóssi, Iansã – chamou o adivinho.

Ogum levantou ao chamado do líder. Os demais o seguiram, quietos. Oxum deixou que todos se aproximassem do pai e tomou um lugar um pouco mais afastado. Não o desrespeitaria, ainda mais conhecendo o lado furioso do pai. Mas sua curiosidade jamais a deixaria se conter de pelo menos ouvir. Oxum é e sempre será curiosa. Não importa o que aconteça, isso nunca vai mudar.

– Temos duas decisões importantes a tomar, e gostaria de discuti-las

com vocês.

– Do que se trata, babá? – falou em nome do grupo o general Ogum, segundo na hierarquia do grupo.

– Não sei ao certo o perigo que nos espera, mas é bom estarmos preparados para qualquer coisa. Os búzios me alertaram sobre um grande perigo e uma vitória incontestável... Se estivermos prontos. Ainda preciso refletir sobre algumas respostas que não foram tão claras, mas, enquanto isso, vamos nos preparar.

Aquela era uma ordem. Ogum apalpou os sacos de tecido que carregara por toda a viagem, como se verificasse mais uma vez se estavam cheios. Na sua linguagem militar, estar “bem preparado” significava, acima de qualquer coisa, estar bem armado para enfrentar o inimigo. Mas havia ainda um outro tipo de preparo que qualquer estrategista se preocuparia em garantir.

– Agora a segunda coisa: Oxóssi – comandou Orunmilá. – Você é rápido e jovem, tem muita energia. Tenho uma tarefa importante para lhe designar. Se conseguirmos encontrar as Iá Mi ainda na cidade de Oká, nossas chances são grandes, pois conheço muito bem o lugar. Mas se não as alcançamos até agora, talvez nem as alcancemos em Oká. Por isso, preciso que você vá na frente e investigue a área entre a cidade e o rio Osé, provavelmente o próximo destino delas.

– Certo, babá – levantou-se Oxóssi, pronto para partir.

– Lembre-se: você é um grande arqueiro, talvez o melhor entre todos, como gosta de dizer. Mas não se esqueça de que, se Exu não tivesse feito o ebó a tempo durante as festa dos inhames, você também teria falhado.

– Já ouvi essa versão da história antes, mestre – respondeu contrariado – Mas o que isso tem a ver com o que devo fazer agora?

– Se você porventura cruzar com elas, procure o restante do grupo para que possamos formular um ataque com chances de vitória. Não tente resolver sozinho. Posso confiar em você?

Ogum fitou firmemente o irmão. Os temores de Orunmilá tinham razão de ser.

– Claro, babá. Isso nem passaria pela minha cabeça – ele sabia que todos o observavam à procura do menor sinal de hesitação, mas não lhes daria a chance de interromper a nova tarefa. Permaneceu imóvel como uma rocha, transmitindo toda a segurança que podia demonstrar. Orunmilá

aguardou alguns instantes antes de prosseguir.

– Então vá. Encontre-nos em Oká com todas as informações que puder levantar. Oxum, preciso que você coordene a preparação do ebó. Pegue dois inhames nos nossos mantimentos e asse-os com dois preás que Xangô e Ogum vão caçar. Depois, todos vocês vão auxiliar o general no que for necessário pra estarmos bem armados. Preciso refletir sobre o que está acontecendo e só gostaria de ser interrompido quando o ebó e as armas estiverem prontos, combinado?

– Combinado – aquiesceram todos como se tivessem ensaiado.

Ao longo do dia, Ogum liderou o grupo como se fossem todos seus ajudantes. Mandou que Iansã limpasse o terreno com seu vento e buscasse lenha e pedras para o fogo. Enquanto caçavam os dois preás encomendados, o general e Xangô discutiram os detalhes do estranho machado de dois lados que Xangô tanto queria. Quando trouxeram os pequenos roedores para que Oxum os preparasse com os inhames, tudo estava pronto: fogueira preparada, chão limpo e o pó de ferro à mão.

Iansã se ofereceu para acender o fogo. Encostou os joelhos e cotovelos no chão e acendeu a fogueira com seu próprio hálito! Ogum deu um passo em sua direção, sem saber o que dizer, o que permitiu que Xangô tomasse a iniciativa:

– O que foi isso, Iansã? – perguntou Xangô, com mais surpresa que desconfiança.

Iansã achava graça. Oxum sussurrou no ouvido do marido:

– Mais uma das artimanhas dessa bruxa. Não disse que ela tem sempre algo escondido?

Ogum não deu atenção ao comentário da esposa:

– Mais alguma surpresa para nos mostrar, Iansã? Ou será que teremos de nos acostumar a esses sustos?

O ambiente ficou pesado naquela clareira. Nos olhos de Iansã, um certo constrangimento. Quando tentou explicar, a situação ficou ainda pior.

– Não entendam mal. Era só uma brincadeira. Ouvi Xangô comentar com uma menina, durante a festa dos inhames, dias atrás, que sabia soltar fogo pela boca. Imaginei que isso deveria ser por causa de uma de suas poções e, enquanto ele se divertia com as mulheres de Ifé, eu peguei um pouquinho para dar um susto em vocês.

– Então foi você quem mexeu nas coisas de Xangô durante a noite?
– perguntou Ogum com severidade, enquanto comemorava por dentro o

fato de estar enganado quanto à sua impressão de que Xangô e Iansã haviam passado a noite juntos.

– Sim, fui eu. Mas foi só uma brincadeira. Não queria assustar ninguém.

Oxum não tentou esconder o sorriso diante da encrenca em que sua rival havia se metido, mas até ela se encolheu quando o marido gritou:

– Isso aqui, caso você tenha esquecido, minha cara, é uma expedição! Gente vai morrer. Não há nada de engraçado nisso. Espero que não tenhamos de lidar mais uma vez com suas brincadeiras de mau gosto nem com assaltos noturnos à bagagem dos nossos companheiros. Fui claro?

Em outra situação, Iansã teria levantado e enfrentado Ogum. Mas não dessa vez. Contida em sua própria culpa, a guerreira se levantou e pediu perdão. Sua intenção era apenas entreter o grupo com um pequeno truque, mas não tirava deles a razão em relação à forma como o fizera. Só estava furiosa era com Oxum, pensou. Se aquela menina mimada não tivesse instigado tanto o marido, a confusão não seria tamanha.

Iansã cruzou a clareira fitando Oxum e se embrenhou na mata fechada. Xangô murmurou alguma coisa no ouvido do general e a seguiu. Ogum sentiu tremerem de ciúmes seus músculos de ferro, mas, em respeito à mulher, preferiu não os seguir.

Quando se voltou para trás, o general encontrou Oxum sentada diante do fogo, soprando-o em agrado ao marido. Ogum não agradeceu. Não era muito bom nesse tipo de manifestação de afeto. Mas também não mandou que parasse, o que Oxum entendeu como aprovação.

Lá ficaram os dois. O sol cruzou todo o resto do céu das terras iorubás enquanto as marteladas incessantes do ferreiro que moldavam novas armas para o grupo eram ouvidas de longe. Quando, finalmente, o casal voltou até o acampamento para encontrar Orunmilá e os demais, tinham em mãos o estranho machado encomendado por Xangô; duas pequenas adagas, uma para Oxum, outra para Orunmilá; algumas pontas de flecha para Oxóssi; e uma grande e poderosa espada. Oxum pegou sua pequena arma e entregou a do pai, que agradeceu e se virou.

– Não creio que eu vá precisar disso, mas muito obrigado, general. Agora peço licença, pois tenho de fazer a oferenda aos orixás antes de dormir. Amanhã será um dia muito cansativo. É melhor vocês também não se alongarem muito diante dessa fogueira.

Enquanto o adivinho se retirava resmungando algo sobre um

“encontro de dois”, Ogum se sentou com o resto das armas num canto perto do fogo e estendeu o machado na direção de Xangô. O dono da poção que faz o homem cuspir fogo se aproximou correndo, excitado. Logo atrás vinha Iansã, quieta e ainda intimidada pelos acontecimentos daquela tarde, mas louca para apreciar sua nova arma.

– Magnífico, mestre Ogum! – celebrou Xangô, com sua voz de trovão – Ficou ainda melhor do que imaginava. Muito obrigado!

Ogum não respondeu de volta, aquele era seu jeito.

Xangô, sedutor e oportunista, voltou-se para Iansã e mostrou-lhe a peça. Os olhos de Iansã se iluminaram diante daquele trabalho preciso. Ela tocou levemente a lâmina afiada e sorriu de dor quando sentiu uma gota de sangue escorrer de seu dedo. Só Iansã é capaz de sorrir de dor. Era um trabalho irretocável, afinal. Uma arma engenhosa, executada com perfeição.

– Posso falar com você? – Iansã tentou se aproximar de Ogum, mas ele permaneceu calado. Mesmo assim, ela insistiu. Sentou-se ao lado do general, deixando os seios roçarem o braço forte do ferreiro, e tocou gentilmente sua perna. Do outro lado da fogueira, Oxum pôde ver a gota de suor escorrendo pela têmpora do marido. Antes que ela pudesse se levantar, porém, ele mesmo o fez.

– Tome – disse o ferreiro entregando a espada para Iansã. – Orunmilá me pediu que preparasse armas para todo o grupo. Esta é a sua.

Não era a forma mais amável de se dizer isso, mas Iansã viu no trabalho cuidadoso da longa lâmina que Ogum não havia apenas cumprido ordens. Olhou para o corpo forte do homem carrancudo que se afastava, seguido pela esposa ciumenta. Depois assistiu aos passos insinuantes daquele que passara a tarde toda lhe contando sobre aventuras em outras florestas e poções que nunca foram experimentadas por homem algum no Aiê. A guerreira podia pressentir o perigo, e gostava dele. A situação a divertia tanto que parecia nublar seus sentidos. Ou teria percebido o olhar brilhante do pássaro que observava atento tudo o que acontecia naquela clareira.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re (3): Minha história

Meu amigo Laroîê,

Se você pudesse me ver agora, perceberia quão envergonhado estou. Envergonhado e impressionado. Sim, a descrição que você fez das imagens do lago me deixou sem ação. A sensação de morte quando vi aquela figura grotesca, meio apodrecida, meio decomposta, foi exatamente como você descreveu; o medo que praticamente dividi com o homem do machado; a fuga desesperada do velho adivinho... Tudo o que vi e senti, você contou com tantos detalhes que comecei a desconfiar de que, assim como eu, talvez você seja um dos dezesseis odus substitutos. Será? Agora você precisa me contar ou minha ansiedade vai atrapalhar o andamento da missão que você tanto insiste para que eu leve adiante.

Entenda, não estou exigindo isso como condição para continuar minha própria história. Já estou suficientemente embaraçado por ter duvidado de você e, em troca, receber como resposta uma descrição tão precisa do que aconteceu naquela noite no Orum.

Uma coisa que preciso comentar, porém: não era tão fácil deixar um grupo como o de Pilar como você sugere. Entenda que conforme você se mete entre eles, o grupo começa a te dar atividades para fazer, como ajudar a preparar uma aula, fazer cópias de apostilas etc., até que você tenha muito pouco tempo sobrando para interagir com gente “de fora”. E atividades paralelas que te aproximem dos outros, uma hora acabam virando tabu. Fiz alguns anos de jiu-jitsu quando era moleque, por exemplo, na época em que a luta havia acabado de chegar em São Paulo. Eu adorava, e uma hora comecei a treinar sério, entrar em campeonatos... Foi só uma competição acontecer num domingo e eu pedir para faltar à aula dominical, e o jiu-jitsu virou coisa que o demônio usava para me afastar. Fiquei furioso, frustrado, mas acabei cedendo e parei de treinar. Por anos, achei que tudo aquilo era uma reação à competição do domingo, mas, olhando para trás, vejo que essa foi apenas uma desculpa para me afastar de um grupo com o qual eu passava muito tempo. Me arrependo muito de não ter continuado. Mas eles fizeram isso comigo e com todos ali. De um jeito que a gente ficava meio que presos uns nos outros. Sair daquele meio, expulso ou por conta própria, era deixar seus únicos amigos para trás. As únicas pessoas com as

quais você convivia de verdade. Ficava cada vez mais difícil querer escapar, compreende?

E quando, de repente, você escapa, mesmo que só um pouco, arruma um emprego onde ninguém te conhece e até te odeia, você começa a ouvir seu nome na rádio-corredor associado a uma tal “igrejinha”. Será que alguém ali na redação havia frequentado a Casa Branca e eu não estava reconhecendo? Como eles sabiam disso?

Boatos são assim, só aumentam. Logo já se dizia que eu havia combinado com o AA que assumiria o lugar do Fred, a pedido da Yara, a diretora nova que, supostamente, eu estava comendo. Queria eu que o zum-zum fosse verdadeiro. Se tudo que a língua do povo inventasse se concretizasse, eu seria o homem mais realizado do planeta.

O fundo de verdade daquilo tudo é que eu havia levado a Yara para jantar (ou será que foi ela que me levou?), mas nada de sexo. Era hora de tentar mais uma vez.

Escrevi dizendo que gostaria de conferir alguns detalhes numa outra transação. Sugeri um novo jantar e, por segurança, escolhi o lugar: o Nakombi – alegre, badalado, bem mais barato do que o Parigi (para o caso de ela me fazer pagar novamente) e, acima de tudo, cheio de pequenas salas privativas onde poderíamos sentar direto no tatame, sem nenhum olhar curioso ao redor.

Eu mesmo fiz a reserva em um desses ambientes privativos, e ela me pegou em casa no horário combinado. Dessa vez, no entanto, ela não se preocupou em parecer tão formal. Para minha grata surpresa, vestia apenas um jeans apertado e uma blusa semitransparente, que quase me deixou louco. Diferente da ocasião anterior, cumprimentou-me com um beijo no rosto quando nos encontramos e deixou que eu escolhesse o saquê que ela beberia.

Alguns goles mais tarde, ela levantou junto às paredes de papel-arroz e pressionou as mãos contra a blusa: “será que do outro lado eles acham que eu estou nua?” – brincou. Quando voltou à mesa, já sentou no meu colo, agarrou minha cabeça com as unhas e me beijou.

Embolamo-nos naquelas saletas orientais por mais de duas horas e, algumas vezes, quase fomos pegos seminus pelos garçons do lugar. Yara tem corpo de quem malha. Não a ponto de ficar definido, que acho feio, coisa de homem, não, ela tem contornos femininos, cada detalhe do tamanho e consistência perfeitos. Testei cada milímetro.

Quando o sutiã já estava perdido pela sala, quando já derramávamos saquê no peito um do outro, e as pernas dela já trançavam minha cintura, ela

mesma sugeriu que fôssemos embora. Aceitei imediatamente, certo de que naquela noite eu havia vencido.

Saimos 100% sóbrios, de tanto suar nos tatames, e partimos em direção à minha casa. Em frente ao prédio, no entanto, ela me beijou de leve e disse um singelo “até amanhã”.

Que tal? Se você está agoniado com isso (posso apostar que sim), imagine como eu me senti. Fiquei tão alucinado que arrisquei convidar a Duda para um *revival* casual, mas ela recusou – estava saindo com um carinha, nada sério, mas podia virar, ela não queria estragar as chances dormindo comigo. Olhando para trás, até entendo, mas naquela noite, não. Foi demais para mim.

No dia seguinte, Yara não ligou nem escreveu. A partir daí, tomei duas decisões: enfim ativaria minha lista de contatos com umas garotas de programa que conheci numa balada com uns empresários da noite paulistana; e resolvi que, com ou sem motivos, não atenderia mais as ligações da Duda. Se ela não queria mais meus carinhos, teria de sofrer um pouco para falar comigo.

Não que ela se importasse muito com isso. Quando Duda namorava, eu era a última pessoa que ela queria ver. Sempre desconfiei que fosse para se proteger de fazer uma besteira. Enquanto ela continuasse aquele namoro misterioso, portanto, só nos falaríamos por e-mail.

E assim foi. Com a distância segura da internet, Duda e eu passamos a falar exclusivamente sobre os jogos no tarô que ela tirava para mim (de início, ela escrevia, e eu não respondia). Não prestei muita atenção. Até uma hora em que ela me falou que alguém de quem me separaram no passado e que eu havia magoado voltaria pra me ferir. Eu não teria dado importância, mas Duda me torturou para tentar entender quem era. A primeira parte – passado, me separaram, mágoa – me fez acreditar que era ela. Mas voltar para me ferir? Ela perguntou sobre o Carlos Delgado. Eu devia ter ouvido, mas na hora apenas desconversei. Então o tarô parou. As cartas encheram o saco de me torturar ou emudeceram como os búzios dos orixás. E finalmente voltamos ao prazeroso hábito de falar (bem e mal) sobre as reportagens um do outro.

Nunca havíamos deixado de acompanhar o que o outro escrevia. Num desses e-mails, a parabenizei pela cobertura bombástica do caso dos iogurtes. Com uma honestidade que apenas ela teria, Duda agradeceu e me contou em segredo que o mérito não era exatamente dela, e sim de alguém que não poderia aparecer e, por isso, estava enviando informações importantes via internet. Eu sabia, era eu quem enviava as dicas porque não podia publicá-las. Mas não queria que ela soubesse.

Quando perguntei quem era o informante misterioso, porém, ela respondeu, sem dúvida alguma: “Quem mais teria tanta informação e interesse em prosseguir com essa história? O Carlos Delgado, seu amigo! E isso combina com o tarô! Ele quer te prejudicar, então parou de mandar essas coisas pra você e manda pra mim, no concorrente!”.

Ok.. Eu já tinha uma nova batalha para lutar mesmo. Uma que me traria louros (e louras) muito mais palpáveis do que o prestígio efêmero de uma série de reportagens. Pelo menos minha amiga estava aproveitando o que eu mandava para ela. E, naquele momento, não via nenhum inconveniente em ela pensar que era o Carlos quem lhe enviava as informações. Achei até engraçado, se quer saber.

Enfim, chega por hoje. Mas diga de uma vez, por favor, como você sabe o que se passou no Orum naquela noite, e eu continuo contando o que aconteceu depois. Prometo que você não vai se arrepender. Há momentos picantes, revelações surpreendentes e mais um monte de detalhes deste e do outro mundo que você não vai acreditar.

Eu só não consigo mais escrever com tanta curiosidade. Sua vez.

Axé,
New

São Paulo, 11 de julho de 2001.

A CASA BRANCA

Orunmilá estava mesmo ficando velho. Após três dias andando quase sem descanso, o adivinho começava a cansar. Mas seu espírito ainda era o de uma criança que aguardava um presente. Dias atrás, Exu partira para o Orum levando o primeiro dos príncipes do destino resgatado em Ifé e Orunmilá mal conseguia esperar que o mensageiro retornasse com os cumprimentos dos orixás. Um dia depois do outro ele acordou imaginando a chegada do seu mensageiro. Mas foi apenas quando avistaram os muros da cidadela de Oká que reconheceu o corpo gigante, e ligeiramente desajeitado, do seu menino de recados.

– Elas já se foram. Assim que deixei o príncipe no Orum, vim correndo nesta direção. Mas quando cheguei, já haviam partido.

– Há quanto tempo você chegou? – perguntou Orunmilá, desanimado.

– Dois dias.

– Isso significa que Oxóssi deve tê-las visto, pois saiu algum tempo na nossa frente.

– Então vamos atrás dele! – sugeriu Ogum, ansioso por encontrar o irmão. – Não vamos deixar que as feiticeiras saiam do nosso alcance.

– Calma, general. Lembre-se de que estamos procurando pelos prisioneiros e não por elas. Essa foi a missão que o Orum nos confiou.

– E elas podem ter deixado mais um odu escondido nesta cidade – ponderou Iansã.

– Talvez, Iansã – disse o adivinho. – Talvez tenhamos que ficar mais um pouco por aqui?

– Mas também não podemos perder o rastro das Iá Mi – retrucou Ogum.

– Façamos o seguinte, então: Exu fica comigo. Vamos procurar algum abrigo para passar esta noite. Ogum, vá até a mata e traga seu irmão de volta. Preciso que um de vocês vá até a casa do rei de Oká e consiga alguma notícia sobre algum odu escondido na cidade. Alguém aqui se

oferece para o trabalho?

– Eu vou – disse Xangô levantando-se.

Oxum percebeu o risco. O pai certamente não os deixaria sozinhos em suas missões, e ela não poderia permitir que a adversária fosse indicada para acompanhar seu marido. Ofereceu-se, portanto, para acompanhar na busca de Oxóssi enquanto Iansã se ocuparia de ir com Xangô até o mercado de Oká.

– Sempre se sabe de tudo no mercado do rei – explicou Orunmilá.

O olhar contrariado de Ogum não foi suficiente para convencer o babalaô de que aquela seria a pior opção possível. Mesmo porque o próprio adivinho sabia que Oxum seria mais útil numa missão diplomática junto aos mercadores locais do que numa busca ligeira no meio da selva fechada. Mas pai e marido estavam cansados e não se sentiam dispostos a enfrentar as lamúrias e insistências de Oxum, preferiram aceitar sua vontade de uma vez e evitar as longas argumentações a que seriam submetidos caso eles a contrariassem.

Foi assim que Oxum conseguiu mais uma vez afastar Iansã de seu marido. Pelo menos de seu corpo, pois, a todo instante que o general ficava calado, se perdia em pensamentos distantes que de certo não incluíam a jovem esposa. Ele sequer a havia olhado durante todo o caminho.

– Estaremos na casa de Ademolá – gritou Exu antes que Xangô e Iansã se perdessem no labirinto de casas de Oká. – A única casa branca dessa cidade inteira. Já corri por aqui tudo, podem confiar.

– Já nos arrumou aposento, Exu? – perguntou o mestre.

– Claro, é um excelente lugar. A casa de Ademolá é tranquila. Vive com a mulher e dois filhos, que tratam de alegrar o ambiente durante todo o dia. Você vai gostar do contato com as crianças, babá, será revigorante.

– Se já sabemos nossa pousada, é melhor nos apressarmos – disse Xangô para Iansã. – Vamos tentar descobrir alguma coisa antes que anoiteça.

– Cuidado – aconselhou Orunmilá –, as Iá Mi sabem que estamos à procura delas. Seus pássaros devem estar a nossa volta vigiando cada movimento e cada palavra. Usem a inteligência para conseguir informações. Não saiam por aí brigando com as pessoas que não vão descobrir coisa alguma. O povo de Oká é famoso por sua desconfiança.

– Pode deixar, babá. Xangô e eu estamos prontos para isso. Não vamos deixar nem que percebam quem somos ou o que estamos procurando – ao dizer essas palavras, Iansã ergueu os braços e um vento forte levantou a

poeira do chão. Quando puderam enxergar novamente, Xangô usava roupas novas e, ao seu lado, um esbelto antílope. Esses disfarces os faziam parecer um mercador à procura da feira da cidade acompanhado de seu animal.

Orunmilá sorriu orgulhoso, consentindo que a dupla desse prosseguimento ao plano de Iansã, e logo o vendedor de antílopes partiu com sua valiosa mercadoria. Exu aguardou que Xangô e Iansã se afastassem para se dirigir outra vez ao mestre. Sabia que o babalaô precisava descansar, mas sua angústia não o deixou esperar.

– Babá?

– Sim, Exu.

Enquanto caminhavam até a morada onde se hospedariam, Exu contou os detalhes de como fora parar na casa de Ademolá:

– Eu estava no mercado, andando sem destino, porque tinha chegado um dia antes do previsto. De repente, fui abordado por um homem que cobria o rosto e o corpo com uma capa de palha que não deixava ver nem um pedacinho da pele. Parece que ele percebeu que eu estava sem rumo e se ofereceu para me apresentar aos donos da casa em que ele estava hospedado. Aceitei e, desde então, acabamos ficando amigos. Conversamos sobre toda a sorte de coisas do Aiê e do Orum. Além do nome dele, Omolu, descobri que aquele sujeito estranho tinha poderes incríveis. Ele sabe controlar todo tipo de doença. Ele pode até invocar Iku, a morte!

– Tenho de concordar que é sempre bom conhecer quem tenha influência sobre Iku... – brincou Orunmilá.

– Aí ele começou a me contar a história dele, de quando vivia lá no reino do Daomé e era chamado de Sapatá. Babá, até eu fiquei me sentindo mal. É difícil imaginar uma vida tão desregrada e permissiva, das mais divertidas que um homem pode levar, mas também das mais perigosas. Ele conhecia muitos feitiços e era muito forte e brigão, batia com a mão e jogava doenças em quem o enfezasse um pouquinho que fosse. Machucou e feriu muita gente e, aí, ganhou muitos inimigos na vida. Mas o problema de verdade é que o tal Sapatá, que passou a se apresentar como Omolu, nunca tinha se importado em dar ouvidos aos conselhos dos babalaôs nem a ouvir os pedidos dos orixás. Quer dizer, ele não falou de orixá, falou de voduns, mas é assim que eles chamam os orixás lá na terra deles, né?

– Isso mesmo – respondeu Orunmilá com um sorriso impressionado.

– Tanto fez que foi sendo mutilado por todas as doenças que

lançava aos outros: varíola, doenças venéreas... Tudo o que podia, todo feitiço que jogou, ele pegou. Foram tantas pragas diferentes que seu corpo ficou coberto de chagas, e ele ficou horroroso. De dar medo mesmo. Nem vi o rosto dele, mas ele me mostrou um pedaço do braço, e eu quase vomitei! Acho que é por isso que ele teve de cobrir o corpo com aquela palha. Se eu fosse feio daquele jeito, me esconderia também!

Os dois continuavam caminhando, mas só Exu falava:

– Um dia Omolu conheceu um sujeito na floresta que mostrou que, sendo mais responsável, deixaria de ser desprezado pelos parentes e temido pelo povo. O homem que tinha poder sobre as doenças não queria mais ser tratado com terror, porque todo mundo tinha medo de que a presença dele pudesse dizimar a cidade inteira. O sujeito propôs que ele procurasse um grande babalaô, chegou até a dizer que o maior de todos era o senhor, babá. Omolu não quis dizer o nome dele, mas, pelo que entendi, o rapaz conhecia bem o senhor. Pessoalmente até. Parece que, em troca da dica, aquele homem feio ensinou um monte de curas e encantamentos para seu novo conhecido. Foi aí que eu disse que trabalhava para o senhor, ele nem acreditou. Ficou todo excitado querendo conhecê-lo...

O adivinho conhecia Exu o suficiente para saber que toda aquela história era apenas uma introdução. Era questão de tempo para que algum tipo de pedido fosse feito, provavelmente um favor em nome do tal encapuzado, pois Exu raramente falava tão bem de uma pessoa se não estivesse decidido a convencer o patrão a ajudá-lo também. Como estava cansado, preferiu encurtar a conversa.

– O que posso fazer pelo seu amigo, Exu? – disse Orunmilá, rindo dos rodeios do mensageiro.

– Converse com ele, mestre. Dê-lhe bons conselhos, apenas isso. Ele me acolheu sem mesmo saber quem eu era. Não tinha ideia de que meu mestre era o maior babalaô de todos os tempos. É graças a ele que temos onde dormir esta noite. Além disso, dizem que ele sabe invocar a presença de Iku! Quem sabe isso pode acabar nos ajudando em algum momento?

– Só tenho mais duas perguntas.

– Se eu souber as respostas...

– Quem era esse homem que sugeriu o meu nome?

– Eu não tenho nenhuma ideia, babá. Pode ter sido qualquer um, pois o senhor é o maior de todos os babalaôs, não é mesmo?

– O velho adivinho deu um leve sorriso, mas não respondeu. Exu,

que conhecia bem cada traço de expressão do mestre, deixou escapar a excitação.

– Às vezes você se preocupa com os outros de verdade, não é mesmo, Exu?

– Como assim?

– Nada. Vamos lá encontrar seu amigo.

– E a segunda pergunta, babá?

– Depois falamos nisso.

Continuaram em silêncio o resto do caminho, até que chegaram a uma casa grande, onde dois meninos idênticos tocavam uma alegre música infantil. Exu apontou uma construção menor, usada pelos visitantes que eventualmente recebiam, e disse:

– É aqui que vamos ficar. Meu amigo Omolu deve estar esperando por nós.



Xangô e Iansã chegaram quando o homem que tinha a pele marcada por todo tipo de sortilégios estava de saída. Puderam ouvir a orientação do babalaô, mas não compreenderam seu significado.

– É apenas isso que lhe digo. Vá agora mesmo até o mercado e troque alguns búzios por dois cães valentes. Esses animais são tão fiéis que absorvem sofrimentos do dono. E ainda servem para protegê-lo da violência ignorante dos que o repudiarem em público. E, de agora em diante, ouça o que lhe dizem os orixás e obedeça-os.

– Obrigado, babá.

– Ah, sim. Uma pergunta: quem foi o tal homem que lhe indicou o meu nome?

– Foi um velho assistente seu. Um rapaz bem aparentado, que gosta de mexer com folhas...

– Ossain? – perguntou Orunmilá com uma expressão descontente.

– Isso mesmo! Ele aprontou com você também, babá?

– Mais ou menos. Digamos que ele tem uma dívida comigo.

– Pois eu tenho umas contas para acertar com ele também...

– Que seja. Vá tomar seu rumo e deixemos isso para lá. Um dia ele terá o que merece. Pelas suas mãos, pelas minhas ou pelos caminhos do destino.

Iansã escondeu a expressão de nojo quando o rapaz que conversava com Orunmilá passou ao seu lado, mas assim que ele partiu, descontraíu-se e sentou-se ruidosamente, dando boas gargalhadas.

A visita à feira, contou o casal, havia sido proveitosa só até certo ponto, mas fora divertida. Iansã esperou que Exu lhe trouxesse um pouco de água para começar a contar os detalhes.

O casal chegara à feira como mercador e mercadoria. Não demorou muito para que os comerciantes se interessassem pelo esbelto antílope que o estrangeiro levava consigo e comesçassem a lhe fazer considerações. Em pouco tempo de conversa, Xangô já dominava a atenção dos mercadores. Eles ouviam atônitos as histórias inventadas e quase se esqueceram do antílope que carregava o forasteiro. Quando percebeu que dominava os presentes, Xangô arriscou algumas perguntas sobre uma visita das feiticeiras de que ouvira falar.

– “Elas vieram nos honrar com sua presença e nos alertar sobre um grupo de guerreiros sanguinários que chegaria a Oká para trazer desgraça e roubar o prisioneiro que elas nos confiaram em segredo” – repetiu Xangô o que ouvira, imitando o sotaque dos mercadores.

– Falavam com tanta coragem que resolvemos pregar uma peça neles – explicou Iansã. – De repente começou uma ventania da peste...

Em meio a espasmos de riso, Xangô e Iansã contaram como o vento lhes revelara o disfarce e descreveram o espanto dos mercadores quando os dois saíram do meio da nuvem de poeira, empunhando suas armas entre gritos furiosos.

– Eles saíram berrando como se fossem crianças assustadas! – gargalharam. – “Os guerreiros! Os guerreiros!” – imitavam o povo.

Orunmilá, que não estava achando a menor graça, se levantou e gritou:

– Exu!

– Sim, mestre.

– Temos de desfazer o mal-entendido que esses dois irresponsáveis acabam de causar! Por favor, vá até o palácio real e, em meu nome, peça desculpas pelo transtorno que meus homens causaram nesta tarde. Diga que estamos aqui em missão de paz e que eu gostaria de conversar com o rei sobre o prisioneiro que as Iá Mi lhe confiaram.

Não se disse uma palavra desde então. Por ira ou constrangimento, todos ficaram calados aguardando o retorno de Exu. Vez ou outra, um dos

guerreiros esboçava alguma iniciativa, mas o olhar furioso de Orunmilá os desencorajava. De repente, um alvoroço invadiu o lugar. Do lado de fora, o som de pessoas correndo e gritando quebrou o silêncio e precedeu a entrada ofegante de Exu.

O mensageiro passou correndo pela porta. O olhar assustado e o corpo suado denunciavam a gravidade da situação – Exu não se assustava com facilidade. A explicação veio com escolta. Na poeira de Exu, um grupo de homens fortemente armados invadiu a casa branca com um grande barulho.

– Estão aqui! – apontou Exu.

Os homens que o seguiam abriram espaço para um senhor de porte debilitado. Ele trazia nas mãos um cetro que revelava sua importância. Aquele era o pequeno rei da pequena cidade de Oká. Xangô e Iansã, confusos, voltaram-se para Orunmilá. Nem mesmo o velho adivinho entendia o que estava acontecendo. O que era aquela gritaria? Por que Exu os trouxera até a casa? O que o rei de Oká estava fazendo ali? Foi o próprio líder da cidade que respondeu às perguntas que ninguém teve tempo de fazer.

– Imagino que sejais Orunmilá, o líder deste grupo.

– Sim, majestade. Sou Orunmilá e desde já gostaria de me desculpar pelo comportamento imprudente de alguns integrantes do meu grupo.

– Vosso mensageiro já me transmitiu vosso pedido de desculpas. E é sobre isso que vim falar.

Num sinal, o pequeno monarca ordenou que todos se sentassem antes de dizer qualquer palavra. Sucinto e objetivo como manda a liturgia, explicou que as Iá Mi haviam avisado que um grupo de guerreiros violentos traria a desgraça para a cidade, caso o rei os recebesse. E, coincidência ou não, no dia em que eles cruzaram os portões de Oká, uma grande ameaça pairou sobre a cidade.

– Majestade, o que elas lhe disseram tanto pode ser um aviso aliado como uma ameaça inimiga. Peço que nos deixe mostrar nossas reais intenções.

– É exatamente isso que vim fazer aqui. Aquela algazarra que vós ouvis lá fora – explicou o rei – é produto do medo. Os habitantes de Oká estão aterrorizados com uma visita que acabamos de receber.

– Que visita é essa? – perguntou o adivinho em nome do grupo.

– Vedes por vossos próprios olhos. Mas se estais mesmo interessados

em manter o prisioneiro vivo, vós tendes até o final da tarde para afastar o intruso da cidade.

– Se não conseguirmos...

– Nós mataremos o prisioneiro assim que a primeira estrela se mostrar no céu, e nenhum de vós tereis mais o que fazer em nossas terras.

– E se conseguirmos? – Xangô fez menção de se levantar com o machado em punho, mas as pontas das lanças dos guardas reais colocaram-no de volta ao seu lugar original.

– Se conseguirdes livrar a cidade dessa ameaça, dou a vós o que viestes buscar.

– O prisioneiro?

– Sim, o prisioneiro.

O pequeno rei caminhou para o lado e sua guarda repetiu o movimento, abrindo um corredor que ligava os quatro integrantes do grupo de Orunmilá ao lado de fora da casa. Xangô não esperou um comando, de imediato seguiu com seu machado de duas cabeças para o lado de fora.

– Encontro de dois – murmurava para si mesmo o adivinho, relembrando a última orientação enigmática que os búzios haviam lhe transmitido enquanto fitava o machado duplo de Xangô. Seus olhos não demonstravam certeza. – Será que era isso que os odus queriam dizer?

Iansã olhou para o babalaô à espera de um sinal de aprovação, que Orunmilá deu apenas com os olhos. A guerreira seguiu na direção de Xangô, mas, antes de cruzar a porta, viu seu parceiro, praticamente imóvel do lado de fora, largar no chão sua própria arma. De forma instintiva, Iansã recuou e se protegeu atrás da fina parede de barro. Os olhos apavorados da guerreira assustaram Orunmilá antes mesmo que ela dissesse qualquer palavra.

– Iku – foi tudo que conseguiu falar.

– A morte – explicou Orunmilá à guerreira, que ainda não compreendia o que estava acontecendo. – Elas mandaram a morte para nos buscar.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re (5): Minha história

Meu amigo Laroiê,

Se insiste em se esquivar, vejamos o que um pouco mais de curiosidade pode fazer com você. Lembra do falatório que minha relação com a Yara começava a gerar? Bem, optamos pelo tratamento de choque: passamos a nos despedir com beijos públicos, na frente de todo mundo. Uma relação estável e assumida. Sempre que as agendas permitiam, almoçávamos juntos, e, por incrível que pareça, isso ocorria pelo menos duas vezes por semana.

Foram dias tranquilos, como você pode imaginar. Há tempos não ouvia falar no maluco do iogurte, o Fred havia passado a me ignorar, o trabalho se reduziu a quase nada... trabalhar mais ou menos era uma decisão minha.

Entre almoços e jantares, eu e Yara conhecemos praticamente todos os bons restaurantes da cidade em apenas um mês e meio. Só não saíamos às sextas-feiras à noite pois, segundo ela, era o dia que precisava para si mesma. Ela também dizia, e eu era obrigado a concordar, que a noite de sexta é um dos momentos mais próximos do apocalipse que se pode encontrar: tudo cheio, lotado, insuportável. Fila para entrar até em lugar ruim. Mas por que não irmos para a minha casa ou a dela?

Havia dois motivos. Primeiro porque era muito perigoso – dizia ela. Não por violência, não era de bandido que ela tinha medo. Era medo de ficar comigo sozinha num lugar fechado e do que poderia acontecer. Isso mesmo: semanas depois, continuava tudo no zero a zero. E, se você não entendeu ainda, serei mais claro: tirando uma segurada aqui, uma mão acolá, nada de sexo de verdade.

Comecei a suspeitar até que, a despeito da pinta de executiva dona de si, ela fosse de alguma religião bizarra que só deixa dar depois de casar. Hoje acho até engraçada essa ideia, mas na época não havia nada de divertido nisso. Combinávamos nos gostos, nas conversas, no trabalho. Juntos, éramos capazes de muito mais do que antes de nos conhecermos. Ela era poderosa; eu, influente; ela tinha dinheiro; eu, minhas matérias. E, acima de tudo, tínhamos um tesão enlouquecido um pelo outro. Então por que não? Só se fosse coisa de crente ou algo parecido!

O segundo motivo contra a sexta-feira, eu só descobri durante o jantar de quinta. Havia decidido que naquela noite teríamos uma conversa séria sobre

os dois assuntos: as sextas solitárias e a abstinência a que ela me impunha. Ela se antecipou. Antes que eu pudesse tocar no assunto, contou uma história que jamais teria imaginado sozinho e destruiu, de uma só vez, toda a minha argumentação.

Ela era religiosa, mas chegou até a gargalhar quando eu contei que achava que era evangélica.

E aí veio a surpresa: ela era de uma família que seguia Pilar desde os anos 70! Mas diferente de mim, que sempre fui Nível 1, ela era dos altos escalões. E acho que aqui é melhor abrir um parêntese pra explicar isso um pouco melhor.

O grupo de Pilar tem uma hierarquia de 4 Níveis, que determinam quanto contato você tem com a “mentora”, como chamamos. O primeiro Nível é o povo da Casa Branca. Uma pequena multidão que ouve os sacerdotes de Pilar todos os domingos e de vez em quando tem a oportunidade de vê-la em pessoa. O segundo Nível é formado pelos sacerdotes e algumas pessoas que têm a oportunidade de conviver semanalmente com ela. De onde eu era, sabia da existência desse Nível mas não o que isso significava. O Nível 3 é ainda mais restrito, sei até de vários sacerdotes que não faziam parte. Acredito que era ali que as pessoas combinavam as coisas mais secretas, seja lá o que fossem. E dizem que havia ainda um Nível 4, esse então um mistério, uma lenda jamais negada ou confirmada para qualquer um que não fizesse parte. Yara era parte do mesmo grupo que eu, sabia que eu havia crescido na Casa Branca, mas nunca nos cruzamos porque ela era de um desses níveis superiores.

Na hora, empolgado por conhecer alguém interessante que tinha acesso à esse mundo secreto, tentei perguntar mais. Ela me interrompeu, e disse que me mostraria aos poucos. E, de repente, eu me vi interessado em mergulhar mais fundo na mesma coisa da qual havia passado a vida inteira tentando fugir. “A Pilar é um gênio” – eu pensava. O bom dessa vez, imaginei, é que se Yara fazia parte do grupo, Pilar iria aprovar nosso caso.

Minha imaginação dessa vez estava mais lerda que a realidade. Pilar já sabia que eu e Yara estávamos juntos, e já havia me convidado para um evento exclusivo do Nível 2, que acontece toda sexta-feira à noite (eis o porquê do sumiço! Por que não imaginei antes? As desculpas dela eram iguais as que eu dava aos meus amigos de escola quando não podia ir à praia domingo de manhã!).

“Tudo bem, diga que eu vou.” – disse e na mesma hora um mal-estar horrível se espalhou pelo meu corpo. Senti uma onda de medo que quase me fez sair correndo. Comecei a suar frio, e minha pálpebra voltou a ter espasmos.

Assustada, Yara pediu uma toalha molhada, passou no meu rosto e saímos do restaurante antes do prato chegar.

A ironia? Dessa vez ela resolveu subir para me acompanhar. E mais ainda foi que, do lado de fora da porta, havia um maço de palha.

O que aconteceu em seguida? Será que fui ou não ao Orum? Deixei ou não a Yara entrar na minha casa?

Não conto. Só quando você me contar seu nome de verdade, e como sabe o que eu vejo no lago dos orixás.

Axé,
New

São Paulo, 13 de julho de 2001.

O rastro do sangue escuro e viscoso que gotejava da carne podre de Iku marcou o caminho na direção de Xangô. Aos poucos ele se aproximava, chacoalhando alto suas longas cordas de conchas. Feio, nojento e rodeado por moscas que o acompanhavam. Através de sua roupa suja e rasgada, viam-se pedaços de ossos que não combinavam com a firmeza de seus passos. Xangô suava, seu único movimento era o tremor descontrolado de suas mãos vazias.

Iku sorriu como se sua vítima já estivesse pronta para ser levada. Num movimento certo, levantou sua espada e lançou um golpe sobre o pescoço de Xangô.

– Xangô! – gritou Iansã, em desespero.

Num gesto rápido e inesperado, como se acabasse de acordar de um transe, ele saltou para o lado, girando o corpo sobre o próprio braço. Escapou por pouco da espada da morte.

Iku continuava atacando, Xangô se movia como o próprio fogo. Ora estava aqui, ora ali. Iku parecia se divertir com a luta. Apenas brincava com a agilidade medrosa do guerreiro. Até que, de repente, Iku parou de sorrir e jogou com precisão sua espada ensanguentada sobre o corpo de Xangô. Dessa vez, o guerreiro não conseguiu desviar.

O golpe rápido abriu uma fenda na sua perna esquerda, ele perdeu o equilíbrio e caiu. Tentou se levantar, mas foi em vão.

Iku voltou a sorrir. Mergulhado no calor do próprio sangue, Xangô viu a morte se aproximar. Não conseguia se mexer. Não pelo medo, que ainda sentia, mas pelo ferimento que escancarava sua perna. Tentou se arrastar para se proteger atrás de uma pedra, mas Iku continuava se divertindo com ele. Num salto, lá estava a morte sobre a rocha que serviria de escudo.

Iku caçava de Xangô. Fingia que daria o golpe fatal e mudava de posição como se escolhesse o melhor ângulo. E outra vez. E mais outra. Num desses movimentos, o olhar de Xangô avistou a massa escura que crescia na

direção dos dois.

Quem assistia de longe não entendeu quando uma massa grande, negra e mais rápida que a vista atingiu Iku e o jogou para longe de Xangô. Iku deslizou sobre a terra com o impacto e parou a alguns metros do novo oponente.

– Então você deve ser o gigante de que tanto falam?

– Talvez – respondeu Exu, empunhando o porrete que Orunmilá lhe fizera.

– Você se acha forte, não acha? Pois é melhor correr antes que o faça em pedaços como seu amigo aí do lado.

Iku olhou para Xangô, que se arrastava para dentro da casa com a ajuda de Iansã. Quando virou, ouviu o grito de Exu vindo na sua direção.

– *Iêêê!*

Exu era forte e rápido, mas a morte era ainda mais. Iku girou o corpo sem esforço e tocou de leve o pé do mensageiro, que desabou no chão como um cajá passado. Entoando canções de provocação, Iku saltou sobre ele, imobilizando-o com facilidade e tomou o porrete como se o mensageiro fosse uma mulher indefesa. Exu babava de raiva, mas nada podia fazer.

– E agora? – perguntou Iku sem esperar por uma resposta. Exu se debatia debaixo daquela carne gelada e sem brilho, sem dar sinal de desistir.

Então, mais uma vez Iku parou de sorrir. A sombra do próprio porrete cobriu o rosto do mensageiro, e o povo gritou.

– *Páf!* – o estrondo de uma pedra se chocando contra outra distraiu Iku, antes que ele pudesse acertar Exu com seu próprio porrete. O gigante aproveitou a oportunidade e, lançando o ventre para o alto, jogou Iku para longe. No mesmo movimento, ficou em pé e correu na direção do mato. Iku apenas o observou, enquanto se levantava com a calma de quem tem a eternidade a seu favor. Olhou sobre os ombros e lançou seu olhar sobre o velho homem, que ainda segurava uma pedra na mão esquerda.

Ninguém ousava respirar. Ninguém jamais ousou enfrentar Iku. Mas, naquele dia, não uma, mas três vezes seguidas, os homens enviados pelo Orum se atreviam a desafiá-lo. Nas duas primeiras vezes, alguns dos que assistiam à luta sonharam que o guerreiro ou o gigante tivesse alguma chance, embora ninguém realmente acreditasse nisso. Agora era diferente. Nem mesmo o mais crédulo imaginaria que aquele velho debilitado poderia vencer Iku. Ninguém. Nem o próprio Orunmilá.

– Encontro de dois... – ninguém compreendia o sentido daquelas

palavras confusas que Orunmilá repetiu antes de lançar a segunda pedra na direção do rosto pútrido de Iku e sair correndo para a floresta.

A morte se exibiu para o povo. Deixou que a pequena rocha lhe arrancasse um pedaço da face e exibiu o rosto decomposto para a audiência antes de seguir, em passo lento e determinado, no encalço de Orunmilá.

O adivinho corria o mais rápido que podia, mas Iku não o perdia de vista por mais do que alguns instantes. O mato foi ficando mais e mais denso, e a fuga foi ficando cada vez mais difícil. Conforme ia se aproximando do rio Osé, uma fina névoa branca tomou conta do ar. Orunmilá arquejava, mas não podia parar. Desviava com dificuldade de algumas pedras e seguia o som da água para se orientar. Já não conseguia enxergar praticamente nada quando seu pé enroscou e ele desabou no chão.

O velho Orunmilá sentiu seu rosto chocar com os seixos do rio que não conseguia ver. Com dificuldade, levantou a cabeça, mas não enxergou nada além do ar pintado de branco. Apenas ouvia e sentia a umidade do rio. A névoa fina se tornara espessa e fria. Se por um lado isso dificultara sua fuga, talvez o escondesse de Iku.

Aquele cheiro, aqueles passos. Orunmilá podia sentir a morte se aproximando, mas continuou imóvel para não deixar que o chacoalhar dos seixos sob seu corpo revelasse onde estava. Quando a voz úmida de Iku soou às suas costas, até a sua respiração parou.

– Você? – perguntou Iku, ligeiramente embaraçado, como se reconhecesse alguém que não deveria vê-lo daquele jeito.

– Olá – disse uma voz de menina, tão doce que até Orunmilá se acalmou.

– Para onde foi o velho que passou há pouco por aqui?

– Acabou de cruzar o rio e a esta altura já deve estar perto de Ekpomá.

Iku vacilou por alguns instantes antes de decidir continuar a perseguição. O grunhido impaciente outra vez precedeu o som dos passos, que agora iam ficando cada vez mais distantes. Orunmilá tomou fôlego antes de se virar para conhecer a mulher que o salvou. Seu corpo inteiro doía, mas, quando conseguiu localizá-la, não se arrependeu do esforço.

Seu rosto brilhava além da névoa, e era ainda mais doce do que a voz. Ela parecia não estar nem um pouco abalada pelo encontro com Iku. Ao contrário, parecia completamente concentrada em algum pequeno objeto que moldava do barro que tirava do leito do rio. Sem tirar os olhos do

trabalho que executava, ela se apresentou:

– Meu nome é Euá. E o seu?

– Orunmilá.

Exausto da luta e embriagado pela suavidade daquela voz, o velho babalaô adormeceu antes mesmo de conseguir dizer a segunda palavra. Apesar do cansaço e do medo, no entanto, teve um sono tranquilo.

Sonhou que a dama que o salvara no rio lhe contava que, a pedido do Orum, criara aquela névoa para protegê-lo. Nas brumas do sono, falaram sobre o reino dos sonhos e sobre como ela poderia ser encontrada novamente sempre que o babalaô precisasse de ajuda. Falaram sobre arte, música e sobre o pássaro que ela esculpia no barro quando, dentro do próprio sonho, ela sugeriu que o adivinho descansasse.

Quando Orunmilá acordou, Euá ainda estava ali na mesma posição, embora a escultura começasse a tomar a forma de um pássaro de asas longas e pontiagudas.

– Você sabe onde me encontrar, então – disse Euá como se os dois estivessem finalizando uma longa conversa.

– Como assim? – perguntou, confuso, o adivinho.

Quando ela sorriu, todavia, o babalaô compreendeu o que se passava: ele não tinha sonhado com aquela conversa. De fato tinham falado longamente enquanto ele dormia. Conversaram por todo aquele tempo, dentro de seu próprio sonho! Com toda a sua experiência nas coisas da magia, o velho adivinho jamais conhecera um mortal que transitasse livremente pelo mundo dos sonhos e dos seres despertos. Por alguns instantes, Orunmilá se esqueceu de tudo – da missão, dos companheiros, de Iku... Naquele momento, só queria compreender como ela havia feito aquilo.

– Teremos outras oportunidades de conversar – disse Euá, antes que Orunmilá tomasse fôlego para suas perguntas. – Agora é melhor você levantar e voltar para a cidade de seus amigos. Já está amanhecendo, eles devem estar preocupados. Você já sabe onde me encontrar.

A névoa já havia baixado, e o tom imperativo de Euá não deixava alternativa. Orunmilá obedeceu, ainda impressionado com a experiência. Sentiu o corpo em pedaços enquanto se erguia vagarosamente, mas não se importou com a dor. Assim que conseguiu ficar em pé, virou-se para se despedir. Mas, como num sonho, ela não estava mais lá. Nem ela nem o pequeno pássaro de barro.



Apesar do corpo dolorido, com a energia recobrada depois do descanso, não foi difícil voltar para Oká. O adivinho foi surpreendido por uma grande festa. A cidade comemorava a partida de Iku, isso era certo, mas o que não fazia sentido eram os gritos que ouvia da multidão.

– Viva o mensageiro!

– Salvem os meninos gêmeos, filhos de Ademolá!

Orunmilá se embrenhou entre os homens e as mulheres que dançavam e bebiam e enfim chegou à casa em que estavam hospedados.

Iansã foi a primeira a saltar sobre seus braços, seguida instantaneamente por Exu. Por causa do ferimento na perna, Xangô ficou sentado no fundo da casa, mas seu sorriso largo expressou enorme satisfação pelo retorno do líder.

– O que é que estão comemorando, Exu? O que você fez para virar herói deste povo?

O corpulento mensageiro se envergonhou. Sabia bem da bravura de seu mestre quando enfrentou Iku para salvá-lo. Foi testemunha e beneficiário, por isso se escondeu na casa enquanto a multidão comemorava. Não se sentia à vontade para festejar, pelo menos não enquanto o mestre não voltasse.

O adivinho insistiu em saber o que estava acontecendo, e foi Iansã quem contou o que ocorrera depois que Orunmilá havia partido para a floresta, seguido por Iku.

– Quando vocês saíram, babá, ficamos sem ter notícia. Não sabíamos para onde você havia ido nem... – Iansã engasgou – quando voltaria. Montamos guarda ao redor da floresta, mas, antes de o sol cair, o único movimento que vimos foi o de Iku, voltando furioso na direção da praça central. O povo se apavorou e todos se esconderam nas suas casas. Tentamos pedir ajuda, mas ninguém falava conosco, pois achavam que éramos responsáveis por aquela visita. Mas quando Iku passou aqui na frente, um som lhe chamou a atenção: a flauta de Taiô, um dos gêmeos de Ademolá. Para nossa surpresa, Iku não sacou a espada. Ele dançou. Prevendo o perigo, a mãe dos meninos o fez calar. E imediatamente Iku parou sua dança e largou o sorriso do rosto.

– Foi aí que eu tive uma ideia, babá – disse Exu. – Eu prometi à mãe dos meninos que os protegeria e a convenci a deixá-los participar de um

plano que poderia livrar a cidade de Iku. Ela só deixou porque Iku, sem música e sem dança, parecia estar vindo na direção da casa. Saímos pela porta detrás enquanto expliquei aos meninos o que deveriam fazer.

Orunmilá percebeu o movimento e viu a mãe dos meninos com os gêmeos Ibejis protegidos pelos seus braços. E expressão da mulher demonstrava um pouco de culpa por ter deixado envolver seus filhos naquela história, mas estava claramente orgulhosa da coragem dos dois, estava gostando de ouvir. Não disse uma palavra, e o adivinho se voltou para a história que Exu contava:

– Pedi para que Taiô tocasse sua flauta na direção da estrada e me certifiquei de que Iku havia acompanhado o som da música. Quando a morte se aproximou, mandei que Taiô se escondesse no mato e, mais à frente, Caiandê, seu irmão idêntico, apareceu tocando a mesma melodia. Repetimos isso várias vezes e mantivemos Iku dançando por toda a noite. Antes de o sol voltar, Iku já estava cansado. Ele pedia que parasse a música para que pudesse descansar um pouco, mas a música jamais cessava. E quando Iku finalmente implorou para que o menino parasse de tocar, eu apareci.

Os Ibejis se cutucavam e riam sozinhos diante da história que os transformara em heróis de Oká. Vez ou outra, imitavam o andar de Iku e faziam caretas para assustar as mulheres presentes, que fingiam correr com medo dos pequenos heróis de Oká.

– Foi aí que propus a Iku que, se ele promettesse ir embora, eu faria com que o menino parasse de tocar. Ele concordou e aqui estamos. Salvos, seguros e heróis.

Orunmilá sorriu orgulhoso da sabedoria de seu mensageiro. “Encontro de dois”, pensou, acariciando a cabeça dos bravos gêmeos. Disse à mãe dos meninos:

– Seus filhos são ainda crianças, mas serão grandes homens quando crescerem. O que eles fizeram foi um ato de bravura e de alegria: um traço dos grandes líderes.

De repente, o adivinho parou. Pensou um pouco em silêncio, como fazia quando tinha assuntos importantes a tratar, e ordenou:

– Iansã, continue cuidando do ferimento de Xangô. Exu, venha comigo. Tenho uma dívida a cobrar.

Não eram necessárias muitas explicações. Todos sabiam que, em poucos passos, Orunmilá estaria no castelo real exigindo a libertação do odu

aprisionado.

E assim foi.

O que ninguém esperava era que no palácio não houvesse mais rei, apenas um atônito conselheiro sentado à porta principal, como se aguardasse ansiosamente pela chegada do famoso babalaô.

– Babá! Acuda nosso povo! O rei sumiu!

Orunmilá procurou acalmar o homem enquanto lhe fazia algumas perguntas. Vendo que não conseguiria informações do homem assustado, o adivinho propôs que ele os levasse até o aposento do rei. Mas, antes de entrarem, fez cumprir a promessa que lhe fora feita.

– O odu. Quero o príncipe agora mesmo. O senhor presenciou a promessa de seu rei, e agora quero vê-la cumprida antes que me disponha a resolver este mistério.

O pequeno conselheiro nem hesitou. Chamou o guarda de maior patente no palácio e lhe ordenou que fosse buscar o prisioneiro.

– Demorará um pouco – disse o guarda –, pois o homem que procura está escondido fora da cidade.

– Neste caso, Exu, acompanhe o soldado para garantir que o príncipe voltará são e salvo.

Saíram Exu e o guarda pelo corredor principal, enquanto o babalaô e o conselheiro entravam no quarto do rei. Olharam cada canto à procura de uma pista, mas nada encontraram. O único espaço não visitado foi um pequeno quarto que ficava escondido no canto de uma parede. Orunmilá sabia que aquele era o quarto do segredo. Todo grande líder tinha um. Era lá que guardava a cabaça da vida, que protegia seu povo e cuidava da saúde do rei.

Foi então que o adivinho pediu que lhe preparassem um banho de calma. O conselheiro pareceu reticente, pois aquela ordem significava que ele pretendia entrar naquele local proibido. Mas um babalaô como Orunmilá certamente estaria preparado a manejar os segredos. Por isso, não o impediu. Mandou buscar as folhas corretas, que ele mesmo espremeu dentro de uma tina de água limpa, onde juntou o pó que trazia na pequena cabaça presa à cintura.

O adivinho se banhou com a infusão e, depois de se vestir, tocou o chão, em sinal de profundo respeito, para poder entrar. E lá ficou por longo tempo. Quando saiu, não expressava nenhuma alegria. A cabaça da vida estava aberta, e seu conteúdo fora intencionalmente revirado, misturando a

lama ancestral, o pó branco do efun, o pó negro do carvão e o vermelho do osun, os quatro elementos sagrados da vida.

O conselheiro deixou rolar uma lágrima. Enquanto o povo comemorava a partida de Iku, o rei lhe confidenciara a profunda vergonha que sentira por ter duvidado de um grupo tão bravo e valoroso. O fiel homem, que nunca o largava, estranhou quando o líder de Oká pediu para ficar sozinho no quarto. Depois disso, não o viu mais. A cabaça da vida aberta e revirada era a resposta que procurava. O rei não desejava mais viver. Ele abria por vontade própria o que não pode ser aberto e, provavelmente, escolhera se juntar com Iku na estrada.

– O que fazemos então? Ajude-nos, babá. Ajude-nos a encontrar um novo rei. Nosso povo ficará perdido e confuso sem um líder para nos guiar.

– Vocês já têm a liderança de que precisam. Mandem chamar o conselho dos anciãos. Tenho uma proposta a lhes fazer.

O conselho dos anciãos era, depois do rei, a autoridade máxima de uma cidade. Formado pelos representantes mais velhos da comunidade, reunia a sabedoria transmitida de pai para filho através de várias gerações. Em contrapartida, era o mais lento e demorado grupo de habitantes da cidade. Por isso, Orunmilá pediu para ficar sozinho na sala principal enquanto não chegavam.

Tão logo se ajeitaram pelo salão, Orunmilá anunciou:

– Senhores, o rei se foi – o mal-estar tomou conta do lugar enquanto Orunmilá não continuou. – Por isso temos que escolher imediatamente um substituto, visto que vosso rei não tem descendentes.

Todos concordaram, mas não sabiam quem sugerir. Alguns nomes foram levantados, mas nenhum inspirou segurança. Era como se nenhum dos homens de Oká estivesse preparado para tal missão, concluiu o mais velho do grupo.

– Isso mesmo – concordou Orunmilá. – Não creio que haja neste reino um homem preparado para assumir tal responsabilidade. Mas hoje mesmo fiquei sabendo de uma história que muito me encantou. Vocês devem ter ouvido falar sobre como os Ibejis de Ademolá enganaram Iku, não ouviram?

Os anciãos acenaram, ainda surpresos com o que estavam ouvindo, mas não se pronunciaram.

– Pois virtudes como aquelas não são fáceis de encontrar. E não há

qualidades mais benéficas a um rei e seu povo do que coragem e alegria. Por isso, gostaria que aceitassem minha sugestão e tornassem os gêmeos de Ademolá os novos reis de Oká.

O adivinho fez uma pausa. Esperava pelo questionamento que logo veio.

– Mas eles são ainda crianças. Não têm preparo para conduzir a cidade.

– Por isso mesmo vocês estão aqui – entusiasmou-se Orunmilá, que, pela primeira vez em muito tempo, se sentia o mais moço em algum lugar. – Não é esta a missão do conselho dos anciãos? Preparar as gerações vindouras? E por que isso não se aplicaria ao rei?

– Ao rei, não. Aos reis! Como faremos com dois reis ao mesmo tempo?

– Não se preocupem com isso. Os Ibejis são tão unidos que parecem um só. Têm uma única alma, como se sabe. E podem ser um monarca duas vezes mais trabalhador. Basta que sejam preparados para isso.

O adivinho se calou. Olhou nos olhos de cada um dos membros do conselho, tentando captar-lhes as ideias. Mas eles eram mais velhos e mais sabidos que o próprio Orunmilá, e o babalô teve de aguardar que se pronunciassem oficialmente para conhecer o veredicto final.

– Eu concordo – disse o mais velho enquanto se levantava.

Um a um, os demais anciãos repetiram o gesto. A cena novamente emocionou o pequeno conselheiro, e até Orunmilá sentiu o coração sensibilizado. Mas, antes que o povo percebesse o que estava ocorrendo, era importante tomar todas as providências. O conselheiro mandou buscar o grupo de Orunmilá, os meninos gêmeos e seus pais para uma cerimônia urgente.

Quando chegaram ao palácio, já estava tudo preparado para a cerimônia. Até mesmo as duas pequenas coroas de contas estavam prontas para receber os novos reis, que ainda não entendiam o que estava acontecendo e brincavam como se aquilo tudo fizesse parte da mesma festa de que participavam do lado de fora. Pelo caminho, seus pais foram informados do que ocorrera e mal tiveram tempo de raciocinar a respeito. O grupo de Orunmilá tampouco compreendia os acontecimentos e explicações ainda eram devidas a Ogum, Oxum e Oxóssi, que haviam acabado de chegar.

A celebração foi curta, mas suficiente para que Orunmilá realizasse

os votos de dedicação dos pequenos novos reis de Oká e lhes preparasse uma nova cabaça da vida. Cumprindo seu papel de pai, o próprio Ademolá explicou aos meninos, numa linguagem que eles pareceram compreender, o motivo da coroação e, em seguida, os integrantes do conselho se apresentaram, um a um. Tão logo as coroas foram colocadas sobre as cabeças dos meninos, o grupo caminhou para a sacada, onde o povo aguardava ansioso para receber o misterioso comunicado para o qual fora convocado.

O líder do conselho foi quem tomou a palavra. Num longo discurso, falou sobre a renovação do axé da cidade, das virtudes da mudança e das dificuldades de implementá-las. Em seguida, apresentou ao povo seus novos reis, sem entrar em detalhes sobre a partida do antecessor.

A multidão respirou três vezes antes de reagir. Mas quando o primeiro homem gritou, todo o resto o acompanhou, num único brado, na homenagem aos pequenos reis de Oká.

– Ibeji Omo Olorum!

O castelo ficava num ponto ligeiramente acima do restante da cidade, de forma que a comitiva dos novos reis podia ver o topo da cabeça de cada um dos súditos quando, um a um, eles começaram a se abaixar. Encantados, Orunmilá e seu exército viram uma cidade inteira se deitar e arrastar o peito no chão, no mais comovente sinal de submissão coletiva que jamais fora visto. Eram centenas de pessoas ali, deitadas perante os novos reis de Oká.

O líder do conselho dos anciãos estendeu a palma da mão ao grande babalô em sinal de profunda admiração. A controversa decisão do adivinho, estranha a princípio, agora parecia acertada. O mais velho dos anciãos caminhou até o ponto mais alto da sacada e, equilibrando-se com surpreendente destreza, acenou para os homens atrás dos tambores, que aguardavam ansiosos por um sinal do palácio. A música voltou a tocar.

Aquele era o aviso de que Orunmilá poderia retomar seu trabalho. Quando olhou ao redor, no entanto, percebeu que, ao menos para um de seus comandados, aquela festa não trazia alegria alguma. Pelos gestos e expressões com que falava aos demais, Oxóssi não parecia nada satisfeito.

– Por que você reclama tanto, caçador? – foi conferir Orunmilá.

– Perdi o melhor da aventura, babá. Enquanto perseguia um grupo de velhas, vocês guerreavam com Iku. Se eu estivesse aqui, garanto que teria vencido ainda no primeiro combate.

– Não esteja tão certo disso, meu rapaz. Sua força não é maior que

tudo. E, até hoje, nunca ouvi dizer de alguém que tenha enfrentado e vencido Iku.

– Pois eu venceria. Se estivesse aqui, venceria. Não tenho medo da morte.

– Vejo que não tem. E acho, portanto, que tomei uma boa decisão ao mandá-lo para tão longe enquanto tivemos que enfrentá-la.

Oxóssi respondeu fechando ainda mais a cara, e Orunmilá aproveitou o silêncio para perguntar sobre o que ele havia descoberto a respeito das atividades das Iá Mi durante aquele período. Enquanto contava os detalhes que lembrava, fez questão de se mostrar impaciente. De fato aquela não fora uma missão difícil, especialmente porque Orunmilá o proibira de tomar qualquer atitude por conta própria enquanto as estivesse vigiando. Abstraídos do som contagiante dos tambores do lado de fora, todos ouviram com atenção cada palavra contada por Oxóssi, mas o grupo só esboçou alguma reação quando o arqueiro comentou que vira as Iá Mi entrarem numa caverna e sair depois com uma cabacinha a menos.

– E que caverna é essa? – perguntou ansioso o general Ogum.

– É a Caverna do Fogo que Vive – disse uma voz de mulher por trás dos ombros de Oxum. – Um lugar sagrado guardado por um monstro que nunca deixou ninguém se aproximar. Dizem que ele guarda tesouros incríveis de um antigo rei da região e que jamais homem algum conseguiu pôr os olhos no que está dentro dessa caverna.

Todos se viraram para trás. A mãe dos meninos Ibejis estava ouvindo tudo e interveio quando ouviu falar da caverna sagrada. Apesar da insistência emocionada para que nenhum deles fosse até lá, ninguém lhe dava ouvidos.

– Por favor, não entrem lá. É muito perigoso! – repetia ela, sem efeito algum.

Ainda com o olhar apavorado, a mulher contou que aquela caverna era guardada por um gigante que cuspiu fogo pela boca e, ao contrário do que esperava, aquela revelação tornou o clima ainda mais excitante entre os integrantes do grupo. Oxóssi imediatamente recuperou a alegria e foi o primeiro a se oferecer para o trabalho.

– Iêooooô! – gritou o jovem caçador, chamando a atenção do restante do grupo. – Eu vou! Estamos na minha vez! – gritava como se aquilo tudo não passasse de um jogo entre moleques.

Xangô não se intimidou com a declaração entusiasmada do rapaz e

também se ofereceu para a tarefa:

– Se ele cospe fogo, creio que serei eu a melhor pessoa para lidar com o caso.

– Como assim, você? – provocou Oxóssi. – Sua perna está ferida! E eu ainda não tive chance de enfrentar uma aventura real desde aquele pássaro que botou vocês para correr em Ifé. Aliás, ele também cuspiu fogo pela boca e, se bem me recordo, colocou todos vocês contra uma parede. Se não fosse eu...

O adivinho interrompeu, evitando que mais um conflito tomasse conta do grupo. Quem decidiria sobre como proceder não seria Oxóssi nem Xangô. Aquela era uma decisão crítica. Ifá precisava ser consultado.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re (7): Minha história

Caro amigo,

Durante várias semanas nos correspondemos por meio do seu estranho pseudônimo *Laroiê*. Você me fez pensar que era apenas um estranho que inicialmente cobraria apenas sugestões gastronômicas pela informação que eu comecei a dar. Me disse que era um mensageiro dos orixás, e me levou a acreditar que seria um tipo de médium que traria notícias daquela gente que conheci no Orum. Mas aí vem você, de repente, e solta uma bomba dessas, sem nenhuma preparação. Apenas uma mensagem lacônica, com uma única frase: “Eu tenho vários nomes, mas você já me conhece como Exu. Agora continue”.

Continue um caralho!

Minha primeira reação foi imaginar que se tratava de mais uma brincadeira. Mas, visto o que presenciei nas imagens do lago, sua curiosidade gastronômica até que faz sentido.

Sim, pode ser que o que você disse finalmente seja verdade – se você considerar que um orixá enviando e-mails é uma ideia aceitável, claro. O que não combina com essa versão da história é a forma polida de suas palavras, o jeito culto e sofisticado com que temos nos comunicado. Não faz sentido o fato de você ter respondido meus e-mails em vez de invadir meus sonhos ou usar a voz de um médium. Mas também seria típico do Exu a quem assisti providenciar para que tanto a verdade quanto a mentira parecessem apenas 50% razoáveis.

Por isso, continuo em dúvida sobre sua personalidade. Agora com o agravante de que, entre as coisas que você me diz, nunca mais saberei no que acreditar.

Quer saber? Em princípio, eu acredito. Isso mesmo. Não 100%, pois você ficaria desapontado. Acredito de cima do muro, do mesmo jeito que acredito em Pilar. Do mesmo modo que tenho medo, repulsa e admiração por ela, tudo ao mesmo tempo. Se de fato não acreditasse, convenhamos, não estaria nessa enrascada.

Enfim, se você é mesmo Exu, ótimo. E se não é, pode continuar assumindo o papel que quiser, desde que cumpra o trato que estabelecemos nas nossas primeiras mensagens. Eu lhe conto minha história até o ponto que sei, e você me conta como ela termina. Durante esse período, abasteco sua

imaginação com meus conhecimentos culinários até o momento de você exigir seu pagamento final. Aí decidimos juntos se posso ou não pagar pelos seus serviços.

Voltemos então ao dia em que cheguei em casa e lá estava aquela palha estranha na minha maçaneta. Se você está dizendo a verdade e é mesmo capaz de saber o que acontece nas minhas visitas ao Orum, então já sabe que fui. Depois de tanto esforço, no dia que convenço Yara a subir à minha casa, a palha maldita vai aparecer de novo!? Tive que pedir que ela fosse embora, como se fosse essa a minha vez de bancar o difícil. Tivesse ela entrado, eu teria falhado em atender o convite dos orixás. Espero que isso tenha me rendido algum respeito do lado de lá.

Você, presumo, sabe bem o que aconteceu quando cheguei ao Orum, mas não resisto a comentar. Pelo menos dessa última vez.

Em primeiro lugar, notei que havia algumas cadeiras vazias ao redor da margem do lago. E antes que eu pudesse perguntar, Ifá explicou para todos nós que alguns homens ali já haviam cumprido suas missões e que os odus que eles estavam substituindo já haviam sido resgatados. Quando chegaria a minha vez?

Enquanto imaginava minha libertação, os tambores cessaram, trazendo-me de volta da esperança de que aquela fosse, enfim, minha oportunidade de ser liberado daquelas obrigações.

As imagens novamente se formaram, revelando um animal bizarro, parecido com um gorila mas com pelos longos e dentes pontiagudos apontados para cima, iguais ao de um javali. As imagens prosseguiram como cenas de um filme de horror: o bicho cuspiu fogo pelo nariz e devorava gente viva, dilacerando corpos sem culpa, diante de uma caverna com a entrada um pouco mais baixa que seus ombros peludos.

As cenas seguiam em alta velocidade. Um homem de capuz, amarrado no fundo mais escuro da caverna, cercado por ossos de vários tipos de animais; um barulho; um crânio atirado contra a parede. De repente, uma luz forte indicava que o monstro havia saído da toca. Na frente dele, o pequeno homem de tranças e brincos repousava desafiador seu machado de duas cabeças sobre o ombro. Pude sentir na pele a ira do bicho antes de avançar sobre o guerreiro que os outros chamavam de Xangô.

Houve uma luta grotesca, e o final você já deve saber. Com direito a fantasmas voando para o alto e tudo. Depois acabou. Só isso. Os tambores voltaram a tocar, e imediatamente acordei em meu quarto. Era como se estivesse de ressaca. Porre de adrenalina, pensei. Com o estômago embrulhado e

aquele gosto de cabo de guarda-chuva na boca, levantei e fui até a geladeira. Matei uma garrafa de água de uma só vez, esquentei uma xícara de água com Nescafé e continuei na minha rotina, caminhando até a porta para pegar o jornal.

Continuava sem compreender o sentido daquilo tudo. Para que me chamar até lá, se tudo o que eu sentia era medo? Por que não convocar apenas o sujeito que se mexeu desconfortável e apontou o lago com um sorriso? Sim, somente ele teve uma reação diferente. Os que ainda restavam certamente se sentiam da mesma forma que eu: amedrontados, confusos e loucos para ir embora.

Mas não havia ninguém ali para responder a nenhuma daquelas perguntas, e tudo que eu podia fazer era prosseguir com os meus afazeres.

O jornal estava lá, como sempre, dobrado ao meio e passado pela metade por debaixo da porta. Li a manchete antes de desdobrá-lo e sentei à mesa da sala para ler o resto junto com o café. Jornalista profissional tem de chegar na redação por dentro de tudo o que aconteceu na véspera.

Logo no primeiro caderno, percebi que metade daquelas notícias eu já havia lido na internet na tarde anterior. O que seria dos jornais, eu pensava, se tudo que eles contavam já havia se tornado passado? Se nada do que traziam era realmente uma surpresa? Em meio a divagações, por uma ironia qualquer, ao chegar no meu próprio caderno, Negócios e Economia, um envelope malcaligrafado com um remetente conhecido saltou diante dos meus olhos. Aquilo sim era uma surpresa.

O maluco dos iogurtes, que cretinamente se intitulava Delegado, havia entrado no meu prédio e colocado sua mensagem bem no meio do jornal que eu lia todo dia. Mais ousado do que isso, só se entrasse na minha casa para me contar pessoalmente:

*Mais gente inocente vai morrer. A menos que você faça alguma coisa.
Um grande abraço, Delegado.*

Corri até o computador pensando em retransmitir a ameaça para o e-mail da Duda. Mas um e-mail do Fred me surpreendeu.

Não sei que pauzinhos você mexeu, mas estamos autorizados novamente a publicar histórias sobre seu terrorista predileto. Mete pau. Nele e na porra do Diário.

Timing perfeito. Eu estava de volta.

Axé,
New

São Paulo, 16 de julho de 2001.

MAIS TRÊS

– Barulho – leu nos búzios o adivinho diante dos olhares ansiosos de Xangô e Oxóssi. Ninguém tinha dúvidas do que aquilo significava. Imediatamente, Iansã se levantou e aguardou que Xangô fizesse o mesmo.

– É, barulho, sou eu! – gritou Xangô, com seu vozeirão exagerado de propósito.

Mesmo sem conseguir se movimentar direito por causa do ferimento na perna, que ainda não estava curada, Xangô aproveitou a oportunidade de tentar reaver sua fama de guerreiro, bastante abalada diante da derrota inquestionável perante Iku. Iansã sabia que, em condições normais, o companheiro provavelmente não teria problemas naquela luta. Mas, considerando que a lesão comprometia seus movimentos, ela decidira acompanhá-lo. Não deu nem a chance de que sua posição fosse questionada. Saiu antes dele porta afora, e seguiram os dois pelo meio da floresta.

– Ele não deveria sair assim – comentava Oxum.

– Aquele ferimento não deve ser motivo para um guerreiro fugir ao dever – respondeu Ogum, com desdém.

A conversa foi interrompida pela chegada de Exu.

O mensageiro trazia no colo um senhor magro, desnutrido. A pele negra grudada às costelas, movimentos lentos e trêmulos.

– Príncipe Obará! – gritou Orunmilá, em choque com o estado do amigo.

Enquanto Exu o segurava de pé, o adivinho lhe abraçou, tocando os ombros de um lado, depois do outro, com amizade e respeito. Depois, com um sinal, chamou três escravos que o levaram zelosamente aos aposentos internos do palácio, longe do barulho e da confusão da festa.

O segundo odu resgatado teria logo virado tema da conversa não fosse por Oxóssi tornar a discussão de quem deveria trazer o próximo odu de volta. Não se conformava por ter sido novamente afastado. Estava claramente em melhores condições do que Xangô e havia descoberto o

paradeiro do próximo príncipe. Seu corpo esguio dava voltas em torno dos demais, em um claro sinal de impaciência. Orunmilá o acalmou:

– Meu rapaz, se tivesse seguido minha própria cabeça, tinha mandado você, mas foi o Orum que me enviou essa ordem. E, da mesma forma que você foi ajudado no episódio do grande pássaro, estamos sendo orientados neste momento a mandar outra pessoa em seu lugar. Não fique tão ansioso. Se eles demorarem a voltar, mando você no resgate.

Oxóssi sentou quieto, como se decidisse que aguardaria até que o mestre e o Orum percebessem o erro que haviam cometido.

Ekundaiô a mãe dos dois novos reis de Oká e mulher do respeitado Ademolá, ouviu a tudo sem se intrometer. Ao perceber que a decisão estava tomada, decidiu ajudar a amenizar o clima. Tomou Orunmilá pelo braço e puxou-o para o centro da sala, como se quisesse atrair a atenção dos demais. Funcionou, pois de imediato todos caminharam na sua direção, curiosos com o que escondia aquele brilho alegre que a mulher levava nos olhos.

– Como nova governadora do palácio, vou conceder um belo banquete. Digam-me o que desejam comer, qualquer coisa, e garanto-lhes que nossa cozinha terá o prato pronto antes de o sol se esconder atrás da montanha.

Quando Exu, sempre o primeiro em assuntos de comida, gritou seus pedidos, todos acharam graça: farofa de dendê, carne de bode, aguardente de palma e umas cabeças de peixe de escama! A alegria do banquete o transformara novamente na criança crescida de que eles, em especial os que o conheciam há mais tempo, sentiam tanta falta.

– Farofa de dendê, carne de bode, aguardente de palma e umas cabeças de peixe de escama – repetiu Ekundaiô com um sorriso alegre pela aceitação imediata de sua ideia.

Tirando o rompante de gula que se esperaria do mensageiro, os demais pedidos foram tão previsíveis quanto comidos. Omolucu para Ogum; acarajé para Oxum; feijões com carne pilada para Oxóssi; amalá para Orunmilá, e muito vinho de palma para todos. Ekundaiô repetia, um por um, os desejos dos convidados enquanto serviçais saíam às pressas após cada anúncio.

– Ah, sim! – lembrou Orunmilá. – Prepare um ecuru para Xangô e abarás para Iansã. Eles não estão aqui, mas sei que é o que pediriam.

– Claro, babá. Os escravos já foram providenciar tudo de que precisamos. Não acredito que tenhamos problemas para encontrar qualquer

um dos ingredientes. Agora descansem, pois são nossos convidados de honra.

A jovem mãe dos Ibejis já se distanciava quando um chamado a interrompeu.

– Ekundaiô – chamou Oxum. – Posso ajudar?

– Não precisa, minha flor. Temos gente suficiente para alimentar toda a cidade.

– Não é por isso. Eu gosto mesmo de cozinhar. E desde que saímos nesta missão que não consigo preparar sequer uma refeição rápida para meu pai ou meu marido.

– Se é o que deseja, seja bem-vinda à nossa cozinha. Espero que aprecie nossa maneira cantadeira de cozinhar.

– Estou ansiosa para conhecer – agradeceu Oxum com uma piscadela simpática dos seus lindos olhos cor de âmbar.



Iansã foi a primeira a avistar a caverna descrita por Oxóssi. Escura, com apenas uma entrada estreita, anunciada por pequenas pilhas de crânios de homens, mulheres, crianças e bichos, por cima de montes de barro. Era como se aqueles ossos advertissem aos estranhos que não ultrapassassem aquela linha imaginária. Ou um daqueles montes de lama e crânios ficaria um pouco maior.

Xangô era valente e não temia esses artifícios. Pegou uma das cabeças com a própria mão e o equivalente maxilar com a outra e ensaiou uma gargalhada silenciosa. “Quem precisa disso não deve ser tão valente assim”, pensou. Olhou para Iansã, certificando-se de que a companhia estava pronta para o que teriam de enfrentar, e lançou o crânio na pedra.

Pequenos pedaços de ossos humanos voaram por todos os lados quando o crânio acertou a pedra da entrada, quase do lado de dentro da montanha. O estrondo se repetiu duzentas vezes para dentro da escuridão antes que um urro furioso respondesse à provocação. Iansã empunhou a espada que Ogum lhe fizera, e Xangô levantou seu machado sobre a cabeça, na posição horizontal, ensinada por seu pai quando ainda era criança. Posicionou a perna saudável ligeiramente atrás da que estava ferida. E aguardaram.

O primeiro sinal foi o fogo. Uma labareda os fez suar mesmo à

distância da abertura da caverna. Nenhum dos dois se moveu. Apenas imaginavam quantos daqueles ossos teriam sido derrotados por não terem guardado o afastamento devido. Novo urro. Desta vez, ainda mais furioso. E duas mãos gigantescas, com unhas ainda maiores, saltaram do escuro e tocaram a pedra pelo lado de fora.

Xangô abaixou e pegou mais um crânio com uma das mãos enquanto afastava Iansã com a outra.

– Vai ficar quente. Melhor você se afastar um pouco.

Iansã não ousou questionar. Seu companheiro parecia seguro do que estava fazendo.

– *Ráááá!* – gritou Xangô com sua voz de trovão. E lançou, com mais força do que da última vez, o crânio contra a montanha. Dessa vez, no entanto, ele não espatifou na parede de pedra. Acertou em cheio uma das mãos do monstro que colocava a cara para fora.

– *Roaaaaar!* – gritou de dor e de raiva o gigante, que parecia um gorila com expressão humana.

Xangô sorriu quando percebeu que conseguira realmente irritar seu oponente. E gritou ainda mais alto do que ele. O monstro percebeu quem tivera a ousadia de incomodar seu sono, e novamente gritou, desta vez olhando direto nos olhos de Xangô. Mas o guerreiro não se intimidou e, de novo, gritou ainda mais alto que o monstro. Por três vezes mais, os oponentes mediram seus gritos. Vendo-se mais uma vez vencido, o monstro atacou.

Enquanto corria, o monstro despejou seu hálito incandescente sobre Xangô. De uma distância segura, Iansã viu o companheiro ser engolido por uma língua de fogo. As folhas ao redor queimaram no ato, os pássaros que haviam parado para assistir à luta revoaram, e nenhum sinal de vida restou daquelas chamas. Somente Iansã, protegida atrás de uma grande pedra de laterita vermelha.

Quando o monstro da caverna sagrada engoliu novamente suas chamas (ele precisava respirar, afinal), Iansã arriscou olhar. Tinha esperança de que Xangô tivesse conseguido se proteger em algum lugar, embora o remorso começasse a corroê-la por ter deixado o amigo ferido enfrentar sozinho aquela besta gigante. Piscou várias vezes para expulsar a lágrima que lhe atrapalhava a visão, e não acreditou no que via. Piscou de novo. E mais uma vez. O gorila com olhos de gente, ao seu modo, repetia os mesmos movimentos. Nenhum dos dois conseguia acreditar no que estavam

presenciando.

Xangô estava ali, na mesma posição. Uma perna na frente da outra, o machado horizontalmente colocado sobre sua cabeça, e o olhar, sem expressão, fitando o inimigo como se nada tivesse acontecido.

Não fosse o fato de suas roupas estarem chamuscadas, ninguém acreditaria que, momentos antes, o guerreiro estivera de fato ali, no meio daquelas labaredas. Mas ele estivera. E, ao ter certeza de que seu oponente compreendera que a batalha estava apenas começando, deu um passo à frente.

O monstro urrou e, num único salto, jogou-se com todo seu peso na direção de Xangô. O guerreiro permaneceu imóvel até o último instante. Quando o oponente se mostrou diante de seus olhos, ele começou a girar o machado para a direita enquanto dava um passo para a esquerda. E quando Iansã pôde ler o sentimento de vitória nos olhos do monstro, Xangô alterou o giro do machado para o lado oposto, ao redor do próprio corpo e gritou.

– Ráááá!

O machado de duas cabeças rasgou de ponta a ponta a barriga do animal, que girou no ar e despencou já sem vida ao seu lado. O gorila não chegou a perceber o que ocorrera.

Mais uma surpresa: um feixe de luz branca brotou das entranhas arregaçadas do bicho, seguido do espectro amedrontado de centenas de homens, mulheres, crianças e animais. Certamente as almas que há tempos habitaram aqueles crânios que o monstro exibia do lado de fora de sua morada.

Seria fabuloso se não fosse tão apavorante. Iansã e Xangô podiam sentir o terror e o medo daquelas almas aprisionadas. Os eguns simplesmente não paravam de sair da barriga do gorila. Assustados, alguns gritavam, outros choravam ou chamavam pelo nome de alguém. Estavam todos confusos, mas tão logo se afastavam do cadáver, se dissipavam no ar e desapareciam. Quando o último espectro rompeu finalmente e saiu do animal morto, Xangô ouviu um som diferente. Não um som de fantasmas, como os que acabara de ouvir, mas um som de passo de gente ou de bicho andando naquela terra. Um som do Aiê que ele conhecia bem.

Os dois guerreiros olharam para a entrada da caverna, de onde saía um homem de pele bem escura e cabelos brancos. De músculos bem torneados, mas completamente fracos, como os do príncipe Obará no castelo de Oká. Ele se identificou:

– Sou o príncipe Ocanrã, por favor, me ajudem.



Vinte e uma escravas carregavam, ao som de tambores, as cheirosas tigelas com a comida que Oxum e Ekundaiô prepararam durante toda a tarde. Os convidados, que aguardaram ansiosos pelo momento da tão falada refeição, enchiam as mãos o mais que podiam sem se preocupar com os demais. Sempre que Oxum ia para a cozinha, a fartura era certa.

As primeiras comidas dos convidados ainda eram servidas quando Xangô e Iansã cruzaram a porta trazendo o convidado especial. Orunmilá tomou a frente do grupo e foi o primeiro a cumprimentá-los, certificando-se, antes de mais nada, da identidade dele.

– Príncipe Ocanrã?

– Meu amigo Orunmilá!

Os dois se abraçaram. Pela intimidade com que se falaram, pareciam amigos que há muito não se viam. Mas Exu, que acompanhava os passos do babalaô há tantos anos, jamais o tinha visto na companhia de seu mestre. Com o mesmo movimento de mãos, o babalaô ordenou que os escravos o levassem para um lugar mais tranquilo. Seus olhos, ainda assustados com o que acontecera, imploravam por descanso. Quando o príncipe desapareceu pelos corredores, no entanto, Orunmilá já estava envolvido com cada pequeno problema que seus companheiros enfrentavam.

– O que houve com sua ferida, Xangô?

– Não sei ao certo. Acho que o fogo cicatrizou o corte. Mas ainda dói bastante...

O adivinho abraçou-o por debaixo dos ombros e auxiliou sua caminhada por entre a pequena multidão. Ouviu um relato resumido de como o gorila com olhos de gente foi vencido e somente então o liberou para receber os cumprimentos de seus companheiros.

A primeira a se aproximar, cheia de denguiques, foi Oxum, que fez questão de levar pessoalmente a comida predileta de Xangô. Quando o belo rapaz desnecessariamente tocou suas mãos ao pegar o prato, Oxum olhou desconcertada para o marido e tropeçou para trás. Todos, inclusive Ogum, ficaram constrangidos com a cena, mas somente Xangô viu os pelos de Oxum se ouriçarem com seu toque gentil.

Enquanto se desvencilhava do embaraço, os olhos de Oxum cruzaram sem ódio os da adversária Iansã, passaram rapidamente por Ogum e terminaram novamente em Xangô. Para quem a conhecia, estava claro que acabara de tomar uma decisão importante. Mesmo para quem não gozou de tanta percepção, sua maturidade ao longo da noite foi surpreendente, senão suspeita. Por toda a festa, Oxum não reclamou tampouco interrompeu as longas conversas de Iansã com seu próprio marido. Preferiu ouvir as histórias de Oxóssi, que no dia seguinte não lhe trariam problemas com Ogum nem com Xangô.



Logo pela manhã, Orunmilá indicou o caminho para os odus e designou alguns habitantes de Oká para escoltá-los até onde fosse necessário. Então começou a tomar as providências para a continuidade de sua própria excursão. A começar pela definição do próximo destino.

Desta vez, Orunmilá não tinha pistas de onde poderia estar escondido o próximo odu. Algumas possibilidades foram levantadas, considerando a idade avançada e a trajetória até ali percorrida pelas Iá Mi. Restavam apenas duas opções: Ijerô e Ejigbo. Ainda assim eram duas e bem distantes uma da outra. Como decidir?

O velho Orunmilá se preparou para jogar novamente os búzios, mas, no exato momento em que se concentrava, foi interrompido pelos gritos afobados de um rapazote que não parecia ser dali.

– Agô, babá!

O babalaô levantou os olhos com a intenção de demonstrar sua insatisfação por ter sido interrompido num momento tão importante. Não disse uma palavra.

– Babá! Por favor, ajude-nos. Sou de Ijerô. Preciso de ajuda. Quer dizer, de um médico. Eu não, todo mundo! Vim a Oká à procura de um, mas não tem nenhum por aqui. O senhor! O senhor é sábio. Falaram-me. Disseram que poderia ajudar, majestade. Quer dizer, babá.

Orunmilá ficou sensibilizado com a aflição legítima do rapaz, mas não conseguiria ajudá-lo se ele não parasse de falar tantas frases sem sentido.

– Não sei do que está falando, rapaz. Fale devagar para que eu possa entender direito!

– Minha cidade inteira adoeceu – tentou novamente o garoto enquanto recobrava o fôlego. – Nossas mulheres estão morrendo. As jovens, perdendo seus filhos. Os homens, desfalecendo com a peste.

Como fazia em situações delicadas como aquelas, Orunmilá calou como se não existisse mais ninguém por ali. Pensou. Pensou. Pensou. E quando falou, não mais se dirigia ao rapaz.

– Exu. Preciso de seus serviços imediatamente.

– Mas, babá! Os homens de Oká já foram levar os príncipes até o Orum.

– Pare de tentar adivinhar minhas ordens, Exu. Não é nada disso. Quero que encontre novamente aquele seu amigo cheio de chagas. Como é mesmo o nome dele?

– Omolu.

– Isso. Vá procurá-lo agora mesmo. Estarei esperando por vocês na base da colina que se vê do portão principal de Ijerô – e voltando-se enfim para o rapaz, continuou – Que tipo de peste caiu sobre seu povo, menino?

– Do tipo ruim, babá. Está todo mundo doente. Todo mundo morrendo ou fugindo. Até os soldados das bruxas fugiram de medo!

– Bruxas? – perguntou Ogum, subitamente interessado pela história do menino.

– É, aquelas bruxas velhas que andam com uns pássaros voando em volta.

– As Iá Mi Oxorongá?

O menino tocou a testa, a nuca e fez três marcas no chão diante do nome que não deve ser dito; e só então respondeu:

– Elas mesmas.

E assim ficou decidido o próximo destino. O grupo se entreolhou e, sem dizer uma palavra, tomaram às costas sua bagagem. Exu se despediu de longe, mas Ogum interrompeu sua partida:

– Não seria interessante que Exu levasse alguns pratos ao homem das chagas, babá?

– Tem bastante comida na cozinha ainda. Sobrou muito de ontem – completou Oxum.

– Exu, antes de sair, passe pela cozinha e leve alguns acarajés para seu amigo. Diga-lhe que eu lhe envio essas oferendas em nome do povo de Ijerô, que precisa muito de sua ajuda.

Exu ficou olhando para o mestre, imóvel, como se ainda faltasse

uma última instrução.

– Sim, Exu, pode pegar um pouco para você também, mas que a comida sirva para apressá-lo, não para torná-lo pesado e lento. Corra mais do que nunca. Se suas pernas falharem, toda essa gente pode acabar morrendo, inclusive o próximo odu que precisamos resgatar.

Exu correu. O resto do grupo também.

Quando avistaram a colina, Orunmilá mandou que diminuíssem o passo. Como dependiam da chegada de Exu e Omolu para entrar em Ijerô sem serem assolados pela peste, de nada adiantaria que continuassem tão apressados. Decidiram então aproveitar a proximidade do mercado que comunicava e abastecia praticamente todas as cidades da região do rio Osé, para trocar alguns alimentos.

O mercado da região não era em nada diferente dos demais, exceto pelo fato de não estar dentro de cidade alguma e ser frequentado, basicamente, por mercadores viajantes que trocavam mercadorias para levar às cidades que precisassem delas. Ademais, era uma feira como outra qualquer, centro de tudo que é vendido e contado nas cidades iorubás. Homens e mulheres sentados no chão, rigorosamente organizados segundo o produto que vendiam e muito empenhados em fazer negócio com qualquer um que lançasse um olhar mais desejoso para sua esteira.

Numa dessas olhadas, Iansã foi convidada a fazer sua oferta a um viçoso atilho de espigas. Enquanto os companheiros se divertiam vendo a tentativa da guerreira de economizar alguns búzios na transação, Oxóssi, que nunca fora de se preocupar com economias, pescou uma estranha conversa na esteira ao lado.

Dois homens falavam sobre um pequeno exército que chegara em Ijerô há poucos dias. Percebendo que daquela conversa poderia obter informação valiosa, tocou ligeiramente o braço de Oxum, mostrando-lhe com os olhos os dois homens, que em momento algum abaixaram o tom de voz. Sem que os demais percebessem, Oxum se aproximou da esteira indicada pelo arqueiro e apontou para um atilho envelhecido igual ao que Iansã negociava logo ao lado.

Quando Orunmilá deu pela falta da filha, percebeu que Oxum estava empenhada numa conversa com o mercador e não pôde deixar de se sentir bem com a repentina mudança no comportamento da filha. Pela primeira vez, ela se preocupava com algo além das futilidades de suas joias e das disputas pela atenção dos homens. Se bem que negociar o mesmo

produto que Iansã lhe parecia mais uma dessas disputas, divertiu-se com a ingenuidade da filha.

As duas terminaram suas negociações praticamente ao mesmo tempo e chegaram orgulhosas dos negócios que acabavam de fechar.

– Cinco búzios por estas espigas de milho que nos alimentarão por mais dois dias – declarou Iansã.

– Quatro búzios por estas aqui – regojizou-se Oxum.

Todos riram da inaptidão comercial da menina. Aquelas espigas mirradas mal dariam para um dia. Isso se pelo menos estivessem frescas!

– Devem ter sido colhidas há quatro ou cinco luas! – debochava Iansã.

– Vocês não sabem ver o que seus olhos não mostram – o sorriso enigmático de Oxum conseguiu atrair a atenção dos demais. Ninguém sabia o que perguntar. Divertindo-se com a confusão geral, prosseguiu:

– Este atilho nos trará mais do que alimento, pois, durante a negociação com aqueles dois senhores, tomei conhecimento de uma informação muito importante – explicou, enquanto o grupo permanecia calado.

– Graças a estas espigas murchas, consegui que me contassem exatamente onde uma pequena patrulha enviada pelas Iá Mi está guardando um prisioneiro nas cercanias de Ijerô.

– Uma pequena patrulha? – perguntou Ogum.

– Isso. Apenas três soldados razoavelmente armados.

Todos ficaram impressionados com a eficiência de Oxum. Mas foi Xangô que quebrou o silêncio com uma gargalhada tão espontânea que todo o mercado se calou e olhou em sua direção.

– Que maravilha! – disse estendendo os braços para Oxum.

Ogum, no mesmo instante, franziu o cenho, rapidamente tomou da esposa o atilho envelhecido colocou-o nas mãos abertas de Xangô e puxou o grupo para continuar viagem. Oxum disfarçou o riso envergonhado quando o charmoso homem de tranças lhe deu, embora só com o olhar, todo o abraço que pretendia.

Orunmilá não disse sequer uma palavra. Não comemorou. Não sorriu. Não disse nada. Apenas andou pelo caminho que Ogum abria entre os mercadores. Só deu alguma instrução quando passaram pela última esteira de frutas e saíram do campo dos ouvidos curiosos que enchiam qualquer feira da região.

– Xangô, Ogum e Iansã. São três os guardas da patrulha das Iá Mi. Que sejam três os da nossa.

Numa pequena cena de ciúmes, Oxum pediu ao pai para ir também e, para evitar discussão, Orunmilá acabou consentindo. A pequena e esguia Oxum dançava de felicidade. Enfim, participaria de uma missão importante. Ogum, no entanto, percebeu que aquela seria uma boa oportunidade de se vingar da esposa e pediu para acompanhar o adivinho.

– Três são suficientes, babá. E quem sabe o que você encontrará pelo caminho?

Oxóssi, em outra situação, se sentiria ofendido. Mas percebera o que planejava o irmão e logo o apoiou em sua decisão. Orunmilá novamente cedeu à pressão e aceitou a sugestão. Oxum, como boa filha, demonstrou insatisfação num pequeno protesto silencioso, mas atendeu à determinação do pai sem questionar. O babalaô suspirou aliviado quando percebeu que ela não estenderia mais a discussão e continuou seu caminho de volta à colina, despedindo-se apenas com uma última ordem rápida:

– Vão até lá e tragam esse prisioneiro. Axé – e saiu, levando os irmãos guerreiros de Irê sem nem mesmo notar a pequena comemoração de Oxum.

O percurso era curto, e o tempo não mais os perseguia. Assim, caminharam sem pressa pelo campo aberto, conversando sobre coisas amenas e questões profundas. Ogum seguiu o tempo todo à frente do grupo e mal disse uma palavra, mas ouvia atentamente a conversa do irmão e do babalaô.

– Babá, o que aconteceria se todo mundo aprendesse a caçar?

– Isso jamais aconteceria, meu filho.

– Por quê?

– Porque nem todos têm o talento natural que você tem. Além disso, se todos caçassem, quem cuidaria da terra, das crianças e da ordem das cidades?

– Pois um caçador não acaba por aprender tudo isso também?

– Não, Oxóssi, não daria certo. Um dia, nosso povo foi todo formado por caçadores. Não havia cidades nem reis nem roças. Mas as coisas foram evoluindo, e cada um ganhou uma tarefa diferente. Foi por isso que as cidades cresceram e prosperaram tanto. Além do mais, se todos virassem caçadores do dia para a noite, a caça não resistiria a mais do que duas luas. Mas por que a pergunta?

– Nada em especial. Só me incomoda um pouco quando passo por uma dessas cidades pequenas e vejo que há muita gente dependendo dos outros para comer, tendo que ficar presa a uma casa de que às vezes nem gosta, só porque é de lá que retira a comida do dia a dia...

– Você queria ensinar toda essa gente a caçar, meu amigo?

– Hum... Acho que não.

Até Ogum riu da resposta. Nem mesmo o coração de Oxóssi conseguia controlar sua sede de liberdade. Assim era e sempre seria o irmão mais novo de Ogum. Esse era o espírito de Oxóssi.



O sol começava a tombar de seu ponto mais alto quando Orunmilá, Oxóssi e Ogum enfim avistaram Exu caminhando apressado com o homem que deixara Oká há alguns dias, acompanhado dos dois cachorros. Não foi preciso grandes apresentações, pois tanto o estranho Omolu quanto os companheiros de viagem de Exu já conheciam muito bem suas respectivas histórias.

– Obrigado pelas oferendas que me enviou, babá. Ao certo viria mesmo sem tais presentes. Um chamado seu teria soado como uma ordem aos meus ouvidos. Sinto-me lisonjeado.

Trocaram ainda mais algumas medidas antes de cruzar o portão principal de Ijerô. Como avisara o assustado garoto em Oká, aquela mais parecia uma cidade fantasma. Até mesmo os javalis, utilizados para limpar a sujeira das ruas, pareciam doentes. Se não havia gente para sujar a passagem, não havia comida para os pequenos animais.

Os cinco caminharam por toda a cidade e não encontraram sequer uma criança no percurso até a praça central. Ogum e Oxóssi se entreolharam quando chegaram lá, tentando compreender o que deveriam fazer. Mas logo perceberam que aquela não era uma missão para os poderes de guerra dos dois. Sob o olhar de consentimento de Orunmilá, Omolu tirou das costas a capa de palha que lhe escondia as marcas do corpo e entregou ao adivinho a corda com que conduzia seus cães.

Em silêncio, o homem, que sempre fora temido por trazer doenças e desgraças, deu três passos à frente e, estendendo os braços para o alto, gritou o mais alto que pôde, de forma que sua voz chegasse a cada quarto de cada casa de Ijerô:

– Atotô! Atotô! Atotô!

Uma rajada de vento escuro atravessou as paredes das casas. Trazia marcas e manchas e pedaços de carne doente, arrastados junto ao chão, na direção de Omolu. O vento vinha de todas as direções, até os pés do homem da peste, e então subia, lambendo sua pele desde os tornozelos até as orelhas. A cada mancha escura que se arrastava pelo chão, o corpo de Omolu era marcado por mais uma chaga. Os cachorros ganiam como se fosse neles a nova marca que surgia no corpo do dono. Ali, de braços abertos no meio daquela praça, ele sugava para si todo o sofrimento daquela gente. Quando o vento cessou, o homem caiu. Quase morto.

Os cães não tiveram dificuldade de se desprender das mãos idosas do adivinho. E foram eles, com lambidas carinhosas, que acordaram novamente o poderoso Omolu.

Quando abriu os olhos, o homem caído no chão viu a multidão correndo para a praça e pensou em se esconder. Mas, além de não ter forças nem para vestir novamente sua capa de palha, percebeu que, desta vez, o povo não parecia vir para enxotá-lo. Eles não tinham medo nem nojo. Estavam todos sorrindo.

Mães até então preocupadas e crianças debilitadas celebravam pelas ruas. Doentes que há pouco mal podiam se sentar corriam fortes para entender o que acontecera. E Omolu viu, pela primeira vez, sua presença ser adorada em uma grande festa.

– Atotô! Atotô! Atotô! – gritava o povo em saudação.

Pelo resto do dia e da noite, o povo festejou, comendo e cantando em sua homenagem: “Omolu não teme a lida. Em sua cabaça traz feitiço e vida”.

Ao final da tarde, o próprio rei compareceu à festa. O povo de Ijerô, entretanto, mal percebeu sua chegada, só queriam saber de celebrar o poder e a bondade de Omolu. Sem os cortejos de costume, o rosto do rei torceu-se de ira e, esquecendo-se que ele mesmo também fora milagrosamente curado, aproximou-se do novo ídolo da cidade. Os cães de Omolu tiveram de ser afastados, pois, a todo custo, tentavam avançar no líder. Mas ele não se mostrou sequer receoso. Aproximou-se, seguro de que alguém conteria os animais, e ao chegar ao lado do símbolo da festa, bradou ao seu povo:

– Vocês celebram esta aberração? Pois saibam que ele mesmo trouxe a peste. E se os curou, pode muito bem contaminá-los de novo. Não percebem vocês que este homem é a maldição em pessoa?

A cidade calou. Nem um toque de atabaque se ouvia. No instante em que os olhares de Omolu e do rei de Ijerô se encontraram, suas expressões mudaram. O visitante baixou os olhos, observou o latejar das mãos, que praticamente explodiam por causa do mal que absorveram, e voltou a olhar para o chefe da cidade. O monarca ainda sorria. Um riso cínico de quem vencera a primeira batalha de olhares. Mas Omolu também sorriu e lhe apontou dois dedos na direção do rosto. O homem congelou.

A expressão vitoriosa e desafiadora do rei no mesmo momento se transformou, e quem estava próximo pôde sentir seu medo. Omolu continuou sorrindo enquanto mantinha os dedos na mesma posição. Ninguém ousava respirar.

Orunmilá, que a tudo observava de longe, aproximou-se, tocando gentilmente o ombro coberto de palha de Omolu, que continuou fitando o inimigo por mais alguns momentos antes de finalmente abaixar o braço. Sem dizer uma palavra, Omolu puxou seus cães no sentido oposto e deixou o povo no mais completo silêncio.

Orunmilá fez um rápido gesto com a cabeça, e Exu foi na direção do senhor da peste. Em seguida, o babalô deu mais um passo e se pôs frente a frente com o monarca, que ainda não conseguira mover um músculo. Vendo-se diante do famoso adivinho, no entanto, o amedrontado rei arriscou algumas palavras:

– Livrastes minha cidade da peste. E agora salvastes minha vida. Peça o que quiserdes e vos darei.

Orunmilá se virou para garantir que Exu trazia de volta o amigo ofendido. Respirou duas vezes para ganhar tempo – precisava garantir toda a atenção do povo para legitimar sua decisão – e assim sentenciou ao homem que certamente escondia mais um dos odus:

– Pois então desejo que, a partir deste momento, Omolu, que livrou a cidade da peste e poupou da morte o rei que o ofendera, assuma o palácio de Ijerô. Omolu agora é o Senhor da Terra!

A multidão não acreditava no que ouvia. Piscaram algumas vezes para se certificar do que estava acontecendo, e realmente o velho adivinho segurava ao alto o braço trêmulo do homem que salvou a cidade. Alguns olharam para o rei, esperando alguma reação, outros apostavam baixo sobre o desfecho daquela cena. Mas quando o rei se deitou aos pés feridos de Omolu, com o peito encostado no chão e a coroa de contas brancas e pretas estendida logo à sua frente, um grito de liberdade tomou conta da praça.

Omolu se tornara rei. E o povo entrou em delírio, dançando e comemorando como se tivesse sido livrado de duas pestes de uma só vez.

Os heróis de Orunmilá, todavia, estavam cansados, e não esperaram muito para se recolher. Primeiro Oxóssi, depois Ogum. O velho babalaô já se preparava para seguir os companheiros quando Omolu, desvencilhando-se da multidão, repetiu o gesto do adivinho e tocou-lhe o ombro.

– Obrigado, babá.

– Obrigado por que, meu filho? – questionou o adivinho como se estivesse testando um aprendiz.

– Por ter me recebido naquele dia em Oká, por ter me impedido de atacar aquele homem e por ter intercedido diretamente por mim, fazendo-me rei de Ijerô.

– Você não entendeu nada, não é mesmo?

– Hã?

– O presente maior que dei a você não foi tê-lo recebido em Oká nem impedir que fizesse uma besteira com aquele sujeito atrevido, tampouco transformá-lo em rei de Ijerô.

– O que foi, então, babá?

– Foi a lição que você aprendeu hoje.

– Como assim, mestre?

– Meu caro Omolu. Você sempre foi um homem mundano. Nunca fez nada a ninguém. Nem de bom nem de ruim. Mas quando deixou Oká, parecia decidido a ajudar as pessoas, a usar seu poder com caridade. Estou certo?

– Sim, babá.

– Pois agora você sabe que não será fácil. Quem se atreve a interceder pelos outros precisa ter coragem para enfrentar a ingratidão.

O adivinho deixou Omolu sozinho, pensando no que acabara de ouvir, e caminhou solitário para a pequena casa que lhe ofereceria abrigo naquela noite. A lua não estava no céu, mas seus passos cuidadosos não acharam dificuldade em encontrar o caminho. Quando cruzava a porta de entrada, no entanto, uma mão forte segurou seu braço, e uma voz conhecida o fez parar.

– Babalaô. Precisamos falar.

Orunmilá olhou para trás, mas não reconheceu o rosto que viu. A voz rouca e poderosa, estalando um iorubá perfeito com tanta autoridade,

no entanto, só poderia ter um dono.

– Procure-me amanhã, antes de o sol escalar sua cabeça. Estarei no mercado, entre os vendedores de carnes.

O misterioso líder dos gheledes não se movia com rapidez, mas desapareceu nas sombras mesmo assim.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (9): Minha história

Caro Exu,

O jornalismo está mesmo morrendo. Primeiro por causa da internet. Qualquer um agora pode sair escrevendo o que quiser e dar notícia não apurada ou copiada dos outros. E para piorar, por causa dos castelos de cartas das grandes redações, quando você tem uma notícia-bomba nas mãos, não pode publicá-la por uma questão de acordos comerciais. Felizmente, um pouco de bom-senso voltou a brotar na cabeça dos poderosos da casa e me deixaram reportar novamente o terrorismo industrial. (“Bom-senso” como um eufemismo sarcástico para “estar de saco cheio de tomar bola por baixo das pernas do concorrente”, isso sim).

Motivos à parte, sou um jornalista. Dos bons. E dos novos. Chamei o Fred num canto:

“Fred, tenho uma nota quente aqui. Mas e se o sujeito mandou pro *Diário* também? Melhor postar essa porra on-line.”

Ele concordou. Eu sabia que a fonte do *Diário* até então era eu mesmo, mas não queria correr o risco de o cara ter ampliado a carteira de contatos. Postamos a foto integral do bilhete e uma pequena nota a respeito. Depois observamos. Um minuto, dois, três, dez... foi juntando gente à nossa volta... vinte e dois minutos depois, o *Diário*, seguido por todas as agências de notícias, postaram a notícia. Mas a hora estava lá, estampada: vinte e dois minutos depois. Eu e o Fred chamamos o moleque do site, mandamos ele tirar uma foto dos dois sites ao mesmo tempo e postar como comentário vindo de uma conta anônima, tanto no *Diário* quanto no *Jornal*. Vida de jornalista é barra pesada, mas esses dias te lembram porque você escolheu essa profissão – não para informar, mas para furar o concorrente.

“Chupa, *Diário* filho de uma puta!” – gritava o Fred do meio da redação.

Logo o AA estava lá, comemorando, rindo alto com todos nós. O uísque rolando pra todo lado... Dia dos bons. De repente, o AA levantou e foi embora. Olhei no relógio e me assustei. Era sexta-feira. E eu estava atrasado.

Passei em casa correndo, troquei de roupa seguindo as orientações de Yara e, quando desci, ela já me esperava na portaria. Linda. Vinte minutos

depois, estávamos eu e Yara parando o carro dela num dos estacionamentos mais prósperos que eu já havia visto.

“Silêncio” – pediu, enquanto cruzávamos a rua cheia de Audis, Mercedes e Jaguares estacionados num luxuoso condomínio no Alto da Boa Vista.

Minha pálpebra voltou a saltar, meu coração batia tão forte que parecia que ia explodir. Uma sensação estranha e um nervosismo meio sem motivo que me atingia, gelado, bem atrás do saco, parecido com uma vontade de ir ao banheiro, só que minha bexiga estava completamente vazia. Fiquei calado quando a pequena fresta da porta se abriu.

“Ele está comigo.” – disse Yara.

O local de culto não era como a Casa Branca. Os frequentadores tampouco. Quando cruzamos o portão de ferro, percebi que todos aqueles carrões do lado de fora não estavam lá para festa alguma. Seus donos estavam todos ali. O Nível 2 era rico! Classe A-Gargalhada, como dizia o pessoal da coluna social. (Acho que essa expressão um dia vai pegar!).

Nos jardins da mansão, vários pequenos grupos de pessoas, todas muito elegantes, conversavam como se estivessem em um evento pagão. Não fosse pela ausência de música e de garçons servindo o que comer ou beber, teria certeza de que estava mesmo num coquetel de bacanas.

Olhei para o meu blazer e me arrependi de não ter escolhido um melhor. Eles me observavam por onde eu passava. Identifiquei algumas das pessoas que eu mais precisaria impressionar na vida: executivos que comandavam alguns dos maiores negócios em operação no país, políticos – pude identificar pelo menos dois deputados com o senador Tadeu Reis (aquele que liderou a articulação que permitiu o investimento estrangeiro em grupos de comunicação, lembra?) – e vários membros da diretoria do *Jornal*. A “igrejinha”, afinal, não era apenas uma metáfora ou uma sacanagem comigo.

Eu havia encontrado a religião dos poderosos. Era como se todo o mundo soubesse da existência daquela seita menos eu, era a mesma que a minha, apenas numa casta superior. Quer dizer, estavam lá todos aqueles que mandavam (um dos garotos de T.I. do *Jornal* também, mas esses são os que mandam mais!).

Digo isso e confesso: não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas apreciava ter sido convidado para um grupo tão seletivo. Se os astros, as forças da natureza, os orixás, ou seja lá o que fosse, queriam mesmo que eu me misturasse àquela gente, era um bom sinal.

Yara me deixou num canto e pediu que esperasse bem ali, pois ela tinha

de cumprimentar uns amigos. Logo estaria de volta para dar mais detalhes sobre o que aconteceria ao longo da noite. Tudo de que eu precisava para praticar meu segundo esporte predileto: observar.

A casa era grande, suntuosa na arquitetura, porém modesta na decoração. Parecia mansão de viúva de político, que mantém a casa graças à pensão minguada do falecido. O jardim, onde os presentes conversavam, era bem cuidado e em toda parte havia uma estátua de santo, ou um buda, um preto velho... parecia a Epcot Center da fé. Pequenos bancos de ferro pintados de branco criavam ambientes diferentes, e as pessoas passavam o tempo todo se misturando a um grupo e a outro.

De repente, um sino tocou. O jardim virou um alvoroço, como um formigueiro em que alguém pisou. Yara apareceu correndo e me puxou pela mão. Pediu que eu repetisse tudo o que ela fizesse – não haveria oportunidade de dar explicações até o fim da cerimônia. Nesse momento, um grupo de homens e mulheres vestidos de branco dos pés à cabeça saiu pela porta dupla da casa principal. Eles caminhavam com os olhos baixos e o andar decidido, batendo palmas com as mãos em concha, enquanto abriam caminho pelo meio das pessoas. Alguns eu reconheci. Eram sacerdotes que davam aulas aos domingos na Casa Branca. Mas nem todos. Cantavam uma oração que eu conhecia, quase num tom de mantra, e a audiência respondia:

*Olomô está conosco, sabei-o até os confins da terra,
Porque Olomô está conosco!
Escutai até os confins da terra,
Porque Olomô está conosco!
Mesmo se sois fortes, sereis quebrantados,
Porque Olomô está conosco!
De novo fortes, sereis de novo quebrantados,
Porque Olomô está conosco!
E qualquer projeto que fizerdes nossa mãe o quebrantará,
Porque Olomô está conosco!
E qualquer plano que fizerdes ficará sem efeito,
Porque Olomô está conosco!
O vosso terror não nos aterrorizará
nem terá efeito sobre nós,
Porque Olomô está conosco!
Nós consideramos como santa nossa mãe Olomô,*

*e ela será para nós temor,
Porque Olomô está conosco!*

Uma mulher mais velha, de roupas estampadas, encerrava a fila sem olhar para ninguém. Aquela eu lembrava bem. Pilar. Ao longo de uma passarela aparentemente montada para protegê-los nesse mesmo percurso nos dias de chuva, eles seguiram até a área coberta, do outro lado do gramado.

Os presentes se calaram e acompanharam o ritmo marcado das palmas, enquanto se ajeitavam em volta do pequeno altar, montado numa área que me parecia uma antiga churrasqueira reformada. Repeti os movimentos de Yara como pude e recebi como prêmio pelo meu esforço desajeitado os sorrisos simpáticos dos homens, mulheres e crianças. Logo estávamos todos em forma ao redor do semicírculo montado pelas pessoas de branco que vieram de dentro da casa. A linha parecia proteger o pequeno altar encostado na parede.

Nesse altar, uma profusão de velas, garrafas, espelhos, artefatos coloridos e imagens de santos, muitos dos quais não consegui identificar mesmo depois de tantos anos de colégio católico e aulas dominicais. O maior deles, porém, era a imagem de uma santa de roupas azul-celeste – não fosse a pele branca, poderia até ser Nossa Senhora Aparecida – estava montada sobre um pequeno barco de madeira que servia de apoio para as três únicas velas acesas, que então passaram a iluminar todo o ambiente. Essa com certeza era Sant’Anna, mãe de Nossa Senhora. Ou Iemanjá, para o povo da umbanda. Conhecendo Pilar e como ela gostava de misturar as coisas, aquela representava ambas.

Uma das mulheres do cordão, a mais próxima do altar, começou a cantar uma música que eu conhecia bem. Na segunda sílaba, os demais fiéis e eu já a acompanhavam. De mãos dadas e olhos apertados, cantávamos com fervor:

*Ó mãe sagrada dos quatro véus
Recebe meu espírito mudo
Escala os pilares do mundo
E destrói os traidores dos céus.*

Foi quando um grito interrompeu a música: “*IÁÁÁ!*”. Continuamos todos cantando.

*Escala os pilares do mundo
E destrói os traidores dos céus.
Outro grito: “IÁÁÁ!”
Escala os pilares do mundo*

E destrói os traidores dos céus.

E mais um: “*IAÁÁ!*”

Todos largaram as mãos e olharam para o mesmo lugar, repetindo o berro num falsete coletivo: “*IAÁÁÁ!*”. Gritávamos juntos, como se estivéssemos esperando por aquilo. O brado original viera do meio da roda dos homens de branco. Pilar agora tinha o rosto levantado e os olhos levemente revirados. Quando começou a falar, a voz grave e o sotaque desfigurado denunciavam a presença de Olomowewê, ou apenas Olomô, como chamávamos às vezes. Eu havia visto Olomô falar na Casa Branca uma única vez. O povo ao meu redor parecia presenciar aquilo toda semana.

Com uma firmeza delicada, Olomô deu um sermão de uns vinte minutos. Falava sobre uma nova era, um novo mundo que estaria se formando e sobre o privilégio de todos ali fazerem parte da elite espiritual que conduziria essas mudanças. Anunciou um tempo em que o livre-arbítrio era a escolha do tipo de mundo que se queria construir. O mundo que Jesus Cristo, “aquele que veio do ventre do meu ventre”, havia preparado e que ela iria consolidar. Eu já havia ouvido coisas parecidas das bocas dos sacerdotes. Mas nenhum deles tinha a energia, a vibração de Olomô falando diretamente pela boca de Pilar.

Ao meu redor, poderosos da política, do empresariado e da alta sociedade em geral mostravam como podiam o quanto estavam agradecidos por estarem ali. Todos, menos a mulher exatamente ao meu lado, que me olhava e demonstrava total desinteresse pelo que dizia Olomô.

–“Yara, hein?” – comentou a mulher, abrindo a boca em “ó” e pulsando a língua na bochecha.

Felizmente Yara não viu tamanha deselegância. A senhora não desistiu:

“Bem mais mulher que aquela mirradinha despeitada, hein?”

Ela tinha minha atenção.

“Maria Eduarda era o nome dela, não era?”

Como ela sabia? De repente, do nada, a senhora largou minha mão, e foi embora para dentro da casa, enquanto os demais continuavam ouvindo Olomô falar. Yara tentava controlar o riso.

“Como assim?”, pensei, olhando para Yara, que apenas me dirigiu uma piscadinha misteriosa, enquanto o sermão sobre o novo desafio do terceiro milênio continuava: “que todos se integrem ao espírito divino e aprendam a desdobrar com a vontade de Deus. Estejam alerta aos sinais!”.

Os tais sinais eram tema frequente nas aulas dominicais.

Acontecimentos aparentemente randômicos mas que, diante dos olhos dos preparados e atentos, seriam pistas para executar as missões para as quais haviam sido destinados. Era como se cada homem e cada mulher tivesse a sua missão. E se eles haviam sido levados àquele grupo, se tinham tido a sorte de ter a proteção divina de Olomô, tinham também a obrigação de fazer valer esse privilégio. Por isso, Deus nos havia provido de vidas tão abastadas e livres de problemas, dizia ela. Cada um tinha uma missão muito mais importante e difícil e, quando chegasse a hora, ela lhes surgiria na frente. Quem não cumprisse seu dever, perderia portanto os exatos mesmos luxos que lhe haviam sido dados para que pudessem se dedicar às missões.

Isso, ouvido na Casa Branca, onde ninguém tinha onde cair morto, era uma noção bastante abstrata. Dali, daquela mansão repleta de poderosos, fazia todo sentido do mundo. Quem ali haveria de querer perder a vida que tinha?

Eu ainda juntava as pontas do que havia aprendido na infância e o que ouvia ali quando, para surpresa de todos (especialmente a minha), Pilar rompeu o cordão humano e parou bem na minha frente. Aproximou seu rosto o suficiente para que eu sentisse o aroma de seu perfume doce. E, bem diante de meus olhos, gritou: “Vocês estão prontos ou não estão?”. Eu, paralisado diante daquele olhar, e as pessoas em volta gritando: “Estamos!”. A mulher virou de costas e, jogando energicamente o braço para o alto, gritou mais um “*IAÁÁ!*”. Todos gritaram de volta, e ela desfaleceu ali mesmo. Quem estava mais perto se apressou para segurá-la antes que desabasse no chão. Na mesma hora, começou mais uma música, e o mesmo homem que, minutos antes, puxara a linha branca já apoiava a médium pelo ombro, levando-a novamente para o interior da grande casa. Todos seguiam suas palavras, num canto-quase-transe coletivo:

Quem conhece os outros sabe.

Quem conhece a si é sábio.

Quem vence os outros é forte.

Quem vence a si é invencível.

Quem se faz valer tem força.

Quem se basta é rico.

Quem não perde é rocha.

Quem não perece na morte, vive.

Quem conhece os outros sabe.

Quem conhece a si é sábio.

Quem vence os outros é forte.

Quem vence a si é invencível.
Quem é satisfeito é rico.
Quem tem caminho é inabalável.
Quem tem lugar perdura.
*Quem morre sem deixar de ser é imortal.**

*Algumas das preces são alusivas a preces reais, de várias religiões.

Enquanto isso, cada um dos demais elos daquela corrente se ajoelhava rapidamente perante a estátua de Sant'Anna e seguia o mesmo caminho.

A música continuou fervorosa até o final do ritual. Deve ter sido repetida umas quatro vezes enquanto os presentes se ajeitavam numa fila bastante civilizada, que levava ao altar principal. Quem chegava à imagem da santa, ajoelhava-se, encostava a testa no chão e dizia alguma coisa que, à distância, era impossível compreender. Quando chegou minha vez, imitei mecanicamente o gesto diante da imagem e olhei para trás, à espera de uma instrução qualquer. “Faça um pedido, alguma coisa que você quer muito, que Olomô vai atendê-lo”, Yara sussurrou.

Não conhecia Olomô, mas se aquilo tudo fosse legítimo, então eu já sabia o que pedir. Tímido, sussurrei algumas palavras diante da santa. Yara se ajoelhou ao meu lado e insistiu: “Diga alto para ela ouvir. Não subestime a força da sua própria palavra. Não há poder maior do que a fé aliada à intenção explícita da sua vontade”.

“Quero virar diretor de redação do *Jornal!*”, falei em alto e bom som. Yara sorriu em sinal de aprovação e fez alguns pedidos de saúde e luz para seus parentes – “que eles um dia também sejam iluminados” – e, levantando-se, perguntou: “Você deve estar cheio de perguntas, não está?”.

Pelo olhar intimidador do casal que guardava a porta do casarão, seu interior deveria ser um lugar disputadíssimo, permitido apenas para poucos. Uma novidade a menos, pensei aliviado. Nesse exato momento, uma pessoa aproximou-se e falou algo ao ouvido de Yara. Ela confirmou com a cabeça, e o rapazote correu novamente para o interior da casa.

Ela queria falar comigo.

Axé,
New

São Paulo, 18 de julho de 2001.

O ENCONTRO

Três soldados conversavam sossegados quando a formosa dama cruzou seus olhares. Lá de longe sentiam o cheiro do acarajé que ela comia.

O mais atirado deles vacilou quanto ao alvo de suas gracinhas. O quitute ou sua portadora? Na dúvida, escolheu os dois:

– Alto lá, bela senhora! Por que não divide conosco esse acarajé?

– Vá lá e compre o seu com a senhora do outro lado do rio – respondeu a alegre dama.

– Ah, prefiro duzentas vezes um pedaço de acarajé das suas mãos delicadas a um novo das mãos de uma itinerante velha e feia, ainda mais tendo de atravessar o rio em época de cheia – ri o soldado.

– A quituteira não tem nada de velha nem feia, se querem saber. Muito pelo contrário. Se seus olhos querem mesmo dizer o que parece, vocês vão encontrar mais, digamos, tempero com a bela dona dos acarajés do que em minhas mãos. E, para falar a verdade, os deuses estão hoje solidários com vocês, pois o rio nunca me pareceu tão baixo.

Os outros dois guardas, que até então apenas acompanhavam a conversa, pareceram se animar. Um deles aproveitou a deixa para tomar a frente da negociação.

– Pois você, meu caro, fique aqui com sua nova amiga que eu vou lá conferir os tais acarajés da quituteira do rio.

– Vou com você! – gritou o terceiro, que, pela forma física, mais se interessava pelo bolinho de feijão que pela mulher que os fazia.

O rio era próximo, e logo os dois guardas chegaram até um ponto de onde puderam observar a moça de turbante branco batendo a massa amarela com vigor. Era mesmo linda, como insinuara a mulher que haviam conhecido momentos antes. E o rio abaixo dos joelhos confirmava sua sugestão.

Saíram os dois detrás do arbusto de onde observavam o movimento da jovem. A quituteira sorriu e acenou. Pareceu-lhes ainda mais linda. Rosto meigo, joias do mais puro ouro enfeitando-lhe as orelhas, os braços e o

pescoço e uma pele rija que lhe dava braços e seios firmes como os de uma adolescente. Eles retribuíram o sorriso e o aceno e foram logo cruzando a corrente rasa.

Empolgados que estavam, não perceberam quando a bela moça juntou as mãos sobre o estômago e fechou os olhos como se não quisesse ser distraída. E, quando ouviram um som de águas furiosas se aproximando, já não havia tempo para fugir.

A tromba-d'água chegou antes que pudessem se proteger e, indefesos, foram os dois arrastados até serem perdidos de vista. Oxum se levantou da banca de quitutes e acenou para Xangô, que saltava da copa de um cajazeiro na outra margem do rio. O plano funcionara perfeitamente até ali.

O guerreiro confirmou o aceno e partiu a passos largos para a pequena casa, onde, se tudo corresse conforme o planejado, Iansã deveria estar distraindo o último guarda. Chegando lá, avistou a guerreira analisando minuciosamente a espada malcuidada do soldado. Parecia entretida. Observava com os olhos e as mãos a arma do entusiasmado guardião, que a esta altura já nem se lembrava dos companheiros de vigília.

Xangô se aproximou silencioso como um predador e, às costas do guarda, fez um sinal para Iansã e gritou:

– Rááá!

O pobre homem se assustou, e ela se levantou empunhando a espada. Primeiro com o olhar inocente e desajeitado de quem nunca havia experimentado o peso de uma lâmina. Depois com o semblante ameaçador e a empunhadura firme de quem sabia exatamente como utilizá-la para matar.

– O que é isso? – gritou o homem. – O que você pensa que está fazendo? Isso não é brinquedo, moça, me dê logo essa arma antes que eu tenha de tirá-la de você. E, se eu tiver de tirá-la, não será a única coisa que tomarei.

– No seu lugar, não seria tão confiante assim, meu caro.

A voz retumbante veio de suas costas: Xangô, empunhando seu machado de duas cabeças da forma mais ameaçadora que conseguia representar. O pobre homem estava cercado.

Indefeso entre os dois guerreiros, o guarda caiu de joelhos e, numa cena de humilhação espontânea, chorou com a testa encostada no chão.

– Não me matem! Tenho família para cuidar. Não me matem, por

favor!

– Não queremos lhe fazer mal, pobre homem – declarou Xangô – apenas libertar o prisioneiro que você guarda nessa casa.

– Se bem que ainda queria entender o que você quis dizer quando falou em tomar alguma coisa além da espada – interferiu Iansã, levantando o rosto do homem com a ponta de sua lâmina.

– Não quis dizer nada, eram só palavras sem sentido. Não me matem, por favor! E sobre o prisioneiro, podem levá-lo. Não tenho nada a ver com isso. Só estava cumprindo ordem daquelas bruxas velhas. Elas disseram que, se eu não a cumprisse, elas mandariam seus pássaros comerem minhas tripas!

– Nós não vamos fazer nada com você. Já disse – repetiu Xangô. – A não ser que minha companheira...

O pobre homem continuou a repetir, indefinidamente, suas lamúrias até que Xangô fingiu controlar o ímpeto assassino de Iansã. Agradecido, o guarda não hesitou em abrir a porta da pequena casa. Xangô ficou do lado de fora para controlar as atitudes do pequeno homem, mas fingia ser diferente:

– Ela não costuma ser muito piedosa, meu amigo. Sorte sua eu estar aqui para protegê-lo. Senão... – a conversa foi interrompida por um som de dentro da casa.

– Mestre? – perguntou Iansã.

– Sou o príncipe Eliologbon. Quem são vocês?

– Enviados do Orum para libertá-lo. Não se preocupe.

Iansã se aproximou e apoiou nos ombros o corpo fragilizado do prisioneiro. Quando saíram, o sol pareceu queimar seus olhos. Deveria estar há vários dias naquele cômodo escuro, sem ver a luz. Iansã atravessou a porta fitando sem reserva os olhos do último guarda. Ainda com medo, ele se escondeu atrás de Xangô.

Estava cumprida a missão. Mais um odu havia sido libertado. Precisavam levá-lo até Orunmilá para que o babalaô fizesse a confirmação final da identidade do príncipe. Mas antes de partirem com o prisioneiro libertado, a guerreira chamou o guarda e mandou que ele se ajoelhasse aos seus pés.

O homem chorava e implorava perdão, mas os olhos de Iansã não mostravam clemência. Ela encostou o metal frio no pescoço de sua vítima, como se fizesse a pontaria, e levantou a espada com os dois braços até acima

de sua própria cabeça. O homem gritou, desesperado, e ela continuou sem se mover.

– Iansã – interrompeu Xangô –, tenho uma ideia melhor.

– Não vejo o que pode ser melhor do que arrancar a cabeça desse covarde – respondeu a guerreira com um leve cinismo na voz.

– Você vai entrar nessa casa e colocar o mesmo capuz que seu prisioneiro estava usando. Vai ficar quietinho, no lugar dele, até nós o chamarmos de volta – disse Xangô ao homem diante de Iansã. – Quando seus amigos chegarem, vão achar que você é o príncipe, e nós poderemos cuidar deles. Se você se comportar bem, nós o pouparemos. Se disser uma palavra, no entanto, já sabe.

– Claro, senhores. Façam qualquer coisa, só não me matem. Muito obrigado! O senhor é um homem justo. Senti isso desde o princípio! Muito obrigado. Não farei um ruído. Não os avisarei de nada. Nem gosto deles, para falar a verdade. Se querem mesmo sab...

Iansã enfiou com violência o capuz no homem, obrigando-o a calar. E, fora do alcance de sua vista, os dois controlaram o som de suas gargalhadas.

Oxum chegou a tempo de compartilhar o riso e aproveitou para dividir os acarajés, que haviam servido de cenário para a armadilha, com os dois amigos e o prisioneiro resgatado. Permaneceram do lado de fora da casa por algum tempo, conversando e se divertindo com o sucesso do plano que haviam executado. Aquela oportunidade era exatamente o que as duas mulheres precisavam para se insinuar o quanto pudessem para o guerreiro da voz de trovão. Mas, pelo menos daquela vez, Iansã não teve muita chance. Ninguém consegue roubar a atenção de cima de Oxum quando ela prepara seus acarajés. Ninguém.

Com tanta conversa, demoraram um pouco mais do que o previsto para partir. Mas não havia problema: o odu, quem mais importava, estava são e salvo, recompondo-se com o acarajé de Oxum e, como eles, pronto para voltar para casa.



A chegada de Iansã, Xangô e Oxum em Ijerô não foi sem estranhamento. Primeiro porque o lugar, que ouviam estar praticamente morto, vivia uma festa animada. E, no centro do banquete montado na

praça, o homem cheio de chagas que conheceram em Oká ostentava a coroa da cidade.

Ao reconhecer os companheiros se aproximando na multidão, Oxóssi tocou sua corneta de chifre de búfalo. Imediatamente a cantoria cessou, e o povo abriu passagem para o homem e as duas mulheres que atravessavam a praça na direção de Orunmilá.

– Mestre Eliologbon – deixou transparecer carinho, o babalaô ao abraçar o quarto odu resgatado.

– Meu amigo Orunmilá...

– Belo trabalho, rapazes. Parece que não foi muito difícil acabar com os tais guardas.

– Diria até que foi divertido, babá – respondeu Oxum em nome dos demais.

– Você deve ter se divertido seduzindo aqueles dois pobres homens, não foi, Oxum? – insinuou Iansã diante dos olhares furiosos de Ogum, que imediatamente se envolveu na conversa:

– O que foi que ela disse?

– Nada que sirva para alguma coisa, meu marido. Deixe essa aí pra lá. Foi ela, na verdade, que se divertiu sozinha com um dos guardinhas das Iá Mi.

As duas mulheres trocavam provocações, Ogum se irritava, e Xangô de tudo ria. Mais uma de tantas brigas que Orunmilá presenciava e que, novamente, não deixaria ir muito longe.

– Chega! – gritou o babalaô, antes de reverenciar o rei como se pedisse desculpas pelo comportamento de seus comandados. – Majestade. Gostaria que meu amigo Eliologbon fosse hospedado por esta noite, até que recupere as forças para partir em viagem pela manhã. Poderia nos ceder um quarto no palácio?

– Claro que sim, babá. Você é amigo: não pede, manda.

– Muita bondade sua. Onde estão, afinal, os prisioneiros de que me contava há pouco? – perguntou Orunmilá, voltando-se para um dos súditos que aparentava mais conhecimento das coisas reais.

– Estão na casa dos fundos do palácio. Quer que os busquemos?

– Agora. – disse Omolu – Leve-os até o riacho e deixe que se banhem com calma. Depois sirvam metade do que está sendo oferecido neste banquete e as esteiras mais confortáveis da cidade para que durmam com conforto. Não quero a minha cidade amaldiçoada porque não tratamos

bem os odus de Ifá.

Orunmilá chamou Exu e falou-lhe ao ouvido. Sem perguntar mais nada, o mensageiro pegou o quanto pôde da mesa e partiu na direção do castelo. Tinha recebido mais uma porta para guardar. E precisava de mantimentos para isso.

– Três odus, de uma só vez...

Oxum costumava dizer que o pai preferia falar sozinho a se comunicar com os homens. Em parte ela tinha razão. O velho babalô prezava muito o silêncio e não tinha muita paciência para as perguntas impertinentes que viviam lhe fazendo. Mas elas faziam parte da vida de um sábio tão famoso. E, como não podia evitá-las, já não se irritava com tanta facilidade.



Desta vez ele falava sozinho não por isolamento. Era assim que fazia toda vez que estava aflito. Sempre que não conseguia uma resposta ou que algo o incomodava profundamente.

– Sorria, babá. Encontramos três odus em uma só cidade!

– Eu sei, minha filha. Mas você não acha isso estranho?

Ele não queria uma resposta. Se quisesse, não teria saído andando sem um gesto convidativo para que a filha o acompanhasse. O babalô caminhou até se perder no meio da festa, embora todo aquele batuque mal tocasse seus ouvidos. Quando se viu sozinho, olhou para o chão e viu uma sombra rodear seus pés. Estava na hora.



– Tinha certeza de que viria – cumprimentou o misterioso líder da seita dos gheledes diante da chegada pontual de Orunmilá.

Os gheledes eram um grupo cheio de segredos: reuniam-se no meio das florestas em cerimônias sigilosas. Em contrapartida, alegravam o povo com coloridos espetáculos de dança e representação nas mais variadas praças das terras iorubás. “O que será que eles querem conosco novamente?”, pensava o adivinho, lembrando da última vez que os encontraram, quando aprisionaram e ameaçaram sua filha Oxum.

– Mandaram-nos chamá-lo – respondeu o homem robusto, como se pudesse ouvir o que dizia a cabeça do adivinho. – Não mais um egum, um espírito ancestral, como da outra vez. Agora é algo muito mais importante.

Orunmilá se sentou no chão, como se demonstrasse que tinha todo o tempo do mundo para ouvir mais detalhes sobre o convite, mas o homem não estava muito disposto a falar muito mais. Ele se aproximou do adivinho, mas não acompanhou seu movimento. Ainda de pé, acrescentou:

– É uma cerimônia especial, em que devem estar presentes você e os homens do seu grupo. As mulheres não deverão vir. É muito perigoso. Traga uma jarra com sangue ainda quente de um búfalo para oferecer ao nosso convidado, ou melhor, ao seu anfitrião.

– Onde o encontro? E quando?

– Quando a noite ficar mais escura, procure o som dos tambores na floresta. Estaremos esperando vocês ao redor de uma grande fogueira. Saberá nos reconhecer, eu espero.

– As máscaras...

– Sim, você conhece nossas máscaras. Estaremos usando-as. Até lá.

Novamente o homem desapareceu sem esforço por entre as barracas de comida e folhas da feira.



Pouco antes da hora marcada, os homens se preparavam para procurar o local do encontro. Oxum, no entanto, não se conformava.

– Por que só os homens podem participar? O que têm contra as mulheres? Não somos tão inteligentes? Então de quem foi o plano de jogar o rio por cima daqueles guardas? Ou será que não somos tão fortes? E como explicar que foi uma mulher que quase venceu o poderoso general Og...

– Chega! – gritou Ogum diante da provocação da mulher. – Não aguento mais tanta reclamação. Não se pode contrariá-la que logo vem com toda essa choraminação. Chega!

Orunmilá, apesar de pai e líder da expedição, respeitou o marido por chamar a atenção da esposa e depois explicou tanto para Oxum quanto para Iansã, que também fora proibida de participar:

– Não escolhemos assim. Lembrem-se de que fomos convidados para esse encontro. Não seria de bom tom quebrarmos instruções tão claras dos nossos anfitriões.

– Claro, babá, percebi desde o princípio – disse Iansã.

Ogum não pode deixar de sorrir para o rosto prudente de Iansã, mas era para Xangô que ela se exibia. Ou pelo menos era para ele que olhava à procura de retribuição.

– Pois vamos, então – ordenou Orunmilá.

Ogum foi na frente, seguido por Exu, Xangô, Oxóssi e Orunmilá. E, antes que se perdessem de vista, ainda ouviram o grito irado de Oxum:

– Pois se os espíritos de Ijerô não precisam das mulheres, que vivam sem elas! Que, de agora em diante, nenhuma fêmea dessa terra seja mais fértil! Que todo nascimento ou germinação se acabe imediatamente! Que vivam sem as mulheres, então!

Ogum voltou correndo e, sem delicadeza alguma, empurrou a mulher com violência para dentro.

– Nunca mais esbraveje assim na minha frente! Não fosse minha mulher, mandaria costurar sua boca e amarrar seus braços para que nunca mais rogue uma praga. Já que não posso fazer isso, imponho-lhe, a partir desse momento, a maior restrição que já lhe foi imposta. Seu pai não lhe ensinou a controlar o ímpeto, mas eu vou lhe ensinar – o guerreiro irado se virou para ter certeza de que o restante do grupo ouvia sua sentença e prosseguiu. – De agora em diante, só comerá o que eu mandar, quando eu quiser.

Oxum odiava mais que qualquer coisa a ideia de que os homens daquela terra tinham poder de dizer às mulheres o que fazer. Ainda assim, não ousaria contrariar a fúria do marido. Ficou ali, quieta e furiosa, deixando as lágrimas correrem enquanto os homens se embrenhavam na mata escura. Sua raiva foi tanta que se sentiu estranha, como se estivesse prestes a desmaiar. Apoiou-se numa cadeira de madeira bem próxima, mas ao toque de sua mão, a madeira secou e murchou, até virar pó. Apavorada, correu até a porta, mas ficou com medo de tentar abri-la com a mão. Chutou-a então com o pé e correu para o meio da floresta para se esconder. No caminho, tudo que ela tocava, se esvaía. Até que chegou a uma clareira sem folhas ou bichos. Apenas terra seca, e pedras. Deitou-se com o rosto contra o chão, apavorada, e ali ficou, até que sentiu algo puxando sua orelha. Levantou-se com o susto. Uma coruja tentava roubar seu brinco?

– Xô! – tentou afastar a ave, antes que ela secasse.

Mas a coruja não fugiu. Oxum tentou novamente e, ao invés de voar para longe a ave deu um salto e pousou no braço de Oxum. E olhou nos

olhos dela, bem fundo. E foi aí que a coisa mais estranha daquela noite aconteceu. Ela ouviu a coruja. Com uma voz de gente, de senhora. Falando direto dentro da sua cabeça:

– Eles te chamam de mimada? Eu acho que você só tem personalidade.

– O que é isso? Quem é você?

– Você sabe muito bem quem eu sou. E porque estou aqui.

– Eu sei?

– Sim. Você me chamou. Quando ficou com raiva. Quando amaldiçoou a cidade.

– Foi da boca para fora.

– Não, não foi. Você sabe disso. Mas eu não quero saber do seu feitiço. Vim aqui para dizer que nós estamos esperando você.

– Nós quem?

– Não se faça de besta, querida.

– Não vou a lugar nenhum. Tenho uma missão com...

– Esses homens que só querem te dar ordens? Você pode mais que isso. E sabe que pode. Por isso essa raiva toda.

– Eu já estou melhor.

– Não, pequena. Melhor você vai estar quando vier aprender conosco.

– Aprender o quê?

– Ausar essa raiva, e o poder que vem dela.

– Não sei do que você está falando, e é melhor ir embora.

A coruja voou para um galho baixo. Depois para mais um e outro. Depois voou embora.



Eles não demoraram a identificar o batuque tão particular dos gheledes e logo avistaram a luz amarela do fogo, no meio da clareira. Aproximaram-se das chamas, vendo os homens dançando freneticamente, cobertos com panos coloridos e máscaras de madeira pintadas das mais diversas cores. Ninguém parou. Os músicos continuaram tocando, os mascarados continuaram dançando, e o grupo de Orunmilá continuou marchando na direção do fogo.

Exu, que sempre olhou os outros de cima, enfim compreendeu por

que eles eram tão mais altos do que a média. Na verdade, suas máscaras não estavam colocadas na altura do rosto. As faces femininas esculpidas em madeira eram colocadas acima da cabeça dos homens, e o resto do corpo ficava encoberto por uma profusão de tecidos coloridos, enganando quem os observasse.

O mensageiro chegou a pensar em perguntar ao babalaô por que todas as máscaras representavam rostos de mulher, se eles mesmos pediram que as mulheres não participassem da cerimônia. Mas preferiu deixar sua dúvida para depois. Se o mestre não gostava muito de perguntas, àquela hora parecia ainda menos apropriada, visto que, quando chegaram ao centro da festa, o fogo dos gheledes, ainda não haviam avistado o homem que os convidara.

Um par de palmas soou, e os tambores pararam. Nem precisaram se virar para saber quem havia interrompido a celebração. Naquele momento, Exu e seus amigos perceberam que ali era o dono da festa que determinaria a hora em que as coisas aconteceriam. Não eles.

– Trouxe o sangue de búfalo? – perguntou o mascarado, cuja voz Orunmilá conhecia tão bem.

O adivinho estendeu uma quartinha cheia da oferenda. Como se aquele fosse um sinal, os mascarados, todos de uma vez, ajoelharam-se e baixaram a cabeça. Colocaram o punho esquerdo fechado sobre o punho direito e encostaram a testa nas mãos. Depois levantaram de leve o rosto e começaram a bater as mãos em concha compassadamente, em pequenas e ritmadas palmas ocas. Era uma invocação. Mas quem estava sendo chamado, afinal?

– Nós lhe saudamos, pássaro que pousa elegante. Traga-nos a dádiva de sua presença!

Ouviu-se um pio de coruja, seguido de saudações incompreensíveis dos mascarados. Outro pio, desta vez mais perto. E de novo eles gritaram algo indecifrável.

Quando o terceiro pio foi ouvido, a coruja estava bem ali, no meio da roda, diante de todos aqueles homens gigantesco. Como se fossem articulados pela mesma corda, todos do grupo se ajoelharam e tocaram a testa no chão. Somente o líder deles não se abaixou. Ele olhou severamente para Orunmilá, como se dissesse: “Esta é sua última oportunidade de fugir”. Ninguém se moveu.

Diante de seus olhos, a coruja cresceu, tomando vagarosamente a

forma de uma mulher idosa, marcada pelo tempo. Costas curvadas e corpo trêmulo, quase nenhum dente na boca, a pele cavada como um cesto de palha, os cabelos escassos e sem cor. Os seus seios eram flácidos e murchos. Os braços finos e a pele frouxa revelavam um corpo aparentemente fraco e debilitado, mas a grande cabaça que ela carregava nos braços e as tantas cabacinhas junto ao peito levavam à conclusão contrária.

A velha olhou os homens de cima a baixo. Pareceu procurar por alguém em especial e não escondeu o desprezo pelo grupo a sua frente. Seus olhos se voltaram então para o babalaô e, fitando seu ventre semidescoberto, a feiticeira pronunciou suas primeiras palavras:

– A comida chegou!

– Já Mi Oxorongá, minha mãe feiticeira! – interrompeu o líder ghelede com toda a humildade que pôde demonstrar. – Eles lhe trouxeram um presente.

Orunmilá compreendeu que o homem falava da quartinha com sangue. Deu um passo respeitoso à frente, colocou a quartinha no chão, raspou o peito na terra e deu outro passo para trás. A velha esperou que ele retornasse ao seu lugar e, com dificuldade, abaixou para pegar o pequeno recipiente. Em seguida, tomou o sangue com a avidez de quem há dias não tinha o que beber e prosseguiu, desta vez com um tom muito mais ameno:

– Nós atiramos sete vezes, vocês pegam sete vezes. Já ouviu essa história, adivinho?

– Já. Vocês atiram seus ovos. Nós os pegamos com o algodão com que se fazem as roupas de Oxalá.

A velha o olhou com um sorriso de desdém:

– Que falta de paciência...

Ela deu algumas voltas na sua velocidade centenária e novamente dirigiu a palavra ao babalaô.

– Se você é assim tão sabido como deseja aparentar, por que insiste em atrapalhar meus planos?

– Não queremos atrapalhar nada, minha mãe – respondeu com calma. – Estamos apenas fazendo uma busca em nome do Orum.

– Vocês ainda não entenderam que estão sendo manipulados a se meter numa guerra que não é sua? Não veem que assim só dificultam as coisas?

Só Orunmilá se atreveu a falar:

– Minha mãe, não é nossa mesmo essa luta. Mas nós recebemos as

ordens do Orum. O que mais poderíamos fazer?

– Deixe Oxalá para lá. Eu conheço bem esse velho. Desde quando éramos todos juvenzinhos, antes de ele se levar tão a sério. Vamos fazer assim: você se junta a nós e eu não deixo eles se vingarem. Só preciso que vocês parem de me atrapalhar.

A velha fez uma pausa para se certificar de que todos estavam prestando atenção.

Orunmilá ouviu com respeito. E, quando teve a chance, perguntou:

– Então o que ficaria no lugar dos odus quando seu plano funcionasse?

– Nós! – respondeu a velha, como se fosse óbvio. – Somos nós que cuidamos de vocês quando nascem e quando morrem. Por que não conduzir o destino entre esses dias também?

Pela primeira vez, os mascarados levantaram ligeiramente o rosto. Ninguém resistiu à curiosidade de vê-lo responder à pergunta da velha Iá Mi. Antes de responder, Orunmilá encheu o peito algumas vezes, como fazia quando precisava ganhar tempo para raciocinar.

– Temos certeza de que vocês e os orixás podem resolver esse assunto sozinhos. Quem somos nós para interferir em algo tão acima da nossa compreensão? Humildemente, minha mãe, proponho o seguinte: continuaremos nossa jornada para encontrar os odus desaparecidos e, se nesse tempo, vocês e os orixás chegarem a alguma decisão conjunta, acatarei de bom grado. Por enquanto, restringiremo-nos ao humilde trabalho para o qual nos incumbiram. Nada mais, nada menos.

As palavras diplomáticas só enfureceram ainda mais a velha bruxa. Ela tomou mais um gole do sangue de búfalo e olhou para Orunmilá. Não fosse a gentileza, pois eles lhe haviam oferecido antes mesmo de a conversa começar, ela já os teria fulminado. Uma Iá Mi, quando enfurecida, pode aniquilar alguém por completo, para que nunca mais volte nem mesmo à lama original, nem egum viraria. Não há medo maior do que esse.

– O maior de todos os exércitos os aguarda na cidade de Ejigbo. – disse a bruxa enquanto se transformava novamente numa gigantesca coruja – Lá escondi quatro prisioneiros que esperam ansiosamente por um resgate. Será que vocês conseguem vencer meus soldados? – Nenhum dos seus ditos exércitos foi capaz de nos segurar até agora – gritou Ogum, sem conseguir se controlar.

- Hum... então você é o general de que tanto falam - cumprimentou a velha, oferecendo a cabaça de sangue - quer um gole?

Ogum não respondeu. Deu dois passos à frente e, antes que Orunmilá pudesse interrompê-lo, sacou a espada e partiu na direção da feiticeira. Mas seus pés ficaram presos. A cada passo que dava, a terra sob eles se liquefazia, e Ogum afundava. A cada passo, mais um pouco. Sem se deixar deter, o general levou a espada até o alto da cabeça e a lançou, certa, na exata direção da Iá Mi. Antes que a lâmina a tocasse, porém, a senhora já havia virado uma coruja novamente, e voado com agilidade para o meio da floresta. Do escuro do mato se ouviam seus piados e gargalhadas. De repente, como se viesse de todas as árvores, de todas as direções e caminhos, a voz ensurdecadora da feiticeira lançou sua sentença:

- É bonitinha sua raiva, general, mas sua insolência vai lhe atingir onde dói mais.

E depois calou. A voz e todos os sons da floresta. O grito havia sido tão alto, que os ouvidos de uns agora sangravam. Por alguns instantes, todos permaneceram sem dizer uma palavra sequer.

Quem interrompeu o silêncio foi o mascarado-chefe. Levantando o braço esquerdo, ele deu sinal para que a música recomeçasse e se aproximou novamente dos convidados.

- Então é isso que vocês fazem nas suas cerimônias? - perguntou, desconfiado Exu.

- Os gheledes às vezes fazem oferendas para acalmar as Iá Mi. Oferecemos festas para amenizar sua cólera. Quando estão irritadas, são perigosas. Mas, quando estão calmas, não costumam causar muitos problemas: pelo contrário, até ajudam a purificar o lugar, pois se alimentam do mal do próprio homem. Vocês foram mexer com as bruxas erradas.

- Que nada! - zombou Exu. - Elas querem mesmo é tomar conta de tudo! E, se quer saber, nem sei se são tão fortes assim. Se fossem mesmo, já teriam acabado conosco há muito tempo. E olhou para trás para se certificar de que Ogum conseguiria sair da poça de lama com a ajuda de Xangô.

- Imaginei que isso poderia acontecer. Por isso pedi que trouxessem o sangue de búfalo. Não fosse a oferenda, vocês não estariam mais aqui para entender o que está realmente acontecendo.

- E por que ela contou espontaneamente onde estão escondidos os outros quatro odus? Isso não faz sentido! - perguntou o caçador.

- Também não entendi. Talvez espere que, com a perspectiva de

enfrentar um exército tão grande e bem treinado quanto o de Ejigbo, vocês reconsiderem a proposta delas?

– Nunca – respondeu Ogum sem traço de dúvida na voz. – Nunca recuei diante de exército algum. Se me enviaram mais essa missão, irei até o fim. Mesmo que tenha de ir sozinho.

– Ninguém vai desistir aqui, general – disse o babalaô.

– Bom saber – respondeu o mascarado. – Contem conosco.

Os quatro homens de Orunmilá seguiram o líder e adentraram novamente a floresta escura. Concentrados, em pouco tempo cruzaram novamente os portões de Ijerô, com apenas uma coisa em mente: consultar o Orum. Algo, no entanto, incomodou o mensageiro: “Onde está a festa que deixamos quando saímos?” – pensou, ao notar que as ruas da cidade agora estavam completamente vazias, e em silêncio.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (11): Minha história

Caro amigo,

Voltemos àquela sexta-feira. Pilar estava numa sala aberta, dentro da mansão de onde havia saído e voltado com os homens de branco. O ar-condicionado bombava. Cercada de poucos, inclusive da mulher que fez todos aqueles comentários esquisitos (ela parecia exausta), Pilar alternava um copo de uísque e um de água com gás.

Apesar dos jardins lotados de pessoas que ainda conversavam depois da cerimônia, a entrada na casa era restrita a um pequeno grupo e ali havia espaço suficiente para circular, conversar e ter acesso direto a Pilar. Lá dentro era mais fácil identificar os famosos. Cruzei com executivos e diretores de multinacionais que já havia entrevistado. Havia empresários, parlamentares e um famoso procurador do Estado de São Paulo. Gente esclarecida, culta, poderosa, que não se enganaria facilmente com qualquer candidato a profeta. Um deles em especial me chamou a atenção: Alfredo Amaral, o AA, diretor de redação do *Jornal*.

Chegamos até Pilar. A mulher que estava do meu lado durante a cerimônia ainda estava jogada na cadeira ao lado. A mentora se dirigiu a nós:

“Não se preocupe, já já ela tá boa. Agora, Yara, me diz aqui?”

E fez para ela o mesmo gesto que a mulher havia feito para mim. Boca em “ó” e a língua pulsando por dentro da bochecha. Ela estava mesmo perguntando se a Yara já havia me pagado um boquete?

“Ainda não, Pilar” – respondeu Yara, envergonhada.”

“E você, rapaz? Aprendeu a gostar de mulher de peitão, ou ainda gosta daquelas muchibinhas de antigamente?”

Fiquei tão desconcertado que não soube nem como responder. Olhei para a mulher quase desmaiada ao lado de Pilar. As mesmas perguntas, os mesmos gestos... eu havia presenciado Pilar possuindo um outro corpo quando Olomô ocupava o seu?

“Isso, menino. Claro que era eu! Essa aí nem sabe o que é isso” – e repetiu o gesto do boquete.

Todos em volta riram. Menos eu. Ela continuou:

“E então? Feliz de estar aqui no Nível 2?”

“...”

“Ih Yara, esse seu namorado tá com problema... sabe que rapaz sem língua não tem 40% da potência, né? Abre a boca, menino. O que você achou de estar aqui no Nível 2?”

“É bacana. Um monte de gente impor...”

“E Olomô? Você já tinha ouvido Olomô falar?”

“Uma vez, mas era muito pequeno.”

“Gostou?”

“Muito impressionante.”

“Como é que ela fala?”

“Diferente.”

“Diferente como?”

“Tem um sotaque... e toda hora fala ‘exa’” .Muitos riram da minha resposta, como se ri quando uma criança diz algo bonitinho. Parecia que eu era o entretenimento da noite.

“Vai pra casa pensar no que Olomô te disse, então. Você recebeu meu presente?”

“Que presente?”

“Ih... presta atenção, rapaz, não aconteceu uma coisa importante pra você esses dias?”

“Ah, aconteceu – disse, pensando na oportunidade de reportar o caso dos iogurtes novamente.”

“Esse foi meu presente pra você. Vê se aproveita, viu?”

“Pode deixar.”

Alguém de longe, às minhas costas, fez um sinal que a lembrou de alguma coisa. “Ah sim! Venha cá...” Pilar então esticou as mãos e me puxou pelo pescoço. Me pressionou contra seu corpo de forma até desconfortável, chegou a boca bem perto da minha orelha, perto de arrepiar, e disse: “Segunda-feira a diretoria inteira do Grupo Bandeirantes vai ser mandada embora. Só você sabe.” Me segurou pelo ombro, e bateu os meus e os dela, de um lado, depois de outro. Como quem dá um passe. Depois soltou.

Com um sinal rápido com os dedos, ela avisou que a conversa estava encerrada. Uma senhora nos escoltou até o lado de fora. Enfim eu podia perceber que Yara estava ligeiramente corada. “Tudo bem?”, perguntei, tirando vantagem da situação. “Tudo”.

No caminho de volta para o jardim, o AA me cumprimentou, contido. Mas dava para perceber uma ponta de orgulho, como se eu fosse um sobrinho pequeno que acabava de fazer um gol no campeonato da escola.

Eu estava confuso com aquilo tudo e precisava de algumas explicações. Yara antecipara minha reação e, por isso, havia programado o jantar. Quando chegamos ao D.O.M., uma mesa para dois nos aguardava com um decânter cheio com algum vinho tinto, e duas taças.

Um belo lugar para uma noite especial. Nos deliciamos.

Ela pediu um filet com aligot, um tipo de purê de batata com muito queijo, finalizado de forma espetacular na nossa frente. Eu fui de galinha d'angola com caracóis do cerrado e purê de cará, que era bem mais leve do que eu imaginava. Enquanto comíamos, ela teve muito o que explicar. O ritual, o humor roceiro de Pilar e a relação que tinha com ela desde pequena. Confirmou quão raros eram os convites para subir ao Nível 2 e sobre a sorte que todos eles (nós) a partir de então, tínhamos de poder conviver diretamente com uma vibração do espírito de Sant'Anna, avó de Cristo.

Pessoas esclarecidas louvando alguém vivo, como se fosse uma santa encarnada? Da Casa Branca, a distância de Pilar fazia isso soar mais razoável. Mas, de perto, ela parecia uma senhora normal. Engraçada, inteligente, boca suja... e bem longe de ser santa. Seguidores do grupo afirmavam que Pilar era, nos dias de hoje, o que havia de mais próximo de Jesus no planeta Terra. E o beijo que recebi era sua maior bênção, “uma transmissão de energia sem similares no mundo material”.

“E quer dizer que agora somos namorados? – mudei de assunto.”

“Parece que sim.”

Chegou a sobremesa, que dividimos, de repente arrependidos: ravióli transparente de limão recheado de banana, com calda de priprioca (uma erva picante e amadeirada da Amazônia, normalmente usada apenas em cosméticos) servido com... pudim de leite! O ravióli era uma obra de arte. Parecia coisa de japonês. A acidez do limão contrabalançava a doçura da banana (que aparecia só depois que o ravióli se dissolvia na boca). O pudim de leite era o que você imagina, mas vinte vezes melhor. Na hora de pedir a conta, porém, tentei um golpe: pedi licença e levantei para ir ao banheiro. “Eu vou também” – disse ela.

Teria sido uma pausa biológica sem nada de extraordinário não fosse a Yara ter entrado junto comigo no banheiro masculino. Tão surpreso quanto eu, ficou o senhor careca que lavava as mãos. Ela parou na porta, segurando-a entreaberta como se convidasse o senhor para sair. Ele obedeceu, confuso, sem saber se achava engraçado ou se se sentia violado. Ela me levou pela mão para dentro de um dos reservados, abriu minha calça e disse: “Agora, o meu presente”.

Disse isso, agachou, abriu meu zíper e me pagou um boquete. Dentro do banheiro do D.O.M.!

Saímos pouco depois, ela limpando os cantos da boca com certo orgulho. Retocou a maquiagem, lavou as mãos e voltou à mesa, deixando outros dois senhores boquiabertos no caminho. Saímos logo em seguida. Mas ela me fez pagar a conta novamente.

Depois me deixou em casa, confuso, querendo mais.

Não nos encontramos no sábado e domingo. Ela tinha de trabalhar. Passei as duas manhãs no Clube Pinheiros, jogando tênis e futebol com alguns amigos dos tempos de escola, e as tardes investigando a informação do Grupo Bandeirantes que Pilar havia mencionado. Falei com várias pessoas que conhecia direta ou indiretamente lá dentro, mas todos negaram. Na segunda-feira, estava quebrado, e sem nenhuma confirmação.

Mesmo assim, resolvi arriscar. Escrevi uma matéria inteira e a submeti ao Fred, sem revelar a suposta fonte. Claro que ele chiou. Fiz uma cena – “vou checar se a fonte autoriza revelar seu nome” – e liguei para a assessora de comunicação da empresa, que obviamente se recusou a comentar o fato.

Tentei o ramal do AA. Era a única alternativa. Ele não atendeu, mas deixei informações suficientes com a secretária (uma mulata de cair o queixo e extremamente eficiente) pedindo orientações sobre como proceder. Se o Fred não confiava na minha fonte, o AA certamente confiaria. Momentos depois, ouvi o grito do meu editor (nem um pouco feliz, é verdade) mandando publicar a história. Pelo que pude entender dos comentários da secretária do Fred, que me deu parte das informações mais tarde naquele dia, alguém da diretoria executiva havia ligado e, logo em seguida, o Fred autorizou a publicação.

O furo, dado on-line e mais tarde confirmado pela empresa, foi um troco no *Diário*. Mais cedo naquele dia, soubéramos pelo site deles que a atitude preventiva dos supermercados perante a notícia que publicáramos não havia funcionado, pois o assassino, dessa vez, tratou de envenenar outros tipos de laticínios, não só iogurtes. E o *Diário* deu a nota, no impresso, enquanto nós... não dissemos nada. Não há nada mais humilhante do que ser furado no impresso, porque significa que você teve o dia inteiro para apurar e pelo menos postar on-line se souber da notícia depois do fechamento da edição. Perdemos uma. Se pelo menos a Duda tivesse dado a matéria... Sem minhas informações secretas, esse furo ficou nas mãos de um outro repórter qualquer. Perdemos todos.

Novamente, todos os casos foram registrados em Moema. Pelo menos quatro pessoas haviam sido levadas para o hospital.

No fim da tarde, recebi uma caixa de papelão sem remetente. Corri para o carro e abri longe dos olhos curiosos da redação. Era uma seringa e um pacote de vários laticínios diferentes. Por que ele me mandaria uma notícia velha? O que é que eu estava deixando escapar? “Isso!”—pensei – “O que é que eu estou deixando escapar!”

Queijos em fatias, iogurtes, achocolatados, requeijão... – um pote de requeijão! Liguei do celular para a secretária do AA e pedi um favor: “Entra no site do *Diário*. Acha a matéria do envenenamento dos laticínios. Veja a lista de produtos envenenados. Há algum requeijão?”. Ela pediu uma pausa para responder: “Não. Eles não falam nada sobre requeijão”.

Liguei novamente para o Fred, que me atendeu em segundos depois que avisei a secretária que era um caso de vida ou morte. “Requeijão, Fred. Eles ainda não acharam o requeijão. Manda ninguém mais comprar requeijão. Manda tirarem tudo da prateleira. Senão vai ter mais gente ficando doente”!

O Fred obedeceu. A matéria foi postada on-line, copiada em centenas de blogs no mesmo instante, e em questão de minutos requeijões estavam fora de todas as prateleiras de São Paulo, logo em seguida laudos técnicos encontraram os vidros contaminados. O *Diário* deu um furo incompleto, o nosso ajudou a salvar vidas. Mais um ponto para o *Jornal*!

Finalmente consegui ligar o carro depois de algumas tentativas e fui para casa, satisfeito.

O celular tocou quando estava no elevador. Yara queria combinar de jantarmos naquela noite, pois teria de viajar por uns dias. Talvez diante da saudade antecipada teríamos uma noite mais completa? Eu já ia propor um jantar na minha casa, quando cheguei ao meu andar e vi aquela porra daquele penduricalho de palha na minha porta! Que tal?

Axé,
New

São Paulo, 20 de julho de 2001.

O PERDÃO

Ogum sugeriu que Orunmilá jogasse os búzios para se prepararem para a batalha de Ejigbo. O babalaô já havia jogado há muito tempo. E se tem jogo de búzios, tem ebó. Lá se foram, então, Exu e Oxóssi, para o meio do mato, realizar a oferenda.

– Uma galinha-d’angola e sete caracóis grandes – ordenara o babalaô. – Preparem uma cabaça com o sangue deles, cubram de flores perfumadas e deixem a água do rio levar embora para que Iemanjá abençoe nossa luta. Depois tragam a carne da etu para que Oxum nos prepare uma bela refeição.

Os caracóis foram fáceis de conseguir. A cabaça também. E para completar o pedido, só precisavam capturar a galinha pintada. Nada complicado para um caçador experiente como Oxóssi. Uma ave que lhe chegava à cintura e mal sabia voar não seria difícil de encontrar. Ainda por cima com o som inconfundível da etu. O caçador aguçou o ouvido e logo indicou o caminho. Foi preciso apenas atravessar uma pequena linha de folhas para avistar quatro galinhas pintadas.

– Não disse? Bem ali. Vamos ver quem consegue apanhar uma primeiro – desafiou Oxóssi.

Os dois correram com as mãos abertas na direção das galinhas. Três delas imediatamente fugiram, mas uma permaneceu onde estava, imóvel. A surpresa foi tanta que Oxóssi e Exu pararam diante da etu à espera de uma reação. Qualquer que fosse.

A galinha olhou nos olhos de Exu, olhou nos olhos de Oxóssi e, num grito enfurecido, avançou nos dois. Mal tiveram tempo de entender o que estava acontecendo ou de reagir. Surpreendidos, apenas abriram caminho para que a etu passasse e se escondesse novamente entre as árvores.

Entreolharam-se e perderam o controle sobre o próprio riso.

A galinha conseguira mesmo pregar-lhes um susto, mas aquilo não iria ficar assim. Nenhuma caça poderia se dar àquele desfrute diante do maior caçador do Aiê ou do poderoso mensageiro de Orunmilá. Caminharam sem

pressa por onde a caça desaparecera e logo a avistaram-na. Tranquila, ciscando numa clareira.

– O seguinte: – comandou Oxóssi – eu vou ficar entre aquelas duas pedras logo ali. Você espanta a etu naquela direção, e eu pego na corrida.

– E como eu faço para espantá-la justamente para aquele lado? Ficou maluco? Se eu gritar, ela pode correr para qualquer lugar!

– Finge que você é um caçador, não um mensageiro.

– Mas eu não sou caçador! Entendo só de mercados. Pego bicho morto, pronto para ser comido. É muito mais fácil!

– Mas assim é mais divertido. Vou te ensinar.

Oxóssi desenhou no chão um círculo indicando por onde Exu deveria correr, gritando o mais alto que pudesse. E mostrou como ele deveria bater os pés rapidamente, fazendo o barulho de muitas pessoas ao mesmo tempo, para confundir a presa.

– Só não corre naquele trecho entre aquelas pedras. Se você for rápido, a galinha vai ouvir a barulheira em volta e vai fugir na única direção que sobrou. E eu estarei lá para pegar essa safada.

Exu olhou com um jeito estranho, um sorriso maroto que Oxóssi não conseguiu decifrar, mas concordou:

– Então fica lá, logo depois daquele corredor entre as duas pedras. Vamos ver se sou rápido o suficiente.

Oxóssi tomou seu lugar. Divertia-lhe tanto o ato de caçar quanto o de ensinar suas técnicas para os iniciantes. Detrás das duas pedras, por entre uma folhagem rala, via a etu ciscando tranquilamente. Ela se assustou quando a voz de Exu ressoou por toda a extensão que haviam combinado. De uma só vez. A pobre ave olhou para todos os lados, sem saber de onde vinha o inimigo e avançou em alta velocidade na única direção que lhe sobrava.

Ela se aproximava, gorda e estabanada, sem ideia de onde estaria seu caçador. Nem imaginava o que esperava por ela além das pedras. Oxóssi se manteve abaixado, pois queria estar com as duas mãos bem na altura do pescoço do bicho quando ele cruzasse a folhagem. O caçador ouviu as penas quebrarem os primeiros galhos e sorriu. Estava no papo. Naquele momento, um outro ruído chamou sua atenção, um som de folhas também, mas vindo de outro lugar. Provavelmente de um bicho maior, bem maior. Oxóssi virou para o lado e não viu nada. Quando olhou na direção da etu, viu apenas a galinha ser arrancada do chão e levada para atrás das pedras. Ou melhor,

viu apenas o final disso. As perninhas da bicha desaparecendo atrás de uma fresta. Alguma coisa havia capturado a galinha antes que ela entrasse no estreito corredor de pedras. Oxóssi empunhou seu arco e correu na direção da caça. Quem quer que tivesse se atrevido a roubar sua diversão, haveria de se entender com ele. O som desesperado da etu lhe serviu de guia. Ela ainda estava viva, portanto ainda poderia ser recuperada.

O caçador estava furioso, mas quando atravessou a passagem das pedras e a folhagem que a escondia, foi surpreendido pela segunda vez naquele dia.

– Então? Rápido o suficiente?

Exu segurava a pobre ave numa das mãos, sorrindo como uma criança que ganhara uma competição. Oxóssi o cumprimentou e encerrou a disputa:

– Está bem. Não duvidarei mais da sua capacidade de apanhar galinhas!

Os dois riam com cumplicidade enquanto amarravam os pés e as asas da vítima, quando, de repente, um novo som lhes chamou a atenção. Ambos estavam lá, a galinha também. Então quem poderia ser? Oxóssi apontou a flecha e ordenou com segurança:

– Saia. Esse não é som de bicho, é som de gente. Portanto, pode se mostrar ou atiro antes de saber quem você é!



– Sendo assim, a batalha só tem um dia para acontecer – concluiu o general.

Ogum e Orunmilá conversavam agachados diante de um mapa rabiscado no chão. E a conclusão de Ogum teve a aprovação do babalaô. A viagem até Ejigbo poderia ser feita em dois dias, mas chegariam cansados demais para lutar. Até poderiam caminhar com mais calma, mas sabiam que, se passassem o terceiro dia na estrada, teriam de esperar ainda mais um dia e uma noite, pois dali a três manhãs seria o Dia do Ewó, dia das proibições. Não se pode falar, caçar e muito menos guerrear nesse dia. E eles não tinham esse tempo a perder.

– Precisamos começar e terminar a batalha nesse único dia, general. Não podemos nos alongar mais do que isso – concluiu Orunmilá.

– Babá, eu sei que fizemos nossas oferendas e que temos lutadores

vigorosos, mas não posso montar uma estratégia se não sabemos o que nos aguarda. Quantos são? Onde se posicionam? Que armas possuem? Preciso de mais informações para traçar um plano. Caso contrário, nossa batalha levará bem menos de um dia, e os derrotados seremos nós.

Mal terminou sua advertência, Ogum foi interrompido por um grito de longe:

– Meu irmão! Meu irmão!

Era Oxóssi, que corria à frente de dois homens: Exu, que carregava a galinha-d'angola amarrada e um desconhecido maltrapilho, que parecia compartilhar o olhar ansioso dos companheiros. De alguma forma, o babalaô sabia que a resposta estava a caminho.

– Meu irmão! Você precisa conhecer este homem.

– Pois me apresente, então.

– Esse é Afolabi. De Ejigbo. Ele diz ser assistente de um oluô importante de lá, enviado até a floresta à procura de um guerreiro poderoso, que livrasse a cidade dos soldados enfeitiçados, que fizeram mulheres e crianças de prisioneiros.

Orunmilá e Ogum se entreolharam com satisfação.

– Eu estava com fome e, quando ouvi o som da etu espemeando, fui atrás. Talvez sobrasse um pedaço para mim – explicou Afolabi.

– Poderia ser um leopardo, que acabaria comendo você! – replicou Oxóssi.

– A fome era tanta, meu amigo, que comeria o leopardo também.

O rapaz era bem-humorado, e isso era algo que Ogum prezava bastante. Ele prosseguiu:

– Nunca imaginei que junto com aquela galinha encontraria vocês...

– O Orum tem suas surpresas quando se faz o ebó certo – comentou Orunmilá, sorridente.

Seguiu-se um longo questionário, e Afolabi respondeu a todas as perguntas com precisão: quais eram as principais entradas da cidade, como era o exército de trezentos homens, a posição do castelo, onde estavam os prisioneiros... Tudo o que Ogum quis saber, Afolabi soube responder. E, quando acabaram as perguntas, o rapaz passou mais algum tempo contando sobre os maus-tratos que os moradores locais recebiam dos soldados desde que aqueles homens haviam sido enfeitiçados.

– Hoje só é bem tratado quem aceitou se juntar à guarda local. Esses

são os piores: maltratam seus próprios primos, irmãos e amigos. Comportam-se como se também estivessem enfeitiçados, mas não estão. São um bando de covardes!

– E quantos são esses desgraçados? – perguntou Ogum.

– A maioria das pessoas que sobraram. Quem não aceitou se submeter a isso, tem de ficar escondido, como o meu mestre, ou sair em busca de ajuda, como eu fiz.

O general se revoltou. Podia aceitar muita coisa neste mundo, menos traição. Mandou que Iansã trouxesse um prato de comida, e obrigou Afolabi a comer de uma só vez.

– Agora que nos encontrou e que já está alimentado, volte para Ejigbo. Avise seu mestre que a ajuda está chegando e prenda sobre a porta das casas de seus amigos um pedaço de mariô. Não se esqueça disso: aqueles que não tiverem a palha do dendezeiro em suas casas sentirão o peso do ferro de Ogum.

Afolabi engoliu em seco e partiu sem fazer mais perguntas. Iansã, que presenciara o final da conversa, não tivera dificuldade de compreender a situação. Tanto que ela foi a primeira a colocar em palavras a pergunta que todos queriam fazer:

– Vocês ouviram. São trezentos homens, todos bem armados e treinados, protegidos por um muro e por três entradas diferentes na cidade. Como poderemos vencer um exército desses?

– Vamos ter de enganá-los de alguma forma... Mas como? – o general falava sozinho sem esperar resposta de ninguém.

Exu aproveitou para exibir os conhecimentos recém-adquiridos:

– É só entrarmos todos batendo o pé e gritando como se fôssemos um grupo muito maior.

Iansã insistiu:

– Mesmo que conseguíssemos fazer com que cada um de nós parecesse dez soldados aos olhos do inimigo, ainda estaríamos em completa desvantagem.

Orunmilá ouvia tudo com uma tranquilidade desconcertante. E quando lhe perguntaram se tinha alguma ideia, ele se levantou e disse simplesmente:

– Precisamos nos esconder – sorrindo, como se acabasse de resolver um enigma complicado. – Agora me deixem descansar um pouco. Ainda preciso resolver algumas questões importantes.

O babalaô levantou e não deu mais explicações. Ninguém compreendeu o gesto do líder, mas não questionaram. Não tinham mais o que perguntar nem o que dizer. Foi então que Iansã aproveitou a oportunidade para tocar em outro assunto, tão delicado quanto o primeiro: o choro incessante das mulheres da cidade.

– Vocês repararam que as mulheres de Ijerô não param de chorar?

– Lembro de ter ouvido algumas lamúrias ontem, no caminho para casa, depois da visita aos gheledes. Mas na hora não prestei atenção. – comentou Ogum.

– Pois eu prestei – disse Iansã. – Enquanto vocês estavam lá, fiquei aqui, passeando pela cidade e conversando com as pessoas.

Ela conseguia o que queria: atenção. Todos a olhavam ansiosos, como se a batalha que teriam em dois dias já não fosse importante.

– Elas estão abortando. Todas as mulheres da cidade estão perdendo seus bebês. Começou ontem, pouco depois... – tentou contar Iansã, até que foi interrompida pelo general.

– Oxum?! – os pássaros que ciscavam pela cidade voaram de medo diante do brado de cólera de Ogum, que repetiu – Oxum?!

– Ela está no estábulo atrás do palácio... – disse a guerreira sem pestanejar.

O general partiu correndo para o tal estábulo. Na véspera, ficara profundamente irritado com a insensatez das palavras da esposa, mas jamais imaginou que tivessem poder a ponto de se tornarem realidade. Oxum conseguira mesmo acabar com a fertilidade das mulheres daquela terra, e ele não admitiria tamanha barbaridade. Ogum correu enfurecido e, quando chegou ao pequeno galpão no qual deixara sua mulher pela manhã, percebeu que sua ira era ainda menor do que deveria.

Oxum se divertia com entusiasmo diante das brincadeiras de Xangô. De forma íntima, oferecida. Quando viu o marido passando pela porta, saltou para trás e instintivamente escondeu as mãos atrás das próprias costas.

– O que você está escondendo aí? – perguntou Ogum, cuja curiosidade segurava por um fio a explosão de fúria.

Oxum estendeu, relutante, uma porção de camarões secos amassada entre seus dedos trêmulos. Ogum olhou para ela, depois se aproximou de Xangô:

– Senhor príncipe Xangô – não mais que um passo separava os dois

pares de olhos –, esta mulher que você entretém é *minha* esposa. E creio que estava presente quando lhe impus meus interditos.

Ogum lançou o indicador como uma adaga em direção ao peito do oponente, mas o elegante guerreiro não se assustou com a fúria do general. Segurou-lhe o pulso com força e manteve os olhos fixos nos de Ogum. E se olharam. E olharam. E olharam. Sem piscar. O general não admitiria tamanha afronta. Primeiro cortejar sua mulher e dar alimento a ela, mesmo diante das ordens explícitas que havia dado. Depois, atrever-se a medir forças com ele, na frente de Oxum...

A mão livre de Ogum deslizou rapidamente ao punho da espada. O pequeno cômodo foi banhado pelo cheiro espesso de sangue que exalava dos poros do general. Oxum interveio:

– Meu marido, por favor...

A súplica desviou a atenção do general. Mas, em vez de largar a espada, ele a apontou para Oxum.

A expressão insana de Ogum e os músculos retesados indicavam que ali estava para se formar mais uma história sobre a cólera descontrolada do príncipe de Irê. No momento crítico, todavia, uma voz poderosa invadiu o estábulo:

– General! Por favor!

Ogum virou o pescoço para constatar sua próxima vítima. Quem era o homem que ousava interromper seu castigo? Quando o reconheceu, no entanto – e o fez mais pelo porte e pela voz do que pela fisionomia –, baixou a espada.

Aparentemente, algum respeito ainda era possível na loucura explosiva de Ogum. Diante da imponente figura do misterioso líder dos gheledes, o general amansou. Mas seu espírito continuava cheio da mais profunda ira que um homem poderia sentir. Permanecia pronto para desferir um golpe sangrento sobre quem quer que se aproximasse. Estava apenas adiando sua explosão.

– General. Não faça isso... Por favor.

– Por que não faria?

– Porque eu preciso dela.

– Por que precisaria desta bruxa? Não vê o que ela acaba de fazer com as mulheres da cidade? Estão todas perdendo seus filhos por causa da praga que ela rogou! O que você pode querer desta menina mimada, se não o seu sangue?

– O perdão, general.

Silêncio. Os presentes se entreolharam sem entender o que o ghelede queria dizer com aquelas palavras. E, antes que alguém perguntasse, ele mesmo continuou:

– Sei bem que foi a sua esposa quem lançou o feitiço sobre as mulheres de Ijerô. E, por isso mesmo, acredito que só ela poderá tirá-lo a tempo.

– A tempo de quê? – perguntou o general, deixando que a confusão tomasse o lugar de sua fúria.

– De salvar minha mulher e meu filho.

O homem alto se aproximou do pequeno grupo e contou sobre as diversas vezes que sua mulher já havia engravidado e abortado. Sua voz chegou a estremecer ao mencionar a previsão de um babalaô, que lhe havia alertado sobre aquela ser a última tentativa do casal ou a mulher poderia morrer no próximo parto, como morriam tantas mulheres da região. Por fim, implorou:

– Eu suplico, minha senhora, que retire o feitiço que jogou sobre nossas mulheres.

– E o que eu ganho com isso? – perguntou Oxum, retomando o tom seguro, como se o marido furioso já não fosse mais uma ameaça.

– O que quiser.

– Pois quero, então, me tornar a líder dos gheledes, e quero que vocês me sigam na próxima batalha.

– Oxum! – repreendeu Ogum.

– Meu marido, se o feitiço funcionou, foi por acidente, por causa da minha raiva sincera. Que você sabe muito bem, pode ser mais forte do que nossa vontade. Eu não sei ao certo como fiz isso. Só posso tentar retirá-lo com sinceridade se a afronta que me foi feita for consertada.

Ogum tornou a erguer sua arma, mas o ghelede se interpôs.

– General, na posição de atingido, peço que perdoe sua mulher. Por favor, deixe que ela cumpra seu dever. Faremos o que ela pede. Deixe-a ir. O ghelede se curvou diante de Oxum e tomou a bênção da princesa:

– Mojubá, minha mãe.

– Mojubaxé – respondeu Oxum, orgulhosa de seu novo posto.

Do lado de fora, uma forte chuva começou a cair. Sem raios nem trovões, apenas o sangue fértil do ar trazendo novamente a vida para a terra e seus habitantes. Oxum sorriu e, encantada, correu para fora. Sob o

olhar pasmo dos companheiros, dançou e rodopiou com a água escorrendo pelo corpo, numa visão tão bela e contagiante que mesmo Ogum, por um instante, esqueceu sua fúria.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re (13): Minha história

Claro que fiquei irado com mais aquele chamado dos seus amigos do Orum! Será que esses santos não podiam me deixar em paz? Cada hora era uma convocação diferente! Precisava de tempo para trabalhar, para me divertir, para trepar! Respondendo à sua pergunta sobre como eu havia dispensado minha “vítima”: aleguei que não estava passando bem. Sei que não é nada original, em segundos, foi o que deu para inventar. Não que eu tenha experiência em dispensar a mulherada, né?

Para jogar sal na ferida: quando cheguei ao lago mágico, percebi que o chamado não era por nada tão urgente. Era só para atender a um pedido de boa sorte. Boa sorte! Nenhuma dúvida, nenhuma orientação. Só não fiquei de mau humor o dia seguinte inteiro porque a matéria sobre os diretores do Grupo Bandeirantes estava novamente nas primeiras páginas do *Jornal* e repercutia em todos os outros diários do país. Como de costume, passei a semana recebendo cumprimentos e fazendo social com empresários que só queriam puxar meu saco. O medo e o interesse são mesmo forças poderosas.

A Yara ficou fora até sexta. Assim as noites foram preenchidas com muita malhação e longas conversas pelo telefone para matar as saudades. (Sim, saudades... não ria.) Na sexta-feira, ela me pegou em casa e fomos novamente para o encontro dos milionários com Deus. Yara circulou orgulhosa naquela noite no culto. Exibia-me como um troféu. Eu estava adorando estar no meio daquela gente bem-sucedida. Mais ainda porque eles me reconheciam. Depois do culto, Pilar me chamou outra vez para dentro da casa, me deu os parabéns e transmitiu outra informação-bomba. O Grupo Bandeirantes, a mesma empresa sobre a qual eu havia noticiado as demissões da diretoria, iria anunciar a fusão com sua maior concorrente no meio da semana seguinte. Parecia muito estranho, mas se a primeira notícia estava certa, as chances desta também estar eram razoáveis. Resolvi apostar.

Assim que saímos de lá, Yara me avisou que iria viajar mais uma vez. (Foi aquele momento “Tem de ser hoje ou não me chamo Newton”.) Ótimo. Eu já tinha a noite toda planejada. Dirigi o carro dela até a minha casa e estacionei na garagem, sem dar chance para que ela arranjasse outra desculpa. Golpe 1.

Ao abrir a porta do elevador, porém, adivinha o que me aguardava?

Isso mesmo, o maldito feixe de palha! “Exótico”, foi como Yara definiu o enfeite. Arranquei o mariô da porta e joguei no lixo. “Que se foda”. Com toda a prática que alguns anos de vida de solteiro nos ensinam, acendi as velas que já havia espalhado pela casa antes de sair. Coloquei a trilha sonora de *Beleza Roubada* (meu CD predileto para esse tipo de situação) e parti para o golpe 2: o jantar.

Disse à Yara que improvisaria algo, mas estava tudo separado, ensaiado e devidamente arrumado: o fettuccine, creme de leite fresco, parmesão, presunto de Parma, noz-moscada. Deixei-a na sala bebericando um vinho, enquanto preparava minha *pièce de résistance*. O infalível fettuccine all’ Alfredo veio acompanhado de uma historinha: aquela era uma receita que aprendi com um tio e que me ensinou com a condição de que só o preparasse no máximo uma vez por ano, e só em ocasiões muito especiais. Foi o que eu disse, ignorando o fato de que já havia feito aquela receita pelo menos quatro vezes nesse mesmo ano. Não sei se ela acreditou. Mas a massa estava perfeita – e isso ela percebeu.

Golpe 3: a receita. Não há nada mais propício numa situação como essa quanto compartilhar o segredo da receita. Como preparar aquela massa *al dente*; como salgar o creme de leite no banho-maria apenas com o parmesão, a quantidade refinada de condimento e a maneira certa de derramar a massa dentro do molho para que eles se fundam em um só prato. Faltava pouco. Apenas o golpe 4. E ela mesma, com um olhar de quem compreendia exatamente o que eu estava tramando, deu o sinal:

– “O que você vai querer em troca de tanta atenção?” Eu esnobei. “De você, não quero nada, mas estou contando que o pedido que fiz essa noite vá se cumprir de verdade”. “E qual foi?”, perguntou Yara com um sorriso contido e o olhar apertado. “Conseguir trocar de carro.”

Ela deu um grito e tirou o sapato para jogar em mim. Eu corrigi antes que fosse agredido: “Mentira! Passar a noite com você.”

Ela não disse nada nem eu esperava que dissesse. Comeu mais uma garfada, tomou o último gole de vinho e caminhou antes de mim em direção ao quarto.

Antes que ela conseguisse chegar até a cama, eu a agarrei por trás. Ela me deu o pescoço enquanto eu levantava sua saia. Acho que arrebentei um botão da sua blusa enquanto a tirava. Ela respondeu com um “hmmmm” e tirou minha roupa sem olhar, com as mãos para trás. Com um tranco, fiz com que ela caísse com ambas as mãos sobre a cama. Começamos dali mesmo, ela de costas, em pé. Sem preliminares, sem ensaio ou carinhos. Em minutos, estávamos os dois,

suados e ofegantes, gargalhando sobre a cama. Foi a primeira vez. Nos recuperamos com um pouco mais de vinho e partimos para mais. Dessa vez, com menos pressa. Do meu jeito. Fiz com que ela gritasse enquanto a manipulava, nua, no sofá. Depois ela retribuiu. Tomamos um banho. Continuamos. A cada intervalo, uma gargalhada: “acho que agora tá na hora de parar, né?” – e lá íamos nós mais uma vez.

Em momento algum parei para pensar nas consequências de não ter atendido ao chamado do Orum. Quando acordamos no sábado, eu nem pensava no assunto. Era o dia do meu plantão no *Jornal*, eu me arrumei e parti, sem culpa. Yara também teve de trabalhar fora da cidade e só voltaria no domingo. Assim que recuperei minhas energias, tentei confirmar as informações que Pilar havia me transmitido após as orações do grupo.

Claro que o esforço foi em vão. Pois ninguém em nenhuma das empresas envolvidas na fusão estaria oficialmente trabalhando no fim de semana. Mas até isso se mostrou incrivelmente oportuno.

Desde que cheguei, percebi que o Fred, que não precisava estar por lá naquele dia, não saía da sala. Nem ele nem o cigarro nem o copo de uísque. Escrevi a matéria sem a confirmação oficial e aguardei que a bebida o deixasse mais relaxado para entrar na sua sala. Vinte segundos depois, tinha a assinatura dele e o aval para publicarmos na segunda-feira mesmo. Sem luta, sem resistência.

No fim do dia, eu ainda sentia o peso da noite anterior sobre meus ombros, costas, coxas e claro... deixa pra lá. Mas eu estava tão excitado com a perspectiva de mais um furo de impacto nacional, que não pude me conter. Peguei o celular e preparei minha primeira pulada de cerca oficial. Antes mesmo que eu comesse a digitar o número, no entanto, ele tocou. A coincidência me assustou tanto quanto me divertiu. Menos de duas horas depois, cheguei ao bar que combináramos.

Duda tomava um Manhattan, drink de homem, como ela gostava. Pedi um pra mim também. “Acho que vou ser mandada embora” – ela disse. *Bam!* A pedrada me acertou em cheio. Sabia do que ela estava falando. Já fazia tempo que nós furávamos o *Diário* no caso que ela era a repórter. O que ela não sabia era que seu informante secreto era eu. “Continua achando que é o Carlos?” – perguntei.

“Sim! Tem a proximidade do nome... Delgado, Delegado.” “Ele é sem imaginação o suficiente para isso”. – retruquei, sarcástico. – “Mas por que ele teria parado de te enviar informações?” “Ele está mandando pra você agora, não

está?”

“Não!”

“Está, eu sei. Conheço o tipo de coisa que ele manda. Te mandou fotos e notas por um e-mail esquisito, não foi?”

“Talvez...”

“Não precisa me contar. Acontece que eu e o Carlos temos saído juntos.”

“O que!?”

“Eu fui entrevistá-lo para tentar achar alguma informação nova. Ele não tinha nada a dizer. Me chamou para sair.”

“Ele é casado, Duda!”

“Era. A mulher colocou ele pra fora, depois que a sujeirada saiu na imprensa... por causa da história que você publicou. Por isso que não entendo por que entre tantas pessoas ele iria mandar essas coisas pra você.”

“Isso se é mesmo ele...”

“Claro que é. Lembro de você me falando dele, de como é certinho... a gente começou a sair junto, ele parou de me dar informação privilegiada.”

“Bobagem.”

“Tem gente que se preocupa com ética, sabe? Ele me perguntou se você já tinha me contado seu segredo.”

“Nunca tive segredo nenhum com aquele babaca.”

Saimos dali cada um para sua casa. Não havia clima.

E, sim, havia um segredo com o Carlos.

Anos atrás, quando eu e o Carlos nos conhecemos na faculdade de Economia, a comunidade da Casa Branca já era bem fechada. Eles não queriam gente nova – dava muito trabalho, muitas perguntas. Mas eu achava que o Carlos iria gostar daquilo lá. O pensamento hippie-new-age-do-good combinava com ele. Convenci os sacerdotes a recebê-lo um dia, e convenci o Carlos a ir até lá conhecer. Ele foi, e gostaram dele. Ficamos até bem próximos nessa época, um amigo que eu podia ter!

Aí eu conheci a Maria Eduarda, e quando comecei a me envolver com ela, ele me avisou que ia dar cagada. Quando os sacerdotes vieram me perguntar, depois me recomendar, e enfim me mandar terminar com ela, o Carlos era o único com quem eu conversava. Ele era “de dentro” o suficiente para entender a pressão, mas nem tanto para não achar aquilo um absurdo. Quando acabei meu namoro com a Duda, ou melhor, quando desapareci da vida dela, era com o Carlos que eu ia chorar. Contava tudo para ele – as coisas de que

ela gostava, o que eu fazia para ela gostar... Eventualmente ele saiu do grupo, e sempre fiquei curioso sobre o porquê de ninguém jamais ter vindo anunciar como ele ia mal de vida, como se destruiu depois que nos deixou etc., como acontecia com todos que debandavam. *Saravís*, como eles chamavam. Ele me abandonou. Agora resolve se vingar de mim? Estava anunciada a guerra.

Na noite seguinte, encontrei Yara na casa dela. Um apartamento em Higienópolis que parecia saído de uma revista de decoração. Pé direito alto, cheio de peças de design e obras de arte que pareciam bem caras. No seu habitat ela foi ainda mais faminta. Fui dormir pensando que nunca mais na vida precisaria de sexo. Acordamos discordando veementemente dessa ideia, no entanto.

Quando fomos juntos para o trabalho, na manhã seguinte, meu joelho ainda tremia de cansaço. Saímos cedo para pegar meu computador na minha casa. E, para minha surpresa, ou não, um feixe de palha parecia ter dormido lá, à minha espera. “Não tenho culpa” – pensei. “Eles não podem querer que eu adivinhe quando eles vão precisar de mim.”

Mesmo com o pit stop, ainda chegamos mais cedo do que qualquer outro repórter. Para minha surpresa, porém, o Fred já estava lá. Ele só chegava cedo numa segunda-feira se sua mulher o tivesse posto para fora na noite de domingo. O que combinava perfeitamente com o clima que encontrei na tarde de sábado. A cara amassada, o cheiro de cigarro e uísque...

Fiz alguns telefonemas para verificar o efeito da notícia sobre a possível fusão que estava sendo preparada nos bastidores e em seguida escrevi a matéria que me coube na pauta diária. Como esperava, o Fred fez alguns comentários, questionando a credibilidade da minha fonte, mais por hábito do que por intenção, e mandou seguir. Dessa vez eu havia averiguado tudo com fontes “tradicionais”, ele teria que me engolir.

No meio daquela tarde, porém, uma ligação triste. Duda chorando, pedia para me ver. Nos encontramos em casa, onde ela me contou que havia sido finalmente demitida. Ela não sabia, mas havia sido por minha culpa.

“E o Carlos? – perguntei.”

“Terminamos. Não fazia sentido.”

“Por quê?”

“Ele prefere falar mal de você do que aproveitar o tempo comigo. Ele está obcecado por você.”

Tomamos um bom vinho. Fiz uma comidinha. E ela dormiu abraçada comigo. Sentia falta daquela pele, daquele cheiro delicado. Duda não era

explosiva como Yara, não fazia meu corpo tremer como ela, mas meu coração... derreteria mesmo era por aquela baixinha.

Acordei com ela se vestindo e se preparando para ir embora, às cinco da manhã. Não queria que a Yara a visse saindo, explicou.

“O que vai fazer durante o dia?” – perguntei.

“Meus pais estão precisando de ajuda na pet shop. Vou brincar de veterinária um pouquinho.”

Quando a conheci, ela ainda era mais veterinária que jornalista. Bons tempos.

Axé,
New

São Paulo, 25 de julho de 2001.

A GRANDE BATALHA

Sete guerreiros do Orum e um grupo de trinta gheledes. Ainda eram poucos para enfrentar os trezentos soldados de Ejigbo. Mas pelo menos a desvantagem ficara menor.

À frente do grupo, caminhavam Orunmilá, Ogum e Oxum. Não foi fácil para o general admitir a participação da esposa na elaboração da estratégia de ataque. Mas sua insistência, somada ao novo cargo que assumira junto ao maior contingente do pequeno exército, obrigara o general a engolir sua presença.

Pouco antes Oxum havia ensinado ao povo da cidade um velho feitiço, que aprendera com sua avó, e mandou que todos os gheledes prendessem nos tornozelos duas pulseiras de conchas, pois aquilo ajudaria a manter o espírito das crianças presos ao Aiê. Tanto o daquelas que já haviam nascido como o das que ainda haveriam de nascer. Daquele momento em diante, os abortos cessaram, o que deixou Ogum ainda mais incomodado (ela o havia enganado de novo com a história de que não sabia direito como corrigir o feitiço) e transformou os gheledes no mais leal dos exércitos. Eles matariam e morreriam por ela.

– Exu? – chamou o babalaô.

O mensageiro correu até a linha de frente e o adivinho deu-lhe algumas instruções:

– Pouco antes de Ejigbo há uma montanha amarela. Pouco acima da base, mas do lado oposto ao que estamos, você vai encontrar uma casa enorme, cavada na própria pedra da montanha. Vá até lá e procure pelo Oxô Olagbirim em meu nome. Avise-o que estamos a caminho e que preciso de sua ajuda. Pode explicar os detalhes de nossa missão e da batalha que teremos no próximo dia. Ele se encarregará do resto.

– Sim, senhor, babá.

Como de costume, Exu não esperou mais instruções antes de disparar mato adentro.

– Quem é esse Olagbirim, babá? – perguntou Oxum.

– Um velho amigo. Caçador poderoso. Grande matador de elefantes. É também um grande oxô, um poderoso feiticeiro. Vamos precisar dos serviços dele quando chegarmos lá.

– E como sabe que ele irá nos ajudar?

– O feiticeiro tem uma dívida comigo. Um dia, muitas luas atrás, um pobre caçador foi ao meu encontro. Estava na miséria e, apesar de sua grande habilidade na caça, na agricultura e na preparação de remédios, não conseguia se reerguer. Ele me contou, com lágrimas nos olhos, que havia salvado o pequeno povoado de Iraô da ameaça de três pássaros negros, que destruíram as plantações, e acabou sendo aclamado o rei daquele lugar. Mas o povo ficou com medo do seu poder e acabou expulsando o caçador pouco tempo depois, não deixando que levasse nenhum de seus pertences. Desde então, ele vagava pelas florestas sem ter onde ficar e sem conseguir se reestabelecer. Foi quando ouviu no mercado que o grande babalô das nossas terras estava na cidade – continuou Orunmilá – e foi me procurar. Eu o recebi com carinho. Podia ler nos seus olhos o sofrimento pelo qual estava passando. Quando joguei os búzios, tudo ficou mais claro. Orientei-o a fazer oferendas aos deuses: galinhas-d'angola, coelhos e muitos búzios. Ele cumpriu minhas ordens e saiu para caçar. Naquele dia, matou vários elefantes. Bem mais do que de costume. Todas as vezes que ele abria a barriga dos animais, o intestino estava cheio de joias caras e objetos de muito valor. O feiticeiro ficou rico e próspero novamente. Quando o povo de Iraô o chamou de volta, pois os pássaros haviam voltado a atacar suas plantações, ele não queria mais voltar. Estava decepcionado com a ingratidão e a falta de lealdade daquele povo. Mesmo assim, ajudou-os a se livrar definitivamente dos pássaros negros e foi para sempre morar nas montanhas. E até hoje ele está lá, caçando, cultivando ervas mágicas, fazendo seus remédios...

– E como você acha que ele poderá nos ajudar, babá?

– Os encantos que ele produz são muito poderosos, minha filha. Vão nos ajudar a lutar com mais destreza e nos protegerão de um eventual encanto que as Lá Mi joguem sobre nossas cabeças.



Os planos de Orunmilá não poderiam ter dado mais certo. Ao cair da tarde, o grupo avistou a tal casa amarela cavada na rocha da montanha

que o babalaô indicara a Exu pela manhã.

No alto, um estranho homem magro e ligeiramente envelhecido permanecia sentado, depenando um galo marrom. Ele usava um capuz feito do couro de um animal desconhecido lhe cobrindo a cabeça. Na sua nuca via-se o topo do crânio de um carneiro de longos chifres enrolados, que fazia parecer que os chifres lhes brotavam dos ombros. Da sombra do capuz, acendeu-se um par de olhos brilhantes e um leve aceno com a cabeça. Aquele era o sinal dos oxôs. Ele os convidara a subir.

Alguns ainda ficaram do lado de fora observando a incrível construção. As paredes eram realmente formadas, em grande parte, pela própria pedra da montanha, numa peça única que não permitia distinguir o que era a montanha e o que era a casa. Mas havia algumas paredes construídas pela mão do homem. Pedras empilhadas aqui e ali davam a pista. Mesmo assim, um trabalho magnífico. Logo ao lado da única porta de entrada, uma pedra ritual exibia o colorido escorrido dos últimos sacrifícios. Na parede logo atrás, um feixe de varetas amarradas com fibras de mariô acompanhava uma numerosa coleção de crânios dos mais variados animais.

– Elefantes, leopardos, girafas, leões, macacos, carneiros, javalis... – Oxóssi tentou identificar um a um, mas mesmo ele não conhecia todos aqueles troféus.

A casa tinha duas grandes torres. Uma de cada lado. Entre elas, a parede recoberta do barro feito da própria pedra tinha apenas algumas pequenas entradas de ar, que se deixavam perceber entre as peles de animais que já quase não tinham mais onde ser penduradas.

Era mesmo um grande caçador, aquele Olagbirim. Isso era certo. Exceto pelo altar dos sacrifícios ao lado da entrada e pelo olhar soturno, nada mais indicava que ele seria também um feiticeiro – pensou Oxóssi.

Orunmilá se aproximou e os dois se abraçaram. De um lado, depois do outro.

– Mojubá, meu amigo.

– Mojubaxé, babá. Minha casa é de vocês.

O bruxo caminhou porta adentro, indicando o caminho para os convidados. No interior da casa, tudo era mais limpo e arrumado. O fogareiro já estava aceso, como se ele soubesse exatamente quando os convidados iriam chegar. Ele colocou o galo depenado na panela sobre o fogo e apontou para uma parede, em que estavam várias esteiras de palha.

– Tem uma para cada um. Podem contar – o feiticeiro ria, orgulhoso

de seu próprio poder.

Ele esperou que os mais incrédulos comprovassem a contagem de esteiras e mandou que o grupo se enfileirasse.

– Venham todos aqui.

Os trinta e seis alinharam-se imediatamente. Só Orunmilá ficou de fora, observando curioso os movimentos de seu amigo oxô. O feiticeiro olhou bocas, dentes, narizes e orelhas de cada um. Observou rápido as mãos e a postura de todos eles. Mas foi em frente a Oxóssi que ele parou.

– Tenho algo para você – resmungou enquanto saía por um estreito corredor que levava para o coração da montanha.

Oxóssi fez menção de segui-lo, mas a mão espalmada de Orunmilá o manteve no lugar:

– Aguarde aí, meu filho. Não se anda nessa casa sem autorização do dono.

Oxóssi obedeceu e aguardou no mesmo lugar. Por dentro, se contorcia de ansiedade para saber o que o misterioso feiticeiro estava lhe preparando. Embora tenha parecido uma eternidade para o jovem caçador de uma flecha só, o anfitrião retornou logo, trazendo em uma das mãos um iruquerê, um espanta-moscas feito com o pelo longo do rabo de um elefante e cabo de marfim. Na outra mão, o feiticeiro trazia um longo feixe de folhas verdes, utilizado para ajudar a lidar com feitiços e maus espíritos.

Oxóssi recebeu o iruquerê com o desânimo de quem não compreendia para que aquilo serviria. Mas o prendeu à cintura em sinal de respeito ao homem que aparentava dar um grande valor àquele pequeno presente.

– Guarde-o com você, meu filho. Nunca o perca de vista.

Oxóssi respondeu com o olhar. O feiticeiro voltou-se para o babalaô e, enquanto batia com as folhas por todo o corpo dos homens enfileirados, olhou para o babalaô:

– Meu amigo velho. Há quanto tempo...

– Tempo o suficiente para você ter arrumado esta sua bagunça, Olagbirim.

O feiticeiro fez um sinal com a cabeça, indicando que o homem à sua frente se virasse de costas e continuou batendo as folhas enquanto falava:

– Você sabe bem que nunca dei muito valor a essas coisas. Já tive tudo que queria. Hoje só quero ficar aqui e aprender mais umas coisas sobre

os segredos da floresta.

– Você não vai mudar nunca, vai?

– Não.

Os dois gargalharam como dois velhos amigos, enquanto Olagbirim mexia com uma vareta o conteúdo da panela.

– Vocês vão tomar um banho hoje e outro amanhã. Preparei algumas folhas e umas poções para que durmam bem esta noite e outras para que estejam prontos amanhã pela manhã – explicou o bruxo.

– Vejo que já sabe o que tem de ser feito – cutucou Orunmilá.

– Claro que sei. Tenho tudo preparado há pelo menos quatro dias.

Os presentes se entreolharam enquanto levavam chibatadas leves com a folhagem. Não conseguiam identificar no tom de voz de Olagbirim se ele estava brincando ou se falava sério. Por respeito, ninguém ousou perguntar. Por um momento, no entanto, o oxô parou. Olhou os pés de cada um deles e perguntou:

– Quem mandou vocês usarem isso?

Todos apontaram Oxum. A moça fingiu estar envergonhada quando o olhar desconfiado de Olagbirim a fitou.

– Muito bem, muito bem – disse ele, mal-humorado.

A expressão estranha não impediu que o velho bruxo terminasse com a sessão de bate-folha. Quando terminou, Orunmilá perguntou:

– Então vamos tomar os banhos que você preparou para podermos comer e descansar?

– Não é nada demais, não. Um banho de calma, um omierô, apenas. Pronto. Vocês estão todos limpos.

A luz do dia já tinha diminuído bastante e o fogareiro que cozinhava os galos ajudava a iluminar a casa escura. Percebendo que o amigo havia terminado seu ritual, Orunmilá chamou todos ao seu redor.

– Meus amigos, amanhã teremos uma batalha difícil e, se não formos inteligentes, perderemos com facilidade. Hoje tomaremos o banho de folhas que Olagbirim nos preparou e não nos secaremos para que o axé das folhas possa penetrar completamente em nossos corpos. Depois jantaremos e iremos dormir. Levantaremos antes de o sol aparecer sobre o horizonte e caminharemos na direção de Ejigbo.

O babalô olhou para Ogum, indicando que era hora de explicarlhes o plano completo. O general obedeceu.

– Há três entradas na cidade. Amanhã, atacaremos as três.

O general olhava nos olhos de cada um quando as ordens lhes diziam respeito. Ficou combinado que Oxum ingressaria pela entrada principal com metade dos gheledes e que Xangô e Ogum entrariam pelas laterais com o restante do grupo. Iansã deveria seguir no grupo de Oxum e proteger a líder ghelede com a própria vida. Oxóssi estaria junto com Orunmilá, logo atrás do grupo principal, atirando tantas flechas quanto conseguisse, de forma que parecesse dezenas de arqueiros de uma só vez.

– Não se preocupe com a pontaria, meu caro Oxóssi. O objetivo agora será o de parecer um grupo muito maior – explicou Orunmilá. – E vocês, Xangô e Ogum, façam o barulho mais alto que puderem. Ataquem rapidamente, gritando como se fossem dezesseis pessoas cada um, como sugeriu Exu hoje pela manhã – completou o babalão.

Ogum continuou a detalhar sua estratégia:

– Quando invadirmos a cidade, o grupo de Oxum se dividirá em dois. Metade, liderado pela própria Oxum, se juntará ao meu grupo do lado esquerdo da cidade. O outro grupo, sob o comando de Iansã, irá se juntar ao grupo de Xangô. Assim, vocês surpreenderão os guardiões das portas laterais, atacando-os pelas costas enquanto eles ainda estiverem lutando contra o grupo que chegou primeiro. Em seguida, os dois grupos seguirão para o castelo, no meio da cidade, e o cercarão. Conheço gente que já esteve naquele castelo. Ele tem uma saída pelos fundos que eles tentarão usa-lá para escapar.

– Aí nós os pegamos enquanto estiverem fugindo? – perguntou Oxum.

– Não. É melhor que os deixemos fugir. Deixe que comuniquem que foram vencidos – disse Ogum. – Custará menos combate.

– E se eles levarem os prisioneiros com eles?

Orunmilá encarregou-se de responder:

– Se levarem, serão poucos. Oxóssi vai me encontrar de volta na saída principal e, se eles passarem por ali, nós atiraremos.

– Muito bem – disse Iansã – mas como saberemos se entre os fugitivos estão os prisioneiros ou não?

O general e o babalão se entreolharam para ver quem responderia. Orunmilá tomou a palavra:

– Exu partirá agora mesmo e irá até o castelo levando presentes para o rei de Ejigbo, que acaba de ganhar mais um filho. Se apresentará como o príncipe de Owó. Por educação, o dono da casa irá convidá-lo para

pernoitar e, quando atacarmos, teremos uma pessoa dentro do palácio.

– E se eles resolverem fugir levando os príncipes de Ifá, eu saio na frente e aviso – concluiu Exu, orgulhoso de sua missão.

– Não levarão – comentou Xangô. – Eles mal sabem o que estão fazendo. Provavelmente, como os outros, estão apenas cumprindo ordens, com medo de que as Iá Mi os aniquilem definitivamente. Isso significa que não vão se arriscar a fugir mais devagar por causa dos prisioneiros.

– Mesmo assim, estarei vigiando.

Olagbirim aparentava se divertir com aquele clima de tensão. Provavelmente todo aquele tempo sozinho na montanha não lhe permitia tanto contato com gente nova. Além disso, da mesma maneira que a visão dos mais velhos faz falta aos jovens, quem já viveu mais também precisa da inocência dos mais novos. Com uma vivacidade maior do que caberia à sua idade, ele saltou do pequeno banco de pedra e indicou ao babalaô onde estavam armazenados os banhos que deveriam ser tomados naquela noite e novamente desapareceu no corredor que dava para o interior da montanha.

Os soldados cumpriram todas as ordens. Molharam-se da cabeça aos pés com aquele líquido escuro e poderoso. Podiam sentir o axé entrando pela pele a cada camada derramada sobre seus corpos. Eles gritavam palavras soltas, pedindo ao Orum por proteção, força e inteligência para a batalha do dia seguinte. Quando a última gota caiu, o feiticeiro novamente apareceu:

– Se você tem de parecer um príncipe de um reino amigo, que pelo menos venha de um reino próspero.

O feiticeiro tinha o colo coberto de joias. Colares de pedras; braceletes de ouro, prata e bronze; tecidos caros; anéis de todas as cores; brincos com delicadas contas coloridas; incontáveis búzios. Riquezas de valor inestimável. Era bem provável que fossem aquelas retiradas da barriga dos elefantes, que Orunmilá havia contado, pensou Oxum, vidrada nos colares de âmbar e nos braceletes de ouro que o oxô trazia nas mãos.

Oxum se empolgou com a preparação. Logo ela já estava comandando a todos no ritual de embelezamento de Exu.

Foi ela que lhe deu um banho cuidadoso, tirando de seu corpo toda e qualquer marca de viagens pela floresta e que escolheu os longos fios de búzios que cobririam o corpo robusto do gigante.

– Opulência é se vestir com dinheiro! – repetia a filha do babalaô, orgulhosa com o colete de búzios que ela mesma havia criado.

Mas todo aquele luxo ainda não era suficiente para o gosto refinado de Oxum. Ela limpou delicadamente os longos cabelos revoltos, fez pequenas tranças e amarrou para cima, presas com um feixe de bronze numa ponta fina e elegante.

– Uma cabeça de faca – comentou Exu ao ver seu reflexo na água. – Gostei.

– Uma bela e imponente cabeça de faca, como uma coroa iorubá – completou Oxum.

– Só que minha coroa ninguém me deu. É só minha, nasceu em mim! – divertia-se Exu.

Exu exibiu-se orgulhoso. Ninguém poderia tirar dele esse símbolo. A partir daquele dia, ele decidiu que assim seria sua cabeça, que fazia dele o rei dos caminhos. Não de um ou outro reino do mundo iorubá, mas de todos os caminhos em todos os reinos. Ele agora tinha sua coroa. Seu reino tinha agora um rei. Exu estava, enfim, pronto para cumprir seu papel. Como os outros, ele agora também tinha sua realeza.

– Viva o príncipe dos caminhos! – Oxum celebrava sua criação.

– Viva o senhor dos caminhos! – saudavam todos, divertindo-se tanto quanto Exu com aquela situação.



Já pela manhã, o dia mostrava que seria quente. Nenhuma nuvem no céu azul, com luz clara e nenhum vento. Os soldados tomaram novamente seus banhos e outra vez sentiram seus corpos se encherem de força.

– Ontem era um banho de acalmar. O de hoje é de agitar – explicou o feiticeiro enquanto os trinta e quatro homens à sua frente (mais Iansã e Oxum) encharcavam-se com sua poção.

Orunmilá e seu amigo bruxo saíram para esperar os companheiros do lado de fora. Pouco depois eles cruzaram a porta da casa amarela, completamente molhados e sentiram o sol cegar seus olhos.

– Comam esses obis. Depois passem isto aqui no corpo – ordenou o babalão entregando-lhes a noz de kola e o pó branco.

– O que é isto? – perguntou Ogum, ainda sem enxergar.

– Efun. Um efun especial que pedi que Olagbirim nos preparasse.

Eles obedeceram e logo estavam todos completamente pintados de

branco. A pintura escondia-os na pedra clara da montanha, que eles desceram num movimento circular, na direção de Ejigbo e, ao mesmo tempo, do chão. Logo puderam ver a luz do sol batendo tranquila nas paredes de barro e dos telhados de palha dentro dos muros da cidade. Lá estavam as três entradas e o castelo, onde, a essa hora, Exu já deveria estar aproveitando a refeição matinal. Ele levava muitos presentes na véspera e, ao certo, o rei o havia recebido com muito gosto e conforto.

Olagbirim despediu-se do velho amigo com um abraço apertado – de um lado e de outro – e fez sua última recomendação:

– Cuidado, meu velho amigo. É mais difícil do que parece.

– Pode deixar – respondeu Orunmilá.

O grupo estava ansioso demais até mesmo para aguardar a lenta despedida dos dois amigos. Foi Iansã quem interrompeu, apontando a cidade lá embaixo:

– Não seria melhor atacarmos de noite? Poderemos confundi-los mais se eles não nos puderem ver.

– Não. A hora é esta – respondeu Orunmilá sem qualquer traço de dúvida na voz. – Agora desçam e me esperem lá embaixo.

Ninguém questionava as palavras do babalaô quando ele as pronunciava naquele tom. Mas quando chegaram à base da montanha, puderam ver o adivinho deitar-se sobre uma grande pedra e adormecer.

– Gente velha é assim. Sente sono a qualquer hora – disse Xangô, claramente insatisfeito com a repentina preguiça do líder do grupo.

– Seja o que for, esperaremos aqui – replicou severamente o general Ogum.

E assim foi. Eles aguardaram ansiosamente pela descida de Orunmilá e não compreenderam quando ele surgiu com um sorriso nos lábios:

– Tomem suas posições e observem. O chifre de Oxóssi tocará três vezes. Na quarta, é hora de atacar.

– Por que isso, babá? Por que não atacamos de uma vez e pronto? – Oxum, como os outros, não compreendia o plano do pai.

– Porque, se não fizermos assim, perderemos. Agora vão. Observem e aguardem.

Orunmilá seguiu atrás do grupo acompanhado apenas por Oxóssi, que segurava o chifre de búfalo usado como corneta em uma das mãos e o arco na outra. Observavam, do alto de uma pequena elevação, os pequenos

pontos brancos se distribuírem ao redor dos muros de Ejigbo.

Orunmilá apontou a entrada principal para Oxóssi e olhou para a corneta de chifre.

– Prepare-se.

Naquele exato momento, uma leve bruma começou a se formar. Ela se tornava cada vez mais espessa, até que cobriu a visão por todas as direções. Não se enxergava além de alguns passos à frente. Os pontos brancos que se aproximavam de Ejigbo, então, desapareceram por completo. Orunmilá olhou novamente para Oxóssi e acenou com a cabeça antes de correr na direção da porta.

O chifre tocou três vezes. Na quarta, ouviram-se gritos. Gritos enlouquecidos, vindos de todos os lugares. Os soldados de Ejigbo sentiam uma chuva de flechas cair. Passos firmes batiam no chão e o chacoalhar das tornozeleiras de conchas fazia um som amedrontador. Sob a névoa grossa, eles pareciam fantasmas que apareciam e desapareciam na frente dos inimigos. Muitos passos e muitos gritos se ouviam por todos os cantos. Espadas cortando os soldados ao meio. Despedaçando seus companheiros como se estivessem diante do maior exército do mundo. E o pior: um exército invisível que reproduzia o barulho da morte. Impossível de combater.

Os gritos de horror se misturavam aos brados de guerra de Ogum, Iansã e Xangô.

– *Ráááá!* – ouvia-se de um lado da cidade.

– *Hiôôô!* – ouvia-se do outro.

– *Heee!* – ouvia-se do meio.

Os adjás badalavam sem parar, chamando os guardas de suas casas. Mas mal eles saíam, as lâminas afiadas – preparadas por Ogum – levavam suas cabeças ao chão. Um a um, os corpos foram formando um rastro de sangue em Ejigbo. Um rastro que saía da entrada principal e acompanhava todo o muro, terminando nas entradas laterais, onde mais sangue parecia estar à espera, como se fosse o mar aguardando a chegada do rio.

Até aquele momento, nenhum sinal de Exu. Os reis da cidade e os príncipes sequestrados, portanto, continuavam no interior do castelo, a salvo da carnificina que irrigava a cidade.

De longe, Oxóssi via as explosões das pedras pelo raio de Xangô e as labaredas com que Iansã afugentava seus assustados oponentes. Desnorteados no meio da névoa espessa e ouvindo os gritos de terror que

tomavam conta da cidade, eles corriam na direção do portão principal e se tornavam alvo fácil para a chuva de flechas lançada pelo arqueiro de Orunmilá.

– Está na hora.

O sinal de Orunmilá veio tão logo os fugitivos se tornaram escassos na entrada principal. Pintados de branco e praticamente invisíveis perante os olhos do povo local, o adivinho e o caçador atravessaram a cidade inteira e encontraram-se com o restante do grupo em frente à porta maior do grande palácio. Por algum motivo, Oxóssi lembrou-se do iruquerê que o feiticeiro Olagbirim havia lhe dado. Ele estava lá, preso à tira de couro que levava à cintura.

– Onde está Ogum? – indagou Orunmilá.

– Disse que iria cumprir uma promessa e em breve se juntaria a nós, babá – respondeu Oxum.

– Pois então vamos. Não temos tempo a perder.

Xangô tomou a frente do grupo e, com seu machado ensanguentado, abriu um buraco na lateral da porta de entrada. Mais alguns empurrões, e ela foi ao chão.

Do lado de dentro, Exu gargalhava com um chicote nas mãos. Ele açoitava uma mulher quase sem forças que, pelos trajés, deveria ser alguém importante no castelo.

– O que mais você quer de mim? – gritava ela, quase desfalecendo.

Orunmilá correu e tomou o chicote das mãos de Exu. A mulher mal conseguia se mover, mas o olhar serviu como agradecimento.

– Quem é ela?

– É a rainha, babá. Era ela quem estava escondendo os prisioneiros – respondeu ele, ainda segurando com força a primeira mulher do rei.

– E o rei, onde ele está?

– No quarto. Mas não se preocupe, ele não poderá mais incomodar ninguém. A não ser que consigam colocar nele a cabeça de volta sobre o pescoço.

A mulher soluçou com ainda mais força, e gritou:

– Maldito!

Exu gargalhava mais ainda quando a mulher o amaldiçoava:

– Isso é para vocês aprenderem a tratar melhor do rei de todos os caminhos. Aquela comida servida ontem não era digna de um rei.

Amulher só chorava. Machucada e viúva, tinha agora boa parte do

reino destruído. E quando as Iá Mi soubessem que ela havia revelado o paradeiro dos odus para Exu, tratariam de destruir o que havia restado. O mensageiro continuava insensível à sua dor, porém. Naquele momento, só pensava em saborear a grande vitória do grupo:

– Podem procurar embaixo da grande pedra que fica bem no meio do mercado. Numa caverna embaixo do chão. É lá que estão os odus. Ela me disse. Vão pegar os prisioneiros e vamos comemorar.

Orunmilá saiu sem dirigir a palavra ao mensageiro. Chamou Oxum e alguns de seus homens e partiu em direção à grande pedra.

Do lado de fora, um estranho ritual ocupava a praça central. Sentado em frente à pedra de que Exu falara, Ogum costurava a boca de cabeças sem corpos e amarrava os braços dos corpos sem cabeça. Ao notar que Orunmilá o olhava com espanto, ele resmungou:

– Assim, eles não podem rogar praga ou feitiço. Não confio em gente morta.

Orunmilá respeitou a decisão do general. E só então se deu conta do tamanho da matança que ocorrera bem ali. Agora que a névoa se dissipara, os corpos exibiam suas entranhas a céu aberto pelas ruas de Ejigbo. As casas estavam arrombadas e as paredes marcadas de sangue. Somente aquelas com um mariô pendurado na porta permaneciam intactas. Era a promessa de Ogum. Ele cumprira seu trato com o jovem Afolabi.

– A pedra.

O adivinho apontou para o grande monolito no centro da cidade, e os homens, que só então começavam a perder a cor esbranquiçada do efun, empurraram-no. Uma, duas, três vezes. Na terceira movimentação, um grande buraco surgiu.

– Tem alguém aí?

O grito de Orunmilá foi respondido por várias vozes fracas e confusas. Eles deveriam estar ali há dias. Mas agora estavam salvos.



À noite, os habitantes de Ejigbo haviam armado uma grande festa em homenagem aos seus libertadores. Muita comida e muita bebida foram oferecidas aos trinta e seis combatentes de Orunmilá. Os tambores tocavam animados, e a festa ficava cada vez mais contagiante. Mesmo Orunmilá, sempre avesso a esse tipo de celebração, parecia feliz. Ligeiramente

preocupado, mas ainda sim feliz. Só lhe incomodavam os gritos irresponsáveis de alguns bêbados ali presentes:

- Essas bruxas não valem nada! – gritavam uns.
- Elas não são tão poderosas quanto pensam – gritava outro.
- Venham aqui, suas velhas com nariz de passarinho! Venham aqui

que meus amigos vão lhe dar uma lição!

Quando Oxóssi proferiu essas palavras, Orunmilá exaltou-se:

– O que você pensa que está fazendo? Quer que elas venham aqui e destruam sua cabeça de uma só vez?

Oxóssi já tinha tomado alguns goles a mais de otim e não parecia se preocupar muito com a repreensão. Ele apenas balançava o iruquerê no rosto de Orunmilá como se quisesse fazê-lo espirrar. Mas o adivinho não estava brincando:

– Se querem mesmo comemorar, façam isso mesmo. A batalha foi dura, e vocês foram realmente incríveis. O povo contará sobre o que vocês fizeram hoje por muitos e muitos anos, e seus descendentes serão muito honrados por isso. Mas não exagerem. Ainda não cumprimos nossa missão. Resgatamos até agora dez dos príncipes de Ifá. Mas ainda faltam seis. O tempo corre contra nós, não podemos nos entusiasmar demais.

– Relaxa pelo menos por hoje, papai – disse dengosa Oxum, e, depois, em tom grave, continuou: – E vocês aí, parem de esbravejar esse monte de bobagem sobre as ajés. Elas não são brincadeira. Vocês são homens e fortes, mas elas fazem vocês virar poeira só com um olhar.

– Vou me deitar. Tive um dia cansativo hoje. – interrompeu Orunmilá.

Ele já se retirava quando se lembrou da última recomendação:

– E não se esqueçam de que amanhã é o grande Dia do Ewó, o dia das proibições. Depois que o sol nascer e antes de ele se pôr, não quero nenhuma palavra entre vocês. Portanto, divirtam-se até que o dia chegue novamente.

A festa continuou animada depois que o babalaô saiu. Oxóssi brincava com seu espanta-moscas, correndo atrás das moças envergonhadas da cidade. Ogum resolveu acompanhar a escolha de Orunmilá e, no caminho para seu aposento, quase tropeçou em Oxum, que olhava calmamente as estrelas da noite. Ele não se desculpou. Não brigou com ela nem disse uma palavra. Apenas a ignorou.

Oxum sentiu o descaso mais que qualquer choque da batalha

sangrenta. Chorou bastante naquela noite. Não fizera nada daquilo por mal. Também não queria ver o marido tão frio e distante. Preferia que ele a acusasse ou agredisse. Qualquer coisa, menos o desprezo. Mas era apenas isso que ele lhe guardara naquela noite de festas. Triste e sozinha, caminhou até onde a música não pudesse ser ouvida e parou novamente.

– Psss!

Oxum olhou para trás. Era Oxóssi. O doce rapaz percebera o que estava acontecendo e, embora estivesse bastante embriagado, veio lhe trazer um pouco de carinho.

– Tome esta flor, minha querida – disse ele, entregando-lhe o iruquerê num falso cortejo – não fique triste. Meu irmão é assim mesmo. Amanhã já passou.

Oxum acariciou o rosto do cunhado em retribuição:

– Vá dormir, meu amigo. Já é tarde e você já bebeu mais do que deveria.

– Já estava indo. Então vi você aqui e resolvi parar um pouquinho.

– Seu quarto é para lá – disse ela apontando na outra direção.

– É verdade, é pra lá. Com essa história de estar sempre mudando de cidade, eu nunca sei onde tenho de dormir. E se quer saber, gosto mesmo é de dormir no mato, embaixo de árvore. Rosto no chão...

– É, mais hoje você merece dormir como um rei. Vá.

O jovem arqueiro obedeceu. Partiu, deixando Oxum a olhar para a falsa flor que lhe dera. Embriagado, nem percebeu que às suas costas um outro vulto se aproximava de sua cunhada. Tampouco, mais à frente, a inusitada cena entre Iansã e Ogum.

Naquela noite, Iansã resolveu dançar como o vento, com seu vestido vermelho voando para os lados e para cima. Dançou e dançou, esperando o momento em que o general se juntasse a ela. Apesar de sua força e destreza nos campos de batalha Ogum era desajeitado com as mulheres, e isso o fazia tímido em situações como aquela. Mas Iansã gostava disso. Apreciava os olhares desejosos e embaraçados de Ogum tanto quanto as investidas desavergonhadas de Xangô. Ela dançou e o convidou com os olhos.

Mas ele não veio. Baixou o olhar e entrou em seu quarto. Iansã ficou sozinha naquela noite.

De Xangô, já não se podia dizer a mesma coisa. Embora também estivesse cansado, o guerreiro das longas tranças era jovem e esbanjava

energia. Sorrateiro e discreto, ele se aproximou de Oxum pela primeira vez naquela noite.

– Foi seu marido quem lhe deu essa flor?

Oxum se surpreendeu com a voz grave lhe falando quase dentro do ouvido.

Xangô se enfeitara como a própria Oxum não tivera disposição. Enchera-se de joias e refez com cuidado suas tranças. Ali no escuro, porém, no meio das sombras e distante da música, Oxum sentia, mais que enxergava, toda a virilidade emplumada de Xangô. Mas como sentia.

– Não é uma flor – disse Oxum tentando recuperar o fôlego. – É um iruquerê.

– Pois eu vejo uma flor.

Oxum sorriu pela segunda vez por causa da mesma brincadeira aquela noite. Mas esse sorriso era bem diferente. Xangô se pôs ao seu lado e sentou-se no chão, com as costas apoiadas na jovem cajazeira que mal escondia o céu. Ele a olhava sem piscar. Oxum sentou também, mas preferiu mirar para cima. Fingia contar as estrelas, mas seus pensamentos estavam bem mais perto que o firmamento. Então perguntou:

– Por que ele faz isso?

– Porque não sabe dar valor à mulher que tem – disse Xangô, segurando-lhe a mão com delicadeza.

– Mas ele era tão gentil...

– Ogum é um grande guerreiro. Nasceu para guerrear. Isso é o que corre no seu sangue. Ele não sabe se comportar diante de uma mulher frágil como você.

– Quem aqui é frágil? – indignou-se Oxum.

– Hoje você pode ser frágil. Já teve um dia de guerreira. Liderou todos aqueles homens como nenhum general saberia fazer. Agora pode descansar e ser novamente a menina que precisa de proteção.

Eles se olharam de perto. Chegaram a sentir o hálito um do outro, quando Xangô olhou para cima:

– Um pastor com seu rebanho...

– O quê?

– O pastor e seu rebanho. É como o povo na minha cidade falava de noites assim. Olhe ali – disse ele apontando a Lua. – Ela está protegendo seu rebanho. Veja como ela nunca deixa que nenhum carneiro se desprenda do grupo...

Oxum não respondeu. Continuava olhando para Xangô. Estivera a um palmo da boca do mais ousado conquistador que já conhecera, mas até ele se esgueirou. Estaria ela perdendo seu encanto?

Foi como se Xangô pudesse ler seus pensamentos. Naquele exato momento, desceu a vista e olhou dentro dos olhos carentes de Oxum. Ela não piscava, e apenas arquejava de leve. Um chamado que Xangô bem conhecia.

Os dois se colaram num beijo cheio de arrepios de ambos os lados. Oxum tinha mesmo gosto de mel, pensava Xangô enquanto acariciava de leve seus braços e ombros.

Mas, de repente, ela se assustou e o empurrou. Saiu correndo, chorando, sem dizer nenhuma palavra. Nada que um conquistador experiente como Xangô devesse estranhar, porém, pois roubar carinhos de mulheres comprometidas sempre o deixava em situações parecidas. Essa era a parte mais divertida.

Como se nada tivesse acontecido, ele se levantou e arrumou suas tranças para trás. Espanou algumas folhas presas em seu rico traje vermelho e voltou na direção do batuque.

Não demorou muito para conseguir puxar conversa com alguns rapazes da região. Foi assim que ficou sabendo de uma festa muito mais animada, que acontecia na cidade vizinha:

– Mais comida, mais bebida e muitas mulheres sozinhas à procura de um guerreiro de grande valor ou de um nobre com as suas qualidades.

Xangô foi seduzido de imediato. Sem hesitação, segurou seus novos amigos pelo braço e ordenou:

– Vamos.

Os rapazes comemoraram a disposição do guerreiro. É claro que também pretendiam aproveitar da fama do novo amigo para desfrutar dos gracejos das jovens que Xangô eventualmente desprezasse. Mal sabiam eles que Xangô não estava disposto a desprezar ninguém. Ele tinha até o nascer do sol para celebrar e estava decidido a tirar o máximo daquela noite.

Além da área do batuque, não havia tochas ou qualquer tipo de iluminação que não fosse a luz natural da Lua. Os três festeiros eram, portanto, apenas mais um grupo anônimo de desordeiros quando passaram diante da janela de Orunmilá, pouco antes de desaparecerem na escuridão das ruas de Ejigbo.



No seu aposento, o babalaô tentava se concentrar na consulta que deveria fazer, mas o barulho do lado de fora o interrompia a todo momento. Por várias vezes procurou fechar sua cabeça para os sons da festa e da cidade mas sempre que tentava, alguém cruzava sua janela e interrompia sua meditação. Esperou que mais aquele grupo passasse e, seguindo o ritual, fechou os olhos e deixou caírem seus pequenos búzios. No exato instante, porém, mais um grupo de desordeiros passava cantando canções antigas do lado de fora. Um deles tinha voz de trovão. Mais uma vez, nenhuma resposta dos búzios.

Com tanta agitação, era razoável que as respostas não viessem, e o babalaô resolveu adiar a consulta para o dia seguinte, pouco antes de o sol nascer. Guardou seus instrumentos e se deitou na esteira preparada para ele. Achou graça quando percebeu, na ponta da esteira, um rico apoio de cabeça, cuidadosamente esculpido em madeira dura e ornamentado com leopardos de ouro e elefantes de bronze. Aquela peça provavelmente fora retirada do aposento real – honrarias de rei. Mal sabiam seus anfitriões que sua vida de babalaô, peregrinando há tempos por lugares tão diferentes quanto inóspitos, fizera com que sua ansiedade pelo luxo praticamente desaparecesse. Numa noite como aquela, contudo, um pouco de conforto extra não seria de todo mal.

Seu corpo cansado agradeceu o toque da esteira. Mas quando deitou a cabeça sobre o apoio real, um vento gelado correu por dentro do seu corpo. Ele não conseguiu entender o por quê. Mas estava tão cansado que não conseguiu pensar em mais nada. A última lembrança que registrou foi uma conversa do lado de fora:

- Pássaro estranho, aquele! Parece que voa de cabeça pra baixo!
- Tá bêbado, você. Tem pássaro nenhum por aqui!

Enquanto o adivinho tentava dormir em sua esteira, do lado de fora o homem insistia, aos brados. Tinha certeza de que vira um pássaro estranho entrar e pousar no teto do quarto bem ao lado de onde estava Orunmilá, onde dormia Oxóssi. Como ninguém acreditava, o próprio homem acabou aceitando que era apenas mais uma peça que o otim lhe pregava. Embriagado, foi embora, e o babalaô finalmente adormeceu.

Ninguém viu, portanto, quando a ave noturna soprou seu canto suave nos ouvidos do caçador, e depois partiu, como uma sombra de asas,

escuridão adentro.

Conta-se que, ao fim da vida, esse pequeno momento de descaso foi o grande arrependimento da vida do maior babalaô que o Aiê já viu.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (15): Minha história

Meu amigo Exu,

Você deveria conhecer o Gula-Gula. Um restaurante carioca super tradicional, perto da praia de Ipanema. Lá, as pessoas chegam de roupas de banho, sujas de areia e cheirando a sal (sal tem cheiro?), com aqueles corpos malhados e bronzeados, à procura de uma saladinha com gosto de vida saudável. Com um olhar mais atento, você perceberá que as mesas estão repletas de saladas de batata palha e massinhas regadas a creme de leite, maioneses, azeites... Os mais engordativos (e deliciosos) ingredientes. O Gula-Gula tem um espírito cínico como você.

Primeiro, porque o fato de eu não ter ido ao Orum naquela noite não faz de mim uma pessoa menos confiável. Você, se é isso tudo que diz ser, sabe muito bem o que estava acontecendo, e que eu tinha ainda menos chances de resistir do que eu pensava na época.

Segundo, porque você, por tudo que vi nas imagens do fundo do lago, também não é nenhum exemplo de alguém em quem se possa confiar.

Tudo bem. Nossas conversas divertem e, se no fim minha história me martiriza, esse trecho onde estamos anestesia minha consciência. Continuemos então, do ponto em que estávamos no último e-mail: as informações que Pilar havia me dado na última noite de culto.

Quem quer que passasse aquelas dicas para Pilar sabia muito bem o que estava fazendo, porque não apenas eram verdade como também ninguém sabia. Recebi um telefonema da assessora de imprensa (raça que eu sempre desprezei, aliás) porque a sujeita queria saber a minha fonte. Logo se vê que ela nunca havia sido jornalista de verdade. Onde já se viu perguntar uma fonte a um jornalista?

Acompanhei, ao longo da terça-feira, a alta das ações da empresa que eu havia noticiado e, no dia seguinte, lá estava eu na coletiva que eles haviam convocado em regime de urgência, “em virtude das últimas notícias publicadas na imprensa”.

Quando cheguei ao salão do hotel, repórteres se acotovellavam entre os fotógrafos em busca do melhor lugar para sentar. Duda deveria estar ali, mas não estava. Dois blogueiros mais novinhos, e sem noção, jogavam charme para a

assessora de imprensa – uma baranga incomível, para piorar – tentando algo exclusivo antes da entrevista oficial. Os jornalistas de verdade, do setorial, trocavam informações como quem cola num exame escolar. E, embora tenha sido recebido com uma certa cerimônia – afinal eram minhas as tais notícias publicadas que deram origem àquilo tudo –, preferi ficar de fora do bate-papo. Coloquei meu nome na lista de perguntas da baranga oficial de imprensa e fui observar de longe.

Eu e uns colegas do caderno de Negócios do *Diário* costumávamos fazer apostas de onde os CEOs fizeram seus MBAs. Depois tirávamos no palitinho quem teria que fazer a pergunta idiota de onde ele havia estudado.

A pergunta, mais que a aposta, era a verdadeira brincadeira.

O CEO da companhia eu já conhecia de nome: Herman Apfelbaum. Um alemão alto, magro, cabelo impecável, partido para o lado. Estilo coxinha-com-poder. Ele me parecia ligeiramente familiar, o que era estranho, pois apesar de toda minha pesquisa, por conta do velho hábito de apostar no MBA, eu me acostumei a não mergulhar muito na vida e aparência dos caras até a hora da entrevista (não porque queria ser justo, que se foda a justiça, mas sim porque em fotos eles se armam e projetam a imagem que querem, e às vezes isso influenciava nossa escolha). O Apfelbaum tinha cara de quem fez Yale ou Harvard, talvez Stanford. Definitivamente não tinha pinta de Kellogg nem Wharton, muito menos Berkeley. Se eles quisessem, eu apostava. Em meio aos flashes e empurrões do início da coletiva, tive a impressão que volta e meia ele me olhava e sorria. Sim, ele me reconheceu, e eu levei alguns segundos para lembrar onde havia visto aquele rosto. Ele era um dos homens de branco de Pilar! Era ele a minha fonte!

Fiquei tão desconcertado que esqueci minhas perguntas e, enquanto ele confirmava oficialmente a fusão das duas companhias, conforme noticiado dois dias antes pelo *Jornal*, eu consultava as anotações de meu bloco em busca da pergunta que eu havia planejado fazer. Foi justamente durante essa confusão que o sujeito da InvestChannel tomou a minha vez: “Vai haver demissões?”. Era a minha pergunta, lembrei desapontado. O Dr. Apfelbaum não respondeu. Como um executivo bem treinado, escorregou de um lado para o outro e não disse nada relevante.

Deixei alguns outros mais afoitos tomarem meu lugar na fila. Tinha de arriscar, mas precisava dar mais um tempo para não parecer insistente. Na última rodada de perguntas, por fim, disparei:

“Dr. Apfelbaum, quando olho esse deal, e as superposições operacionais

das duas companhias, vejo uma oportunidade de cortar mais de 40% do pessoal da nova empresa combinada, o que pode ser ruim para os empregados, mas muito interessante para os acionistas. É esse seu plano?”

Todos se calaram. Como havia trabalhado nessa história por mais tempo do que qualquer um ali sentado, e tenho formação em Economia (leia-se: sei trabalhar com dados, não apenas apertar o botão de gravar), eu era o único que tinha números concretos para discutir.

Apelbaum não se esquivou. Deu um sorriso que parecia até agradecido e uma explicação detalhada de como estavam sendo planejadas as demissões voluntárias e sobre como consumidores, acionistas e colaboradores da empresa seriam beneficiados com essa mudança. Participação perfeita, precisa, impecável. A assessora baranga o havia preparado bem.

Sai de lá sob olhares invejosos dos colegas de todos os veículos que cobriram o assunto, inclusive de editores de dois jornais especializados em negócios ali presentes. Durante horas, o executivo havia fugido das questões mais delicadas e, diante de uma única pergunta minha, devidamente embasada em números que ele mesmo confirmou e elogiou, tudo foi explicado. Era como se eu tivesse poderes jornalísticos sobrenaturais, o que, mal sabiam eles, não deixava de ser verdade.

Foi desse ponto que comecei a conversa com a Yara no jantar daquela mesma noite. Ela já havia ouvido falar do meu desempenho na coletiva – pela boca do próprio diretor de redação do *Jornal*. Ele teria dito para ela que, se eu não parasse logo com isso, ele teria de convencer o pessoal do RH a me dar mais um aumento antes mesmo de completar um ano de casa – uma regra teoricamente inquestionável na maior empresa jornalística do país.

Quase me envaideci, mas ele mesmo deveria conhecer toda aquela história há mais tempo que eu. Se Pilar sabia – por fontes terrenas ou astrais, não importa –, já deveria ter dito a ele ou não teriam permitido que eu arriscasse tanto o nome e a reputação do *Jornal*. E se era assim, ele tinha a exata proporção do percentual de talento e de ajuda que havia nessa história toda. A questão era: por que eu?

Yara não parecia se importar. “Siga os sinais”, ela me disse, repetindo as palavras de Pilar. Ela havia tido os dela, aliás: um dia, Pilar lhe perguntara qual era o maior sonho que a jovem engenheira tinha na vida. “Um MBA no exterior”, ela respondeu.

Alguns meses depois, chegou pelo correio o resultado das provas que ela havia feito para ver o quanto ainda teria de estudar para se candidatar

seriamente para uma das melhores escolas do mundo. E veio a surpresa: ela não só havia sido aceita, como uma ONG da qual ela nunca ouvira falar estava se oferecendo para bancar todos os seus estudos.

Foi assim que ela foi parar em Kellogg, Universidade de Northwestern, o MBA de maior prestígio do mundo. Dois anos mais tarde, quando terminou o curso com mérito, foi chamada para voltar ao Brasil e dirigir a área de investimentos da mesma ONG que havia financiado os seus estudos. Diante das ofertas tentadoras de multinacionais e consultorias de todos os cantos do mundo, qual o interesse que uma organização sem fins lucrativos no Brasil poderia gerar? Numa situação normal, nenhum. Mesmo assim, ela aceitou. O motivo? A carta da tal ONG era assinada pela presidente do conselho dessa organização. Uma mulher chamada Pilar Fontes. Elas trabalham juntas desde então.

Pilar, além de dirigir a ONG, era a principal investidora e sócia invisível de um poderoso grupo de investimentos, com braços em vários ramos de negócios, principalmente na área de mídia, em todo o mundo. O mesmo grupo para onde Yara havia sido transferida a pedido da própria Pilar algumas semanas antes da compra do *Jornal*. O JParker. Yara completou: “Pilar não tem formação nem experiência nesse setor, mas o pessoal do ramo diz que ela tem uma intuição incrível. Intuição, dizem eles. Ha!”. E continuou: “Algumas das pessoas que você viu na sexta-feira trabalham para a Pilar. Quem não trabalha para ou com ela no momento está só aguardando uma oportunidade.”

Simples assim, ela explicava. Aqueles que conquistavam a confiança de Pilar assumiam posições de destaque nos negócios do grupo, ou a traziam para dentro do seu. Era uma promessa para quem se dedicava à manutenção da energia coletiva ou uma segurança para quem já tinha seu próprio negócio. Um caminho natural e uma questão evolutiva, explicou, citando Pilar: “Você só se tornaria um legítimo representante de Olomowewê na Terra quando aprendesse a comungar com as energias vivas que vão transformar sua vida”. Isso significa uma intuição mais aguçada, uma inteligência mais fértil e um poder pleno para realizar os desígnios dos céus. Literalmente, um supercérebro. Pilar tinha um desses.

Confesso que às vezes Yara parecia uma versão esotérica dos padres que ensinavam catecismo na minha escola. Isso, mas sem a culpa. Não podia negar, no entanto, que ela tinha autoridade para falar. Esse Nível 2 me fazia questionar todas as minhas opiniões e impressões de Pilar e do grupo que ela liderava. Bem-aventurados os milionários, pois eles receberam na Terra as glórias e as bênçãos do Reino dos Céus. Lá estava eu, começando a me sentir

bem com a ideia.

Na noite seguinte, o Dr. Apelbaum nos convidou para jantar. Fiquei levemente constrangido, mas Yara praticamente me obrigou a aceitar – ele era um homem muito poderoso dentro e fora do grupo. Não poderíamos fazer tamanha desfeita.

O motivo da minha insegurança era que, no processo de fusão, ele havia ganhado uma fortuna e, embora ninguém houvesse dito abertamente, eu sabia que tanto ele quanto todos os outros investidores daquela empresa haviam lucrado muito mais por causa das minhas matérias e da cobertura do *Jornal*. Diante das perspectivas de um grande negócio como aquele, divulgadas com as minhas notícias, as ações haviam subido vertiginosamente durante dois dias seguidos e, sem a oposição da antiga diretoria, o negócio foi fechado a preços astronômicos. Eu não duvidava que ele mesmo houvesse contado tudo para Pilar e, pelo que Yara havia me explicado na véspera, não estranharia se a própria guru fosse uma investidora. Assim como agora me parecia bem razoável que os mesmos diretores do *Jornal* que eu encontrei nas reuniões de sexta-feira também tivessem seus interesses investidos naquelas ações.

E se aquilo tudo havia sido apenas uma grande armação? (e eu apenas um brinquedo nas mãos daquela gente poderosa) Se eu havia mesmo sido manipulado no meio dessa transação milionária em que tantos “amigos” ganharam dinheiro, só me restava uma coisa a fazer: aproveitar a festa!

Nosso anfitrião acertou em cheio quando escolheu meu restaurante preferido: *La Risotteria*, do antigo chef da família Fasano. Menos pelo preço (não é dos mais caros entre os bons restaurantes da cidade) e mais pela qualidade (é de lá que saem os melhores risotos de São Paulo), que foi devidamente equilibrada por escolhas sem restrições na fabulosa carta de vinhos do chef Segatto. Foram horas de divertimento legítimo e de conversa agradabilíssima debaixo dos engraçados candelabros de ralador de queijo da *Risotteria*. Pouco se falou de negócios, de Pilar ou qualquer assunto sério. Foi uma noite de muitas risadas, e o único momento de constrangimento foi quando, no meio do jantar, lá pela terceira garrafa de vinho, meu novo amigo perguntou a marca do meu carro. Respondi com certa vergonha da minha pobreza, e ele, reconhecendo minha humilhação, confessou que há menos de dez anos ainda andava de ônibus.

Não sei se era verdade ou apenas uma gentileza, mas me senti comovido com a intenção. E pensei que, apesar de toda aquela armação (e que no fundo não tinha nada de muito errado), o Herman talvez fosse um homem bom.

Naquela noite, Yara me levou até minha casa, pois eu estava bêbado demais para dirigir. Nos despedimos na portaria (ela sugeriu que não deveríamos nos acostumar a dormir juntos com tanta frequência) e eu subi.

“Putá merda”, pensei ao abrir o elevador e deparar mais uma vez com o mariô preso na maçaneta. Embora lembrasse claramente da instrução de não beber antes da visita, repeti de cor os passos do ritual enunciado por dona Adair e me deitei. Bêbado já estava mesmo. Iria pelo menos tentar.

Acordei atrasado no dia seguinte, sem a mais vaga lembrança de ter visitado os orixás. Alguém do outro lado devia estar querendo me matar.

Para piorar, antes mesmo de sair, recebi um e-mail da Duda:

Meu querido,

Não me julgue, mas aceitei uma oferta de emprego em Nova York, num banco de investimentos. Parto hoje à noite. Talvez um dia volte ao jornalismo, se ele ainda existir em alguns anos. Mas preciso cuidar da minha vida. Ganhar meu dinheiro, ter relações estáveis... e jamais terei uma enquanto estiver perto de você. Queria que você soubesse disso. Você é o homem da minha vida, mas se não nascemos para ficar juntos, eu entendo. Saiba que sempre que você pensar em mim, estarei com você. Só que agora, de longe.

Love,

Duda.

Comecei a escrever uma resposta desaforada. Como assim, indo embora? Mas meu computador travou. Desliguei e liguei novamente, e, no meio do e-mail, ele travou mais uma vez. Tentei uma terceira vez, com o mesmo resultado. Juntei minhas coisas e fui correndo para o trabalho. De táxi, porque o maldito carro não funcionou mais uma vez.

Na redação, o mesmo. No meio do e-mail, o computador travava. Peguei o telefone e liguei para o suporte técnico. O ramal do funcionário encarregado pelos computadores do meu caderno só dava sinal de ocupado. Os outros ramais do pessoal de informática chamavam e não atendiam. Olhei em volta, e nenhum outro computador parecia estar com problema. Continuei tentando, sem sucesso. Quando recoloquei o fone no gancho, ele tocou. “Deve ser o técnico retornando a ligação”, pensei, imaginando os poderes secretos e as informações misteriosas que esses moleques metidos a hackers deviam ter nas mãos. Eu estava enganado.

A mulher de voz rouca não se identificou. Mas eu sabia muito bem quem era. Praticamente congelei quando ela disse: “Eu vejo tudo que você faz. Acho que deveríamos conversar sobre o que você estava pensando. Não acha?”.

Concordei na hora – não tinha opção.

Minutos mais tarde eu tocava a campainha da casa de Pilar. Como eu queria ter conhecido você antes desse encontro... Teria tantas perguntas a fazer.

Axé,

New

São Paulo, 28 de julho de 2001.

Orunmilá acordou aflito. Olhou pela janela para se certificar de que o sol ainda não havia nascido. Esticou o braço e apalpou o chão ao lado da esteira, à procura de seu material de adivinhação. Precisava tentar novamente antes que o Dia do Ewó, o dia em que tudo é proibido, iniciasse. Sentou-se como manda a tradição e, embora estivesse mais ansioso do que de costume, repetiu de forma lenta o mesmo ritual que executara na véspera. Encheu a tábua de Ifá com um efun especialmente preparado pelos feiticeiros de Ifé, bateu três vezes com a vareta no pó branco e tentou relaxar os músculos tensos antes de fechar os olhos para se concentrar. Tinha esperança de que dessa vez o resultado seria diferente. Abriu-os e colocou o recipiente com água fria na frente da velha tábua de Ifá; fechou os pedaços de obi nas mãos em concha, respirou três vezes e, sem pressa aparente, soltou-os de uma vez. Um a um, ouviu-os tocar suavemente o pó mágico sobre a tábua. Para um babalaô experiente, o simples som dos obis a tocar a tábua já diria o resultado. E se seus ouvidos estivessem certos, aquela, sem dúvida alguma, não era a resposta que ele queria ouvir.

– Pelé, Pelé – dizia para si mesmo, tentando diminuir a agonia.

Ele já sabia o resultado desde o momento em que ouvira o cair dos obis, mas ainda torcia por um improvável erro de interpretação. Tomou coragem e enfim baixou a cabeça para confrontar a resposta que o Orum lhe trazia.

– Silêncio. De novo.

Ele tentou mais uma vez. Experimentou o opelê no lugar dos obis e tentou o velho jogo com búzios. Nas três vezes, a mesma resposta.

No meio da agonia, os ouvidos apurados de Orunmilá captaram um som familiar. Uma voz distante e confusa, mas que de alguma forma lhe parecia familiar. Olhou mais uma vez para a janela, e não viu ninguém. Pensou em procurar o dono da voz, mas seu olhar se prendeu no horizonte antes mesmo que pudesse se mover. O sol começava a surgir, anunciando o início do dia em que tudo é proibido. A partir daquele momento, e enquanto

o sol pudesse ser visto, as mulheres não vendiam no mercado. Os homens não caçavam nem cultivavam os campos. Ninguém pescava. Ninguém guerreava. Nem os adivinhos podiam adivinhar.

Observou, frustrado, a tábua à sua frente. Muda. Exatamente como ele teria que ficar até o cair da noite. Queria convocar todo o grupo, mas não podia, pois no Dia do Ewó falar não é permitido. Aquele era um tabu que não podia ser quebrado. Nem mesmo por Orunmilá. Nem mesmo numa emergência.

Só lhe restava vagar em silêncio pela cidade. Orunmilá se levantou e arrastou os pés descalços pelo quarto, pelos corredores e pela saída do palácio. Caminhou o tanto que aguentaram suas velhas pernas e passou várias vezes pelas mesmas casas, pelas mesmas pessoas. Por respeito e frustração, manteve a vista baixa por todo o tempo. O que teriam feito as Iá Mi para calar os odus novamente? Ele queria discutir com o resto do grupo, mas não podiam conversar antes do pôr do sol.

Resignado, o babalaô deixou o tempo passar. À sua volta, o movimento quieto das pessoas, que traziam água da fonte, lembrava a todo instante o silêncio de seus instrumentos. E, enquanto a sombra das casas ia se esticando de um lado ao outro da cidade, o velho babalaô esquadrinhava a própria memória exatamente como fizera com a casa dos Odé. Só que, desta vez, não estava à procura de ladrões, apenas de uma explicação para o que estava acontecendo. Resolveu pensar em algo mais produtivo: “O que deveriam fazer, assim que as proibições terminassem?”. Não fazia ideia.

Orunmilá voltou a prestar atenção no movimento. Pouco além de uma pequena árvore de tronco retorcido, algumas crianças arriscavam brincadeiras quando os pais não olhavam. “Que os orixás as perdoem. Elas não sabem o que fazem”, pensou. E, quanto mais pensava, mais confirmava sua primeira interpretação: qualquer que fosse o motivo de os odus terem novamente se calado, aquele era um momento crítico para a missão que o Orum lhes enviara.

Quando, enfim, as sombras cobriram todo o chão de Ejigbo e o último raio de sol se escondeu, o babalaô mandou convocar o grupo. Oxum e Exu, que já haviam se encontrado, vinham juntos conversando. Iansã e Ogum também se cruzaram no caminho e, curiosamente, o assunto era o mesmo de que tratavam os outros dois. A poucos passos do babalaô, os quatro se apressaram como se tivessem novidades importantes para contar. Foi Iansã que se ouviu primeiro:

– Você reparou num sujeito estranho, de roupa vistosa, que ficou circulando pela cidade o dia todo?

– Vi um homem escondido atrás de uma árvore, mas não me preocupei muito com ele. Fraco demais para significar qualquer ameaça – desdenhou Ogum.

Oxum lembrou-se:

– Senti que estavam me observando, mas não vi ninguém. Se bem que, quando fui buscar água na fonte, vi um sujeito com umas cabaças penduradas no peito, me acompanhando com os olhos...

O babalaô parecia curioso com a descrição. Algo o intrigava naquilo. Mas a curiosidade podia ficar para depois:

– Onde estão Oxóssi e Xangô?

– Não vejo os dois há muito tempo, babá – respondeu Oxum.

– Eu também não – responderam Ogum e Iansã.

O semblante de Orunmilá ia ficando cada vez mais grave a cada resposta.

– Não estou gostando nada disso.

– Babá, o que está acontecendo? – perguntou a filha do adivinho.

Oxum começava a se preocupar com o olhar sombrio do pai. Não sabia o que aquilo poderia significar. Mas tinha certeza de que não poderia ser nada de bom.

O adivinho ficou em silêncio, pensando. Todos observavam sem interromper, como de costume, até que ele mesmo tomasse a iniciativa de externar sua aflição:

– Essa noite...

O adivinho coçou a garganta como se pretendesse corrigir a própria voz. E quando retomou o discurso, o tom tornara-se muito mais soturno:

– Essa noite, joguei os búzios de novo.

– E aí? – perguntaram todos, desordenadamente.

– Aí nada. Silêncio.

O babalaô não completou o raciocínio. Todos continuaram esperando, embora soubessem mais ou menos o que deveria estar passando na cabeça do velho sábio.

– E agora isso. Duas pessoas do nosso grupo sumiram ao mesmo tempo. General, você tem alguma opinião a respeito?

– Agô, babá! – interrompeu Exu.

– Diga.

– Eu estava lembrando... Essa noite, saí pela cidade para ver se algum de vocês ainda estava na rua. Quando voltei, fui montar guarda na porta da frente. Fiquei lá até quase de manhã. Foi aí que uma coisa muito estranha aconteceu...

Exu era um bom contador de histórias. Todos prestavam atenção ao que ele contava. Cheio de suspense, o mensageiro continuou:

– Logo antes de o sol subir, ouvi alguns passos vindos da saída lateral e fui até lá verificar. Oxóssi estava saindo como se fugisse. Lembro bem que ele levava o ofá, não sei se para caçar ou se proteger. Cheguei a gritar seu nome uma vez, mas não me atrevi a falar novamente, pois senti alguns raios de sol esquentando minha pele. Oxóssi virou para mim e olhou nos meus olhos. Ele parecia muito assustado. Eu até pensei em dizer para ele não sair, mas fiquei quieto. Acho que ele entendeu, pois se aproximou correndo e, como se dissesse um segredo, contou-me uma coisa muito esquisita.

Ninguém respirava, aguardando o desfecho da história de Exu. Apenas olhavam intensamente, tentando roubar-lhe da cabeça a continuação. Não fosse a situação, Orunmilá teria até achado graça. Exu sempre fazia isso de propósito, porque sempre gostou de atenção:

– Ande logo, Exu. Não temos tempo para suas brincadeiras agora!

– Ele chegou bem perto do meu ouvido, como se falando baixo estivesse descumprindo menos os interditos do dia, e falou: “Minha mãe apareceu num sonho. Pediu uma codorna. Vou buscar a codorna para minha mãe e volto antes que os outros acordem”. Até tentei impedir, mas não teve jeito. Num instante, ele desapareceu no meio do mato.

– A mãe dele? – questionou Orunmilá desconfiado. – Qual mãe faria com que o filho descumprisse o Ewó?

– Uma mãe que foi morta por esse filho? – perguntou Exu.

– Não faz sentido...

Orunmilá passou a andar em círculos. Ele raramente se agitava daquele jeito, e isso preocupava os guerreiros tanto quanto o sumiço de Oxóssi e Xangô.

– E Xangô, alguém sabe dele?

– Eu o vi pela última vez ontem. Conversado com Oxum... – provocou Iansã, controlando-se para não olhar para a companheira.

– Ele esteve comigo. Conversamos um pouco e eu levantei para ir dormir. Não sei o que ele fez depois disso.

– Lembro de ter visto, no meio da festa, uma pessoa da altura dele andando com mais dois rapazes rumo ao portão – lembrou Exu.

– Talvez sejam os dois rapazes que vieram me perguntar se eu não queria ir até uma festa na cidade ao lado... – continuou Ogum, começando a desconfiar.

– Meus caros – levantou-se Orunmilá. – Temos aqui uma situação complicada. Um de nossos companheiros foi induzido a quebrar o tabu do Dia do Ewó. Outro saiu no meio da festa. Nenhum dos dois voltou.

Ogum, que já estava achando tudo muito estranho, fez a pergunta que faltava:

– Lembra, babá, quando a Iá Mi nos contou que havia quatro odus escondidos bem aqui?

– Sim. E lembro também que, lá dentro de mim, alguma coisa me dizia para desconfiar...

– Pois viemos, vencemos com facilidade e agora temos os odus mas dois dos nossos guerreiros desapareceram. E por coincidência, bem nessa noite, seus búzios se calaram novamente...

– Uma armadilha! Como fomos nos deixar pegar tão facilmente? – esbravejou Iansã.

– Vaidade, minha filha. Vaidade – explicou o babalaô decepcionado consigo mesmo. – Se tivéssemos pensado melhor, em vez de comemorar com antecedência uma guerra que ainda nem estava vencida, talvez estivéssemos todos juntos a essa hora. General, alguma sugestão?

– Vamos nos dividir e procurar pelos dois. O senhor fica aqui, babá, e espera por eles. Oxum, onde estão seus homens?

– Mande-os de volta para casa. Tinham mulheres e filhos para cuidar. Não imaginava que...

– Você nunca imagina nada! Então você vem comigo, mas fique quieta. Vamos procurar meu irmão na floresta. Se ele foi atrás de uma codorna, talvez eu possa encontrá-lo. Iansã, Exu, vocês vão para a tal cidade vizinha e tentem descobrir alguma coisa. Certo, babá?

– Concordo. Vão logo. Não percam tempo.

– Veja se não me atrapalha – foram as últimas palavras de Ogum para Oxum, antes de os dois grupos partirem em direção opostas.



Iansã e Exu não tiveram muitas dúvidas quanto ao melhor lugar para iniciar a busca. Assim que receberam as ordens de Orunmilá, dirigiram-se para o lugar onde se sabe de tudo que acontece em qualquer cidade iorubá: o mercado.

– Se alguém sabe de alguma coisa, só pode estar aqui – disse a guerreira.

– Isso é bom. Porque nos mercados sou rei de verdade – gabava-se Exu, exibindo seu cabelo amarrado em forma de coroa.

O mensageiro olhava em volta com a segurança de quem reconhece cada um ali, mesmo antes de os conhecer. Ele observava a vendedora de inhames cozidos e sabia que ela era casada e tinha quatro filhos. Via o sorriso da vendedora de carneiro e sabia que ela estava traindo o marido. Exu mirava em volta à procura de uma pista nos olhares curiosos das vendedoras e do povo que circulava entre as poucas esteiras que estavam abertas naquele final de dia. Os mercados não costumavam funcionar depois que o sol se punha, mas como durante o dia ninguém pôde comprar nem vender, e como sempre havia os esquecidos que não se preparavam devidamente para o Dia do Ewó, aquele deveria ser um daqueles dias de “meio mercado”. Todas as esteiras estariam fechadas antes que a primeira estrela surgisse no céu, porém. Eles tinham pouco tempo para encontrar alguma pista.

De longe, os dois pareciam conversar, mas, na verdade, Exu falava sozinho. Contava entusiasmado sobre como sua mãe o havia parido no meio de um mercado como aquele, mas Iansã sequer prestava atenção. Não lhe interessariam as histórias de Exu enquanto não soubesse onde estava Xangô. Sua desatenção, porém, não era suficiente para livrá-la de ouvir pela sétima vez a explicação de por que ele era o rei dos mercados do Aiê:

– Se você é o rei do mercado, então por que não faz um de seus súditos nos dizer o que estamos procurando?

Exu não respondeu, e isso deixou Iansã ainda mais irritada. Quando a guerreira se virou para o mensageiro, no entanto, percebeu que Exu também não havia ouvido sua provocação. Ele estava parado dois passos atrás, estático, com um olhar que parecia perdido e um sorriso irônico no rosto. Ela se voltou para ele e levantou o dedo para acusá-lo, mas, antes que pudesse dizer qualquer palavra, ele esticou o braço apontando para uma encruzilhada do outro lado da feira e, num tom enigmático, disse apenas:

– Sua resposta está a caminho.

Iansã seguiu a direção do dedo do mensageiro e avistou o jovem peregrino que lhes contara sobre as posições do exército da cidade. Da última vez que precisaram, ele surgiu, como do nada, e lhes trouxe resposta a todas as perguntas. Agora, mais uma vez, ele se aproximava num momento de dúvida. E, a julgar pela expressão de Exu, o mensageiro acreditava que, novamente, a resposta estava a caminho.

– Meu amigo Exu! Estávamos procurando por vocês.

– Estava preocupado com você, Afolabi. Por onde se escondeu ao longo dos dois últimos dias? Achei que tínhamos matado você por engano!

– De modo algum. Fiquei escondido na casa do meu mestre e, como o general Ogum havia me indicado, mandei que se pendurasse um ramo de mariô na porta de cada um dos meus amigos – disse o jovem, acariciando de leve a serpente que trazia enrolada no ombro.

– Onde está Xangô? – interrompeu Iansã, afobada, já contando com o sucesso da coincidência.

– Não sei. Ele sumiu desde quando?

Exu mal ouvia a conversa de Iansã e Afolabi. Seus olhos estavam vidrados nos movimentos sinuosos da serpente que torcia o corpo sempre na direção de uma pequena esteira de folhas, onde uma mulher idosa chorava solitária.

– Esperem aqui – disse Exu, interrompendo a conversa sem dar explicações.

O mensageiro se aproximou da anciã com passos leves e adotou a voz o mais que pôde para perguntar:

– Minha senhora, por que chora tanto?

– Meu filho, senhor! Ele não volta para casa desde a noite passada. Ele nunca fez isso!

– Ele sumiu sozinho?

– Não. Estava com um amigo aqui da cidade mais um dos forasteiros que invadiram o palácio. Um que usava brincos nas orelhas e no nariz.

Exu reconheceu a descrição e, com um sinal, chamou a atenção de Iansã e de Afolabi. Os dois se aproximaram e logo perceberam do que tratava a conversa.

– Ele disse para onde iam, senhora?

– Quando passaram por mim, disseram que iriam para uma festa em Akeyan e que estariam de volta pela manhã. Mas ele não voltou quando

o sol nasceu nem chegou em casa até agora. Meu coração dói. Alguma coisa está acontecendo com meu filho... Eu tenho certeza!

– Onde fica essa Akeyan, senhora? – perguntou com toda a doçura que pôde a ansiosa Iansã.

– Pouco depois daquelas árvores tem um riacho. É só seguir a direção de onde correm as águas e logo encontrarão o muro de estacas do vilarejo de Akeian. É para lá que eles foram.

– Quem é que manda naquele lugar? – perguntou Exu.

Subitamente a mulher se levantou e olhou assustada para os homens que a interrogavam. Tinha uma expressão tão insegura quanto amedrontada, que deixava claro o arrependimento por ter contado tudo aquilo a dois estranhos. Enxugou as mãos trêmulas e suadas no avental de algodão e resistiu antes de responder.

– Não sei – disse a velha antes de correr para uma ruela formada por casas pequenas de cobertura de palha.

– Senhora...

Exu segurou o braço de Iansã, que se preparava inutilmente para seguir a vendedora de folhas. Já não adiantava mais. Tudo o que poderiam saber da pobre senhora, já haviam conseguido. Agora era com eles.

– Mensageiro, nós cumprimos nossa promessa, agora queremos falar com seu mestre. Pode nos levar até ele?

Exu olhou com estranhamento para Afolabi, confuso com o modo como ele falava como se fosse dois. Iansã respondeu:

– Pode levá-lo, Exu. Vou sozinha procurar Xangô, assim chamarei menos atenção.

Exu acenou com a cabeça e logo desapareceu com Afolabi entre as casas de Ejigbo.

Longe dos olhares alheios, Iansã esbravejava de ciúmes enquanto inspecionava as armas que carregava no corpo. Tinha certeza de que Xangô havia bebido demais e se divertido mais ainda com as mulheres da cidade. Se preparou mesmo assim: conferiu as pedras de raio que ganhara de Xangô; uma manta de couro para servir de disfarce; a poção que a fazia cuspir fogo pela boca que também roubara de Xangô; a espada com a qual Ogum lhe presenteara; seu velho escudo de guerra. Estava tudo ali.

Uma nuvem de poeira se levantou quando Iansã partiu, rápida como um vento forte, na direção que a vendedora de folhas havia indicado. Cruzou o riacho sem dificuldades e, seguindo cada instrução que recebeu

no mercado, logo chegou ao lugar onde Xangô deveria estar escondido.

Ekeyan era uma cidade bem menor que Ejigbo. Nem muros de pedra possuía. Tinha uma frágil fileira de estacas de madeira que servia apenas para esconder a cidade dos olhos dos visitantes e protegê-la da entrada acidental de caçadores noturnos, como as hienas e os leopardos. Iansã percorreu rapidamente uma pequena distância ao longo do muro improvisado e encontrou o que estava procurando: um buraco bastante grande para poder passar. Olhou para dentro. O grupo mais próximo estava a uma distância segura e ela não teria problema algum para entrar. Cobriu-se com cuidado com a manta de couro e curvou as costas como se fosse uma velha andarilha à procura de comida. Antes de entrar, fez alguns movimentos para se certificar de que a cobertura realmente lhe escondia o rosto e as armas, pois num povoado pequeno como aquele, uma estranha chamaria a atenção tão facilmente que não lhe daria tempo para entender o que havia acontecido com Xangô. Tudo tinha de ser muito rápido, pois logo estranharia a forasteira que fazia perguntas demais.

Por precaução, na mesma mão que segurava o pesado manto de couro fechado diante do peito, ela segurou uma pedra de raio. Poderia precisar dela a qualquer momento.



Com seu cabelo de faca e o rico colete de búzios chacoalhando, Exu entrou na sala principal sem nenhuma cerimônia.

– Agô, babá – tentou o mensageiro.

– Onde está Iansã? – perguntou secamente o babalaô. – E Xangô? Encontraram Xangô?

– Não, babá. Nós...

O adivinho voltou-se outra vez para o horizonte antes mesmo de ouvir a explicação de Exu. E assim permaneceu.

– Babá? – chamou Exu, sem êxito.

Percebendo que algo preocupava o adivinho, Afolabi tomou a frente de Exu, aproximando-se de forma cordial até se ajoelhar diante de Orunmilá. Tocou delicadamente a testa no chão em sinal de reverência e só então se dirigiu ao velho sábio:

– Agô, Orunmilá.

O velho mais uma vez não se moveu. Ele reconhecia o jovem que

trazia a serpente nos ombros. O reconhecimento, entretanto, não foi o suficiente para mudar seu estado de espírito. O adivinho não fez qualquer menção a querer ouvir o que o jovem tinha a dizer.

– Não quero que interrompa sua meditação por minha causa, babá. Mas trouxe alguém comigo que gostaria muito de vê-lo.

O rapaz esticou o braço e apoiou a mão no solo para que a finta serpente pudesse se torcer até o chão. Orunmilá não moveu o rosto, mas seus olhos curiosos não resistiram a acompanhar o rastejar do belo animal de couro preto e vermelho com manchas multicoloridas logo abaixo da cabeça que mais pareciam um colar natural. Até mesmo Exu, sempre atento para proteger o mestre, deixou-se enfeitiçar pelo movimento suave da serpente que descia ao chão, dando voltas ao longo do braço forte de Afolabi. Quando chegou ao chão, ela se enrolou em torno de si mesma e encarou o babalaô. Seus olhos negros estavam fixos nos de Orunmilá. Ela fez um leve movimento para o lado esquerdo. O adivinho acompanhou com a vista. Moveu-se para a direita. Os olhos de Orunmilá a acompanharam.

Subitamente Exu percebera a situação em que deixara seu mestre se envolver. Uma serpente trazida por um estranho, que só vira uma vez antes daquele dia, estava ali a menos de um passo de distância de seu mestre e com a cabeça levantada, como fazem as cobras quando se preparam para dar o bote. E ele estava longe demais para se colocar entre os dois.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re (17): Minha história

Amigo Laroiê,

Se eu soubesse o que sei hoje, se conhecesse você ou entendesse como procurar ajuda, não teria ido à casa de Pilar, sozinho. Mas eu já havia sofrido por não atender a chamados que não entendia, e fiquei com medo das consequências de não atender àquele.

Cheguei muito nervoso. Um copeiro empetecado me levou até uma sala cheia de almofadas no chão e uma poltrona cor de vinho. As paredes eram pintadas em um tom bem claro de amarelo, e fotos ampliadas da própria guru enfeitavam todas as paredes junto com diferentes imagens de Sant'Anna, mãe de Maria e avó de Jesus Cristo. E samambaias. Muitas delas, por todos os cantos. Pilar entrou logo depois, junto com uma música oriental. Vestia uma túnica branca, coberta de colares de pérolas e águas-marinhas.

Em momento algum mencionou o que havia “visto” alguns minutos antes, quando me ligou. Com a precisão de quem executa um ritual pela milésima vez, pediu que me deitasse sobre as almofadas e relaxasse. Baixou a voz e pediu delicadamente: “Você está sob muita pressão, precisa descansar. Venha comigo que eu vou levá-lo para um lugar mais relaxante”. Aquela mulher zen em nada se parecia com a oradora exuberante ou com a galhofeira boca suja que conheci.

No mesmo tom tranquilo, mandou que fechasse os olhos, sugeriu que me imaginasse num campo vasto com gramado verde e palmeiras que tocassem o céu. Ouvi suas palmas se esfregando e passando sobre meu corpo, sem me tocar. Eu sentia o calor de suas mãos mesmo assim. “No meio dessas palmeiras, você vai encontrar um lago e, ao redor desse lago, dezesseis bancos de pedra. Está vendo?”

Isso mesmo, meu amigo! Ela havia me “guiado” até a beira do lago de Ifá. Quando pediu que eu descrevesse o que via, não consegui dizer nada. Comecei a ficar mais e mais agitado, ela me acalmou: “Muito bom, meu filho. Esse é um lugar perigoso, você tem uma boa intuição”.

Eu só deveria voltar àquele lago quando ela autorizasse, ordenou Pilar. Ela falava como se soubesse que eu já havia ido algumas vezes até lá mas não precisava admitir. Antes que eu abrisse os olhos, ela disse mais uma vez: “olhe

uma última vez para o lago. Toda vez que você se pensar nele a partir de agora vai sentir...” e me jogou um copo de água gelada no peito!

Levantei assustado e encharcado. Ela ria como uma criança travessa. Pilar mandou que me levantasse para mais um ritual energético, típico do Nível 2. Um ritual de proteção, ela disse. Ela me orientou passo a passo: primeiro, levantei os punhos cerrados e gritei com todas as minhas forças qualquer som que me veio à mente. “Solte todo o ar que tem nos pulmões, com força, com energia”, ela dizia. Eu obedecia sem questionar. Só deveria parar quando não aguentasse mais. Pilar continuou falando. No início, foi difícil distinguir sua voz em meio aos meus gritos e à música. Mas logo era como se eu mesmo não pudesse me ouvir. E embora tivesse certeza de que continuava esfolando a garganta de tanto berrar, sua voz tornou-se tão nítida como se falasse diretamente dentro dos meus ouvidos.

“Na primeira vez que esteve aqui, dei um abraço em você. Aquele abraço era uma bênção. Costuma causar sensações prazerosas, mesmo sendo só uma pontinha do prazer real daquilo que chamamos de ‘toque de Olomô’. Mentalmente, você já está pronto para receber esse toque, mas precisa descarregar as energias negativas acumuladas em todos esses anos de contato com pessoas impuras e despreparadas e com corpos astrais que só desejam o seu mal. Limpe sua alma para que seu corpo possa ser limpo também. Continue gritando”, ordenava Pilar. “E, enquanto grita, pense de novo no campo verde. Mas, desta vez, esqueça o lago. Imagine um ponto de luz bem no meio da grama. Vá chegando perto, cada vez mais perto...”

Eu continuava gritando e balançando os braços, cada vez com mais empenho, enquanto a guia prosseguia: “Agora, imagine-se tocando essa luz. Você está sentindo algo estranho. Uma sensação magnífica. Como se o universo coubesse dentro do seu peito. Agora esse universo quer se expandir. Sinta ele crescendo. Sinta a luz jorrando de suas costelas! Sinta a energia, Newton! Sinta...”

Então a luz se apagou, a voz e todo som desapareceram. Como se tivesse entrado num buraco negro, um nada absoluto.

Quando consegui abrir os olhos, já não estava de pé. Minha cabeça repousava no colo de Pilar. Estava tonto e um zumbido me deixava ainda mais aturdido. Não sabia se tinha desmaiado, recebido um santo ou sido hipnotizado. Meu corpo doía, minha garganta pegava fogo. Ela me fez beber um gole de água e me disse que eu havia sido tocado pela luz de Olomô. “Só os escolhidos podem receber essa honraria.”

Aparentemente eu deveria me sentir orgulhoso. Mas só me sentia desorientado. Recebi um pequeno livro com um mantra que deveria rezar ali mesmo, sozinho, para que pudesse recuperar minhas forças e me reambientar com o mundo material, segundo ela “muito mais denso do que as energias sutis com as quais eu havia feito contato”. Era o mesmo livro que Yara me havia dado algumas semanas antes: *Os mil nomes de Olomowewê*. Escolhi uma página qualquer e comecei a lê-lo baixinho. Ali fiquei, por um tempo que imagino ter ultrapassado duas horas, quando Pilar entrou de volta.

Disse ela que sabia que eu precisava colocar para fora um segredo, algo que me fazia perder o sono. Aquela seria a hora de me livrar das aflições terrenas, disse ela. A purificação final. A libertação da consciência.

Atordoados, falei da Maria Eduarda e da culpa que estava sentindo ao ter enganado Yara, mas também do medo de nunca mais ver a Duda. Ela respondeu, carinhosa: “Essa menina é uma vampira. Mas você encontrou a luz, meu filho, não há o que temer”. Disse isso e amarrou no meu pulso uma fita branca, do Nosso Senhor do Bomfim.

“E tem o Carlos” – continuei – “Ele era meu amigo, e agora quer me ferrar”, e ela disse: “Não se preocupe com ele. Esse não tem como lhe fazer mal. Mas a menina, essa pode”. De repente, um grito explodiu do seu peito:

– IÁÁÁ!

O rosto de Pilar, antes cândido e tranquilo, desfigurou-se. Os olhos revirados emprestavam-lhe uma expressão sinistra, e aquela voz grave e esquisita tomou conta novamente de seu corpo: “Quando ela voltar oxê inventa uma coisa pro que eu dixei, intindeu, exa? – eu acenei com a cabeça, Olomô continuou: “Inquanto eu tô aqui, ela tá do outro lado tentando fazê mal pra xua amiga, exa. Se oxê qué bem a ela, melhó ixquecê...”.

Antes que eu pudesse responder, ela voltou, com aparência desnorreada como quem havia acordado de um nocaute. Pediu para eu repetir o que tinha ouvido (eu inventei qualquer coisa sobre os tais sinais que deveria saber) e mandou que eu seguisse as orientações da “voz”. Disse ainda que uma série de coincidências interessantes começariam a acontecer. Algumas iriam me guiar, outras tentariam me desviar. Eu deveria ter fé e seguir o que ela havia me dito, e eu saberia escolher os caminhos corretos. Então, levantou-se e me indicou a porta que levava novamente à sala principal.

Para completar minha surpresa, Yara me esperava do lado de fora. Ria da minha cara confusa e do meu espanto, como se soubesse há horas que eu estava ali. Às minhas costas, Pilar anunciou: “Ela veio buscar você e a resposta”.

“Sua palavra é realizadora, meu filho. Você já deve saber disso. Aquilo que você diz, acontece. Aquilo que pede, lhe é concedido. Então me diga aqui o que você quer, me diga o que gostaria de ter ou conseguir, em todos os sentidos da vida”.

Ainda meio zozinho com todas aquelas sensações acumuladas, consegui dizer apenas que queria ser um bom servo de Olomô. Eu sei, não parece uma resposta minha, mas foi a única coisa que eu consegui pensar na hora “você é treinado para dizer essas coisas desmioladas na Casa Branca”. Pilar sorriu e pediu que eu elaborasse um pouco mais: “Escolhas sábias trazem consequências prazerosas, meu filho. Quais são os seus desejos?”. Pedi uma promoção no *Jornal*, a viagem prometida para NY, um carro novo.

Ela interrompeu: “Quer mesmo um carro novo? Acredita que o terá? Então me dê aqui as chaves do seu”. Pilar e Yara me olhavam como se estivessem se divertindo com a minha confusão, mas não havia brincadeira alguma ali.

Entreguei a chave e Pilar a jogou num copo de água na mesa ao lado da porta e o cobriu com um paninho rendado e uma grande letra “P” bordada em vermelho. “Agora aguarde”, ela me disse. Depois, virou-se para Yara e ordenou que estivesse pronta para a nossa viagem para Nova York. Eu era de fato o homem que ela havia predito. Senti minha pele se arrepiar até o alto da cabeça e segurei instintivamente as mãos macias de Yara. Não era difícil perceber que ela estava emocionada.

Pouco nos falamos nos minutos seguintes, enquanto ela dirigia seu automóvel na direção da minha casa.

Passei metade do tempo refletindo sobre o que havia acontecido, inclusive a loucura de dar as chaves do carro para Pilar. Como ela havia feito aquilo comigo? Na outra metade da jornada, apenas torci para que não houvesse nenhum tipo de chamado pendurado na maçaneta quando chegássemos. Pilar havia sido clara na sua proibição, e eu não estava disposto a desafiá-la logo no meu primeiro dia de provação.

Para meu alívio, não havia nada. Entramos em silêncio, e assim ficamos até adormecermos. Dormimos abraçados e acordamos pela manhã, na mesma posição, graças ao toque insistente do interfone. Ainda com muito sono, não entendi direito o que o porteiro queria dizer (tenho sérias desconfiças de que no nordeste se fala um outro idioma que não o português). Tinha algo a ver com a garagem. “Meu carro não está aqui, seu Antônio, está consertando”, respondi desolado. Mas ele insistiu.

Desci para ver.

Encontrei seu Antônio ao lado da minha vaga, ocupada por um Golf novo em folha. Sonolento, perguntei de quem era, incomodado com o fato de que alguém havia se apossado descaradamente de algo que não lhe pertencia, mas ainda mais irritado porque aquilo poderia ser resolvido mais tarde. Ele apontou um envelope no para-brisa. Tinha meu nome escrito.

Para o nosso mais novo irmão, com os cumprimentos dos novos amigos do grupo.

Ass. Herman Apfelbaum.

Um carro novo em menos de 12 horas. E não era um carro qualquer. Aquela máquina deveria custar pelo menos quarenta mil reais! Era a demonstração de poder mais impressionante que eu já havia visto na vida. Poderia ser um presente muito perigoso, porém, caso alguém no *Jornal* ficasse sabendo. Se associassem o presente com as notícias que eu havia publicado recentemente, eu poderia ser demitido sem que nem meus amigos da diretoria pudessem fazer alguma coisa. A menos que recusasse. Mas os documentos já estavam lá, e minha consciência, limpa. O presente não tinha nada a ver com as negociações de Apfelbaum ou de quem quer que fosse.

O carro era apenas o resultado da força da minha “palavra realizadora”, pensei enquanto subia no elevador.

Tentei contar tudo para Yara enquanto tomava banho. Mas ela me interrompeu entrando no chuveiro comigo. Passou sabão no meu corpo e esfregou com o seu. Me beijou. Uma rapidinha, mais tarde, ela me deixou recuperando as energias embaixo da água quente. Quando peguei a toalha, ela já havia saído. Tinha uma reunião marcada com o conselho-diretor e não pôde me esperar.

Li o *Jornal* com calma com o café de todo dia e desci novamente. Por via das dúvidas, preferi ir de táxi.

Enquanto esperava na portaria, pensei na Maria Eduarda. Ao mesmo tempo em que tinha medo daquilo do aviso de Pilar sobre ela, tinha curiosidade de saber o que ela iria achar do presente que eu havia acabado de receber. E, como essas coincidências já estavam virando rotina, assim que pensei, meu celular tocou. Era Duda.

Atendi sem pensar muito. Ela falava correndo, como se ligasse escondida. Disse que não sabia quantas vezes ia aguentar que aquela mulher nos separasse (ela sabia de Pilar?) e que por favor a procurasse se algum dia fosse a

Nova York E se foi. Desligou sem me deixar falar.

O celular tocou mais uma vez. Achei que fosse ela de novo. Mas era um toque de torpedo. Olhei a mensagem de um número não registrado:

“Pão de Açúcar Mourato Coelho. Seringa na mão. Delegado.”

Entrei no taxi e ofereci R\$ 20 sobre o taxímetro para que ele corresse.

Axé,

New

São Paulo, 2 de agosto de 2001.

A SERPENTE

Exu sabia que não havia muito o que fazer. Mesmo assim, armou um salto na direção do mestre, mas foi interrompido pelo braço levantado de Orunmilá. Com um movimento ríspido e seguro, e sem dizer uma única palavra, o babalaô mandou que Exu não se movesse. Ele obedeceu. O velho adivinho, por sua vez, permaneceu sentado no mesmo lugar, enfrentando com o olhar a pequena serpente.

Foi então que, diante dos olhos surpresos de Exu e do maior adivinho das terras iorubás, a cobra colorida esticou-se no chão, iluminando todo o ambiente com uma luz intensa que saía de dentro do seu corpo enquanto ela mudava de forma. Ela cresceu. Surgiam novas pontas, que se transformaram em braços e pernas. Seu corpo vermelho e preto ganhou um tronco esbelto, coberto por roupas elegantes das mesmas cores. O rosto se retraiu, tomando a forma de um belo rapaz de olhos absolutamente negros e movimentos lentos e sinuosos. O colar colorido se transformou num belo xale com as cores do arco-íris que envolvia seu longo pescoço. Logo não restava nenhum vestígio da cobra que Afolabi levava no ombro além do olhar negro do homem de vestes coloridas. Agora ele tinha a atenção total de Orunmilá.

– Seja bem-vindo a Ejigbo, babá. – disse o rapaz.

O homem-serpente se dobrou e tocou a testa e o peito no chão. Orunmilá ficara tão surpreso que se sentiu desconfortável diante da mesura:

– Levante-se, por favor. Quem é você? O que deseja? Está com fome?

– Um pouco.

– O que gostaria de comer, meu rapaz?

Orunmilá só se prendia a esse tipo de zelo quando estava realmente interessado ou impressionado com a habilidade de alguém. Era o caso.

– Se tiver camarão com muito molho de pimenta e limão, eu agradeceria. Mas pode caprichar no molho, ouviu?

– Exu! Vá até o mercado e traga-nos uma boa porção de camarão, muita pimenta e limão!

– Posso aproveitar para comer também, babá? Estou morrendo de fome.

– Você algum dia não teve fome, Exu?

– Não que eu me lembre, babá – disse o mensageiro sorrindo.

– Então vá. Coma o que quiser, mas não demore. Nosso convidado não deve ficar esperando. Aliás, ainda não sei seu nome.

– É Dan, a serpente, babá. Vim das terras Fon até as planícies iorubás à sua procura, a mando daquele que vocês chamam de Oxalá. Por aqui, o povo acabou me chamando de Oxumarê, o arco-íris, por causa de uma história que depois conto com detalhes. Mas, para efeito de apresentações, sou feiticeiro e adivinho. Tenho ouvido histórias a seu respeito e quis ter a honra de encontrá-lo.

– Pois bem, esse dia chegou. Em que posso ajudá-lo?

– Já ajudou, babá. Já livrou a cidade do exército das Iá Mi, tarefa que eu tinha me comprometido a apoiar. O povo de Ejigbo está muito agradecido. Agora eu é que venho oferecer meus serviços.

– A única coisa de que preciso no momento é encontrar meus amigos.

Era a primeira vez que o Orunmilá se referia a alguém do seu grupo, com exceção de Oxum, com algum afeto.

– Não posso dar com precisão a resposta que procuram, infelizmente. Meus instrumentos pararam de funcionar novamente... Mas tenho informações que talvez possam ajudá-los a compreender o que está acontecendo.

– O que você sabe?

– Primeiro deixe-me contar uma história.

Oxumarê deu um salto e caiu de pé. Com a saída de Afolabi e de Exu, sozinhos na grande sala, os dois conversavam com a intimidade de velhos amigos. Oxumarê contou que o pai, que também era um oluô, tinha um xale mágico dado de presente por Iemanjá, a grande orixá da maternidade. O pedaço de pano colorido dava-lhe o poder de enxergar o que ninguém enxergava. Quando o pai morreu, Oxumarê virou o principal adivinho da cidade e logo ganhou fama por causa das histórias grandiosas que o povo contava.

– E eram verdadeiras? – provocou Orunmilá, impressionado com a confiança do adivinho das terras Fon.

– Algumas, mas não todas – respondeu Oxumarê, disfarçando o

orgulho.

Logo o povo das vilas ao redor correu para consultar o famoso oluô. E enquanto contava o destino dos outros, ouvia histórias sobre o mundo, sobre outros povos. Curioso, o jovem Dan, como era chamado, resolveu viajar por outras terras e viver um pouco das histórias que ouvia seus clientes contarem.

Um dia, no meio de uma viagem, foi chamado para resolver um enigma. Oko, um bondoso homem de Ila, havia desaparecido diante dos olhos de várias pessoas. Oko sabia plantar como ninguém. Seus inhames eram vistosos e suas colheitas, fartas. Na sua generosidade, havia ensinado sua técnica para a gente de várias cidades da região. Diziam que quem aprendia com Oko jamais sentiria fome de novo. Por isso, o plantador passou a ser cada vez mais procurado para dar conselhos a donos de terras e até mesmo a reis que queriam aumentar sua produção. Mas um dia ele se cansou. Disse a todos que estava de partida e, quando terminou de se despedir dos amigos mais próximos, foi engolido pela terra. Como uma semente. Ninguém entendeu. Nunca haviam visto nada parecido. O povo estava curioso, nervoso com aquilo. Qual teria sido o destino que Olodumare havia reservado àquele homem tão bondoso? Esse era o enigma que Oxumarê deveria solucionar.

– Naquele dia – continuou sem interromper –, chovia muito, e a chuva atrapalhava a minha viagem. Tentando manter o bom humor, uma hora vi meu xale completamente encharcado, e girei-o no ar, como se fosse uma espada mágica. Fazendo piada, gritei para o céu que secasse ou eu o cortaria com minha espada de cores. Não tinha ideia do que iria acontecer.

Com o grito, o xale colorido se esticou até chegar ao céu. Aquela ponte colorida que era o xale de Dan abriu um buraco nas nuvens e o sol foi aos poucos aparecendo para cessar a chuva. Quem estava em volta, uns poucos amigos e os homens que o escoltavam, gritava de alegria e encanto. A partir desse dia, Dan passou a ser chamado de Oxumarê, o grande arco-íris.

– Ele estica o braço e rompe as nuvens no céu! – imitava o grito dos curiosos que observavam cada movimento seu.

Um pequeno movimento no buraco que o xale abriu entre as nuvens interrompeu a gritaria. Alguém vinha descendo. Devagar, porém decidido, um homem pequeno de vestes brancas caminhou por todo o caminho colorido até chegar onde estava o grupo. Oxalá descia para lhes falar.

Orunmilá ouvia tudo em silêncio, enquanto o jovem rapaz, que tinha enfim capturado a atenção do grande babalaô, forçava a voz para que parecesse a de um velho:

– Meu filho, que coisa linda fizeste. Olodumare está encantado, e mandou convidar-te para visitar o Orum sempre que desejares. É só jogar teu xale nos dias de chuva, que uma porta para o Orum se abrirá para ti. Levai-nos um pouco de água quando fores nos visitar e terás todas as respostas que quiseres.

Orunmilá, que permanecia quieto, agora com os olhos fixos no xale colorido, resolveu interromper:

– E como é o Orum? – perguntou. – O único que conheço que já estive lá é Exu, mas ele me disse que sempre passa correndo demais para olhar em volta.

– Grandes palmeiras, pastos verdes e vastos, fontes da água mais pura...

O jovem oluô falava com nostalgia de suas lembranças. As paisagens, o vento fresco, a sensação de bem-estar, a força do axé que se sente por lá. O lugar lhe foi mostrado por um irunmalé simpático que contou sobre as montanhas Igbadu, lhe mostrou o lago onde Ifá responde a todos os adivinhos do mundo...

– De repente, para minha surpresa, meu guia apontou para o um homem que plantava inhames próximo a um rio. Ele plantava e em um instante a planta brotava. Oko, explicou o irunmalé. O homem que me pediram para investigar! Perguntei o que havia acontecido e meu guia me deu a única explicação que eu jamais imaginaria: Oko havia virado um vodun, um orixá.

A declaração naquele instante capturou a atenção de Orunmilá.

– Quer dizer que um homem...

– Um homem pode virar um orixá, sim. Não sei ao certo como nem por quê. Mas ele estava lá, como se estivesse vivo como nós, só que não respirava, como os outros orixás e irunmalés que eu encontrei.

– Você viu outros orixás? Conversou com eles? Falou com eles de perto?

– Mais ou menos. Nas vezes que fui até lá, alguns deles acenavam de longe, outros cumprimentavam-me e até se aproximavam quando eu passava com a água fresca que sempre trazia aqui do Aiê. Mas agora que você pergunta, acho que nunca vi nenhuma Orixá mulher nessas visitas.

Estranho, não?

– Conte mais – Orunmilá estava cada vez mais interessado.

– Sempre que vou até lá, gosto de ficar observando o trabalho cuidadoso de Ajalá, o orixá que modela nossas cabeças no barro. Sabia que ele sempre faz duas cabeças iguais, uma que nós trazemos para o Aiê e outra que ele guarda no Orum?

Orunmilá segurou o queixo, pensativo:

– Então é por isso que os antigos diziam que temos outra cabeça no Orum... E Oxalá, como ele é?

– Todas as vezes que tive a oportunidade de ir ao Orum, tive a honra de cumprimentá-lo. Ele sempre me pareceu bastante sábio. Com aquela tranquilidade e serenidade que só a vida é capaz de trazer. Não ser da última vez...

– O que houve da última vez?

– Lisa, que é como meu povo chama seu Oxalá, estava muito agitado. Parecia um bando daquelas abelhas selvagens, prontas para aniquilar quem quer que cruzasse seu caminho. Ele andava de um lado para o outro, cercado por alguns irunmalés, gritando: “Elas foram até lá! Elas foram até o outro lado! Malditas! E quem foi que convidou aquele traidor? Quem foi?”. Nesse dia, deixei a água num lugar aberto e voltei correndo. Fiquei com medo do que poderia estar acontecendo. Aí, quando ouvi dizer que você e seu grupo estavam a caminho desta região, com uma missão enviada pelo Orum em andamento, achei que talvez essa informação pudesse ajudar. Eu continuo sem entender do que se trata, mas talvez você, babá, consiga entender.

Orunmilá não sabia a resposta, mas ao certo tudo aquilo tinha relação com o repentino silêncio de seus instrumentos. Em outra situação, talvez conseguisse uma compreensão mais profunda. O nervosismo, contudo, lhe embotava o raciocínio. A simples menção ao trabalho que estavam executando o fazia lembrar da imprudência de Oxóssi e do sumiço de Xangô.

Um chacoalhar dos búzios interrompeu a conversa. Exu estava de volta do mercado, reclamando alto da comida da cidade.

– Por isso que o povo anda tão magro!

– O que foi, Exu? – perguntou o babalão. – Não achou o que mandei?

– Achei, babá. E já mandei que preparassem e trouxessem para cá.

Estou falando é de como esse povo não entende de comida normal, de todo dia.

Exu estava tão indignado que mal conseguia contar sua epopeia.

– Imaginem vocês que eu fui pedir que uma “dita” cozinheira me preparasse uma boa farofa. Foi só olhar para o lado e, quando vi, ela estava torrando a farinha pura sobre o fogo! Ela não usava nada para torrar a farinha! Aí eu mandei que parasse. Mas quando fui ensinar como se fazia uma boa farofa, descobri que não só ela não tinha azeite como na única esteira que vendia azeite, em todo o mercado, não havia nada com que carregar. Mas eu estava com tanta fome, que peguei a primeira coisa que vi pela frente e mandei o vendedor encher. Ele começou a rir, porque eu estava segurando uma peneira. Mas você sabe como eu sou, babá. Quando Exu está com fome, não há quem segure. Mandei que ele enchesse a peneira mesmo com o dendê. Ele riu mais ainda e disse que eu jamais conseguiria. Eu pedi de novo, e ele me desafiou mais uma vez. Aí entrei no jogo: falei que se não derramasse o óleo no chão, eu não pagaria um só búzio por todo o óleo que conseguisse carregar. Mas, em compensação, se derramasse, eu pagaria por cada gota, mesmo que não tivesse usado.

– O que aconteceu? – perguntou Oxumarê, curioso com o desfecho daquela história bizarra.

– Não pingou uma gota. Eu levei o azeite e mandei a mulher fazer uma farofa que prestasse. Resultado: eu não paguei pelo azeite, ensinei a mulher a fazer farofa, e ela me prometeu que quando quisesse mais, era só voltar lá e pedir que ela fazia de graça. Por isso que eu nunca pago nada nos mercados!

O jovem de roupas coloridas não entendeu muito bem como aquilo era possível, mas não chegou a desacreditar. Se fosse mentira, pelo menos era bem contada. Como sua comida também acabava de chegar, o assunto se encerrou por ali.

Oxumarê comeu devagar e com muito gosto a comida que Exu havia lhe trazido, deixando Orunmilá quieto no meio da sala, pensando nos problemas que ainda tinham de ser resolvidos: o sumiço de dois dos seus guerreiros, as palavras de Oxalá, o silêncio dos instrumentos... Por muito tempo ninguém falou. Nem mesmo Exu, o que era raro.

Até que um barulho de correria interrompeu o silêncio e, pela porta principal, entrou Iansã, suada, suja e sem fôlego, seguida por Xangô e, na sequência, um homem baixo que aparentemente apenas Orunmilá

reconheceu. Era a primeira vez naquele dia que o velho babalão sorria, mas logo a expressão cerrada lhe voltou ao rosto:

– Acudam! – gritou o babalão. – O príncipe Ouorim está de volta! Tragam o que comer e beber! Andem! Não podemos deixar um príncipe de Ifá faminto e cansado! Mexam-se!

– Obrigado, meu amigo Orunmilá – disse o príncipe num abraço apertado. – Mas, por enquanto, eu preciso mesmo é descansar.

– Exu! Leve o príncipe até o meu quarto. Certifique-se de que ele estará bem instalado e volte para cá. Estou certo de que Iansã e Xangô têm uma história para nos contar.

– Agô, babá. Posso descansar também? – pediu Xangô.

– Claro, meu filho, vá. Mas você fica, Iansã. Quero saber com detalhes tudo que aconteceu.

– Obrigado, mestre – respondeu Xangô.

Xangô fez uma mesura vagarosa e, em vez de se dirigir aos quartos, aproximou-se de Iansã. Diante dos olhares surpresos de todos, deu-lhe um beijo caloroso e, em retribuição, recebeu uma leve carícia no rosto.

– Mais tarde, passo lá para ver como você está. – disse ela.

Iansã, a grande guerreira, que cortou a própria pele para provar seu valor, aquela que tem a força de um búfalo e luta como dez homens, acabava de ser flagrada num momento de ternura. Ficariam todos quietos, boquiabertos, diante da cena, não fosse um deles ser Exu:

– Assim amanhã quem vai sumir sou eu!

Com um simples olhar, o adivinho o censurou e cessaram as brincadeiras de Exu. Em silêncio, todos aguardaram que Xangô atravessasse o corredor.

– Em vez de ficar aí fazendo gracinhas, vá ajudá-lo, Exu.

– Mas babá... – Exu olhava aflito para Iansã, que sentava como se estivesse preparando uma explicação para o que havia acontecido.

– Eu queria...

– Primeiro ajude seu companheiro a se instalar. Depois volte para ouvir a história de Iansã.

Tão logo Exu cruzou a porta do corredor com Xangô, Orunmilá voltou a sorrir. O resgate do guerreiro e de mais um odu tivera um efeito animador sobre o velho adivinho. Mais do que qualquer história que o surpreendente Oxumarê pudesse ter contado. A excitação era perceptível em sua voz, e isso animava qualquer um que estivesse em volta. Orunmilá

ficava outro quando estava desanimado.

– Enquanto ele não volta – sugeriu Iansã –, quero aproveitar para fazer uma pergunta: acho que vi aquele sujeito emplumado aqui por perto quando estava vindo para o palácio. Algum de vocês descobriu quem é ele?

– Não – respondeu desinteressado Orunmilá.

– Deve ser um curioso qualquer. Desde que a história de vocês se espalhou por aí, todo mundo está curioso para conhecer o tal “exército do Orum” – comentou Oxumarê.

Apesar de nenhum deles acreditar realmente naquela versão, a colocação do oluô parecia suficiente para encerrar o assunto – por enquanto. A única discussão que os interessava naquele momento era a história de como Iansã trouxera de volta, de uma só vez, Xangô e um odu. Orunmilá pediu que Iansã contasse o que havia acontecido:

– Conte-nos tudo. Não esqueça nenhum detalhe.

– Quando deixei o mercado, fui para Akeyan – disfarçada de mendiga. Como a cidade é pequena, foi só fazer algumas perguntas e fiquei sabendo que três estrangeiros vieram para a festa da cidade na noite anterior. Só podiam ser eles. Na hora, não entendi bem por que razão, mas me explicaram que houve uma briga e que dois deles foram presos.

– O que aconteceu com o terceiro? – perguntou Exu, que entrara correndo.

– Só descobri isso depois. Esse terceiro rapaz, que era o filho da vendedora de folhas que me contou tudo, foi quem primeiro se envolveu na briga. Ele galanteou a futura esposa do chefe da guarda da cidade e a confusão começou. Quando os outros dois, incluindo Xangô, foram defendê-lo, todos os soldados da cidade foram pra cima deles. O filho da mulher do mercado se feriu gravemente e acabou morrendo no meio da praça; um deles fugiu e parece já estar na cidade desde essa madrugada. O último deles era um guerreiro poderoso que portava um machado de duas lâminas e, segundo meus informantes, havia sido o que deu mais trabalho aos soldados. Mais de trinta homens, disseram. O homem do machado, que só poderia ser Xangô, acabou obrigado a se render. Foi assim que fiquei sabendo que ele estava na prisão de Akeyan. Ou melhor, na casa que eles chamam de prisão.

– E como vocês saíram de lá? – perguntou Exu.

– E o príncipe Oyorin, como foi parar lá? – completou Orunmilá.

Iansã pediu calma antes de contar os detalhes: como avistou de

longe o machado de duas cabeças do lado de fora da casa; como se aproximou para perguntar ao guarda o que era aquilo. Era de “um preso guardado atrás daquela porta”, explicou o guarda. Iansã já havia percebido onde estavam mais oito guardas. Ela perguntou mais algumas curiosidades que fizessem parecer que era apenas mais uma velha curiosa e, em seguida, tomou seu caminho para fora da área de visão dos soldados. Longe da vigilância, pegou uma pedra de raio e lançou sobre uma casa que parecia vazia. No mesmo instante ela incendiou. Com o barulho, os guardas foram correndo ver o que estava acontecendo. Todos, menos o que tomava conta da porta, “mas isso já não era um problema”, explicou a guerreira. Iansã aproximou-se, e quando o guarda a cumprimentou com o desprezo de quem está tratando com uma caduca, a espada da guerreira rasgou sem dificuldade seu pescoço.

Antes que os outros guardas voltassem, ela passou por cima do corpo e da poça vermelha que se formava, tirou com facilidade a tranca de madeira e abriu a porta.

– Abraçamo-nos e ficamos ali por algum tempo – contou Iansã –, até que o outro homem que estava naquele quarto veio nos avisar que os guardas estavam voltando.

– Era o príncipe Ouorim – concluiu Orunmilá.

– Ele mesmo, mas só fiquei sabendo quando estávamos no caminho de volta. E os guardas estavam mesmo chegando perto.

Ouvindo a história, todos associaram o beijo que haviam presenciado ao abraço que Iansã acabara de relatar. Exu já se preparava para fazer alguma gracinha, mas a história de Iansã continuou antes que a primeira piada lhe viesse à cabeça.

Xangô pegou seu machado, e os três foram para o lado de fora esperar os guardas, que já voltavam depois de ter apagado o incêndio da casa ao lado. Abrija estava para começar.

– Eram oito, mas não muito bons – a guerreira descreveu a luta com os soldados:

Com um golpe de cada um, Xangô e Iansã mutilaram os dois que vinham na frente e, enquanto esperavam que os outros seis chegassem à distância de batalha, Iansã estendeu a mão com uma pequena cabaça para Xangô. Ele sorriu e despejou na boca o pó de yaxanã antes de devolver a cabaça a Iansã. Ela despejou na boca o resto do pó e retribuiu o sorriso a Xangô.

No meio da sala, Iansã se levantou para mostrar como os dois guerreiros, seguidos pelo prisioneiro, caminharam calmos na direção dos soldados. Sem levantar as armas, contou a guerreira, ela e Xangô se aproximaram até o momento em que puderam ouvir os pés dos inimigos tocando o chão.

– Quando chegaram perto, eles soltaram um brado de guerra que mais parecia que estavam parindo! – desdenhava Iansã.

O sorriso de desprezo da guerreira demonstrava a facilidade da luta que ela descrevia. O casal se entreolhou e, de uma só vez, retribuíram os gritos, contou Iansã. De suas bocas, no entanto, não saíram apenas sons de guerra, mas labaredas gigantes que fizeram os oponentes que ainda não haviam sido abatidos fugir em disparada.

Todos riram da imitação dos soldados em fuga enquanto Iansã descrevia como o resto do povo fugiu dos três enquanto eles seguiam para a porta de saída, cuspidos fogo para todos os lados.

– Aí você resolveu virar mulher dele... – debochou Exu.

Ninguém sabia se ria ou se repreendia Exu por mais uma brincadeira inoportuna. A própria Iansã, no entanto, tratou de surpreender sua pequena plateia com uma resposta tão objetiva quanto seus golpes:

– Isso. Assim que percebemos que estávamos fora de perigo, prometemos que nunca mais ficaríamos longe um do outro.

Asupresa foi tanta que nem o mensageiro sabia o que dizer. Se não havia o que esconder, não havia piada. Percebendo o constrangimento geral, Iansã mudou de assunto:

– E Ogum e Oxum, conseguiram encontrar Oxóssi?

Orunmilá não respondeu. Deixou cair o sorriso, voltou-se tranquilo para a janela e não disse mais palavra alguma por toda aquela noite. Tentou mais uma vez lançar seus búzios, que continuavam calados. Resignado, não saiu mais dali e adormeceu junto com os companheiros, na sala principal, esperando o retorno do general Ogum.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re (19): Minha história

O táxi parou na esquina da Fradique Coutinho e eu corri até o supermercado. Entrei correndo, esbarrando nas pessoas até o fundão, antes que alguém me perguntasse alguma coisa. “Polícia!” – gritei, contando que a ajuda viria, nem que fosse para me prender. Pelo meio do caminho, já havia uns três correndo atrás de mim. O que era bom.

Cruzei a cortina de plástico que dava para a área dos funcionários. Olhei ao redor, procurando por algo estranho. Um sujeito de macacão e boné. Quem usa boné dentro de um depósito escuro? “Ei! Você aí!” Ele estava abaixado e se levantou quando chamei. Seringa na mão. Como se me esperasse, levantou a aba do boné. Vi primeiro o sorriso. Depois os olhos. O Carlos?! Como se debochasse de mim, ele correu. Os funcionários que me perseguiam já haviam compreendido a situação: “Vai por ali que eu vou por aqui”.

Cercamos o Carlos no fundo da loja. Ele olhou pra mim, abriu a boca em círculo e empurrou duas vezes a língua contra o interior da bochecha. Depois virou para trás, dobrou a cintura pra frente, levando a mão e a cabeça em direção a uma sombra. Para minha surpresa ele começou a vomitar. Aproveitei e saltei na direção dele, joguei-o no chão. Vi a seringa correr para junto das caixas no fundo do depósito e agarrei uma de suas pernas. Ele tentou fugir, e eu me enrolei na outra também. Nessas horas, o instinto bate, e minhas horas de tatame, embora fizesse anos que eu não treinasse, vieram todas à cabeça. Quando reparei, estava deitado no chão exatamente como treinava no jiu-jítsu, na época de moleque: agarrado, cada um com a cabeça para um lado, o joelho dele entre os meus e o tornozelo dele preso embaixo da minha axila. Estávamos todos cobertos de vômito. O Carlos era muito mais forte do que eu imaginava, mas eu o tinha na mão. De supetão, girei o quadril para baixo enquanto travava o tornozelo dele para o alto, no sentido oposto à articulação do joelho. A alavanca fez os ossos dele estalarem. O Carlos urrava de dor. Aquela perna não dobraria nunca mais. Fiquei com a perna dele na mão até que os funcionários o agarrassem pelo braço e o amarrassem numa pilastra.

Em minutos, a polícia estava lá. O Carlos ainda gritava. Fomos levados para a delegacia, e o supermercado interditado. No fim do dia, algumas embalagens de produtos adulterados foram encontradas, com o mesmo tipo de

produto químico identificado nos atentados anteriores. Tudo devidamente postado no *Jornal* on-line e registrado na história publicada no *Jornal* impresso do dia seguinte. Dessa vez, sem minha assinatura. Mas meu nome estava lá mesmo assim.

Na faculdade de jornalismo, aprende-se que jornalista bom fica atrás das câmeras, não interfere na matéria, nem vira notícia. Essa era a segunda vez que eu virava. A primeira foi quando fui sequestrado, na posição de vítima. Agora era diferente: eu era o herói da mesma história que eu havia reportado, mas quem iria me condenar? Por minha causa, o assassino foi parar na cadeia (na verdade primeiro no hospital, para operar o joelho estourado), e a reportagem teve direito a entrevistas com os funcionários que me viram agarrar o Carlos, com meus ex-colegas de jiu-jitsu e tudo. Duas coisas me incomodavam, porém: a seringa que nunca foi encontrada; e a imagem do Carlos, prestes a ser pego, que em vez de fugir, ficou fazendo o gesto do boquete como a Pilar havia feito quando nos conhecemos. Por que ele não correu imediatamente quando me viu? Seu depoimento dava uma pista: ele não se lembrava de nada daquilo. “Era como se tivesse sido possuído.” – disse ele. Eis uma defesa que não colaria. Inocência por possessão. Semanas depois, porém a ideia ainda me assombrava.

O RH me forçou a tirar uns dias de folga. Para lidar com o trauma, disseram. Mas não havia trauma algum. Eu ainda sentia a explosão de adrenalina cada vez que me lembrava da prisão de Carlos. Mas era uma sensação bem boa, mais de orgulho que trauma. O assédio relacionado à prisão do Carlos também havia diminuído, e eu estava pronto para voltar às atividades. Eu precisava voltar ao trabalho para poder cobrir a negociação do *Jornal* em Nova York. Não queria perder a viagem.

Convencer o RH não era tudo, no entanto. O inquérito policial ainda não havia terminado. Não parecia que eu poderia antecipar meu testemunho. Insisti com os oficiais de justiça. Nada. No último dia, desolado, fui até o *Jornal*, subi até a sala de Yara para contar que ela teria que levar um outro repórter. A secretária me mandou entrar e fechou a porta atrás de mim.

Yara parecia mais baixa do que de costume. Seu corpo se escondia por trás da grande escrivainha de mogno. Com toda calma do mundo, ela pediu que eu explicasse tudo novamente e quando terminei, sorriu como se tivesse tudo sob controle. Como se estivesse esperando que eu subisse com o problema para poder resolvê-lo para mim.

“Eu te faço esse favor, se você fizer um por mim.” – levantou uma

caneta da mesa e a soltou no chão, de propósito, bem ao lado da sua cadeira: “Preciso que você pegue essa caneta para mim”. Ela se afastou alguns centímetros da escrivaninha e me acompanhou com os olhos.

Quando rodeei a mesa, suas pernas nuas se descruzaram, deixando ver que ela não vestia nada além da blusa e sapatos de salto. Pela gravata, ela me conduziu até que eu estivesse de joelhos (e entre os dela), escondido debaixo da escrivaninha. Avançou os quadris para a ponta da cadeira e empurrou o encosto para trás. Me olhou novamente, se certificando que eu havia compreendido o que fazer. Sem poder afirmar que estava contrariado, iniciei o cumprimento do meu dever.

Fui surpreendido por um bipe em cima da mesa, e por um instante, interrompi as atividades e limpei o rosto com a manga da camisa. Me preparava para subir correndo, mas uma mão me manteve na mesma posição. Yara atendeu o chamado do ramal interno e permitiu que a secretária entrasse! “Ué! Cadê o sr. Newton?”, perguntou a funcionária. “No banheiro”, respondeu Yara, dissimulada, antes de ordenar algumas ligações e puxar meu cabelo para que eu não parasse. Comigo lá embaixo, ordenou a primeira chamada para “dona Pilar”, a segunda para o Secretário de Segurança do Estado.

Com Pilar, foi um papo rápido. Elas combinaram o que deveriam fazer para evitar que esse imprevisto estragasse a viagem. Contou o que estava acontecendo e solicitou autorização para pedir que o Secretário intercedesse por mim. A ligação seguinte, embora de uma autoridade, foi surpreendentemente imperativa, apesar dos eventuais soluços e gemidos engolidos. Yara transmitiu o “pedido” de Pilar enquanto desabotoava o botão do alto de sua blusa e acariciava o próprio peito por dentro do sutiã. Depois, após um bipe do ramal interno, ordenou que não fosse mais interrompida. Pôde enfim aproveitar, relaxada.

Saímos juntos no táxi em direção ao aeroporto, passando pela minha casa apenas para pegar a mala. Ao longo do caminho engarrafado, várias vezes ela me acariciou os cabelos como fez quando eu estava embaixo da mesa, e fingia puxar meu pescoço em direção ao seu colo. Ríamos, embora eu sempre tivesse a impressão que numa daquelas tentativas ela poderia me puxar de verdade. Subi o elevador pensando o que deveria levar para economizar tempo, mas com tudo tão certo para minha viagem, claro que o feixe de palha que me convidava para a visita ao Orum tinha de estar na minha porta esperando!

Lembrei da proibição de Pilar de voltar ao Orum. Da reportagem importante que eu iria fazer. Do meu plano secreto de encontrar com a Duda. E da perspectiva dos dias e noites trancado num quarto de hotel com a maníaca da

Yara. “Eles vão ter que esperar mais um pouco.”

Juntei minhas coisas, e desci.

Axé,

New

São Paulo, 9 de agosto de 2001.

CASTIGO DIVINO

O dia ainda não havia clareado quando Ogum e Oxum voltaram, sem saber o que havia ocorrido na véspera. A luz já era suficiente para perceber que havia corpos estendidos pelo chão de toda a sala principal. Ogum fez um sinal de silêncio, e os dois caminharam cuidadosamente entre um corpo e outro. Era preciso chegar bem perto para poder reconhecer cada um deles. Perto o suficiente para perceber que estavam todos respirando. Exceto um estranho que dormira com o corpo enrolado em torno de si mesmo, todos os demais eram amigos. Incluindo o homem que lhes ajudara a vencer a batalha de Ejigbo.

Oxum fez um rápido movimento com os braços quando encontrou o pai deitado próximo à janela. Delicadamente acariciou-lhe e chamou baixinho:

– Pai, acorde.

O adivinho levantou de uma só vez, como se estivesse atrasado para um compromisso importante. Enquanto se sentava assustado, arrumou os cabelos e perguntou, num tom bem acima do da filha:

– Acharam Oxóssi?

– Não, meu pai.

O susto de Orunmilá acabou por acordar seus companheiros de vigília na sala principal, e o movimento tratou de espantar o sono daqueles que ainda resistiam em abrir os olhos.

– Exu, pegue meus búzios! – gritou o adivinho sem se preocupar se alguém ali ainda dormia.

– Sim, babá.

Exu estava sempre pronto. Mesmo tendo acabado de acordar, lá foi ele, em disparada pelos corredores, e voltou pouco depois, carregando nas mãos o embrulho com os instrumentos do babalaô. Às suas costas, o vulto compacto de Xangô denunciava que o ruído já havia entrado casa adentro e acordado aqueles que dormiam nos quartos:

– O que está acontecendo aqui? – disse ele.

– Xangô! – gritou Oxum.

A jovem esposa de Ogum correu pela sala, tropeçando em tudo que encontrou pela frente, e jogou-se nos braços do guerreiro.

– Você está vivo! Axé Olodumare! Já não aguentava de tanta angústia só de imaginar...

Subitamente ela parou. Não precisava de luz para perceber os olhares de reprovação. Oxum ficou constrangida e confusa. As palavras saíram de sua boca de forma involuntária.

Ogum e Iansã se levantaram indignados. Foi a guerreira quem teve a primeira reação, aproximando-se e alinhando seus olhos duramente contra os da adversária, arrancando seus braços dos ombros de Xangô:

– Tire as mãos do meu marido.

Oxum não reagiu, a não ser pelos olhos marejados que ninguém viu. Passar a noite sem dormir, à procura de Oxóssi, deixara Oxum fora de seu estado normal. Deixara escapar sentimentos que não admitiria nem mesmo para si própria. Agora, diante do desafio de Iansã, novamente sua reação surpreendeu a todos, inclusive a ela mesma. Percebendo que estava descontrolada, a filha de Orunmilá se retirou, com a imagem de reprovação furiosa do marido gravada na cabeça.

Ogum chegou a empunhar a espada, mas os instantes em que demorou para escolher quem seria a primeira vítima – sua mulher, Xangô ou Iansã – foram suficientes para que o babalaô lhe tocasse levemente as costas:

– Precisamos encontrar seu irmão.

A única coisa mais forte do que a ira de Ogum era seu amor pelo irmão mais novo. Só por isso ele sentou para assistir ao jogo de Orunmilá.

O velho adivinho esfregou as mãos no rosto e respirou fundo. Em seguida, encarou Ogum com humildade, como se pedisse desculpas pelo comportamento destemperado da filha. A resposta, todavia, veio fria e certa como o fio de sua espada:

– Seus instrumentos estão aqui, babá. Vamos ver o que o Orum nos dirá desta vez.

Orunmilá estendeu o pano colorido no chão e, sem muita esperança, jogou os dezesseis búzios.

– O que aconteceu com meu irmão, babá?

– Não sei, general. Eles continuam mudos. Mas temo que possa ter acontecido o pior.

– O que você quer dizer com isso?

– Sei de poucas histórias de pessoas que desafiaram o tabu do dia das proibições. E em nenhuma delas o final foi feliz.

– E o que vamos fazer, então, babá?

As palavras duras do general escondiam um leve tremor e, não fosse a falta de clareza, todos teriam visto seus olhos se encherem de lágrimas. Orunmilá respeitou a dor de seu mais nobre guerreiro e esperou que sua respiração se normalizasse antes de continuar:

– Por enquanto, fique aqui. Vou pessoalmente procurar seu irmão. Quem sabe os orixás não fazem minha intuição funcionar melhor que seus olhos. Mas preciso que você mantenha a cabeça no lugar e tome conta dos demais. Não faça nada enquanto eu não estiver de volta – fez uma pausa e continuou. – Entende o que eu quero dizer, Ogum?

– Entendo, babá. Traga-o de volta e, no que depender de mim, encontrará tudo exatamente como deixou quando sair. É uma promessa.

– Muito bem. Vou comer alguma coisa e sairei à procura de Oxóssi. Exu!

– Sim, babá?

– Traga do mercado um punhado de milho branco e vermelho cozidos. Ofereça um pouco das sementes brancas para Oxalá em meu nome, para que ele apure meus olhos e ouvidos. Depois traga o milho vermelho para comermos. Precisamos estar bem-dispostos para o dia de hoje.

– Estou indo, babá.

Ogum acompanhou o mensageiro enquanto ele atravessava a porta de entrada. Na volta, seus olhos pousaram sobre o estranho que há pouco dormia enrolado no meio da sala. A luz ainda não era farta, mas já era possível identificar as cores brilhantes das vestes do estranho.

– Quem é esse, babá? – perguntou em voz baixa.

– É um oluô que veio nos visitar. O mestre de seu amigo Afolabi – e estendendo a mão na direção do homem-serpente, chamou. – Oxumarê? Gostaria de apresentá-lo ao general Ogum.

– Mojubá, general.

– Mojubaxé.

– Já ouvi falar de você – comentou o oluô, apontando para Afolabi –, é uma honra conhecê-lo.

– Muito obrigado. O prazer é todo meu.

– Meu amigo Oxumarê – interrompeu Orunmilá –, posso lhe pedir um favor?

– Claro, babá.

– Preciso mandar os sete príncipes resgatados de volta para o Orum. Normalmente Exu ficaria encarregado disso. Mas, uma vez que você também sabe o caminho, será que poderia assumir essa missão no lugar dele?

– Seria uma honra. Só preciso esperar a próxima chuva para que possa abrir novamente a ponte até lá.

– Pois bem. Faça seus próprios planos e leve-os a salvo. Garanto que os orixás lhe serão muito gratos. General, podemos colocar alguém para protegê-los até a próxima chuva?

– Não acho prudente, babá. As feiticeiras não me parecem muito interessadas em recuperar os príncipes de Ifá. Me parece que elas querem mesmo é nos fazer perder tempo. O que eu não entendo é por que os odus se calaram novamente...

Orunmilá também tinha feito a mesma pergunta por grande parte da noite e desistira pouco antes de adormecer. Talvez o general fosse mais feliz e conseguisse encontrar alguma resposta para pelo menos uma daquelas questões. Mas ele tinha uma preocupação maior.



Ogum ainda era adolescente quando Irê foi tomado por bárbaros do norte do mundo. Eles invadiram a cidade, queimaram casas, estupraram mulheres, mataram crianças e venderam os homens que sobreviveram como escravos para terras distantes. Quando souberam que o moleque valente era filho do rei, acorrentaram-no à estaca principal no meio do palácio e o submeteram à maior tortura que um menino poderia sofrer. Trouxeram sua mãe e colocaram na sua frente. Rasgaram sua roupa, os dois homens malcheirosos, que riam. O líder dos bárbaros, que babava uma baba grossa como a de quiabo toda vez que abria a boca, então pegou uma pequena espada e cruzou o ombro da rainha. Ela tentou segurar o grito para não assustar o filho, como se o metal saindo da sua carne fosse algo que ele conseguisse esquecer se não demonstrasse dor. Ele manteve-se firme. Chorava em silêncio, e mantinha os olhos firmes no torturador e na mãe, como se quisesse manter tudo claro na memória para um dia se vingar. O bárbaro se divertiu com a valentia, e atravessou outra lâmina pela coxa direita. Mãe e filho se comportaram do mesmo jeito, e ele começou a se irritar. Com uma faca, fez um corte profundo no outro braço, de alto a baixo,

e deixou escorrer-lhe o sangue pelos dedos. Ela continuava sem emitir nenhum som. Era fácil notar de onde havia vindo a dureza do rapaz.

“Me deem uma espada de verdade!” – gritou ele. Ogum finalmente ameaçou fechar os olhos, mas os malditos às suas costas não deixaram. O homem com a espada então a girou no ar, correndo pelo salão, cantando e dançando uma dança sinistra. E de repente girou a lâmina num círculo diagonal, e gritou. Ogum gritou junto quando a espada sem fio cruzou o corpo da mãe do ombro de um lado até o quadril do lado oposto, quebrando e rasgando mais por força bruta que corte. O sangue espirrou, fragmentos de ossos, entranhas e pedaços de pele se espalharam pelos rostos de todos ali. Ogum arquejava como se fosse um vulcão. Voltou os olhos arregalados para o assassino sem esconder sua vontade de matá-lo com ainda mais brutalidade. Enlouquecido, tentou arrebentar a corrente. Tentou, e de novo. E mais uma vez. Mas não conseguiu, o moleque. Divertindo-se com a ira mirim, o bárbaro falou para Ogum:

– Quando eu era da sua idade, tomávamos leite de cabra misturado com sangue para ficar forte. Você quer ficar forte para arrebentar essa corrente e vir aqui me matar? Então vamos ajudar o menino, companheiros.

Os dois ajudantes obedeceram à ordem. Um segurou os cabelos do corpo partido no chão, o outro ergueu seu machado e... *Záz!* Cortou-lhe a cabeça. O chefe do bando segurou a cabeça com o pescoço para cima, aparando o sangue com a mão, e indicou que os comparsas segurassem o rosto do rapaz para o alto.

– Boca dele bem aberta! – ordenou.

Ogum sequer tentou reagir. Obedeceu ele mesmo e abriu a boca para o alto, embora soubesse o que estava por vir. O bandido então virou o pescoço para baixo, como uma jarra grotesca, e derramou um fio grosso e escuro do sangue da própria mãe direto na boca de Ogum. Ele deixou sua boca encher e transbordar do sangue ainda morno. O olhar, sempre desafiador.

– Engole, moleque insolente! – gritou o homem.

E Ogum, o molecote franzino de temperamento quente, obedeceu. Engoliu tudo e sentiu o calor da mãe lhe enchendo os músculos. Por um instante, achou que agora poderia arrebentar as correntes. Tentou. Mas não funcionou. Os bárbaros riam e bebiam ainda mais. Ogum olhava suas babas escorrendo para jamais esquecer. Adormeceu de exausto, depois que todos caíram de bêbados.

Nos dias seguintes, os ajudantes, que se divertiram com a valentia do rapaz, criaram uma rotina macabra. Todos os dias levavam uma nova vítima, que assassinavam na frente de Ogum, e lhe forçavam a beber o sangue novamente. Um dia, a mulher do líder dos bárbaros, uma mulher bonita demais para alguém tão podre, apareceu de noite e mandou os guardas saírem. Viera ver quem era o rapaz de que tanto falavam. O menino que bebia sangue.

– Você é mais bonito do que me disseram. E forte para sua idade. – disse, alisando os músculos do jovem Ogum, que observava confuso, sentado no chão com os braços amarrados para trás.

Ela então se postou de pé onde semanas antes esteve a mãe do rapaz. Deixou sua roupa cair, como fizeram com a rainha. E se aproximou. Ogum, que nunca havia visto uma mulher nua, sentiu seu corpo estremecer, suas veias pulsarem em partes que não queria que pulsassem. Ela apalpou Ogum entre as pernas. Viu em seus olhos a culpa de estar respondendo àquilo tudo. Tirou-lhe a roupa, puxou uma pequena adaga e colocou no pescoço de Ogum. Ele desejou que ela enfiasse a lâmina ali mesmo. Mas em vez disso, ela sentou-se sobre ele e moveu o quadril, primeiro devagar, depois mais e mais rápido, até que os dois gritaram, praticamente juntos.

Todos os dias a partir daí, quando o marido caía de bêbado, ela repetia o ato. Ele jamais disse uma palavra.

Não estivesse tão entretida se aproveitando dos músculos do rapaz, porém, ela teria notado que todos os dias eles cresciam, inundados pela dose diária do sangue de seu próprio povo. Uma noite, no entanto, quando ela colocou a adaga em seu pescoço, ele, pela primeira vez, disse alguma coisa:

– Não faça isso.

Ela zombou dele. Com as mãos entre suas coxas, mostrou que não acreditava no pedido. Aquela havia sido a última chance: Ogum gritou alto, e abriu os braços com tanta força que não só a corrente de ferro que o segurava quanto a estaca que o prendia se quebraram. Um pedaço do teto caiu num estrondo que pôde se ouvir do outro lado de Irê. A poeira levantou por todos os lados. Logo, soldados entraram para ver o que acontecera. Encontraram a mulher, nua, segura pelos cabelos por Ogum. Ele esperou que eles pudessem ver o suficiente para puxar a cabeça com tanta força que a pele do pescoço e o couro cabeludo chegaram a rasgar. Ela caiu morta no chão. O choque deu um instante de vantagem para Ogum, que

girou um braço com força e, como se a corrente obedecesse aos seus pedidos, lançou-a contra o pescoço de um dos soldados. A corda de ferro deu duas voltas acima do ombro do soldado e com um único puxão Ogum retirou-lhe a vida. Roubou-lhe a lança e a espada, atirou a lança no soldado que se aproximava e partiu para fora do palácio.

Dizem em Irê que, ao ver o jovem Ogum lutar sozinho contra todos aqueles homens, o povo se armou de pedras, enxadas e pedaços de pau, e atacou também. Uma batalha histórica. Ogum recuperou a cidade e, para a sua própria surpresa, encontrou o rei, amarrado em uma outra casa. Nem Ogum nem seu pai jamais falaram do que aconteceu naqueles dias. Mas isso não era tudo. O que havia mantido Ogum vivo até ali não havia sido a raiva, nem a vontade de ver o pai. Mas o medo de que, sem ele, algo poderia acontecer ao irmãozinho Oxóssi. Ele correu pela cidade, gritando o nome do irmão, mas ninguém sabia dele. Todos abaixavam o olhar em luto, imaginando que uma criança daquele tamanho não poderia ter escapado da barbárie dos últimos tempos.

Ogum olhou em cada casa, em cada canto, embaixo, dentro e atrás de tudo. Partiu então para a floresta, o único lugar que restava, onde ele às vezes levava o meio-irmão para aprender a caçar. Outras crianças daquela idade jamais teriam sobrevivido tanto tempo sozinhas na floresta, sem ter o que comer. Mas o pequeno Oxóssi era especial. Se havia uma chance dele ter sobrevivido, era ali, abaixo das árvores, perto dos rios, junto dos animais. Ogum entrou gritando e percorreu todos os lugares onde costumava ir. Até que ouviu de volta um grito de criança, uma voz familiar:

– Oguuuuum!



– Acabou de ficar pronto! – gritou Exu, todo animado.

Trazia um punhado de milho vermelho cozido, que ainda fumegava de tão quente. Só naquele momento, com o estômago roncando desesperado com o cheiro da comida, que tomaram consciência de que ninguém ali fizera nenhuma refeição na noite anterior. Avançaram todos em Exu e, antes mesmo que o mensageiro pudesse dizer seu nome completo, a tigela já estava vazia. Foi então que Exu lembrou a comentar a novidade:

– Agora que vocês já comeram, tenho de contar. Lá na feira está todo mundo comentando que uma guerreira jovem e bonita acabou de

chegar à cidade para desafiar nosso grupo. Parece que ela é boa mesmo e nunca perdeu uma batalha.

A simples menção a um desafio ajudou a acordar aqueles que ainda resistiam à ideia de se levantar. Ainda mais se, além de luta, tratava-se de uma jovem bonita.

– Eu cuido dela! – gritou a voz de trovão.

Xangô tentou disfarçar o entusiasmo para não chamar a atenção de Iansã, mas sua esposa era perspicaz e logo percebeu que o desafio era apenas uma desculpa de Xangô.

– Pois eu também vou – gritou Iansã.

– Se vai todo mundo, então eu também participo! – gritou Exu, divertindo-se com tudo aquilo.

– Ogum, cuide do grupo enquanto eu estiver fora – pediu novamente o babalaô. – E peça a essa moça de fora que fique até eu voltar. Gostaria muito de conversar com ela, se for tão boa guerreira quanto Exu diz.

– Combinado. Exu! Procure por essa mulher e diga que estamos à sua disposição.

– Estou indo!

Exu saiu rápido pela porta, seguido por Orunmilá e Ogum. O general parecia ter uma pergunta para o adivinho que, por algum motivo, não queria fazer na frente dos demais. A resposta, pelos gestos de Orunmilá, não era muito simples de ser executada, mas Ogum pareceu prestar muita atenção às tarefas que o adivinho tentava ensinar.

– Vamos ver se ela é tão boa assim! – gritou Xangô.

– Duvido que ela passe pelo primeiro de nós – completou Iansã, enciumada e excitada ao mesmo tempo.

A gritaria acordou Oxum de seu curto sono e a trouxe, curiosa, de volta à sala principal. Na verdade, mal tinha conseguido pregar os olhos, pois tinha medo de que o marido cometesse alguma violência enquanto dormia.

– Mulher! Venha cá – ordenou o general, ríspido, mas já sem sinal de ira.

Oxum estranhou, mas cumpriu a ordem com precaução. Não queria se colocar numa posição de onde não pudesse correr.

– Sim, meu marido.

– Preciso que vá até a cozinha e prepare um prato de comida para

mim.

“Você ainda nem terminou esse milho que tem nas mãos e já está pensando na próxima refeição? Mais parece Exu?”, ela não se atreveu a dizer. Apenas pensou. Oxum não queria desagradar o marido. Simplesmente aguardou que o prato lhe fosse designado.

– Quero um prato de farinha e quiabos pilados com milho. O maior prato que você encontrar.

– Quiabos? – Oxum sabia que nada embrulhava mais o estômago do marido do que isso.

– Sim: farinha, quiabo bem babado e milho pilado. Prepare em farta quantidade e traga-me aqui o quanto antes.

Ogum aguardou tranquilo que sua esposa terminasse o preparado. Quando chegou, enfim, entregou ao marido a bandeja com a mistura gosmenta que fez Ogum fazer uma careta de enjoo. Ogum odiava quiabo acima de qualquer coisa, mas precisava dele para cumprir as orientações de Orunmilá.

Seguindo os gritos que se ouvia por toda a cidade, Ogum caminhou até o local da luta, onde uma pequena aglomeração acompanhava os golpes, defesas e esquivas da dupla em combate. Do ponto em que estava, não era possível identificar quem lutava com a guerreira naquele momento, mas pelo modo como Exu se afastava, aparando o sangue que escorria do seu braço, ele já havia sido vencido.

O general andou ao redor da cerca humana até encontrar uma abertura. Lá se sentou e observou a destreza e a habilidade da lutadora a desferir golpes violentos e precisos na direção de Iansã. A luta estava animada. Iansã saltava de um lado para o outro para se desviar dos golpes da forasteira e, vez ou outra, arremessava sua espada sobre ela. A mulher, a quem o povo chamava de Obá, aparou cada um deles sobre seu escudo, sem dificuldade.

O general observava a tudo atento. Obá era alta e forte, tinha o corpo moldado para a batalha, como se dizia das legendárias amazonas do Abomey. Seus movimentos eram largos, circulares e nunca paravam. Sempre com fluidez, velocidade e relaxamento. Ela atacava e defendia ao mesmo tempo. Andava para frente e para trás indistintamente, confundindo e iludindo a adversária. Obá não lutava, ela dançava. Sua técnica e força eram inquestionáveis, e logo Iansã foi obrigada a concordar com as observações que Ogum fazia mentalmente. Num giro de corpo que jamais

fora visto, a forasteira desviou do golpe de Iansã jogando o corpo para trás e, como se tudo fosse planejado, lançou as pernas compridas sobre o pé de apoio da oponente. Iansã despencou sem defesa no chão, deixando cair sua espada e escudo. Antes que pudesse se esticar para recuperá-los, sentiu a ponta fina da espada de bronze tocar-lhe o peito nu. A luta estava terminada.

O povo delirou quando mais um dos famosos guerreiros de Orunmilá deixou a roda, derrotada. Foi a vez de Xangô e seu machado tomarem o lugar. Ogum se ajeitou no chão para aproveitar o espetáculo. Estava tão entretido quanto o povo local, embora não aplaudisse nem gritasse para comemorar os golpes certos da forasteira.

Xangô ajeitou suas tranças para trás e sorriu sedutor para a oponente. Obá, no entanto, não moveu um músculo. Não retribuiu nem teve qualquer reação, o que deixou seu adversário um tanto sem graça. Ele tomou o machado com uma das mãos e girou-o duas vezes antes de saltar na direção de Obá.

– Rááááá!

O grito de Xangô soou como um trovão e calou os curiosos que acompanharam o poderoso golpe que teria facilmente partido ao meio o escudo de Obá. Sem desperdiçar energia, no entanto, ela saltou sobre o pé direito e jogou um dos ombros para trás, fazendo com que a lâmina passasse a um palmo de seu peito e cravasse violentamente no chão.

Xangô olhou assustado quando sentiu que seu machado ficara preso no chão. Obá aproveitou a oportunidade e lançou sua espada com a mesma violência sobre o pescoço do oponente. A lâmina de bronze zuniu num meio círculo e, quando estava prestes a rasgar a carne do alvo, foi atingida de lado e voou ao chão.

– Rááááá!

Xangô provara sua fama de grande guerreiro e, de uma só vez, desprendeceu sua arma do chão, acertou em cheio a espada que lhe ameaçava e desarmou bravamente sua oponente.

Diante da súbita vantagem, o sorriso voltou ao seu rosto. Afinal, ele estava armado e posicionado entre Obá e sua arma. Mas a brava guerreira não demonstrou sinal de medo. Ela apenas esperou, quieta, que seu adversário tomasse a iniciativa.

– Ela vai se matar – comentavam os espectadores.

Xangô observou com um certo divertimento a bravura da mulher à

sua frente. Fitou-a com cuidado por um longo tempo, esperando que ela desistisse da espera. Mas era ele quem estava armado e somente a ele caberia finalizar o combate. Partiu, então, lançando o machado num golpe lateral que partiria Obá pela cintura, não fosse, mais uma vez, a agilidade surpreendente tê-la salvado.

Com a leveza de uma gazela, Obá mergulhou sobre o machado de Xangô, passando todo o corpo exatamente acima de suas lâminas duplas. Caiu no chão rolando sobre as costas, parando bem atrás do oponente. Antes que ele pudesse se virar, a guerreira sacou uma pequena adaga da cintura e encravou na mesma perna que Iku o havia atingido alguns dias antes.

Xangô gritou de dor, enquanto o sangue jorrava pelo ferimento, mas não se abateu. Quando se refez, entretanto, Obá já estava de pé, como se nada tivesse acontecido. Ela não arquejava, não suava e tinha novamente em punho o escudo e a espada.

– O próximo! – gritou ela.

Xangô não pretendia desistir, mas quando deu mais um passo na direção da adversária, a perna ferida não respondeu, e ele caiu de peito no chão.

– O próximo! – repetiu Obá.

– O próximo sou eu.

Ogum se levantou devagar, como se estivesse diante de uma tarefa tão fácil quanto sacrificar um galo amarrado. Quando se aproximou, no entanto, pisou na borda do prato que Oxum lhe preparara, espalhando todo o conteúdo pelo chão.

– Acho que você perdeu sua refeição.

– Não tem problema. Não gosto muito dessa iguaria.

Ogum havia observado o suficiente para saber que uma pessoa capaz de tantos movimentos surpreendentes ainda devia ter alguns truques guardados. Ele ergueu a espada sobre a cabeça e encarou de frente a mulher que vencera todos os seus companheiros.

Ela retribuiu o olhar enquanto estudava cuidadosamente os movimentos de Ogum. Observou-o dar uma volta inteira ao seu redor sem nunca tirar do chão a sola dos pés. Era certamente um guerreiro de grande valor. Sorriu pela primeira vez naquela manhã quando desafiou:

– Enfim, um guerreiro. Pena que vai durar tão pouco.

– Uma pena mesmo.

Ogum parou no mesmo lugar de onde partira e permaneceu na

mesma posição. Espada em riste, olhos fincados nos ombros de Obá, ele não mais se movia. O jogo de paciência logo irritou os espectadores, que começaram a gritar e a jogar pequenas pedras à espera de alguma reação. Ogum continuou no mesmo lugar, como se fosse uma estátua de ferro. Cansada da espera, Obá resolveu enfim atacar, mas o general deu apenas um passo para trás e saiu do raio de ação da guerreira.

O povo vaiou, não gostou da fuga de Ogum. Ela atacou novamente, e ele mais uma vez saltou para trás. Não importava o tipo de golpe que Obá lançasse, Ogum sempre andava para trás, fugindo da luta como se morresse de medo. Mas seus olhos não confirmavam isso. Ele permanecia encarando-a, e isso começava a irritá-la de verdade.

Mais uma, duas, três. Obá tentou várias vezes, mas não recebeu um contragolpe sequer. Não compreendia a estratégia daquele guerreiro que lhe parecia tão virtuoso. Mas aquilo estava para terminar. Mais alguns passos para trás e ele ficaria encurralado numa parede de árvores próxima de onde estava sentado enquanto assistia aos combates anteriores. Obá chutou para o lado o prato que Ogum derrubara e disse:

– Você não vai mais precisar disso. Morto não come.

Ogum insistia na mesma posição. Obá preparou mais uma vez o golpe e lançou-se sobre o oponente. Mas, quando deu o primeiro passo à frente, seu pé escorregou na pasta gosmenta que Oxum preparara, e seu corpo se chocou violentamente contra o chão.

Tendo tudo planejado, Ogum largou sua espada e saltou sobre a adversária, imobilizando-a sem dificuldade. Embora fosse habilidosa com as armas, seus braços não tinham força para confrontar um homem com os músculos de Ogum.

– E agora, o que devo fazer com você?

– Mate-me ou prepare-se para morrer!

– Ora, ora. Onde foi parar aquela guerreira fria?

– Ela está se preparando para arrancar seus intestinos!

– Acho que quem vai arrancar alguma coisa aqui, sou eu.

Deitado entre suas pernas, Ogum segurou os dois braços de Obá com uma das mãos. Com a outra, arrancou dela os panos e soltou a tira que segurava sua roupa. O que o povo ao redor não reparou foi que finalmente a respiração de Obá mudou. Não por cansaço, mas pela conexão estranha entre dois corpos moldados para a guerra. Ela empurrava, mas nem tanto. Resistia, mas quase não. Ogum estava preparado para possuí-la ali mesmo,

na frente de todos. E o sorriso dela era a autorização que ele procurava. Por um instante, ele largou uma das mãos do chão para se preparar e finalizar o ato. Foi quando Obá agarrou o braço do general, apoiou os pés no chão e projetou os quadris ao redor dos dele. Num instante, estava ela, nua, montada sobre o homem de músculos de ferro. Ele achou graça. Ela olhou em volta, e continuou o plano anterior, mas agora no controle da situação. Montada sobre Ogum, para a surpresa do público, começou a girar os quadris, rápida e vigorosamente. O general estava mais entretido do que surpreso. Seu corpo começava a responder, e arrepios corriam por seu peito e costas. Bruto, ele cravou os dedos nas ancas de Obá. Imediatamente ela retribuiu sacando a adaga e pressionando contra seu pescoço:

– Guarde essas mãos para você.

A expressão de Ogum mudou. A mulher sobre seu colo, a faca no pescoço, o cheiro e a baba de quiabo... de repente, aquilo deixou de ser engraçado. Sem aviso, ele bateu no chão com ambos os braços e pés, tão forte que houve quem perdesse o equilíbrio. O corpo dos dois, Ogum e Obá, voaram em direções opostas. Ele caiu de pé. Ela se chocou contra uma árvore, e caiu desmaiada no chão.

Ogum não respondeu ao entusiasmo da audiência. Pegou de volta sua roupa e jogou as de Obá sobre o corpo da guerreira. Foi embora sem explicar. No caminho, olhou para Exu e disse apenas:

– Leve-a para Orunmilá.



– Ele continua perdendo muito sangue! – gritou Oxum.

Seu desespero não comoveu ninguém. Xangô cuidava do próprio ferimento, e Ogum apenas olhava, entretido, o desespero da esposa tentando estancar o sangue da perna de Xangô. Afolabi e Oxumarê corriam de um lado para o outro sem saber o que fazer, e Obá dormia como um leão do outro lado da sala.

O belo homem de tranças não tinha mais nada de vistoso, sem cor nem viço, esvaindo-se em sangue diante de Oxum.

– Por favor! Alguém me ajude! – repetiu Oxum.

– Deixe que eu cuido disso. Saia – disse uma voz desconhecida do lado de fora.

O dono da voz logo apareceu no interior da sala. Era o mesmo

estranho de roupas vistosas que eles haviam visto tantas vezes pelas redondezas. Mas, ao invés da postura tímida e amedrontada dos encontros anteriores, ele se mostrava seguro e decidido, entrando na sala sem pedir licença e sem questionar sua própria autoridade.

– Quem é você? – perguntou Iansã, levantando de sobressalto.

– Neste momento sou o único que pode ajudar o seu amigo a sobreviver – disse enquanto tocava o ferimento como se avaliasse sua gravidade.

– E por causa disso não tem nome? – repetiu Iansã.

– Ossain? – reconheceu Exu.

– Eu mesmo, Exu, que bom que você me reconheceu. Mas agora não é hora de conversa. Tragam-me um pedaço longo de pano. Preciso estancar esse sangue. Exu, pare de gemer e me arrume alguns galhos das folhas de tetê. Ossain apalpou com a ponta dos dedos a carne cinzenta ao redor do ferimento causado pela adaga de Obá e fez uma careta:

– Você, grandalhão – gritou olhando para Ogum –, consiga uma tina com água limpa.

O general não gostou, mas a voz segura do desconhecido parecia controlar a tudo e a todos, inclusive Oxum, que, de repente, parecia confiar nas ordens do desconhecido:

– Ogum, você prometeu ao meu pai...

– Anda! – gritou o estranho.

Comandados pelo homem das roupas nobres, Afolabi acendeu um fogo ao lado de Xangô e Oxumarê trouxe quatro pedras grandes que colocou em volta das chamas. Ogum trouxe um pequeno balde com água limpa, seguido por Exu:

– Aqui estão as folhas que pediu. O que faço com elas?

– Jogue dentro do balde e coloque tudo sobre o fogo.

Com o pano amarrado acima do corte, a perna de Xangô já não sangrava como antes. Ossain suspirou aliviado e enxugou o suor da testa com o braço e, em seguida, pegou a pequena cabaça que levava no peito. Olhou-a com cuidado e cheirou seu conteúdo como se quisesse se certificar de estar utilizando o remédio correto. Só então despejou um pouco do pó esverdeado sobre a água. Todos observavam impressionados a habilidade curativa do curandeiro. Ele parecia saber mais das folhas que o próprio Orunmilá. Manejava com destreza e segurança as poções e infusões que fazia ali, praticamente de improviso, pedindo uma folha aqui, outra ali, e

despejando porções dos diferentes pós que levava nas cabaças presas à sua cintura. E, pelo que puderam perceber, a perícia do estranho era mesmo tão grande quanto sua autoridade, pois, pouco a pouco, a cor de Xangô começou a voltar e, embora ainda muito debilitado, ele tornou a falar:

– Da próxima vez, amarrem uma pedra nos pés daquela maldita gata do mato!

Obá acabara de acordar com a algazarra e acompanhou o riso aliviado que invadiu o lugar. Graças ao estranho, Xangô estava salvo. Exu se sentou novamente do lado de fora “para proteger a entrada da casa”, como costumava dizer. Ogum deitou no chão e ficou observando Obá recobrar as forças, enquanto Iansã e Oxum disputavam quem atenderia com maior presteza os pedidos do homem desconhecido. Mas a memória da filha de Orunmilá a colocava em ligeira vantagem:

– Lembro-me do seu nome. E acho que também da sua voz...

– Deve lembrar sim, minha filha, mas não busque demais nessa sua cabecinha ou vai acabar jogando essa água quente em cima de mim.

Exu entrou mais uma vez, silencioso, tomou Oxum pelo braço, levando-a para longe como se estivesse cumprindo mais uma ordem do mestre. Amenina, confusa com suas próprias memórias, não resistiu. Apenas se afastou, deixando Iansã na assistência do homem que ela tentava reconhecer. Tudo começava a se acalmar, não fosse um grito desesperado do lado de fora:

– Exu! Pelos orixás, me ajude!

Todos, exceto Xangô e Ossain, correram para fora, pois aquela parecia a voz de Orunmilá. Logo avistaram o babalaô por entre as folhas que cercavam a casa, ele estava pálido e suave como se tivesse feito o maior esforço da sua vida. Exu correu para apará-lo, mas o adivinho falou alguma coisa no seu ouvido e ele congelou. Olhou para trás, triste e assustado como ninguém ali jamais imaginaria Exu ser capaz. Ele caminhou de volta até os demais, como se nenhum deles existisse, apenas um: Ogum.

– Corram, ajudem aqui! – repetiu o adivinho, apontando para além da folhagem.

Exu segurou com força o braço de Ogum, enquanto Iansã e Oxum correram para ajudar o babalaô. Cruzaram juntos a parede de folhas trazendo uma magnífica estátua de pedra – um caçador apontando seu arco para o chão.

– Quem fez essa estátua do meu irmão? – perguntou Ogum,

confuso com os olhares pesados em sua direção.

– Não é uma estátua – respondeu o babalaô, grave –, esse é o seu irmão.

– Como assim? – perguntou Ogum, confuso.

– Seu irmão quebrou o tabu. Este foi o castigo dele.

– Como é que se traz ele de volta? – perguntou o irmão descontrolado. – O que vamos fazer agora?

– Nada, general. Seu irmão escolheu o próprio caminho.

– Não é possível! Deve haver uma maneira de trazê-lo de volta!

Exu agarrou o general com toda força que tinha. Ele se debateu, debateu, debateu. Gritava, chorava e tentava se soltar dos braços do gigante. Exu não soltou. Orunmilá caminhou em silêncio na direção de Ogum e segurou com um carinho de pêsame o braço musculoso do general.

– Infelizmente, não.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (21): Minha história

Caro Laroîê,

É verdade. Fiz algumas escolhas por conveniência. Ignorei a orientação de Pilar para ficar longe da Maria Eduarda mas usei a proibição de ir ao Orum como desculpa. Havia nuances importantes, porém. O chamado do Orum é uma intimação egoísta. Não poder beber, viajar, dormir fora, ou ter alguém dormindo lá em casa me pareciam uma folga da parte desse povo. Quanto à Duda, eu tinha medo. Além de Pilar, havia Yara, que poderia ficar com ciúmes, e as duas juntas poderiam me causar muitos problemas. Mas era a Duda. Ela deveria estar assustada com o que havia acontecido com o Carlos. Conhecendo ela, e como sempre foi desconfiada em relação ao que sai na imprensa, imaginei as teorias conspiratórias que estariam passando pela sua cabeça. Era um risco que eu iria correr.

Assim que chegamos a Nova York, e ao Hotel – o W, parte de uma nova cadeia de hotéis boutiques, – aproveitei para dar uma volta enquanto Yara enviava uns e-mails e fazia umas *conference calls*. Do lado de fora do hotel, liguei para a Maria Eduarda.

Ela atendeu, como se atende um telefone durante o expediente. Seca e fria. “Hello?”

“Duda, sou eu.”

“Newton?”

“Isso, New. Você soube do Carlos?”

“Não.”

“Ele foi preso.”

“Ok”

“Você ouviu o que eu falei?”

“Escuta, estou meio ocupada aqui agora. Vamos falar mais tarde, OK?”

“Ok”

“Eu te encontro.”

Nova York tem dessas coisas. Endurece as pessoas. Me surpreendia que Duda já estivesse ficando assim. Lembro quando ela foi de Promissão para São Paulo. Demorou alguns anos para deixar sua caipirice de lado. Por mim, aliás, não deveria ter deixado nunca – era fofa, a caipirice. Imaginava que Manhattan

demoraria alguns anos para fazer o mesmo. Aparentemente estava enganado: a cidade venceu, logo no primeiro round.

Nova York é uma cidade violenta, afinal. O nova-iorquino é o escroto assumido, orgulhoso de sua ira, consciente de sua soberba. Não, eles não sentem culpa, os nova-iorquinos de verdade. Nem poupam ninguém do seu julgamento ácido. Dizem que demora dez anos para completar a transformação que a Duda havia iniciado. Dez anos para virar nova-iorquino de verdade. No dia seguinte eu conheceria um desses.

Minha primeira entrevista na cidade foi com o Bob Thompson, um canadense do interior que foi estudar na Wharton School e, dez anos depois, já comandava as aquisições do segundo maior grupo de comunicações do mundo (“Será o primeiro em mais três ou quatro anos”, como ele assegurou). A ironia é que o povo do Canadá é considerado o mais bonzinho do mundo, e mesmo um deles, depois de uma década em Manhattan havia se transformado num ogro dos negócios. O homem que assinaria os contratos de aquisição do *Jornal de São Paulo*. Oficialmente, era por causa dessa entrevista que eu estava lá.

Encontramo-nos no Cigar Bar do Waldorf Astoria, um dos hotéis históricos da cidade. Foi ele mesmo quem escolheu o lugar – por coincidência, de fundos com o W onde eu e Yara nos hospedamos. Ele tomava um conhaque e fumava um charuto, claro. Eu me sentia em casa, naquele jogo teoricamente opressor.

Mr. Thompson era como eu me dirigia ao meu entrevistado, na etiqueta local. Ele era direto e tinha uma visão bem diferente do que eu esperava. Mal eu liguei meu palmtop e o gravador, ele começou a falar, não como quem dá uma entrevista, mas como quem dita o que queria que eu escrevesse. A conversa foi inteira em inglês, óbvio. Traduzida, teria sido mais ou menos assim.

“Esse seu aparelhinho é o motivo pelo qual eu estou comprando o *Jornal*”. – disse ele antes que eu perguntasse qualquer coisa.

“O gravador?”

“Não. Essa agenda eletrônica. Em um ou dois anos ela vai ter acesso à rede dos telefones celulares... Como a velocidade de dados sem fio está aumentando, em 10 ou 15 anos estará muito mais rápida do que temos em nossos cabos hoje em dia, daqui a pouco você estará com a internet inteira dentro dela.”

“O senhor diz que as pessoas irão ler notícias num palm?”

“Sim, mas não é só isso. Custos de tecnologia despencam com o tempo. E ficam cada vez menores e mais poderosos. O mesmo acontece com os custos e a velocidade de enviar dados. E em países como Brasil, Índia e China, onde a

infraestrutura de cabos é horrível, cara e atrasada, a única forma de dar acesso em escala será nesses aparelhos portáteis. Mais cedo ou mais tarde, todo mundo nesses países terá no bolso um aparelho mais potente que os computadores que usamos hoje.”

“Então por que o senhor não está comprando uma empresa de tecnologia? Não é essa a oportunidade?”

“Já tem muita gente nesse caminho. Muito dinheiro sendo investido. Hoje, você vai a San Francisco, se tenta almoçar num lugar como o South Park, onde as empresas pontocom estão instaladas, não consegue um lugar para comer, nem sentado no chão! Eu estou buscando algo mais sólido, de longo prazo. Se esses aparelhos que daqui a dez, quinze anos estarão nas mãos de todo mundo tiverem como ler, também terão como escrever. Se tiverem como ver fotos e vídeos, também terão como captá-los e enviá-los. Nessa hora, teremos bilhões de repórteres nas ruas, captando notícias mais rápido do que qualquer máquina de notícia jamais construída!”

“Mas eles não são repórteres” – retruquei, ultrajado – “vai ser uma confusão!”.

“Exato! Gosto de você, rapaz.. Imagine: nessa hora, com tanta informação disponível... quem vai conseguir ganhar dinheiro? As plataformas que as pessoas usarem para captar e compartilhar essas informações em larga escala – o que novamente é um mercado com muita gente no Vale do Silício investindo – e as marcas de notícias que evoluírem para ser mais do que o formato onde imprimem ou quem deu uma nota primeiro. Eu estou comprando o *Jornal* para que ele seja relevante pelo que acha que é importante. Não estou nem aí para as gráficas, a distribuição... nem para os repórteres. O que interessa ali para mim são os editores. A opinião. Se o *Jornal* ficar conhecido como capaz de olhar para o caos e enxergar o que realmente importa, nós teremos uma marca pronta para o futuro. Então o que vocês fazem hoje não me interessa muito. O que importa é que a única marca de notícias no Brasil que pode chegar nesse estágio é o *Jornal de São Paulo*.”

Chame-me de retrógrado. Mas na hora só conseguia pensar que eu não queria fazer parte daquele futuro caótico. Um mundo onde todo mundo é repórter? Parece uma visão do inferno. Tomei minhas notas fingindo me empolgar com o que ouvia, porém. Em uma hora de conversa, havia colhido quase tudo que precisava para uma boa entrevista, faltava apenas... algo mais pessoal.

“O senhor conhece o Brasil?”

“Sim, claro. Fui lá várias vezes.”

“Qual seu programa predileto para...”

No meio da minha pergunta, no entanto, ele começou a ter ligeiros espasmos. Me levantei, segurando sua cabeça... “Tudo bem?”. Os olhos dele reviravam e os espasmos continuavam. Até que, tão de supetão quanto começaram, eles pararam. Mr. Thompson olhou para mim, seu rosto estava ligeiramente desfigurado, como se os músculos da sua face não soubessem como se comportar num corpo estranho. Quando voltou a dizer alguma coisa, sua voz estava mais rouca. E falava num português perfeito:

“Newton, Newton. Você não escuta ou não quer escutar?”

“What? – respondi, em inglês, sem entender o que estava acontecendo.”

“Eu disse que essa menina, Maria Eduarda, era uma vampira. Mesmo assim você já está pensando em ir atrás dela?”

Permaneci calado, em choque. Ele continuou.

“O que foi? O gato comeu sua língua outra vez? A Yara não vai gostar... de nada disso, aliás. O que foi? Você está espantado que eu realmente sei roubar o corpo de alguém?” – gargalhou alto, do jeito que eu havia visto Pilar gargalhar – “Você não me viu fazer isso com a Cynthia, naquele dia no casarão? Aquela senhora que ficou te olhando...” – e fez o mesmo sinal do boquete. “E com seu amigo Carlos, no supermercado, lembra? Sabe o que eu descobri? Quando olhei para você, do corpo do Carlos, acho que senti até uma... ereção! Acho que ele é apaixonado por você...”

Não tive tempo de responder. Nem de continuar a conversa. Ele, ou ela, olhou para uma loira alta que se aproximava. Piscou forte, chacoalhou a cabeça como se tivesse tomado um remédio amargo e me olhou de volta, confuso. Levantou quando a loira chegou do seu lado, e a beijou de leve nos lábios, voltando a falar comigo em inglês.

“Mr. Fernandes, essa é minha namorada, Sarah Babinet. Sara, esse é o jovem jornalista de quem lhe falei mais cedo.”

Sarah era uma loira linda, que usava um decote mais que solto e bastante... profundo. Estendi a mão para cumprimentá-la mas ela se abaixou para me dar um beijo, debruçando o colo sobre meu nariz e deixando ver tudo que o vestido guardava. Me cumprimentou em francês. “Bonsoir, monsieur”.

Sarah era marchand, e pareceu feliz com a coincidência de encontrar um brasileiro naquele dia. Um colega francês estaria promovendo um vernissage de um pintor brasileiro naquela mesma noite. Comentou sobre a originalidade do trabalho do artista e das máscaras gigantes que ele pintava, mas Bob cortou o

assunto: “Ele não está aqui para conhecer artistas brasileiros, darling”. Ela sorriu, constrangida com a reprimenda, e juntos partiram em direção à porta. Desapareceram numa limusine que os aguardava, sem que eu tivesse a chance de dizer que “Sim, claro que gostaria de ir”. Yara havia comentado uma vez que gostava de artes plásticas. Teria sido uma boa surpresa. Algo que compensaria parte da minha total dependência à programação que ela havia escolhido.

De volta ao hotel, encontrei Yara sentada na cama, pronta para sair. O quarto era pequeno, mas muito bem decorado, e a janela dava para uma vista gloriosa das janelas do fundo do Waldorf Astoria. Ela segurava um cartão com a imagem de uma máscara vermelha que parecia olhar na minha direção. O convite anunciava a exposição “Ghelede, the magic masks from Yorubaland”. Só poderia ser a exposição para a qual a marchand canadense havia tentado me convidar. O artista, Paulo Caldas, era uma figurinha badalada no circuito de artes plásticas da cidade, ficou rico vendendo seus quadros étnicos para os poderosos da Costa Leste. Amigo de uma amiga de um amigo de Yara. Ou algo assim, não importa. Nós fomos.

As telas eram imensas. Retratavam umas máscaras coloridas, gigantescas, com lábios grossos e olhares agressivos que não saíam de cima de você. Nada mais. Eu reconhecia aquelas imagens. Não exatamente elas, mas lembrava de ter assistido a máscaras naquele estilo dançando sobre as cabeças de homens altos e fortes nas imagens do fundo do lago dos orixás. Senti um vácuo em meu estômago e minha pálpebra voltou a pular. Tinha de sair de lá.

Não foi muito fácil. Yara havia encontrado vários conhecidos e dizia que eu precisava aproveitar a oportunidade para me apresentar àquela gente importante. Seria bom para meu *networking*. Mas não consegui relaxar. Fiz um pouco de *small talk*, como eles chamam, e assim que vi uma brecha, sugeri que fôssemos jantar – eu, Yara e o casal de amigos com quem ela tanto conversava, sem me dar a menor atenção. Também não funcionou. A conversa animada não parecia ter fim.

Foi então que avistei Sarah, poderosa do alto de seu provável metro e noventa (com salto) e o decote de antes, agora enfeitado por diamantes em profusão. Talvez presenteados pelo namorado, que, por sinal, não estava lá. Aproximei-me e cumprimentei a loira. Ela pareceu feliz por me ver. Em instantes senti alguém segurando minha cintura. Era Yara, anunciando que ela e os outros agora estavam prontos para jantar. Sarah e Yara piscaram uma para outra e fomos embora.

Tomamos um drink no Campbell’s Apartment, um bar construído onde

havia sido o antigo escritório de um milionário (o tal Campbell), recentemente encontrado durante as reformas da estação central de trens. Depois, jantamos no Asia de Cuba, um curioso restaurante resultante do intercâmbio cultural entre China e Cuba, na época da Guerra Fria. Nesse lugar pitoresco, todos comiam numa gigantesca mesa comunitária diante de uma foto maior ainda de uma cachoeira. Sei que parece um tanto esquisito, mas estou contando, pois vale uma visita, até porque o projeto é todo do Philippe Starck, um dos maiores designers do mundo. E se for mesmo lá, minha maior sugestão é uma sobremesa: peça a torta de coco e doce de leite com sorvete de banana. Parece uma das torres gêmeas, de tão alta, mas você vai comer inteirinha, não tenho dúvidas.

Tinha meus planos claros desenhados na cabeça quando chegamos de volta ao hotel, ainda meio bêbados, no quarto do décimo segundo andar. Mas Yara não parecia disposta a ouvir o que eu imaginava. Assim que acendi a luz, ela caminhou em direção ao frigobar próximo à janela.

No balcão em frente ao vidro, Yara abriu a bolsa e tirou um vidro de colírio e duas pílulas. “Consegui com um amigo. G e K, as letras do amor” – disse ela. O G, de GHB, eu já havia experimentado – uma droga que te deixa feliz e relaxado, como o álcool, mas um pouco mais animadinho também, faz você se sentir bonito, sexy, inteligente... e com um tesão fora do normal. Já o K, de ketamina, eu conhecia apenas de reputação. Originalmente um sedativo de cavalos, ele cria uma sensação de sonho e euforia. Eu gostei de onde isso estava indo... Ela misturou uma tampa de G em uma garrafa d’água para ela, outra para mim. Tomamos junto com o comprimido de ketamina. E nos beijamos.

Yara ligou a música e tirou minha roupa sem muita delicadeza. A droga foi fazendo efeito. Ela me empurrou para o chão e me olhou lá de cima, de pé, vestida. E eu sentado no chão frio, nu. Então, abriu a janela quase arrancando as cortinas do quarto. Vi as luzes do Waldorf Astoria e imaginei quem estaria nos olhando do outro lado. Àquela hora, ou naquele estado, as janelas pareciam próximas e nítidas. Como se elas se aproximassem individualmente cada vez que focava em uma delas.

O vestido de Yara deslizou até o chão deixando um rastro colorido. Mais um instante, e ela deixou cair a calcinha. Ficou ali, nua, linda e louca na minha frente. Na minha e na de todo mundo. O teto do quarto brilhava em amarelo e laranja. Imaginei se não estariam todos, do outro lado da rua, debruçados sobre os parapeitos observando nossa forma, nossa performance. Aquilo me excitava ainda mais. Ela encostou as mãos no vidro e arqueou as costas, chamando-me a levantar. Sua tatuagem batia asas. Eu a comi ali mesmo, de pé, sentado, deitado...

Sempre em frente à janela. Por horas, sem parar. Uma das janelas do Waldorf se aproximou. Um vulto estava em pé, nos observando, primeiro no escuro, depois com a luz acesa. Sarah, sem o vestido, apenas os diamantes, nos observava, vidrada. Tomamos uma segunda dose de G e transamos até clarear. Não consigo lembrar se chegamos a gozar ou se apenas praticamos esporte. Tenho apenas um grande borrão de memória. Dormimos quando já era quase de manhã. Ou melhor, deixamos nossos corpos apagarem, porque sono não havia nenhum. Rolamos na cama até a tarde do dia seguinte.

Almoçamos cachorro-quente na rua e não falamos muito sobre a noite enquanto andávamos, quase correndo, pelas ruas de Manhattan. Apenas ríamos quando um dos dois gemia ao sentir as dores de algum músculo novo que nem sabíamos que existia. Tínhamos pressa e precisávamos nos concentrar para o encontro daquela tarde.

Minutos depois, estávamos sentados na sala na qual aconteceria a grande reunião de assinatura do contrato. Ao contrário do que eu esperava, não era uma sala de reunião convencional, dessas com uma mesa comprida e equipamentos de videoconferência na ponta. Parecia mais uma sala de estar, com uma suntuosa mesa de chá posta com elegância junto à parede. A disposição dos sofás em relação à comida deu um movimento inesperado ao encontro, e o tornou muito menos seco e objetivo do que eu imaginava. Bob Thompson estava mais descontraído, bem diferente do que havia sido na véspera. Acenou de leve em minha direção, mas falou apenas com Yara. Ele era um cinquentão enxuto, acho que ainda não comentei. Desses que haviam descoberto o poder que o dinheiro e um *personal trainer* podem dar a um homem que não seja totalmente feio. Como um todo-poderoso de meia-idade que redescobre o sexo, já não escondia seus olhares de ninguém. E o destino de sua atenção era exclusivamente o corpo de Yara.

Eu não podia fazer nada. Estava lá apenas como o repórter do jornal que cobria o evento, não como o acompanhante da executiva, entende? Mas Yara podia. Vez ou outra, quando o olhar dele entrava demais entre os peitos dela (acho que ainda não comentei que ninguém, digo absolutamente ninguém no mundo, tem peitos tão incríveis quanto os dela), quando ele se perdia no decote, ela passava a mão na minha bunda. Era como se dissesse: “Não se preocupe com esse velho babão. Esses aqui são todos seus, gostosão”. Ambos assinaram o que precisavam assinar, brindamos com uma taça de champanhe e encerramos a sexta-feira com missão cumprida.

Uma semana intensa, seguida de um fim de semana ainda mais. Aliás,

você já foi a alguma igreja no Harlem?

Axé,

New

São Paulo, 12 de agosto de 2001.

A DANÇA DOS EGUNS

Todos respeitaram quando, na tarde anterior, Ogum partiu solitário em direção à floresta. Por toda a noite, ouviram seus gritos tristes. Mais longe ou mais perto, e até o amanhecer, ele despejou sua fúria sobre árvores que abateu com violência e pedras que destruiu com o próprio punho. Ninguém interveio. Mas sabiam que o que ele procurava não eram troncos e rochas. Eram as feiticeiras responsáveis pela morte de seu irmão.

De manhã, quando o grupo se levantou, ele já estava lá. Ou, pelo que dizia seu rosto abatido e o olhar pedido, ainda estava lá. Batendo, martelando, envolvido com a sua forja. Quando os companheiros se aproximaram, ele nem olhou. Não disse uma palavra. Um corpo sem alma, parecia. Sem sopro, sem alegria nem ira. Em respeito, eles seguiram em outra direção. Todos menos Iansã.

O trabalho distraía Ogum, que nem brigar com Oxum queria mais. Nem com Iansã, que o havia traído com Xangô, ele se irritava. Tanto que não impediu que ela o ajudasse a manter o fogo aceso. Se ajudasse quieta, tudo bem. Ele só pensava em trabalhar. E se vingar das Iá Mi.

Iansã soprava o fogo, ele batia o ferro. Às vezes, ela procurava uma sobra de atenção nos olhos do ferreiro. Iansã se sentiu culpada por ter escolhido Xangô. Estava disposta a voltar atrás e dividir Ogum com sua primeira esposa, caso o general ao menos olhasse para ela. Sentia remorso. Mas ele não olhou.

Naquele dia, ele só se lembrava do irmão. Da última oportunidade que tiveram de conversar. De como Oxóssi se incomodara com a fome do povo. “Aquele era uma homenagem”, pensava Ogum, enquanto se concentrava nas ferramentas de arar, cavar e carpir que forjava com vigor. Iria voltar a fazer armas. Mais fortes e poderosas do que as que já havia feito, mas só depois de terminar o que havia começado.

Os dois permaneceram calados, embalados pelo compasso marcado do sopro e do martelo. “*Far, tum, far, tum, far, tum.*” De repente, um ruído estranho.

Os dois olharam para a porta. Exu entrou correndo e desabou de cara sobre um monte de feno. Eles pararam, atônitos. As costas do mensageiro arfavam aceleradas e, como não podiam ler o rosto dele, nenhum dos dois compreendia o que estava acontecendo.

– *Rá, rá, rá!!!!* – virou-se Exu, deixando ouvir a gargalhada que só ele sabe dar.

O gigante mal conseguia respirar entre uma risada e outra. O suspense era tanto que até Ogum largou seu martelo e se aproximou, curioso. Mas preferiu deixar que Iansã fizesse as perguntas.

– O que foi, Exu?

– Eles fugiam! Por cima... – Exu não conseguia responder, de tanto que ria.

– Quem fugia? Fugiam de quem?

– Por cima das barracas! – dizia sem fôlego. – Pisavam nos inhames...

– Eles quem?

– Eles gritavam! – Exu se contorcia de divertimento e até mesmo o general começava a se contagiar com o riso debochado e as explicações incompreensíveis do grandalhão.

– Fala logo, Exu! Ou parto sua cabeça com este martelo!

Do fundo Ogum, pela primeira vez naquele dia, deixou escapar um sorriso rápido.

Outro ruído chamou a atenção deles. Exu apontou para a porta, como se aquela fosse a resposta que eles tanto queriam. Do lado de fora, o povo gritava, e o som, que misturava medo e divertimento, chegava cada vez mais perto.

A visão não explicava muito: uma massa de gente gritava e corria desordenada naquela direção. Vez ou outra, o grupo se dividia e, numa dessas, Ogum percebeu que, entre eles, alguns homens tentavam controlar a multidão. Mas nenhum dos dois conseguiu compreender o que eram as manchas coloridas que, vez ou outra, surgiam entre os corpos em fuga. Exu não parava de rir:

– Olha lá!

Com pequenas varetas em punho, os que tentavam conduzir aquela gente davam gritos de ordem e pareciam tentar controlar a correria, afastando-os dos panos coloridos que corriam como loucos pelo meio da pequena multidão.

– Cuidado! Não deixem encostar, senão queima! – advertiam os amuxãs.

Eles se aproximavam como uma manada em estouro. Completamente descontrolados, sem saber se riam ou choravam. Fugindo dos panos coloridos que voavam logo atrás. Ogum fechou novamente o rosto, pegou o martelo e deu suas ordens.

– Deixe-os passar – ordenou Ogum, embora com a voz de quem não queria falar. – Não deve ser nada importante. Só uma brincadeira qualquer desse povo do mercado.

Exu continuava a rir alto quando os panos coloridos passaram pela forja perseguindo o povo, que cada vez se assustava mais.

Seguindo a ordem do general, Iansã voltou a soprar o fole. Subitamente, os panos misteriosos, que de perto se percebia terem forma de gente, voltaram e pararam bem na frente do fole. De perto, era possível vê-los melhor: eram quatro os perseguidores que assustavam aquela gente. Pareciam homens cobertos de panos com desenhos belíssimos, mas nenhum pedaço de pele se via. Apenas o tecido.

Um deles, o maior e mais colorido, tomou a frente como se flutuasse no ar:

– Continue – disse num tom que misturava ordem e pedido.

Iansã obedeceu. Assustada com aquela voz grave e rouca, tornou a soprar. E, para o encanto de quem olhou, eles voltaram a se mexer. Não mais perseguindo o povo, mas dançando. Subiam, desciam e rodopiavam sem parar. Diminuíam e cresciam como se fossem feitos de água e fogo. Quando subiam muito, ficavam da altura de dois homens juntos, e quem se atrevia a olhar percebia que debaixo dos panos só havia vento. Um vento quente e vivo, que girava e cantava coisas incompreensíveis. Eram os eguns, os espíritos dos ancestrais que agora dançavam a música do sopro de Iansã.

O povo, que antes corria com medo, parou para vê-los dançar. Estavam maravilhados com aquela mágica. Iansã parava, eles paravam. Ela soprava, eles dançavam. Era como se Iansã houvesse encantado os eguns. Sua música acidental tomara poder sobre eles, e ela os entreteve por um longo tempo.

Quando, mais tarde, o maior deles se aproximou, ela compreendeu que era o suficiente, e parou.

– Obrigado pela diversão, mocinha.

– De nada. – respondeu Iansã.

– Venha cá. Aproxime-se e bata a cabeça aos meus pés.

Iansã não hesitou. Deu três passos na direção do egum maior, a que todos chamavam babá, e ajoelhou, encostando três vezes a testa no chão. O espírito maior era majestoso. Estava ricamente ornado com um manto alaranjado e recoberto com pequenas contas vermelhas; um par de longos chifres de búfalo preso às costas; e uma rede de algodão grosso com conchas de todos os tipos e tamanhos escondendo-lhe o rosto. Babá retribuiu jogando pétalas e mais pétalas de um azul pálido e perfume delicado, que Iansã desconhecia por completo, sobre a cabeça da guerreira.

– Isso é uma honra sem tamanho – explicou um dos homens em volta, apontando com sua vareta as pétalas no chão.

– Vocês estão procurando por eles, não estão? – perguntou a voz profunda do maior dos eguns.

– Estamos – respondeu Iansã, presumindo que o espírito falava dos odus.

– Em retribuição à sua música, vou ajudá-la. Um deles está bem próximo, no pequeno vilarejo de Ogbomoso, guardado por um grupo de guardas enfeitiçados pelas suas inimigas.

– As Iá Mi?

– Elas mesmas. Mas cuidado, as inimigas são ardilosas e montaram armadilhas por todos os lados, neste mundo e nos outros, para que vocês não cumpram a missão a tempo. Uma serpente não pode engolir um porco-espinho sem tirar todos os espinhos antes.

– Elas estão lá agora? – perguntou Ogum.

O espírito não respondeu. Continuou voltado para Iansã.

– Obrigada, babá – disse ela olhando para os pés em sinal de respeito.

Quando Iansã agradeceu, eles já não estavam mais lá para responder. Os panos estavam no chão, completamente vazios. Quem se atreveu a manter os olhos abertos, viu-os esvaziar e cair, como se fossem feitos de água e tivessem feito um buraco neles. Só que nada se viu saindo das brilhantes e coloridas roupas dos eguns. Ficaram lá, inertes, como um tecido comum.

– Me deixem sozinho – declarou Ogum sem mais explicações –, e entreguem estas ferramentas ao rei de Ejigbo em nome de meu irmão.

A guerreira pegou as ferramentas e puxou Exu pelo braço, misturando-se ao povo até encontrarem um lugar de onde pudessem

observar escondidos os movimentos do general. Aquele pedido não soara bem aos ouvidos de nenhum dos dois e, certamente, Orunmilá os repreenderia se soubesse que eles sequer tentaram descobrir o que Ogum estava planejando.

Apesar da confusão das vozes da multidão que ainda passava por ali por causa do desfile dos eguns, Iansã e Exu conseguiam ouvi-lo murmurar uma melodia.

– É um canto de guerra. Não estou gostando nada disso. – disse Iansã.

Com cuidado, Ogum colheu do chão algumas folhas. Voltou à forja e soltou todas elas sobre o carvão em brasa. A fumaça subiu espessa, e Ogum puxou-a com as mãos para que o vapor escuro que saía do fogo lhe corresse o corpo inteiro.

– Agora ele está se purificando para a batalha – explicou Iansã.

O ritual continuou. Ogum depositou uma adaga curva, que costumava utilizar para sacrificar animais, sobre a chama. Deixou que ficasse vermelha com o calor e espatifou com uma pedra um pedaço de carvão que havia escapado do fogo. Com as mãos nuas, esfregou o pó preto do carvão ainda quente nos braços e no peito; pegou a adaga do fogareiro e fez três incisões horizontais em cada braço e uma mais longa, atravessando de lado a lado o próprio peito. A lâmina quente cortava e cicatrizava ao mesmo tempo, e o carvão esfregado novamente sobre o corte deixaria as sete marcas para sempre visíveis em seu corpo musculoso. Com a adaga na mão, foi até o dendezeiro próximo e cortou uma folha mais nova. Desfiou-a sem pressa e juntou as duas pontas da haste, colocando-a em seguida ao redor do dorso despido, como um grande colete de folhas.

– Durante uma batalha, essa capa de mariô serve para esconder os movimentos de seu corpo. Os mais velhos dizem também que protege sua cabeça de magias e espíritos malignos – explicava Iansã enquanto Ogum seguia com sua cerimônia de guerra.

Enquanto Iansã narrava a cerimônia, o general empunhou as duas maiores espadas que havia feito, uma em cada mão, e entrou na floresta com passos firmes e decididos, até mesmo insanos se fossem considerados os perigos que o aguardavam na direção que ele caminhava.

– Ele está indo para a floresta. Temos que avisar Orunmilá!



– Como assim, ele não quis voltar com vocês?

Orunmilá sentiu um frio subir pela espinha.

– Não, babá. Ele não foi embora. Foi apenas tentar cumprir a vontade que não saciou durante toda a noite – tentou acalmar Iansã, – ele foi para a floresta para se vingar das Iá Mi.

– Apenas? – gritou Orunmilá – Como assim, apenas? Elas são muito poderosas! Ele não vai sobreviver! Um cachorro não pode enfrentar um leopardo sozinho! Não pode!

– Talvez ele saiba disso, babá. Mas você conhece bem o marido de sua filha. Sua fúria é maior do que tudo.

Orunmilá cobriu o rosto com as mãos. Não queria ver o que estava para acontecer. Não bastasse enfrentar sozinho um povoado inteiro, seu general ainda se atrevia a desafiar a força das Iá Mi. Só podia estar fora de suas faculdades mentais.

Com a cabeça baixa, praticamente entre os joelhos, o babalô pensava solitário. Ninguém ali interromperia seus pensamentos. Mas alguém que não tivesse testemunhado sua preocupação, não teria tanto cuidado:

– Vejam quem achei espionando pela janela – gritou Xangô antes de passar, ainda mancando um pouco, pela porta.

Xangô entrou escoltando o homem elegante que lhe havia curado e depois sumiu sem avisar, quando Orunmilá apareceu de volta com a estátua de Oxóssi.

– Há quanto tempo... – disse Orunmilá com um certo desprezo na voz.

– Mojubá, babá – disse o homem, um pouco constrangido.

– Mojubaxé, Ossain. Que tal explicar o que anda fazendo rondando o nosso grupo? Já o havia visto por aí. Só estava esperando para saber quando teria coragem de me olhar de novo nos olhos.

– Não tenho medo de lhe olhar nos olhos, babá – disse recobrando subitamente a dignidade, mas baixou os olhos e continuou.

– Seu amigo Odoguiá, de Ilorin, sugeriu que viesse falar com o senhor. Me escondia porque queria me certificar de que não havia uma certa pessoa entre vocês.

Orunmilá escutou, desconfiado. O tom de humildade não combinava com a aparência vistosa de Ossain. Tampouco fazia sentido para os demais o sarcasmo duro com que Orunmilá, sempre sensato e gentil,

dirigia-lhe a palavra.

– Depois de tanto tempo, enfim você admite que precisa de mim. É isso, então?

– Babá, sempre respeitei o senhor e sou muito grato pelos ensinamentos que recebi, mas não podia mais segui-lo nas suas andanças. Tinha de aprender mais, por minha própria conta, sobre o uso das plantas. Tinha de aprender do meu jeito. Hoje tenho certeza de que fiz o correto, pois tenho ajudado muita gente a se curar de muitas moléstias e feitiços. Estou ansioso para lhe mostrar o que aprendi com os mestres que conheci nas florestas... Vai ficar orgulhoso!

– Já andei ouvindo algumas de suas histórias... Sei bem quem o andou ensinando por aí. Mas por que Odoguiá mandou que me procurasse, se não precisa mais dos meus ensinamentos?

– Preciso de uma intervenção sua, babá. Mestre Odoguiá me disse que viu em sonho que você conversava com um homem que se cobria com uma longa roupa de palha da costa. É verdade isso?

– Sim, eu o conheci há alguns dias. Falamos, inclusive, sobre você.

Ossain pediu licença para sentar e contou a história de como conheceu o estranho Omolu e sobre as rezas e poções que aprendeu com ele. Mas a parte mais impressionante ficou para o fim, quando mencionou um encanto tão poderoso que até mesmo Orunmilá teve dúvidas se acreditava no que estava ouvindo:

– Era uma cantiga, babá, que eu deveria cantar cada vez que fosse ver um paciente. Era só eu cantar e Iku aparecia na hora, bem diante de meus pacientes. Se a morte aparecesse aos seus pés, eu poderia tratá-los, pois ainda não estava no momento de levá-los. Mas se aparecesse próxima à cabeça do paciente, significava que aquele corpo já estava prometido a Nanã, e que eu deveria desenganá-lo e ir embora. Tratei milhares de pessoas dessa forma, e nunca deu errado.

– Já tinha ouvido falar nisso, mas achava que era mais uma dessas histórias inventadas – disse Orunmilá desconfiado.

– Pois não é. Tanto que estou aqui – Ossain olhou em volta, preocupado, e continuou.

– Há muito tempo, fui chamado para cuidar de minha mãe, que não estava muito bem de saúde. Apressei-me pelo caminho, mas, quando cheguei a Ibadan, onde ela padecia, fiquei aterrorizado. Ela estava realmente muito mal, e não era preciso muita experiência para perceber que

ela morreria nos próximos dias. Mesmo assim, chamei a velha cantiga que seu amigo Omolu me ensinara. Iku apareceu. Estava ali, bem ao lado da cabeça dela. Não havia dúvidas do que deveria fazer. Mas não fiz. Eu sabia que deveria desenganá-la e continuar meu caminho com os outros pacientes. Mas aquela era a mulher que me pôs no mundo. Que me amamentou durante muitas e muitas luas. Que cuidou de mim e me ensinou a ser um homem honrado. Não poderia deixá-la daquele jeito. Dispensei Iku, como se já tivesse compreendido sua mensagem, e tratei dela com todo o carinho e dedicação. Algumas semanas depois, ela estava em pé, pronta para voltar à lavoura.

– E o que Iku fez com isso? O combinado não era o contrário? – questionou Oxum.

– Era. E por isso Iku foi ao Orum, reclamar com Nanã, que mandou que a morte fosse reclamar com Omolu, pois ele havia me revelado o segredo e, portanto, isso me tornava responsável dele. Nesse dia, eu estava com seu amigo de Ilorin, e foi então que ele me orientou que viesse procurá-lo, babá, pois Omolu está no meu encalço.

– Se isso é verdade, Ossain, você tem problemas. Omolu está a menos de um dia de caminhada daqui. A esta altura, ele já deve saber que você veio para cá e pode ser que...

– Babá! – entrou afobado um jovem rapaz.

O adivinho o olhou com desprezo e ele se corrigiu:

– Agô, babá. O novo rei de Ijerô está na cidade e exige falar com você. Diz que soube que você está escondendo uma pessoa que ele procura.

– É ele! – sussurrou Ossain.

Orunmilá fitou o fugitivo como um pai olha para o filho quando precisa aplicar uma lição:

– Só porque foi Odoguiá que o mandou. Exu! – chamou Orunmilá. – Leve Ossain com você. Precisamos enganar Omolu de algum jeito. Faça o que for preciso.

Exu tomou Ossain pelo braço e desapareceram pelo corredor. Um desavisado talvez o tivesse levado para o lado de fora. Mas Exu era acostumado a situações como aquela e não se deixou ludibriar pela inocência. Correram, portanto, sem olhar para trás, na direção do aposento mais distante da sala principal. Na altura do quarto de Orunmilá, no entanto, ele parou.

– Preciso pensar.

O jovem Ossain suava frio e quente. Estava paralisado de medo, aguardando algum movimento de Exu. O mensageiro deu algumas voltas ao seu redor. Segurava o queixo longo como se pudesse arrancar uma resposta da própria boca. Seu colete de búzios chacoalhava a cada passo, aumentando ainda mais o nervosismo de Ossain. Olhava tudo em volta à procura de uma ideia, de uma intuição ou de qualquer coisa que o ajudasse a resolver aquela situação. De repente, ele parou:

– Espere-me aqui, certo?

– Aonde você vai?

– Vou pegar umas coisas emprestadas.

Exu entrou sem pedir licença no quarto de seu mestre, no qual Xangô dormia em convalescença. Seus pés mal tocavam o chão para não acordar o companheiro, mas, quando suas mãos se aproximaram do cabo do machado, Exu sentiu uma pancada tão forte na perna, que as paredes e o teto giraram várias vezes diante de seus olhos antes que suas costas estalassem duramente no chão. Ficou paralisado sem compreender o que estava acontecendo.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Xangô.

– Você não estava dormindo? Eu vim pegar uma coisa emprestada.

– O quê?

– Preciso do seu machado.

– Para quê?

– Para proteger o homem que curou sua perna.

– Bem, ela ainda não está totalmente boa... – disse Xangô levantando-se com calma –, mas já dá para andar.

O dono do machado espiou o lado de fora, cumprimentando, debochadamente, o homem que o havia curado.

– Tome aqui, mas devolva ainda hoje.

Exu agradeceu e, antes de sair, ainda pegou um pedaço de corda e o longo pano branco que Orunmilá usava para embrulhar suas coisas durante as viagens. Saiu na mesma velocidade que havia entrado. Ele e Ossain continuaram correndo, cada vez mais para o interior do grande palácio. Quando chegaram a um pequeno quarto escuro, sem janelas, adornos nem móveis, exceto uma cama de pedra, o suor dos dois já respingava pelo chão. Não havia sido uma corrida longa, é certo, mas ambos foram o mais rápido que puderam. Sem pedir permissão, o mensageiro tirou um pó escuro da cabaça que levava à cintura e a entregou a Ossain.

– Pegue. Deite nesta cama e cheire isso. Tenho um plano. Não sei se você vai gostar, mas é a única maneira de salvar a sua vida.

– Faça o que quiser, meu amigo Exu. Só não deixe que aquele homem me encontre.

Ossain cheirou o pó de Exu e dormiu antes que pudesse identificar que preparado era aquele. Caiu num sono profundo, quase sem respiração. Pareceria morto, não fosse o corpo ainda estar quente. Exu tirou-lhe rapidamente as roupas e enrolou-o no pano branco que pegara no quarto de Xangô, deixando apenas o rosto e uma perna descobertos.

– Meu amigo... – murmurou, quase sem som, o fiel mensageiro de Orunmilá.

No escuro daquele quarto pequeno, Exu formou um laço com a corda que tomara emprestada. Um sorriso sádico tomou conta, então, de cada canto do seu rosto.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (23): Minha história

Caro Laroiê,

O que fazer em Nova York na sua primeira visita, depois de uma semana de negócios fechados e entrevistas bizarras? Comer e comprar, claro. Pelo menos essa era a ideia de Yara. Eu concordava apenas com a primeira metade.

Acordamos tarde no sábado, e resolvemos pular o café da manhã. Pegamos um táxi para o SoHo, direto para o Mercer Kitchen, um restaurante do renomado chefe francês Jean-Georges Vongerichten. O lugar havia aberto cerca de dois ou três anos antes, e continuava fervendo, apesar da cena intensa e sempre cheia de novidades na ilha de Manhattan. Minhas expectativas quando provei a famosa sopa de galinha com leite de coco e arroz de jasmim eram bem altas, e muito bem atendidas. Sendo justo, não apenas a sopa. Da entrada à sobremesa, todos os pratos, inclusive o da Yara (uma coloridíssima salada de beterrabinhas assadas com queijo de cabra) estavam impecáveis. E nada como uma boa mesa para se negociar um habeas corpus. Ainda nos salões industriais do Mercer, convenci Yara de que eu não seria uma boa companhia para fazer compras, e que ela não precisava me acompanhar nos meus programas de turista de primeira viagem.

Saimos do restaurante e tão logo cheguei a uma distância segura, liguei para a Duda. Ela atendeu no primeiro toque e rapidamente marcamos de nos encontrar. Em 30 minutos, perto do trabalho dela. Isso, não era apenas a jornalista Maria Eduarda que trabalhava aos finais de semana. A banqueira também.

Nos encontramos numa Starbucks a algumas quadras de onde ela trabalhava. Ela já me aguardava, sentada num balcão de frente para a janela, de onde podíamos ver as torres e conversar sem olharmos nos olhos um do outro (conclusão que chego agora, de longe, na hora não percebi a intenção). Já ia fazer uma brincadeira mas o olhar triste com que ela me recebeu cortou.

“Quanto tempo...” preferi.

Ela me deu um beijo no rosto, e respondeu apenas com um sorriso sem graça e uma alisada de leve no meu ombro. Dali eu sabia que seria uma conversa ruim. Então fui direto ao assunto:

“Desculpe por fazer você perder o emprego.”

“Não faz mal.”

“Sério, me sinto...”

“Sério. Esquece isso. Estou bem aqui.”

(Não estava, eu podia ver) Ela mudou de assunto:

“Me diz uma coisa?”

“Fala.”

“Quando aquela mulher mandou você parar de me ver...”

“Duda...” – tentei explicar, mas ela me cortou.

“Espera. Eu preciso saber. Quando ela te mandou parar de me ver, você pelo menos pensou duas vezes?”

“Escuta, eu não sei o que te contaram. Foi o Carlos não foi? Ele que te contou?”

“Não importa.”

“Sei lá o que esse filho da puta, esse assassino safado te disse, mas isso é uma coisa complicada. Eu queria muito ter feito diferente. Me arrependo pra caralho. Mas na época, eu não via alternativa.”

“Eu te entendo.”

Como assim ela entendia? Eu esperava raiva, frustração, até mesmo um sermão, dependendo de quanto ela soubesse. Mas compreensão? Dessa vez eu mudei de assunto:

“Você soube do Carlos?”

“Claro. Parabéns. Não era isso que você queria?”

“Juro, desculpe eu ter feito você perder o emprego.”

“Ouça o que eu vou te falar. Eu poderia fazer o que você fez comigo. Mas a gente está aqui, então deixa eu te dizer: acabou. Sério. Não podemos nos ver. Nunca mais. Eu amo você, mas está na hora de dar um fim na nossa história. Se você tem algum respeito por mim, faça o que estou te pedindo, Ok?”

Uma lágrima escorreu enquanto ela falava. Eu não conseguia, digo, não sabia o que dizer. Queria implorar para que ela pensasse melhor, mas sabia que não tinha esse direito. Não com ela.

Duda se levantou, colocou um pequeno envelope no meu bolso e me deu um abraço, longo e apertado. Chorou um pouco, e saiu porta afora, sem dizer mais nada. A acompanhei com os olhos enquanto pude, sem acreditar no que estava acontecendo. Duda não era apenas uma namorada incidental, ela era minha melhor amiga, a pessoa que mais me conhecia e entendia. Como eu ia viver sem ela? Abri a carta. Escrita à mão. Li tantas vezes para tentar decifrar,

que decorei cada palavra.

New;

Por anos me perguntei o que aconteceu conosco. Mas agora que sei, eu entendo. E agora que eu entendo, não podemos mais ficar juntos. Irônico, não? Eu sei que você é um machista, ambicioso demais e atencioso de menos, sei que você é um galinha da pior espécie... mas sei que me ama tanto quanto eu te amo. Eu não te julgo. Não escolhi esse amor, e também não tinha escolhido sair dele. Estamos juntos nessa. Eu sempre soube, aliás, que havia um segredo escondido aí. Um motivo para uma pessoa boa como você fazer o que você faz com as pessoas ao seu redor, inclusive comigo. Agora é a minha vez de ir embora sem dizer nada. Por favor, respeite. Saiba que, para o resto dos dias, quando você pensar em mim, eu estarei junto de você. E mesmo quando você não pensar também. Não se esqueça de mim.

Eternal love,

Duda.

De todas as perguntas que tenho, essa é certamente a maior. Seria esse um castigo dos orixás? Destruir o que eu tinha de melhor na vida por que não colaborei perfeitamente com todos aqueles pedidos e convites que me enfiaram goela abaixo? Foi isso que aconteceu? O que fizeram com ela para que não quisesse nem atender meus telefonemas nem responder meus e-mails a partir daquele dia? E quem fez isso? Por favor, me dê uma luz?

Naquele dia, porém, ainda tinha esperança de que ela mudasse de ideia. Quanto mais relia a carta, mais o “eu não te julgo” soava como exatamente o contrário. Acho que foi aí que resolvi ligar o foda-se, e realizar a profecia. Se mesmo a Duda, que me conhecia tão bem, era capaz de achar aquilo tudo de mim, que fosse. Seria aquilo mesmo que ela teria.

Yara me levou a mais uma festa naquela noite. Percebeu quão distante e aéreo eu estava, mas quando disse que não estava me sentindo bem, ela respeitou. Me deu um copo de uísque. “Você merece.”

O evento, apesar de se passar em NY, era apenas para brasileiros. Empresários, jornalistas, arquitetos, artistas de televisão... todos os famosos que vão para Nova York para desfrutar do anonimato, mas aí sentem falta da atenção e se juntam todos para aquela bajulação coletiva. Nas pequenas rodas, uns tiravam sarro das futilidades alheias, outros contavam vantagem e alguns aproveitavam os contatos para cavar oportunidades de negócios. Esse era o meu caso – ambicioso e inescrupuloso, como diria a Duda.

Num canto discreto, quase no final do jardim, encontrei uns conhecidos.

Eram uns quatro ou cinco que eu já havia cumprimentado nas noites de sexta-feira e mais meu “grande amigo” Apelbaum. Estavam semibêbados, se é que isso é possível, e falavam tão alto que os grupos ao redor, pouco a pouco, se afastavam de cara feia.

Aproximei-me para descobrir o assunto: falavam sobre ações, investimento e todo o tipo de coisa que eu não queria pensar naquele momento. Tentei desviar de direção. Tentei.

“AA, olhe quem chegou!”, gritou o Apelbaum, do alto de seus quase dois metros. Meu chefe deixou, sem hesitação, a roda de modelos em que estava, me cumprimentou e, com a mão no meu ombro, impediu que eu sáísse. Apelbaum me recepcionou em nome dos demais: “Estávamos falando de você!”.

E estavam mesmo. Não das minhas habilidades jornalísticas nem das minhas aventuras policiais ou minha relação com Yara, todos temas apropriados para uma noite como aquela. Comentavam sim sobre minha “intuição” e sobre uma proposta que tinham a fazer. Tentarei ser mais objetivo, mas o que vou lhe contar, eles levaram pelo menos duas horas para me explicar.

Lembra das matérias que eu fiz prevendo o crescimento de um conjunto de companhias, que acabou se realizando provavelmente por causa dessas matérias? Falavam disso e queriam saber se eu seria capaz de acertar mais palpites como aquele. Diziam “palpites” com um sarcasmo escancarado pelo uísque. Fingi que não entendi. Eles insistiram na proposta, agora num tom muito mais polido: me dariam uma carteira de cem mil reais para investir onde eu achasse melhor, e todo o lucro dos rendimentos seria meu. Perguntei-me se havia ouvido direito. Sabia que sim.

Medi as reações de cada um só para entender se aquilo era apenas um jogo de milionários para quem aquele dinheiro não faria a menor falta, um teste para saber meus limites éticos ou uma jogada simples para ganhar mais dinheiro.

Naquela mesma hora tive certeza de que essa era uma maneira de faturar grande sem sujar as mãos. Eles observariam meus movimentos na carteira e minhas matérias e, quando confiassem no que eu dizia, poderiam fazer o mesmo, com muito mais dinheiro. Enquanto eu me lambuzaria no conflito de interesses, eles investiriam baseados no que liam na imprensa. Pensei como a Duda seria contra, como diria que isso poderia destruir minha reputação como jornalista e, só de raiva, topei. Eles todos comemoraram o início do novo jogo, e Yara me trouxe mais um uísque.

Lembro de chegar no hotel apoiado no ombro dela, que ela resmungava

alguma coisa incompreensível, quando jogou o mariô da porta na mesma lata de lixo em que estavam vários outros que nos esperavam, desde quando chegamos da viagem.

Domingo de manhã, fomos ao Harlem assistir a uma missa gospel. Chegamos tarde e só conseguimos lugares bem no fundo da pequena igreja. Parece que turistas do mundo inteiro tiveram a mesma ideia e foi bem difícil enxergar alguma coisa detrás daqueles alemães enormes que sentavam na nossa frente. Pelo menos, dava para ouvir. Por mais de uma hora, aquelas crioulas incríveis cantaram ao “Lord isso” e “Lord aquilo”. Era contagiante e quase chegamos a ponto de bater palmas com o resto da audiência. Felizmente, conseguimos nos conter.

Quando terminou a cantoria, me preparei para sair com os demais espectadores, mas Yara me segurou: “A parte mais divertida ainda está para começar”. Deixamos que europeus, japoneses e todos os americanos brancos restantes deixassem a sala e não nos movemos. De longe, percebemos uma movimentação estranha entre o pastor e seus fiéis. E, pelos olhares pouco amistosos, devia ser a hora de sairmos também. Olhei ao redor: éramos os únicos brancos no lugar.

O pastor se aproximou. Fomos convidados a sair. Yara explicou que éramos brasileiros e estávamos ali só para aquele sermão. Foi a palavra mágica.

Resolvido o impasse, começou o verdadeiro culto. Por todos os lados, velhinhas de pele bem escura, vestido preto, chapéu e luvas brancas rendadas se misturavam a mulheres gordas e também arrumadas com cuidado. Não demorou para a igreja ficar lotada, e, conforme os fiéis se acomodavam, os que estavam lá há mais tempo transmitiam as devidas explicações: “A brother and a sister from Brazil!”. Já éramos as figuras mais conhecidas do lugar. Mais ainda, quando o pastor recomeçou a pregação e deu boas-vindas aos amigos do Brasil. Os cânticos voltaram a encher a igreja. Os fiéis, sem dúvida mais animados do que os forasteiros da sessão anterior, cantavam com empolgação junto com o coro.

Yara puxou minha mão e apontou para um pequeno movimento próximo ao lado direito do altar. Duas senhoras, daquelas de luva e chapéu, balançavam de um lado para o outro, como se dançassem outra música que não aquela que estava sendo cantada. Enquanto todos batiam palmas, elas seguravam os braços para trás e faziam caretas, com os olhos revirados, que contrastavam com a expressão de êxtase dos demais. Parecia coisa de macumbeiro!

Ninguém ali, todavia, parecia se importar com a possessão! Mais uma

senhora se embalou no mesmo movimento. E uma quarta também caiu em transe. Logo, já eram sete mulheres dançando como se tambores de candomblé as estivessem encantando.

O pastor acenou para o coro, indicando que não parassem, e desceu do púlpito em direção às pequenas senhoras em transe. Aproximou-se da primeira delas, como se fizesse aquilo todos os dias, colocou as mãos em seus ombros e, para minha surpresa, abraçou-a de um lado, depois do outro, como se estivesse dando um passe. A velhinha desmaiou em seus braços e foi amparada por um jovem que parecia acompanhá-la. O pastor se aproximou da segunda e repetiu os gestos. Depois da terceira, fazendo sempre a mesma sequência e obtendo o mesmo resultado. Na quarta vez, a senhora de quadris largos virou de costas para ele e caminhou vagarosamente em direção à porta.

O homem apenas riu, como se o tal demônio, ou seja lá o que fosse, estivesse brincando com ele, e a seguiu de perto. Bem diante da saída, ela virou e continuou caminhando pelo corredor dos fundos da igreja, bem atrás dos bancos em que sentam os fiéis na nossa exata direção. Parou diante de nós e se moveu como se olhasse atentamente o rosto de Yara, não fosse o fato de suas íris estarem reviradas para dentro da cabeça. “Olhou” em seguida para mim e deu um passo para ficar bem na frente do meu rosto. Minha pálpebra disparou e, sem saber bem o motivo, meus joelhos tremeram quando ela me segurou pelo braço e fez com que eu me levantasse. A mulher então me pegou pelos ombros e bateu com os seus, um de cada vez. Depois, segurou meu rosto com as duas mãos e o puxou para si, de forma que a minha orelha chegasse bem perto de sua boca e, num português quase perfeito, cochichou: “Traidor.”

Em pouco tempo estávamos de volta ao hotel, sob minha alegação de que estava meio indisposto. Não contei a Yara o que a mulher possuída havia falado no meu ouvido. Inventei que não entendi.

Estava confuso, com medo, aflito. O que será que eles poderiam fazer comigo? Será que Pilar poderia me proteger do problema que ela mesma estava causando? Até aquele momento, tinha certeza de que ela era influente, e que me vigiava atentamente com seus poderes de vidência e possessão.

Mas não tinha evidência de que sua força seria suficiente contra a ira dos orixás. Comecei então a entender que deveria ter medo de tudo aquilo. Eu era apenas uma peça naquele jogo tão maior do que eu, e o que quer que fizesse, atrairia inimigos muito perigosos.

New

São Paulo, 16 de agosto de 2001.

P.S.: Durante todos esses anos, a Duda sempre pensou mais em mim do que nela mesma.

Tenho certeza que as palavras duras eram apenas uma maneira de facilitar o rompimento para mim.

O SONHO

– Babá! – entrou gritando o mensageiro. – Ele morreu! O traidor está morto, lá dentro!

– O que você está dizendo, Exu? – perguntou o homem coberto de palhas, com uma voz que misturava fúria e frustração.

– Morreu! Só isso. Tinha deixado o sujeito dormindo no quarto da cama de pedra e quando fui lá para vê-lo de novo, encontrei o coitado pendurado pelo pescoço, enforcado.

Orunmilá conhecia tanto seu mensageiro que logo notou algo forçado na maneira como falava. “Deve ser mais um de seus planos complicados”, presumiu. Resolveu então participar do jogo:

– Ele me confessou que estava arrependido de ter traído a confiança de seus mestres ao longo da vida, mas nunca imaginei que sua depressão chegaria a este ponto!

– Arrependido? Será que ele se matou por causa do que fez comigo? – perguntou Omolu, começando a demonstrar algum sinal de culpa.

– Com você, comigo e com muitos outros. Ontem à noite veio aqui para me pedir perdão. Estava por perto quando soube que eu estava na cidade e resolveu que pelo menos um de seus antigos mestres deveria perdoá-lo. Agora faz sentido...

– Carreguei esse rapaz nas costas. Fiz dele um grande curandeiro. Ensinei-lhe todas as minhas magias e poções, e o infeliz me traiu. Aí, quando resolve pedir perdão a alguém vem procurar você? Se pelo menos fosse para ficar vivo e tranquilo depois! Para se matar em seguida, o desgraçado deveria ter me procurado! Pelo menos eu lhe pouparia esse trabalho!

– Covarde! – ajudou Exu.

– Isso mesmo! Covarde! Tão covarde que poderia até fingir a própria morte para escapar da minha fúria – gritou Omolu enquanto caminhava em círculos como um javali selvagem encarcerado. – Onde está ele?

– Meu amigo Omolu, para que tanto? Não confia no que conta meu mensageiro?

– Não estou desconfiando dele, babá, e sim do traidor.

– Então venha comigo e confirme com seus próprios olhos – desafiou Exu.

O gigante indicou a direção do corredor. Omolu partiu na frente, ansioso, deixando Orunmilá confuso e assustado, esperando uma explicação de Exu. O mensageiro retribuiu com um sorriso tranquilizador, e foi atrás do som das palhas pelo corredor. O babalaô enxugou o suor da testa e seguiu pelo mesmo caminho, torcendo para que Exu tivesse mesmo um bom plano. Andaram em silêncio e, quando se aproximaram do pequeno quarto escuro, Exu se colocou diante da porta:

– Foi bem aqui. Quando cheguei, ele estava pendurado naquela viga que segura o telhado. Deve ter pulado com tanta força que o sangue jorrou de sua boca. Por isso, tomem cuidado por onde pisam.

Seguindo os passos de Exu, os dois penetraram no pequeno aposento. O ar cheirava a sangue, e os pés colavam na lama pegajosa do chão, confirmando a história que o gigante havia contado. Mas no teto não havia ninguém pendurado.

– Você não disse...

– Não podia deixá-lo ali, tão sem dignidade, às vistas de todos os escravos do palácio. Apesar do que ele fez com vocês, era meu amigo. Trabalhou muito tempo junto comigo na casa de babá Orunmilá.

– Pois saiba que, mais cedo ou mais tarde, ele acabaria traindo você também, Exu! – comentou Omolu, impaciente. – Mas onde ele está, afinal?

– Bem ali – disse o mensageiro apontando a silhueta da cama de pedra no canto mais escuro do quarto. – Eu o cobri com um pano branco para que parecesse que simplesmente morreu enquanto dormia.

– Só acredito vendo – disse Omolu.

– Então aproxime-se, senhor. Como a luz é pouca, vá até lá e veja de perto. Só não toque a sua perna, pois o toque frio da morte é uma sensação que não faz bem a homem algum.

Omolu sorriu com desdém. Qualquer ordem de não fazer alguma coisa para ele soava como uma súplica para que fizesse o contrário. Caminhou fazendo barulho na lama de sangue e terra e, aproximando-se da cabeceira da cama, desvendou o rosto daquele corpo inerte. Era mesmo o rosto pálido de Ossain, com uma corda grossa amarrada ao pescoço. Olhou

para trás em sinal de reconhecimento e abaixou até que seu ouvido pudesse sentir a respiração do traidor. Nada. Olhou para Exu com um último fio de desconfiança. Estendeu o braço e tocou-lhe a perna descoberta e, como havia dito Exu, pôde sentir a sensação da carne fria e morta eriçar todos os pelos do corpo.

– É mesmo ele. E está morto, sem dúvida alguma.

Orunmilá olhou confuso para Exu. Já não sabia se aquele ar de desolação era real ou puro fingimento. O fato é que Ossain estava deitado ali, e o próprio Omolu, que entendia tanto de morte que se tornara amigo do próprio Iku, acabara de atestar a partida do curandeiro para o mundo dos eguns.

– Como anda a tarefa de vocês? – mudou de assunto Omolu, agora tranquilo, mesmo não tendo deixado a sala ainda.

– Bem e mal, meu amigo. Vamos voltar a um ambiente mais iluminado para que possa lhe explicar tudo com calma.



Omolu parecia novamente confuso. Orunmilá explicava com calma as conquistas e derrotas do grupo mas uma coisa não fazia sentido:

– Calaram-se de novo? Como assim?

– Não sei explicar. Eles simplesmente voltaram ao silêncio.

– Todos os instrumentos de uma vez?

– Os búzios, a tábua, o opelê...

– E você tem alguma pista do que pode estar acontecendo?

– Parece que os eguns comentaram alguma coisa com Oxum sobre as Iá Mi estarem agindo neste mundo e no outro...

– Será que elas foram até o Orum desfazer o feitiço de Olodumare?

– Não creio. Ontem conversei com um oluô chamado Oxumarê...

– Já ouvi falar dele. Dizem que ele pode ir até o Orum montado num xale colorido.

– Ele me contou essa história também. E disse que da última vez que foi até lá, viu Oxalá esbravejando algo sobre “elas” terem ido até o outro lado. Não consigo entender nada.

Omolu balançava seu xaxará ritmadamente, como se o chacoalhar dos pequenos búzios batendo contra a palha o ajudasse a pensar. Deve ter funcionado. Pouco depois, levantou o rosto coberto e disse:

– Tenho um palpite.
– O que é?
– Preciso voltar para Ijerô e preparar algumas coisas antes de ter certeza. Depois mando avisar.

– Do que você está falando?
– Você sabe como o povo me chama?
– Omolu?
– Também me chamam Obaluaiê, o senhor do Aiê, porque aprendi a andar por todos os lugares do Aiê.

– Mas eu também já andei por todos os lugares e não entendi o que está acontecendo – insistiu Orunmilá.

– Isso quer dizer que você ainda não conheceu todos os lugares do Aiê.

– Continuo não entendendo nada.
– Um dia explico com calma. Agora tenho de ir.
Os dois se abraçaram em despedida, de um lado e do outro, e o senhor do Aiê se juntou aos escravos que o esperavam do lado de fora.

– Babá – chamou Oxum.
– Sim, minha filha.
– Aquela mulher que feriu todo mundo insiste em falar com você.
– Depois, minha filha, depois. Onde está Exu?
– Não tenho ideia, babá. Quer que eu a mande embora?
– Ela quem?
– A mulher, babá. Aquela que feriu todo mundo aqui.
– De jeito nenhum. Fui eu mesmo quem pediu para ela ficar.
– Mas, babá...
– Minha filha, agora temos um a menos no nosso grupo. Não podemos nos descuidar. Se ela é uma guerreira tão valorosa assim, a ponto de ter derrotado quase todos nós, talvez ela se interesse em se juntar a nós. Onde você disse que está Exu mesmo?

– Não sei, babá. Ele estava aqui agora há pouco, mas desapareceu como sempre faz quando tem algo mais divertido a fazer. Deve ter ido ao mercado comer alguma coisa.

– Então mande chamar a tal Obá.
– Mas babá...
– Estou mandando, Oxum. Deixe de ciúmes e ande logo. Nós não estamos aqui para viver casamentos felizes. Estamos numa missão à qual os

orixás nos enviaram. Eu avisei você.

– Está bom. Eu vou.

A jovem saiu batendo os pés com força e teria derrubado alguns vasos no chão se houvesse algum em seu caminho. Mas Orunmilá estava concentrado nas palavras enigmáticas de Omolu. O que estaria ele dizendo? Será que sabia mesmo o que estava ocorrendo? E onde seria, afinal, o lugar que faltava visitar? Não fazia sentido.

Seu raciocínio foi interrompido apenas quando a voz da filha o chamou:

– Babá?

– Sim – disse Orunmilá.

Oxum olhou para trás, apontando para o corpo alto e esguio da poderosa guerreira que derrotara a todos, menos a Ogum. Era forte e esbelta, com um penteado que facilitava seus movimentos de luta. O corpo era de uma lutadora jovem e confiante: forte, rijo, seco, marcado pelas escarificações que enfeitavam geometricamente todo o seu dorso. Algumas poucas rugas no rosto, no entanto, mostravam a experiência de uma mulher vivida. Seus olhos confirmavam: “Não era só mais uma menina que viria causar confusão no grupo”, pensou Orunmilá. E era isso que ele precisava:

– Por que veio nos procurar?

– Agô, babá – disse ela, respeitosamente. – Sou Obá, chefe de Cossô. Há vários dias, um de nossos ancestrais foi à aldeia e mandou que eu deixasse o grupo e procurasse pelo líder do maior exército que já havia pisado o Aiê. Perguntei como os reconheceria e ele me disse: “Quando for derrotada, você os encontrou”.

– Então por isso você acha que somos nós.

– Estou certa disso, babá.

Orunmilá lhe estendeu as mãos:

– Então, seja bem-vinda, minha cara. Estávamos esperando por você. Se é que ainda teremos alguma missão a cumprir.

Oxum bufou atrás do ombro da nova integrante do grupo e deixou o salão batendo os pés. Obá, com sua experiência, esboçou apenas um pequeno sorriso diante da reação da filha do babalaô e aceitou o convite que Orunmilá fez com um gesto para que se sentassem.

– O que o senhor quis dizer com “se é que ainda teremos uma missão”?

Sem Oxum na sala, eles pareciam mais à vontade. Ficaram a sós por

um longo período. Tempo o suficiente para que o velho babalô a pusesse a par de todos os detalhes da missão em que estavam trabalhando. Falou do silêncio dos odus, das mensagens do Orum, dos onze príncipes que já haviam sido resgatados e do triste fim de Oxóssi. Ela fingiu não perceber a pequena lágrima que ameaçou saltar dos olhos claros de Orunmilá e calou-se em respeito à dor e à culpa que se estamparam no rosto do babalô. E assim ficaram por mais um longo tempo, até que o babalô se manifestou:

– Por isso mesmo, minha cara, ainda não sei se haverá missão a cumprir. Falhei como líder, e um jovem promissor morreu. Foi minha culpa. Eu deveria ter imaginado que isso poderia acontecer...

– Babá, essa decisão é sua. Se amanhã você continuar disposto a seguir em frente, pode contar comigo. De qualquer forma, se eu ficar, preciso pedir desculpas a Xangô.

Orunmilá acenou com a cabeça e permaneceu sentado no mesmo lugar, meditando sobre tudo que acontecia. Por muito tempo, não disse uma só palavra nem mexeu um músculo sequer. Até que, pelo canto dos olhos, viu uma sombra passar rapidamente pela pequena janela e ouviu um grito do lado de fora:

– Vocês não são páreo para mim! Apareçam, suas velhas covardes, e enfrentem o peso da minha espada! Apareçam, suas bruxas!

Oxum entrou no mesmo instante, com os olhos tão arregalados que pareciam prestes a saltar para fora. Apoiou-se no portal para respirar e avisou, quase sem fôlego:

– Ogum voltou.

O anúncio assustado precedeu a entrada bárbara do general. Com as roupas ensanguentadas e rasgadas, os lábios pintados de sangue, Ogum caminhava arrastando pela cintura uma corda que trazia a cabeça de mais de vinte homens. Todas com a boca devidamente costurada, como ele já havia feito outras vezes. Mas o que mais chamava a atenção era o longo embrulho de pano que parecia se mover nos braços do general. Ogum levantou-o acima da cabeça e gritou tal qual estivesse no meio de uma batalha:

– *Hiôôô ô!*

De pronto, Orunmilá se levantou. Os olhos de Ogum não estavam normais. Ele parecia louco, insano, ou não se comportaria daquela forma. De longe, viu o general soltar o longo pacote de pano no chão e cortar suas amarras, revelando um surpreendente conteúdo.

– Príncipe Etaogundá! – gritou Orunmilá.

O décimo segundo odu levou a mão à cabeça e sentou com dificuldade, feliz pela visão do amigo Orunmilá, mas ainda confuso com tudo o que estava acontecendo. Olhou para Ogum e para o amigo babalaô como se perguntasse quem era o guerreiro, mas não arriscou dizer nada. Orunmilá foi quem teve de intervir. Aproximou-se devagar de Ogum, mãos ligeiramente levantadas para mostrar que não oferecia nenhum perigo, até que pôde sentir sua respiração bufante bem de perto.

Ogum não reagiu. Vez ou outra virava os olhos para trás, como se tivesse algo muito poderoso dentro de seu ori, mas apenas isso. Não ofereceu resistência ou ameaça alguma à aproximação e aos exames de Orunmilá, que analisou suas pálpebras, dentes e a rigidez dos músculos do corpo, e somente quando teve certeza do diagnóstico, chamou a filha para ajudar.

– Oxum!

– Sim, babá.

– Preciso que você cuide de seu marido por toda esta noite. Ele está tomado por espíritos loucos, como às vezes acontece quando um homem mata outro ou um animal feroz. Se não for feito nada agora mesmo, ele poderá ficar assim por muitos dias. Talvez não volte ao normal nunca mais. Se agirmos rápido, no entanto, ele estará em perfeito estado antes do nascer do sol.

– O que eu preciso fazer, babá? Apenas diga que eu cuido do resto.

– Derrame o sangue de um galo na água da forja em que Ogum fazia suas armas ontem à tarde e jogue sobre essa mistura os restos macerados de um ramo das folhas do dendezeiro. Faça isso agora e utilize essa poção para lavar o rosto dele sete vezes ao longo da noite dizendo “Limpe este rosto e afaste a loucura do corpo de Ogum”. Vá! Agora mesmo!

Oxum atendeu à ordem do pai e levou o marido na direção da forja em que ele havia trabalhado nos últimos dias. Subitamente, Orunmilá se sentiu sozinho naquela grande sala, pois sua única companhia, o príncipe Etaogundá, continuava confuso e sem ação. Estranhou a falta de Exu, Xangô, Iansã e Obá. Eles deveriam ter ouvido aquele grito louco de Ogum. A menos que estivessem por demais entretidos em alguma outra coisa. Preferiu não esperar:

– Exu!

Rapidamente o mensageiro cruzou a porta do corredor, mas passou sem parar diante do príncipe. Disse apenas algumas palavras confusas

como:

– Babá! Fiz apenas o que o senhor mandou! Agora é melhor o senhor ir lá dentro.

Orunmilá ia perguntar “Lá dentro onde?”, mas o mensageiro já saía pela porta antes mesmo que ele conseguisse falar.

– Exu! – repetiu.

– Sim, babá? – respondeu ele, parado diante da porta.

– Leve o príncipe Etaogundá até a casa de Oxumarê. Diga-lhe que pedi que levasse mais este odu até o Orum.

– Mais um? Estamos bem na nossa conta! Só faltam quatro, então! Venha comig, senhor príncipe.

Exu voltou correndo e puxou o odu resgatado pelo braço. Vendo que ele não correspondia aos seus estímulos, Exu não teve dúvidas: colocou-o sobre os ombros e partiu em disparada, olhando para trás como se alguém lá dentro o perseguisse.

Orunmilá pensou em perguntar de novo o que, afinal, estava acontecendo, porém mais uma vez os pés de Exu foram mais rápidos que sua língua. Um urro desesperado, no entanto, esclareceu sua dúvida:

– Aaaaaaaahrg!

Foi um susto e tanto. Assim que se recuperou, o babalaô partiu em disparada pelo corredor, procurando a origem daqueles gritos horripilantes, que continuavam sem parar, cada vez mais próximos:

– Por quê? Por quê?

O velho adivinho passou pelo seu próprio quarto no instante em que Xangô, Iansã e Obá também se preparavam para conferir o que estava acontecendo. Continuaram avançando pela estreita passagem que ligava os quartos e quando, enfim, chegaram ao último quarto do palácio, aquele em que há pouco Orunmilá estivera com Omolu, descobriram o paradeiro daquela voz tão transtornada. Do fundo do pequeno espaço sem luz, a silhueta de um homem sentado sobre a cama de pedra chorava e gritava, segurando alguma coisa que eles não conseguiram identificar. Xangô reconheceu seu machado encostado ao lado da porta e pegou-o discretamente antes que alguém percebesse que estava ali. O grupo seguiu Orunmilá de perto, pisando sobre a lama sangrenta, até conseguir identificar a forma estranha que o curandeiro tinha nas mãos.

– Minha perna! Quem fez isso com a minha perna? – gritava ele olhando o corte reto que separava o membro morto de seu corpo recém-

acordado.

Orunmilá imediatamente entendeu o que havia acontecido, mas tentou disfarçar:

– Não sei quem fez isso, mas graças a ele, você está vivo.

– Vivo e mutilado! Para quê? Por quê?

– Não fosse essa perna, você estaria morto.

Ossain calou, mas continuou tremendo de dor e muito nervoso.

– Omolu encontrou você bem aqui. Tocou essa perna sem vida e achou que você tivesse morrido. Não fosse por isso...

– Exu, seu desgraçado! – gritou, compreendendo finalmente o que havia acontecido. – Se um dia eu o encontrar, prometo que vou...

Orunmilá segurou-lhe a mão com doçura, tomando a perna decepada e trazendo a cabeça de Ossain para seu peito. Esticou o braço para trás com dificuldade e deixou que Iansã levasse embora aquele estranho pedaço de Ossain.

– Eu ajudo – sussurrou Xangô.

Encostado no babalaô, Ossain chorou até adormecer. Orunmilá e Obá colocaram-no de novo no leito de pedra e aguardaram para verificar se ele não acordaria logo em seguida.

– Vá. Eu fico aqui com ele.

Orunmilá sentou no único pedaço seco de chão em todo aquele aposento e aguardou que Obá cumprisse sua ordem antes de fechar os olhos. A guerreira saiu em silêncio e voltou ao quarto onde há pouco conversava com Xangô.

– Você já não pediu desculpas? – hostilizou Iansã.

– Calma, você aí! Ela só veio conversar mais um pouco. Não me venha agora com esse ataque de ciúmes. Está parecendo Oxum!

– Longe de mim ter ciúmes dessa mulher – Iansã aproximou-se do ouvido de Xangô e murmurou com acidez. – Ela é velha e anda como homem!

Xangô apenas sorriu e, com um gesto, pediu que Obá entrasse.

– Cuidado. Já está meio escuro e você pode acabar tropeçando.

– É mesmo, de repente você pode se machucar como nós dois – ironizou Iansã.

– Ninguém aqui se machucou assim, Iansã. Estávamos apenas nos divertindo. Num combate técnico, não é mesmo, Obá?

– Isso mesmo. Não pretendia...

– Esquece – interrompeu Iansã.

– Está bom.

A escuridão caía cada vez mais rápido e logo, naquele quarto, não se via mais quase nada além de contornos difusos. Xangô, no entanto, sabia exatamente onde estava cada um deles. Ou então não teria conseguido, em meio às conversas sem importância que se seguiram por um longo período, encontrar as mãos das duas mulheres ao seu redor. Furtivamente, ele acariciou os dedos de Iansã enquanto falavam de assuntos propositalmente desinteressantes. Em seguida, foi a vez de Obá. Ela tentou tirar a mão assim que percebeu a intenção do guerreiro. Mas o toque gentil, juntamente com o som aveludado da sua voz, de repente mais grave do que de costume, fez com que Obá mudasse de ideia. Ela se deixou tocar e não ofereceu resistência. Xangô falava baixo, sobre qualquer coisa. Pouco a pouco, ele foi diminuindo o ritmo da conversa e, sem que nenhuma das duas percebesse o que estava acontecendo do outro lado do quarto escuro, Xangô levou a mão de Iansã ao seu peito e a de Obá à sua coxa. Deixou-se acariciar por algum tempo, garantindo, de vez em quando, a cumplicidade das duas mulheres que não tinham ideia do que realmente acontecia:

– Você já dormiu, não é, Iansã?

– Hum.

– Você também, não é, Obá?

– Hum.

Xangô, o homem que soltava fogo pela boca, agora se aproveitava da escuridão. No escuro, as duas mulheres acariciavam partes diferentes do mesmo corpo, sem imaginar que, do outro lado, a outra também o fazia. Com os braços, Xangô retribuía os carinhos das duas, Iansã com a mão esquerda, Obá com a direita. Acariciava-lhes a nuca, os cabelos, bocas e peitos. De tempos em tempos, mantinha a situação sob controle sussurrando apenas:

– Shhh... Só não faça barulho, para não acordar sua amiga.

O calor foi esquentando, aumentando ainda mais o suor e o arfar dos três corpos naquele chão. Quando as duas mãos finalmente se tocaram, já não havia mais como voltar atrás.

– Bandido! – disse uma voz que ele não conseguiu identificar.

Pelo tom divertido e pela ausência de resposta, no entanto, não era preciso dar mais explicações. Seu plano, assim como o de Exu naquela tarde, havia funcionado. Perfeitamente. O estalar das esteiras aumentou. Assim como o som gemido da respiração. Talvez por isso não tenham ouvido o

estranho som de passos, bem mais espaçados do que o normal, que antecedeu a sombra que passou em frente à porta do quarto, pulando em direção à sala principal.

Orunmilá também não havia percebido Ossain se levantar em silêncio, amarrar os panos que o enrolavam e sair saltando em uma só perna pelo corredor. Depois de dias tão conturbados, cheios de decisões, surpresas e dúvidas, o babalaô havia caído num sono profundo, embalado por um sonho que valia uma história por si só.



O corpo de Orunmilá estava leve, como se pudesse voar, e a névoa espessa cobria praticamente tudo ao redor do adivinho. Uma sensação familiar o fez perceber que talvez estivesse sonhando. Só havia uma maneira de se certificar:

– Euá?

Do meio das brumas, a bela imagem da dama do rio se formou. Polido como sempre, ele a cumprimentou.

– Que bom revê-la. Ainda bem que aprendi a chegar até aqui sozinho...

Ela riu.

– Não foi você que veio, seu bobo.

– Não? Então como foi que cheguei até aqui?

– Eu o trouxe. Senti que estava aflito e fiquei com pena de você.

Confuso, mas ao mesmo tempo tranquilo, Orunmilá não disse nada. Apenas estendeu a mão, atendendo ao gesto de Euá, e foi puxado para cima, a uma velocidade incrível, depois sentiu seu corpo inflar e inflar, como se virasse o maior dos homens do Aiê. Maior que Exu, maior que tudo. Os dois continuavam a subir, até que saíram de dentro da névoa, e Orunmilá pôde ver, lá embaixo, toda a extensão da cidade. O castelo no qual estavam, pequenininho, ainda estava lá. As casas também, quietas. A pequena forja tinha a única luz da cidade, debaixo da qual Oxum cuidava com zelo da sanidade do marido Ogum. Orunmilá sentiu-se enorme, forte e poderoso, soprado por uma força incrível, como nunca. Sentia-se sábio como se tivesse vivido mil anos, só que estava lúcido e ágil como se fosse jovem de novo. Sua vista alcançava qualquer distância. As cores estavam mais nítidas e vivas. E, à sua frente, Euá parecia mais linda do que nunca:

– Está se divertindo?

A voz doce da dona das brumas o deixava tranquilo, mesmo com tanta novidade acontecendo. Novamente ela o puxou, e a subida causou-lhe uma leve vertigem. Quando a tontura passou, já estavam sentados sobre uma grande pedra em frente a um lago de águas calmas e transparentes.

– Aqui é...

– Isso mesmo. Você não desejou tanto conhecer o Orum com seus próprios olhos?

Tudo era muito mais belo do que imaginara ouvindo as histórias de Oxumarê. A grama parecia colocada com as mãos. As árvores, a água, o céu... Orunmilá podia sentir o axé daquele lugar penetrando sua pele. Sentia seu ori absorvendo toda a energia que emanava daquele lugar de uma forma que nunca havia imaginado ser possível. Olhou maravilhado para sua anfitriã e percebeu que ela não respirava. Observou seu próprio peito e notou que também ele não tinha respiração. Tudo como haviam lhe contado.

– Repare com mais atenção. Você ainda não viu tudo. Olhe novamente.

O babalaô cerrou os olhos com força e apurou a vista. Como se fosse a mais poderosa das mágicas, centenas de pessoas surgiram. Algumas delas pareciam mais fracas e transparentes. Outras mais fortes e nítidas.

– Essas pessoas mais intensas são os que você chama de orixás. Aquele ali batendo palmas na sua direção, bem em frente àquela árvore de tronco largo, por exemplo, é Iroco. Ele cuida do espírito das..., mas parou para saudá-lo. Você parece ser muito respeitado aqui.

Orunmilá tocou o chão e a testa em respeito e deixou que Euá continuasse:

– Os outros que você vê, mais fracos e vaporosos, assim como você e eu, são pessoas como nós, que vêm aqui toda vez que sonham.

– Toda vez?

– É, toda vez. Eles também estão dormindo, meu amigo – disse Euá com sua voz encantadora. – Mas, quando acordarem, eu já terei embaralhado suas lembranças.

– Por que faz isso?

– Para que não se confundam. Eles vivem no Aiê, não aqui. Essas visitas eventuais servem para que recebam instruções dos orixás e de seus ancestrais. Mas nem sempre é bom que tenham consciência disso, pois

alguns homens e mulheres mais fracos podem acabar preferindo o Orum ao Aiê, que é o verdadeiro lugar deles. Eu mesma me esqueço toda vez que acordo, e lembro novamente quando venho sonhar.

– Entendo. Quer dizer que também não me lembrarei de nada quando voltar? É isso?

Ela respondeu com um sorriso que Orunmilá não conseguiu decifrar. Levantou os braços delicados e uma névoa fina novamente os rodeou. Orunmilá manteve os olhos fixos na imagem encantadora de Euá, até que ela apontou com os olhos numa outra direção. Quando desviou a vista do rosto da dama que o salvara de Iku, um leve movimento por trás da neblina chamou sua atenção.

Aos poucos, a névoa se abriu e, diante do olhar ansioso de Orunmilá, um vulto conhecido se aproximou. Alto e magro, mas forte como um touro, o vulto gritou de alegria:

– Iáu!

– Oxóssi!

– Babá!

Os dois se abraçaram. Orunmilá chorava tanto que Oxóssi teve de acalmá-lo antes que o babalaô pudesse fazer suas perguntas:

– Que bom ver você! Como você está? O que aconteceu? Eu estava tão preocupado! Sentia tanta culpa...

– Estou bem, babá. Por isso pedi a Euá que o trouxesse até aqui. Queria que visse com seus próprios olhos. Queria que não se sentisse culpado com o que aconteceu. Eu escolhi meu próprio caminho. E não gostaria de ver tudo se perder se você desistir da missão que lhe foi delegada.

– Mas o que aconteceu com você, afinal?

– Você estava certo, meu pai. Eu não deveria ter ido caçar no Dia do Ewó. Fui iludido pelas Iá Mi, e meu ímpeto não me deixou perceber a armadilha. Uma delas veio em sonho disfarçada, como se fosse minha mãe, e me induziu a caçar no dia proibido – lamentou Oxóssi. – Seguindo as ordens que eu acreditava serem da mãe que eu mesmo havia assassinado, entrei bem cedo na floresta, mas a primeira codorna só apareceu depois que o sol já se mostrava nítido no céu. Não tive dúvidas, fiz a pontaria e, no momento que soltei a corda, percebi que a codorna olhava para mim tanto quanto eu olhava para ela. Ela me queria tanto quando eu a queria. Naquela hora, compreendi que eu era a caça, e não ela. E foi aí que senti o frio subir de meus pés até a cabeça; senti meu corpo, meu arco e a flecha paralisarem e vi

o pequeno e indefeso pássaro se transformar em uma delas, as feiticeiras.

Orunmilá ouvia tudo sem interromper. Oxóssi continuou:

– Então 301 irunmalés saíram de dentro da terra como se fossem uma névoa viva, e me retiraram daquele corpo de pedra como se espremessem um pano molhado. Eles me trouxeram até aqui, me puseram em frente a Oxalá e contaram como eu havia sido enganado e como eu havia me empenhado em ajudar você, babá. E o grande orixá do pano branco me absolveu, e me deixou viver aqui com eles, não como um egum, mas como um orixá!

Os olhos de Orunmilá nublaram com as lágrimas que brotavam. Piscou uma única vez para enxergar melhor. E, quando abriu os olhos, sua filha o observava.

– Estava chorando, papai?

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (25): Minha história

Caro Laroiê,

Saber que você pode me ajudar a retomar contato com a Duda é a primeira boa notícia que eu recebo em meses. Mas não sei se compreendo exatamente o que “fazer a cabeça” significa. Imagino que seja algum tipo de iniciação? Se for, não tenho certeza de que isso seja uma boa ideia.

Você tem acompanhado minha história. Não sei que serventia teria alguém como eu, um sujeito preso entre dois mundos, alguém que resiste à autoridade... Mas se você insiste, vamos conversar. Não quero que a Maria Eduarda seja apenas uma memória na minha vida. Só preciso entender melhor o compromisso que eu estaria assumindo. Enquanto isso, voltemos ao meu compromisso original de contar minha história.

Havíamos acabado de chegar de Nova York quando recebi uma mensagem lacônica no meu Hotmail:

Conta pronta. Login a caminho. Aproveite a entrega.

A conta só poderia se referir à de investimento. O login e senha deveriam chegar por algum meio não eletrônico para preservar a segurança. Mas por que eu deveria aproveitar a entrega? Comecei a me preparar para a chegada. Olhei alguns *press releases*, fiz algumas ligações e encontrei dois candidatos a empresas que poderiam crescer com um bom empurrão da imprensa. No dia seguinte, a secretária do AA veio até a minha mesa. Uma negra linda, com lábios e narinas fartas, cintura fina e aquele balanço de mulata de Jorge Amado. “O chefe mandou te entregar, bonitinho.” Entendida a mensagem.

Entregou e se foi. Sua ida era ainda mais graciosa do que a vinda. Não há bundas como as das negras, afinal. Acompanhei a dela enquanto atravessava o corredor da redação. Corredor longuíssimo, graças a Deus. Lá de longe, e fora de alcance, ela parou e me olhou sobre o ombro, a safada. Sorriu e sumiu, requebrando, para dentro do elevador. Um dia eu teria de conferir.

Voltemos ao envelope, branco e puro por fora, e o interior, cheio de pecado: o endereço de um site de investimentos e uma sequência de letras e números que só poderiam ser um login e uma senha.

Digitei com cuidado, e o extrato de uma conta recheada de dinheiro

apareceu, enorme, na minha tela. No susto, desliguei o monitor e reiniciei o computador. Ninguém podia perceber o que eu estava fazendo. Seria o fim da minha carreira jornalística.

Abrindo um parêntese: Nelson Rodrigues, meu jornalista predileto, uma vez escreveu sobre um protesto da classe artística contra alguns editoriais publicados pelo *Diário*. Os artistas aprovaram, numa assembleia unânime, que todos os companheiros de classe devolveriam as estatuetas que haviam recebido do prêmio teatral que o *Diário* distribuía nos anos anteriores. Um grande protesto coletivo. Uma passeata sem ruas. Mas o que queria contar de verdade é que ele foi acusado de traidor por não concordar com o movimento e, em resposta, perguntou em público se eles teriam devolvido o prêmio caso tivessem recebido dinheiro, em vez das estátuas. É aí que eu queria chegar. Nelson Rodrigues foi um gênio cínico. Mais por suas colunas do que pelas peças e livros, na minha opinião. Ele iria adorar Maria Eduarda, a porta-bandeira do jornalismo correto que um dia virou banqueira. Assim como o meu envelope, branco e puro por fora... e o que havia dentro dele.

Os donos daquela conta haviam me prometido cem mil, mas me deram uma conta de trezentos mil reais. O suficiente para que qualquer um ali na redação fizesse mil e cinco questionamentos. Iriam querer saber como conseguia aquele dinheiro, falariam de falta de ética, de conflito de interesses. Estivessem eles, qualquer um deles, ali, com aquele dinheiro todo nas mãos e carta branca dos próprios donos do *Jornal*, queria ver quem teria realmente perdido a oportunidade. Nenhum, nem mesmo a Maria Eduarda, que me daria um sermão mas faria igual. Posso apostar.

Juntei minhas anotações e iniciei os trabalhos. Liguei para cada uma das empresas, visitei suas instalações, conversei com especialistas. Depois escrevi a matéria falando de como essas duas empresas estavam na iminência de um grande crescimento (estavam mesmo, eu apenas coloquei um holofote sobre elas) e enviei para o Fred. Fiz pequenos investimentos nas ações de ambas, nada muito grande, só um pequeno teste.

Ao longo de quatro semanas, escrevi umas trinta matérias com as informações que tinha. Sempre sobre empresas com ações na Bovespa, com alguma novidade quente que um destaque na imprensa poderia alavancar. Como jornalista, posso dizer, fiz meu trabalho. Acredito que muita gente tenha ganhado dinheiro se prestou atenção no que publiquei. Como investidor, também cumpri com meu dever. Antes de cada publicação, comprava alguns papéis das tais empresas e esperava o resultado nos dias seguintes. E o que há de tão errado,

esquecendo o discurso da virtude piegas, em eu também ganhar?

Foram semanas tranquilas. Eu encontrava a empresa, fazia as entrevistas e investia. Só então começava a escrever a matéria. Nos dias seguintes, vendia as ações a preço maior, com ganhos suficientes para engordar a conta bancária de um repórter quebrado, mas nada que justificasse um escândalo. E aí estava a genialidade desse plano. O volume de dinheiro em circulação na minha conta não era tanto para levantar suspeitas. Enquanto isso, os donos daquele dinheiro podiam investir naquelas empresas antes mesmo de eu escrever a matéria, ou logo que as ações comessem a subir. Como o operador era eu e os ganhos, pequenos, não haveria quem pudesse apertar o botão do puta que pariu e denunciar tudo. O que quer que eles estivessem fazendo, por mais claro que fosse, era pura especulação minha. Ninguém sabia para quem eu estava escrevendo... a única coisa que poderia dar errado era se alguém descobrisse que um grupo de investidores podia observar (usando o meu próprio login) onde eu estava investindo. E isso não tinha como acontecer, eu pensava. Não havia rastro, e todos que sabiam do plano tinham muito a perder.

Do meu lado, pela primeira vez, consegui dar bons presentes para Yara. Como era bom começar a me sentir mais igual... faltava apenas um pouco mais de prestígio corporativo, para que não fôssemos mais a executiva e o pobre repórter.

Foi no meio dessa brincadeira que o AA me chamou para uma conversa reservada. “Será que eu havia ido longe demais? Ou será que está na hora de receber uma grande promoção?”. Não era isso, mas era um bom começo: ele queria saber minhas sugestões de melhorias no *Jornal* e no nosso caderno.

Ele ouviu minhas sugestões com certa atenção. Pareceu ter gostado de algumas delas. Quando meu repertório se esgotou, no entanto, o assunto mudou e o que talvez fosse o motivo real daquele encontro se revelou: o Fred. Meu chefe – e editor de negócios do *Jornal* – estava com problemas sérios no casamento (o quinto, por sinal). Até aí, nada demais, e ninguém tinha nada a ver com isso. Mas o que poderia acontecer em seguida seria muito perigoso para o clima na redação:

“Eu sempre disse ao Fred que ele deveria casar com uma jornalista.” – disse o AA – “Ou ficar solteiro mesmo. E ele não me ouviu. Não foi por falta de oportunidade, porque se alguém aqui comeu uma porrada de mulher diferente nesta redação, foi ele. Se bem que o que acaba com ele é isso mesmo. Ele se apaixona, casa, mas continua dando seus pulinhos por aí. Até que um dia a esposa

descobre e bota ele pra correr. Ele passa um tempo deprimido, bebe até se acabar e depois volta a se arrumar com a mulherada. Até se apaixonar e aí começa tudo de novo. Mas ele nunca larga as mulheres por conta própria. Nem a oficial nem as amantes. Teve até uma história engraçada de quando nós dois éramos repórteres, e ele foi pego no meio da noite, com as calças na mão, comendo uma secretária que eu nem lembro quem era. O canalha estava aqui nesta sala mesmo, que na época era do meu pai. Acho que o velho esqueceu um guarda-chuva – ele sempre andava com um – e voltou depois de um coquetel para buscar. Aí encontrou o Fred com quem mesmo? Acho que era a... a dona Wilma! Ah! A dona Wilma era secretária dele! É isso! Ela era a secretária do meu pai! O velho ficou com tanta vergonha que jamais tocou no assunto nem nunca mais usou guarda-chuva. Sabe como é, naquela época, os jornalistas eram pessoas mais sérias. Mas, voltando ao problema do Fred: Toda vez que o casamento dele despenca, ele vem cair aqui no meio da redação. Enche a cara todo dia, chega de ressaca e, mais cedo ou mais tarde, vem trabalhar de porre. Aí já viu... Dá escândalo, faz uma bagunça, vomita em cima dos outros... Uma vergonha!”

Se não foi exatamente assim, foi algo parecido. Fomos interrompidos por uma elegante bandeja de café, trazida pelo sorriso gíngado da mulata, que, uma década depois da história do Fred, dona Wilma e o guarda-chuva, assumiu com o devido charme o lugar na antessala do diretor de redação. Ela serviu primeiro o chefe, depois a mim e, ao dar a volta, roçou a bunda bem roçada no meu braço. Dona Wilma estava fazendo escola.

Assim que a porta bateu atrás da secretária, AA voltou a contar como sentia pena do Fred: “No último divórcio, deu vexame no meio da redação e foi poupado de uma demissão humilhante por causa do excelente trabalho como jornalista da casa. Ele havia coberto as Diretas, os Caras-Pintadas... O canalha tem mais prêmios Esso que todo mundo nesse prédio junto”. Mas o AA tinha medo de que o problema estivesse prestes a voltar, porque desta vez teria de tomar uma atitude. Perguntou se eu havia percebido algo estranho nos últimos tempos.

Olhei bem fundo nos olhos dele, tentando adivinhar que tipo de resposta estaria esperando, mas sua expressão era intransponível. No máximo, solidária ao problema do amigo. Mesmo assim, apenas ligeiramente. Aquela conversa de antes, o pedido de sugestões... Será que eu estava deixando que minhas vontades nublassem minha percepção? Não, não poderia ser.

Resolvi arriscar. Contei da garrafa de uísque pela metade sobre a

estante do aquário e das vezes em que Fred chegava à redação com cheiro de bebida, de ressaca. Disse que o povo estava reparando e comentando, e contando lendas do passado... o que eu não havia presenciado, mas era uma dedução bastante razoável caso eu tivesse amigos ali dentro.

Era tudo o que ele precisava saber.

Fred e eu não éramos exatamente amigos, mas sempre tivemos uma relação cordial, e eu tinha de me lembrar que havia sido ele o sujeito que apostou em mim no dia em que entrei na redação com uma história maluca nas mãos. Mas, como não há remédio melhor para a angústia do que o tédio, o desconforto durou pouco. Do lado de fora, enquanto aguardava o elevador, passei os olhos em cada centímetro do corpo da secretária. Era como se eu lambesse de longe sua pele brilhante. Ela sorriu, estava gostando. Repeti o cumprimento, desta vez olhando fixamente para o seu decote. Ela continuou falando ao telefone como se não percebesse nada, a não ser por uma leve carícia que fez no pingente que caía entre seus peitos. Fiz meus cálculos: eles caberiam perfeitamente nas minhas mãos. Aproximei-me, dissimulado, e perguntei se havia como beber água naquele andar. “Ouvi dizer que a água aqui é mais gostosa.”

Ela foi buscar, rebolando, e eu fui atrás.

Assim que a porta da copa fechou atrás de nós, ela me olhou novamente por cima dos ombros e arqueou ligeiramente as costas. Eu girei a tranca e a agarrei pela cintura. Transamos ali mesmo, na copa da diretoria. Foi tudo tão rápido, que nem consegui olhar direito para os pedaços do corpo dela que apareciam entre a saia levantada e a blusinha caída na cintura. Comi a mulher de costas, em pé. Tomando cuidado para não borrarmos seu batom vermelho.

Saímos de lá sem trocar uma palavra. Um pouco descabelados, talvez, e com as roupas mais amarrotadas do que quando entramos, com certeza. Fui direto para a escada de incêndio e desci por lá mesmo. Precisava de uma desculpa para tanto suor. Não pretendia me tornar uma lenda no *Jornal*.

Enquanto descia os degraus, contabilizava os progressos desde que conheci Pilar. Um pobre mortal, que nunca nadou em dinheiro, não podia ter outra reação a não ser estar fascinado com uma nova vida. Ganhei de presente um carro que era um avião, tinha nas mãos um dinheiro bacana para operar e uma loura linda, rica e poderosa na cama. E agora também uma mulata fogosa pelos corredores do trabalho! O que mais poderia pedir a Deus? Havia a Duda, porém...

À noite, fui com Yara ao Vítreo, um restaurante descolado na Oscar

Freire. Ambiente sofisticado, sem ser pretensioso, com a decoração em preto e verde feita por um arquiteto famoso. Faz lembrar os restaurantes que visitei em NY. Pedi uma salada de foie gras, e ela, uma massa com molho de tomate. Ambos aprovadíssimos. (estava devendo algumas dicas gastronômicas, eu sei).

Debaixo da mesa, ela me acariciava com o pé e o tornozelo, brincando que “a corujinha estava com saudades de mim”, se referindo à sua tatuagem de coruja atrás do ombro. Por isso me lembrei do assunto e perguntei o que aquela *tattoo* significava. “É um símbolo de Olomô. Representa os poderes mágicos femininos.” Muitas das mulheres do grupo, segundo ela, possuíam uma. Eu acabaria percebendo. Esqueci o assunto e, como de costume, lá pelas tantas Yara foi retocar a maquiagem.

Pedi mais uma garrafa de vinho. Minutos depois, o garçom se aproximou com a garrafa e, em vez de mostrar o rótulo, como seria adequado, olhou fundo nos meus olhos e disparou: “Tenho um recado para você. Eles mandaram dizer que você vai se arrepender de ter bandeado para o lado delas, mas que ainda há tempo de voltar atrás”.

Quando Yara chegou, eu já tinha pedido a conta e um táxi. Precisava ficar sozinho, pensar naquilo que estava acontecendo. Pilar, os orixás, tudo de bom que acontecia na minha vida, e o que eu perderia se me alinhasse oficialmente a um lado ou a outro. Será que os orixás seriam capazes de mandar me sequestrar novamente para que eu atendesse ao chamado? Do que Pilar seria capaz se sentisse que eu a estava traindo? Em algum momento eu teria que escolher um lado.

Precisava ir para casa. Sozinho. Deixei Yara no prédio dela, disse não estar me sentindo bem, e segui para casa.

Cheguei e encontrei um mariô na porta. A fita do Senhor do Bonfim que Pilar havia me dado ardia no meu pulso como se fosse uma sirene de fogo.

Não consegui nem entrar no quarto, com medo de que houvesse um espírito me esperando, furioso. Nem me vesti de branco – com tanto vinho na cabeça não haveria mesmo de funcionar – e acabei dormindo no sofá. Não sei se a coruja de olhos gigantes que vi parada na janela – grande, imóvel, me encarando fundo – era de verdade ou se já estava sonhando. “Um símbolo de Olomô”, ouvi a voz distante de Yara.

Minhas alianças estavam começando a se consolidar. Mais ainda considerando os acontecimentos da sexta-feira seguinte.

Estávamos novamente no local do culto, em mais uma noite de garoa. A preleção de Olomô havia terminado. Quando ela se retirou para o interior da

casa, fomos chamados para acompanhá-la. Pelos olhares, muitos sabiam o que estava para acontecer.

Uma gritaria vinda do lado de fora me assustou. Em seguida, uma coruja imensa, de asas negras e olhos enormes (a mesma que me olhava pela janela na outra noite), chegou aos braços de Cynthia, a mesma senhora que recebeu o espírito de Pilar na minha primeira noite no Nível 2. A coruja carregava algo no bico. Todos estavam mudos. Até mesmo a guru, que com uma mão mandou que eu me aproximasse e com a outra segurou aquilo que a coruja havia trazido: uma pomba, morta.

Pilar me entregou a ave. Ainda estava quente. No mesmo momento, um rapazote me estendeu uma almofada de veludo onde repousava uma faca de cabo de osso. Segurei a faca enquanto o rapaz colocou uma bacia de madeira no chão, bem na frente dos meus pés. Pilar se levantou: “Este é um dia muito especial. Hoje celebramos a chegada do nosso irmão Newton ao Nível 3!”. O alvoroço era geral, eles não pareciam ver aquela cerimônia com muita frequência.

Pilar pegou uma pequena cabaça às suas costas e colocou-a sobre a bacia de madeira. Alguém do meu lado sussurrou que eu deveria cortar o pescoço da pomba, e eu estremei. Senti o apoio suave da mão de Yara tocar minhas costas. Pilar acenou com a cabeça, confirmando a ordem que recebi no sussurro anônimo, e voltou ao tom solene: “Esta cabaça é o seu pássaro, Newton. Seu segredo e seu poder. Guarde-a e não conte a ninguém onde a colocou”, disse isso, pôs a cabaça diante dos meus pés e olhou para mim.

Era a minha hora. Peguei a faca sobre a almofada e, sem pensar, passei a lâmina no pescoço da pomba morta. Senti o sangue escorrer pelas minhas mãos e o suor, resfriado pelo ar-condicionado, grudar minha camisa. Os pingos grossos estalaram na cabaça diante dos meus pés. Rajadas viscosas estriaram meu peito. Sentia enjoo, medo, nojo. Tentei olhar em volta. Estava tudo em câmera lenta. Imagens e sons se confundiam na minha cabeça, e eu não distinguia mais a voz nem o rosto de ninguém. Senti meus joelhos dobrarem e bater com força no chão. Meu último olhar cruzou com o da coruja de asas pretas. E tudo escureceu.

Despertei, não sei quanto tempo depois, com o cheiro do vinagre dissolvendo minhas vendas. Conhecidos e desconhecidos me olhavam com uma certa solidariedade, como se já tivessem presenciado inúmeras cenas iguais. “A faca?”, perguntei assustado. Eu poderia ter me cortado quando caí. Mas parece que a própria Pilar me aparou quando desmaiei, segurando-me pelo braço e

evitando que a lâmina causasse qualquer acidente. Sem que ninguém a tocasse, ela levou minha mão até a bacia de madeira e deixou a faca cair. Em seguida, retirou-se para dentro com a Cynthia, levando tudo com elas. Faca, bandeja, pomba, coruja.

O círculo ao meu redor abriu-se aos pedidos de uma voz conhecida. Yara viu que eu acordara e veio me contar as novidades. Ao seu lado, Apfelbaum e o AA sorriam satisfeitos. Yara me mostrou um papel. Demorei até entender o que era: uma passagem aérea. Londres. Pilar, Apfelbaum e AA haviam nos dado de presente de boas-vindas. Sairíamos no dia seguinte, sem preocupações com hotel, estada ou com o trabalho. Já estava tudo acertado entre eles.

“No seu retorno, haverá uma sala de vidro à sua espera”, disse o diretor de redação do *Jornal*.

Fred havia sido demitido por causa do uso excessivo de bebida e assédio sexual, ambas práticas perigosas no mundo corporativo em tempos politicamente corretos. E quando eu poderia imaginar que seria exatamente esse mundo chato que me colocaria no lugar que tanto sonhei? Os pedidos que eu havia feito para Olomô diante do altar estavam todos se realizando, um após o outro, sem que eu precisasse fazer qualquer esforço! Eu só pedia, obedecia, desmaiava e eles estavam lá. Precisava desmaiar com mais frequência, pensei.

Permaneci meio incrédulo até desembarcarmos no aeroporto de Heathrow. Quando entramos num tradicional táxi londrino, daqueles que se veem em fotos – volante invertido, espaço amplo, desenho esquisito –, é que parei de achar que ainda estava delirando.

Nunca havia estado na Europa e sempre sonhara em conhecer Londres. Devia ter comentado isso alguma vez com Yara, por isso ela armou toda essa surpresa, tudo planejado nos mínimos detalhes. O hotel, em particular: um pequeno e charmoso casarão antigo e todo reformado no bairro silencioso e tranquilo de Notting Hill.

Nossa suíte, que ficava num andar abaixo da recepção, era decorada com muito bom gosto, misturando elementos tradicionais da Grã-Bretanha com toques de vários locais da Ásia. Era, de longe, o quarto mais charmoso que eu já havia visto em toda minha vida. “Lovely”, como disse a recepcionista.

Tomamos um banho e tiramos um cochilo rápido para poder usufruir do domingo de sol. Aproveitamos a proximidade para visitar a divertida feira de antiguidades da Portobello Road, onde conheci duas das lojas mais deliciosas do mundo: Spice Shop e The Cook Book. No caminho da volta, jantamos numa pizzaria ótima perto do hotel (quando for a Londres, experimente: chama-se

Zucca). Naquela noite, tiramos o atraso de alguns dias sem sexo. Tenho certeza de que o funcionário de plantão na recepção teve uma noite bastante... ruidosa.

Tivéssemos descansado mais, no entanto, teria sido mais fácil suportar a surpresa do fax que nos aguardava sob a porta assim que acordamos.

Newton e Yara,

Sinto muito pela notícia, mas vocês precisam voltar de imediato. Fred afirma ter evidências sobre irregularidades na redação e precisamos de vocês aqui para provar o mal-entendido. As passagens já estão remarçadas, vocês saem hoje, no voo da tarde.

Atenciosamente,

AA

Obedecemos. Menos de 48 horas depois de pousar em Londres, estávamos de volta a São Paulo. Como se fosse uma brincadeira – ou uma reprimenda dos céus – trocamos o sol europeu pela chuva dos trópicos. Uma tempestade monumental. Uma chuva de ópera. Cruzamos em silêncio o longo e engarrafado trajeto de Guarulhos a Moema. Quando chegamos, ainda não tinha a menor ideia do que deveria fazer. Mas eles já tinham tudo preparado.

Axé,

New

São Paulo, 20 de agosto de 2001.

UM A MENOS

Orunmilá não contou nada sobre o sonho. Apenas levantou e abraçou a filha com ternura:

– Já é dia?

– Não, babá, ainda é noite. Só vim avisar que Ogum já se acalmou, parece que o encanto está passando. Onde está Ossain?

– Não sei. Estava aqui quando adormeci.

Oxum olhou para trás e seguiu com os olhos as pegadas de um só pé. As marcas e as manchas de sangue mais ou menos nítidas no chão de terra se misturavam no escuro do quarto. No corredor, a pouca luz revelava com mais clareza o rastro ímpar:

– Parece que ele fugiu – comentou ela.

– Não me pareceu mesmo muito bem ontem. Qualquer dia encontraremos ele de novo, pode ter certeza.

– Pode ser. Mas o que estava acontecendo, babá? Achei que ouvi você chorando.

– Não era nada. Só um sonho. Vou precisar de você, minha filha. Você me ajuda?

– Claro, babá. O que quer que eu faça?

– Prepare-me um prato com feijões-fradinho e leve até lá fora.

Estarei perto da entrada da floresta preparando um fogo bem quente.

– O que está acontecendo, babá?

– Nada, minha filha. Só tenho umas coisas para fazer.

– Uma oferenda?

– Você pergunta demais. Vá. Estarei esperando na beira da floresta.

O babalô virou de costas e saiu, deixando a filha com um olhar confuso, plantada na entrada do pequeno quarto em que Ossain há pouco dormia. Antes de sair do castelo, Orunmilá foi até suas coisas e escolheu com cuidado algumas delas. Cruzou a porta principal e, conforme havia combinado com Oxum, caminhou na direção da floresta.

Na entrada do mato, diante de uma pedra que batia na altura do

seu joelho, ele sentou e arrumou algumas pequenas rochas escuras no chão. Depois, levantou novamente e juntou cinco pedras maiores e duas menores, todas escolhidas com muito cuidado sob a luz tênue da lua. Voltou mais uma vez ao local no qual se preparara para acender o fogo e colocou as pedras maiores cuidadosamente ao redor do carvão antes de faiscar as pedras menores até que a primeira chama se formasse. Olhou ao redor, respirando fundo, como se procurasse por alguém. Embora ninguém se aproximasse, ele sorriu satisfeito.

Algum tempo depois Oxum chegou até a pequena fogueira do pai. Trazia um grande prato de barro com pequenos feijões cor de areia, e uma longa colher de pau, que ela sabia ser excelente para torrar as pequenas sementes. Não precisou perguntar o que fazer com eles quando se aproximou de Orunmilá. Apenas se abaixou e dispôs com jeito o prato sobre as pedras ao redor do fogo. O babalaô tomou gentilmente a colher de pau de cabo longo e mexeu ele os feijões.

Passou um longo tempo ali, mexendo e pensando. Não falou nada nem foi interrompido por Oxum, que ficou sentada a meia distância, em silêncio, apesar da curiosidade.

O cheiro se espalhava, e se misturava ao aroma fresco das árvores que os cercavam. De tempos em tempos, Orunmilá respirava fundo, com o rosto próximo da fumaça dos feijões. Cheirou uma, duas, três vezes. Na quarta, deixou o assento de pedra e agachou diante das pequenas pedras. Esticou o braço e pegou no chão o pano que trouxera do quarto, abrindo-o sobre o colo. Com a colher, despejou os feijões ainda quentes sobre o pano e amarrou-os com cuidado.

O babalaô percebia a curiosidade da filha, mas não lhe dirigiu a palavra. Levantou-se e levou o pequeno embrulho de pano para dentro do mato. Ele olhou com atenção cada canto da floresta, como se procurasse um bom lugar para continuar a cerimônia que Oxum continuava sem entender. Uma pequena clareira, que mais parecia uma porta para a floresta, pareceu agradar o velho adivinho. Sem explicação, ele abriu o embrulho e tocou seu conteúdo com os dedos para medir a temperatura. Olhou em volta e cantarolou uma canção que sua filha desconhecia. De onde estava, só era possível distinguir algumas frases dispersas:

– Caré rerê... Caré rerê odé... Caçador, traga-nos boa sorte...

Orunmilá cantava baixinho, como se não quisesse acordar os espíritos da floresta. Enquanto cantava, girava o corpo lentamente e

lançava as pequenas sementes torradas por toda a clareira. De longe, Oxum continuava tentando entender o que fazia o pai, mas, mesmo depois de ter espalhado todo o feijão pelo chão, ele não parava. Pelo contrário, sua dança se tornara mais vigorosa e sua voz dizia palavras diferentes:

– Okê arô!

A música crescia, como se tambores estivessem acompanhando a cantoria do babalaô, e seus movimentos ganhavam cada vez mais vigor:

– Okê arô!

De repente, para espanto de Oxum e até mesmo de Orunmilá, as pequenas sementes torradas se iluminaram. Uma depois da outra, como se fossem estrelas caídas do céu. Elas piscavam uma luz azulada e, aos poucos, começaram a se levantar do chão. Voaram todas, primeiro perto do chão, depois mais alto e mais alto, até que pareceram controlar a arte do voo. Como se tivessem todas um só espírito, as pequenas luzes piscantes envolveram Orunmilá, girando ao seu redor como se bailassem a música que ele cantava. Deram várias voltas em torno do babalaô, que observava extasiado aquela dança mágica. Depois subiram, subiram e se perderam entre a luz das estrelas. Oxum, de queixo caído, enxugou uma lágrima que escorria e olhou para o pai. Que magia divina! Já ele continuou parado, olhando para o céu. Ficou ali, por um longo tempo. Quando enfim desceu a vista, aproximou-se da filha, passando o braço pela sua cintura fina:

– Este é um segredo só nosso. Combinado?

Ela acenou com um movimento de cabeça e um sorriso sincero. Depois encostou a cabeça no ombro do pai e, juntos, caminharam em silêncio até o quarto de Orunmilá. Ele a beijou com carinho na testa e se despediu.

– Quando o sol nascer, venha me procurar. Teremos um dia corrido amanhã.

– Boa noite, babá.

– Boa noite, minha filha.



O belo rosto de Oxum foi a primeira imagem que Orunmilá viu quando abriu os olhos pela manhã. Foram juntos até o lado de fora, sentir a luz do sol e se divertiram observando o batuque de um pássaro que procurava sua comida em uma árvore junto à entrada da casa.

– Como está Ogum? – perguntou o pai.

– Melhor, eu acho. Depois que deixei você aqui, voltei até a forja, e ele continuava dormindo calmamente. Passei o resto da noite cuidando dele. Ele acordou algumas vezes, mas estava tranquilo. Nem parecia aquele homem louco que chegou ontem no fim da tarde.

– E o resto do grupo, onde está?

– Devem estar dormindo.

– Então vá chamá-los. Estamos de partida.

Enquanto esperava que Oxum trouxesse os demais, ele ficou observando o pequeno pássaro. Alguma coisa o incomodava. Não eram suas penas coloridas nem o porte, comum as aves da região. Era algo diferente, que ele não distinguia. Algo estranho, meio sinistro, que o incomodava sem que ele soubesse exatamente o porquê.

Um movimento bem próximo o distraiu.

Da casa, era possível ver a entrada da floresta. E, bem do meio das folhagens, veio Exu, aflito, olhando para todos os lados como se sentisse o cheiro de um leão de tocaia.

– Não se preocupe, Exu. O único perigo que você corre aqui é aquele pica-pau não gostar de você e fazer um buraco nessa sua cabeça dura. Ossain foi embora no meio da noite. Acho que ainda vai precisar de algum tempo para se acostumar à sua nova anatomia antes de poder enfrentar você.

Exu sorriu, aliviado, e deixou o pequeno arbusto onde tentava se esconder.

– O que faremos hoje, babá? Quais são os seus planos?

– A primeira coisa que precisamos fazer é nos certificar de que os odus que resgatamos até agora estão de fato a caminho. Sabe se Oxumarê já os levou?

– Creio que não. Ele estava aguardando a chuva para poder lançar sua ponte colorida.

– Pois então vá chamá-lo. Quero me despedir dos meus amigos.

De tão apressado que saiu, Exu nem respondeu. Orunmilá caminhou de volta e encontrou Oxum mais uma vez.

– O espetáculo é a comida dos olhos – comentou Orunmilá. – E só há dois tipos de espetáculo neste mundo: a beleza – disse, acariciando o rosto de Oxum –, e a mágica.

– Tivemos um banquete para nossas vistas, babá.

Pai e filha se abraçaram. Ficaram quietos, sentados juntinhos. Praticamente sentiam o cheiro dos feijões de que Oxóssi tanto gostava quando era vivo. Só saíram do estado de transe quando ouviram os passos vindos às suas costas. Eram Oxumarê, Afolabi e os oito odus que eles haviam resgatado.

– Mojubá, meu amigo Orunmilá.

– Mojubaxé, Oxumarê. Vejo que já está pronto para levar nossos companheiros.

Orunmilá se aproximou do grupo e abraçou-os um a um, de um lado, depois do outro. A cada abraço, aproveitou para passar um certo tempo colado aos oito odus, como se pudesse absorver uma parte de seu axé. Demorou o quanto achou necessário para terminar o ritual, mas, assim que se virou novamente, a língua curiosa de Oxum já estava preparada para atirar:

– Pai, de onde surgiram as Iá Mi? Contra quem estamos lutando?

Era uma boa pergunta, aquela. Mas, pelo menos naquele instante, a memória do babalô não trazia resposta alguma. Vendo o embaraço do amigo, no entanto, o príncipe Etaogundá, mais velho que todos ali juntos, tomou a frente e pediu autorização para explicar.

– Claro, meu amigo – consentiu Orunmilá, constrangido.

– Tudo começou depois que a primeira montanha surgiu no mar, e a galinha de Oxalá ciscou a terra sobre as águas até formar o Aiê, ajudada pelo camaleão que testava a firmeza do chão e pela pomba que indicava os caminhos a seguir. Nesse lugar, formou-se a primeira cidade, Ilê Ifé. Foi lá que nasceu a vida e de lá vieram nossos ancestrais. Naquela época, as famílias foram se formando, crianças nascendo, crescendo e tendo seus próprios filhos. Até que a cidade original não era suficiente para todo mundo habitar, e alguns deles começaram a procurar novos lugares para morar.

Etaogundá sentou na grande pedra e fez sinal para que os demais se sentassem. Pelo visto, aquela seria uma longa história:

– No início, as pessoas foram conduzidas por grandes caçadores, que conheciam bem as florestas e sabiam escolher os melhores lugares para pousar. Esses grupos então se assentaram e formaram pequenas comunidades. Algumas delas pereceram antes mesmo de se tornarem uma cidade legítima. Outras foram dominadas por outras cidades governadas por guerreiros ou por bárbaros. Nesse tempo, os caçadores, que levaram a

população das comunidades para novos lugares longe de Ifé, passaram a ajudar na defesa da cidade e na provisão de alimentos, deixando a comida e as crianças nas mãos das mulheres jovens. Nas mãos das mais velhas, as ialodés, ficava o controle das comunidades quando os homens saíam para caçar. Mas somente nessa hora. Um dia, essas mulheres se rebelaram. Não se sabe ao certo como, mas a verdade é que, embora estivesse cada uma em sua cidade, e sem nunca terem se falado, pois até aí, várias gerações já haviam se passado desde que aquelas famílias haviam deixado Ilê Ifé, elas todas se revoltaram de uma só vez. Queriam para elas o poder de governar a cidade, o tempo inteiro. Fora delas a tarefa de trazer ao Aiê os novos homens e mulheres que fizeram suas cidades prosperarem. Eram elas, portanto, a grande fonte de riqueza, poder e prosperidade das cidades. Mereciam reiná-las. Mas os homens eram mais fortes e não aceitaram as reivindicações das ialodés. Disseram que não, e as mandaram tomar conta das coisas inúteis, pois governar era tarefa dos homens. Elas não desistiram. Sem se falar, e sem saber ao certo o porquê, um dia lá se foram, todas de uma vez, para a cidade de Otá, que não passava de algumas pequenas casas e pastos na época. Quando chegaram, ficaram surpresas ao ver quantas delas haviam tido a mesma intuição. Eram duzentas e uma. Todas mulheres. As ialodés de todas as cidades do Aiê. Vendo-se todas ali, com um mesmo propósito, perceberam que havia algo importante acontecendo. Então a mais velha de todas lançou a proposta. Deveriam, juntas, convocar Nanã, a orixá feiticeira que havia visto Aiê se formar e pedir sua ajuda. Imediatamente, as duzentas e uma mulheres rodearam o lamaçal e começaram a chamar por Nanã, gritando suas súplicas e lamúrias sobre como eram tratadas pelos homens. Nanã atendeu o chamado e surgiu de dentro da lama como se fosse feita dela. Concordou em dar para as mulheres o maior poder do mundo. “Também entre os orixás eles nos negaram o controle” – disse ela. “Agora chega!” – Pediu então que cada uma delas fosse de volta para casa e voltassem todas no dia seguinte com um ovo de galinha, algumas ervas secretas e um pouco do próprio sangue menstrual. Elas obedeceram e, quando o sol raiou, já estavam de volta em Otá, trazendo nas mãos tudo o que a orixá feiticeira havia pedido. Quando as duzentas e uma ialodés se dispuseram em fila, da mais velha para a mais nova, avistaram uma coruja gigantesca, magnífica, de asas tão negras que refletiam o sol. A ave voou sobre a cidade e espantou a todos que ali moravam. Não vendo mais ninguém além das ialodés, pousou bem diante

da primeira delas. Elas não demonstraram qualquer sinal de medo. O pássaro, então, se encolheu por dentro das próprias asas e, quando as abriu outra vez, Nanã se mostrou, com seus cabelos brancos, corpo enrugado e uma manta de penas escuras ligando seus braços ao corpo como se fosse uma asa. Ao redor da sua cintura estavam pendurados diversos pequenos embrulhos com as mais diversas poções, venenos e feitiços. As mulheres ajoelharam em sinal de respeito, Nanã sorriu de satisfação e disse: “Muito bem, minhas filhas, o respeito com que me tratam será a sentença de seu próprio poder. A partir de hoje, serão mais poderosas do que qualquer homem no mundo. Serão uma só, e cada uma será todas as outras. Darei para vocês meu próprio poder e vocês serão invencíveis!”. Jogou as ervas sobre o ovo que a primeira da fila trazia e derramou o sangue menstrual. Todas se esticaram para ver o que aconteceria: a casca do ovo se rompeu e um pássaro de asas negras e olhos grandes colocou a cabeça para fora, como se já estivesse pronto para voar. Imediatamente, uma cabaça caiu da árvore logo atrás da grande feiticeira e ela disse: “Este é o seu pássaro, que você poderá enviar para fazer qualquer coisa que desejar. Ele é você, e você é ele. Pegue aquela cabaça atrás de mim e guarde-o nela. Esconda-os num lugar secreto, e não conte a ninguém sobre o que aconteceu hoje. Quebre o segredo e seu poder se extinguirá”. Nanã repetiu o ritual para cada uma das outras duzentas mulheres que ali estavam, dando uma cabaça e um pássaro diferente a cada uma delas. Quando o último pássaro nasceu, Nanã se dirigiu a todas as ialodés e disse com voz firme: “Vocês agora são como eu. São as grandes mães feiticeiras. Vocês, a partir deste momento, serão para sempre conhecidas como as Iá Mi Oxorongá”. Então, ordenou que todas entrassem nas casas abandonadas e deitassem com seus pássaros nas mãos. Deveriam fechar os olhos e imaginar que se transformavam no pássaro. Logo, as aves começaram a voar de dentro das pequenas casas e, seguindo o voo da grande coruja que era Nanã, pousaram sobre as pontas secas de sete árvores diferentes. As maiores e mais velhas que encontraram. Do topo de cada uma delas, os pássaros conversaram numa língua que só eles compreendiam e depois voltaram cada um para dentro de suas cabaças.

O príncipe fez uma pausa típica dos bons contadores de história e, falando baixinho, como se não quisesse que mais ninguém escutasse seu segredo, continuou narrando e olhando bem nos olhos de cada um dos presentes:

– Dizem que, no alto daquelas árvores, elas combinaram um pacto

mágico que até hoje qualquer ajé segue à risca: se elas estiverem no alto do orobô e pensarem em alguém, essa pessoa será muito feliz e terá uma vida longa. Se estiverem no alto da araticuna e pensarem em alguém, tudo que essa pessoa gosta será destruído. Do alto do baobá, é só pensar em alguém e tudo que é do seu agrado lhe será conferido. Sobre o iroco, é só lembrar de uma pessoa que ela não terá como escapar de um acidente horrível. Dos galhos do apaocá, é só pensar em alguém que a morte será imediata. Da cajazeira, tudo o que o dono dos seus pensamentos quiser poderá fazer, poderá trazer a felicidade ou a infelicidade de alguém, basta desejar. E, se elas pousarem sobre a figueira, que é de onde as Iá Mi Oxorongá retiram seu poder, e alguém lhes suplicar o perdão, elas o darão.

– Eu havia ouvido que as Iá Mi eram quatro... – comentou Orunmilá, confuso.

– Eu já ouvi sete – retrucou Oxum.

– Elas são quatro, são sete, e são quantas elas quiserem ser – explicou o odu. – Basta que elas identifiquem uma mulher que possa lhes servir. Especialmente entre aquelas que desejam, como elas, tomar o poder sobre as coisas e os homens do Aiê, e elas podem transformá-la numa delas. Todas as mulheres são um pouco Iá Mi desde o dia que lhes desce o primeiro sangue, e quando o sangue cessa de vir, elas estão prontas. É só querer. Porque desde o dia em que as Iá Mi fizeram sua primeira assembleia, os pássaros e os poderes das ialodés passaram a fazer parte de todas as mulheres do Aiê. Mas há casos em que elas mesmas decidem atribuir seus poderes a mulheres de pouca idade. Às vezes essas jovens nem sabem disso, mas já são uma delas há muito tempo.

Bem à frente do contador da história, Oxum ouvia com uma atenção incomum. As palavras de Etaogundá explicavam muitas das coisas que aconteceram nos últimos dias.

– Vou chamar os outros. Temos que partir, não é, babá? – levantou-se Oxum, aflita.

– Vá – ordenou o adivinho, antes de Exu continuar com as perguntas:

– Se elas se tornaram tão poderosas assim, por que os homens continuam reinando os quatro cantos do mundo?

– Exu, de onde venho, já vi muitas rainhas poderosas, o que mostra que seu raciocínio não está completamente correto. Mas, de um modo geral, você tem razão. E a explicação é muito simples: desde sua assembleia

original, as ajés nunca mais se encontraram. Cresceram e ficaram tão poderosas que passaram a disputar entre si para ver quem sabia mais, quem era a mais poderosa. Fale com uma ajé que uma outra a difamou, e ela não hesitará em aniquilar sua oponente. Tente fazer o mesmo com um feiticeiro que conheça os mesmos segredos e magias, e ele jamais será capaz de qualquer ato contra o companheiro.

Para Etaogundá o silêncio profundo que se formou a partir de então não combinava com a história que acabara de revelar. Ele esperava perguntas, não desconforto. Oxumarê que também ouvia quieto, tampouco entendeu todo aquele silêncio, mas respeitou a apreensão dos demais. Aproximou-se silenciosamente de Orunmilá e disse ao seu ouvido:

– Lembrei de mais uma coisa, meu amigo. Numa das vezes que passei pelo Orum, ouvi algo a respeito do ewó das feiticeiras.

– Qual é? – perguntou imediatamente o babalaô.

– Bucho de bicho de quatro patas. Ofereça-lhes um belo prato de bucho que elas não vão resistir. Afinal, elas não são de respeitar nada nem ninguém. Inclusive as próprias proibições.

– Entendi. Obrigado. Mais tarde posso precisar dessa informação.

A chuva então caiu, como se para lavar a tensão do grupo todo. Com o olhar perdido entre as árvores, o babalaô nem percebeu o momento em que Oxumarê esticou o braço em arco-íris e indicou o caminho aos oito príncipes. Quando voltou à consciência, Orunmilá estava praticamente sozinho. Somente Exu ficara por ali, guardando a segurança do velho mestre.

De repente, o mensageiro levantou e apontou para a pequena forja. O general Ogum, limpo e com uma expressão sã, caminhava em direção ao palácio. Parecia mesmo curado o guerreiro louco, que, na noite anterior, trouxera um odu embrulhado em pano da costa junto com vinte cabeças com as bocas costuradas. Ao mesmo tempo, mas na direção oposta, a voz de Oxum ecoou de longe:

– Meu pai!

Ela chorava descontrolada, correndo para Orunmilá. Preocupado, Ogum partiu apressado na mesma direção, mas, quando chegou perto, ouviu sua dedicada esposa, que não havia percebido sua presença, reclamar escondida no peito do pai:

– Eles estão todos lá, papai. Aquelas duas e Xangô. Dormindo abraçadinhos como se eu não existisse.

– Mas, minha filha, o que você tem com isso?

Exu, que já havia percebido o tamanho do problema que se formava, tentou interromper, mas não lhe deram ouvidos.

– O que, papai? Há dias, ele vinha me assediando como se me quisesse mais que qualquer mulher no Aiê. Toda vez que Ogum me maltratava, ele estava lá, sempre com uma palavra doce. Chegou até a me beijar uma vez. Eu achava que ele me amava também. Estava pronta para largar tudo e ficar com ele, aí encontro ele dormindo com as duas? Ao mesmo tempo?

Xangô e suas duas mulheres vieram ao encontro de Oxum e Orunmilá. O adivinho sabia que a confusão já estava armada. O general não se submeteria outra vez a uma situação como aquela, especialmente agora que sabia que o destino de seu irmão Oxóssi já não tinha volta.

– Sua vagabunda! – gritou o general, tomado pela fúria.

Atrás do adivinho, Ogum sacou a espada e, quase ao mesmo tempo, Xangô levantou seu machado em resposta. O babalô protegeu a filha. Exu se pôs entre o general e Orunmilá. À sua frente, Ogum, com arma em punho, despedaçava com o olhar o corpo de Oxum. Depois olhou para Xangô e as duas mulheres que ele também havia roubado do general ao longo daquela excursão. O sangue ia jorrar.

– É melhor tratar com alguém do seu tamanho primeiro, general – gritou Xangô.

– Do meu tamanho? Você ainda precisa crescer muito para chegar ao meu tamanho, moleque. Mas não será por isso que eu deixarei de ter o prazer de costurar a sua boca!

Oxum correu para mais longe, atrás das costas de Xangô, sem se preocupar se quem a protegia também eram suas duas adversárias. Os dois guerreiros se enfrentaram com o olhar, como dois leões se preparando para o ataque mortal.

Uma voz poderosa interrompeu o combate.

– Parem. Agora mesmo! – gritou Orunmilá. – Se quiserem mesmo se matar, marquem o dia e o horário e se encontrem por lá. Mas, na minha frente, eu juro pelo axé de Olodumare, vocês não irão fazer isso. Não se esqueçam de que não estão aqui por mais uma batalha pela glória de suas cidades ou seus falos, e sim por causa de uma missão que o próprio Olodumare ordenou a vocês. Quebrem a sua confiança e seus destinos serão muito piores do que o de Oxóssi.

A menção aos nomes do irmão e do deus supremo do Orum abalou a sede de sangue de Ogum. Vendo que seu oponente havia baixado a guarda, Xangô acompanhou o movimento:

– Desculpe-me, babá. Mas não poderia deixar que aquele brutamontes atacasse sua filha assim sem tomar uma atitude.

– Obrigado pela preocupação, Xangô. Mas é melhor que eu mesmo tome conta desse tipo de incidente. Agora, voltem vocês quatro e arrumem suas coisas. Partiremos em seguida. Você também, Og...

Quando completou o giro para falar com Ogum, o general não estava mais lá. Havia deixado a espada no chão e seguiu, arrastando os pés no chão, em direção à forja em que dormira a noite toda. O babalaô apressou o passo para alcançá-lo o mais rápido possível.

– General?

Ogum não respondeu.

– General, volte aqui.

Orunmilá interpôs-se no caminho de Ogum, mas ele desviou sem dizer uma palavra e continuou. Novamente Orunmilá se pôs à sua frente mas, desta vez, segurou-lhe o braço para evitar que fugisse.

– General?

– O que foi, babá? Não se preocupe, não vou mais atrapalhar a sua missão.

– Não é a minha missão, é a nossa missão, lembra?

– Não, babá. Não é mais minha missão. Se eu ficar, vou matar aqueles quatro. Quem sabe até o senhor, se passar na minha frente na hora errada. Aí então não haverá mais missão alguma. Nem minha nem sua nem de ninguém.

Orunmilá tentou achar algum argumento, mas sabia que mais uma vez o general tinha razão. Sua deserção seria irreparável tanto do ponto de vista físico quanto estratégico, mas certamente seria menos nociva ao grupo do que perder quatro guerreiros de uma só vez. Orunmilá abraçou o corpulento ferreiro.

– Se um dia mudar de ideia...

– Sinto muito, babá, mas não torça por isso. Não sei se seria capaz de me controlar uma terceira vez. Nem mesmo por Olodumare.

– Você sabe para onde vai?

– Vou voltar para minha cidade. Meu pai deve estar precisando de mim. Vou vagar, pelo meio da floresta onde eu e meu irmão brincávamos

quando éramos crianças. Quero me despedir dele.

– Seu irmão está bem, general. Pode ter certeza. Ele sabe o que você sente e deve estar muito feliz por sua sabedoria.

Ogum colocou sua segunda espada junto ao pequeno embrulho de mantimentos e jogou-os nas costas.

– Adeus, babá. Se estiver por perto quando tudo isso acabar, passe por minha casa para me visitar. Mas, por favor, vá sozinho.

– Pode deixar, meu amigo. Irei sem mais ninguém.

Ogum saiu solitário na direção do mato. Orunmilá voltou para o palácio, enquanto fazia suas contas. Contando com o último odu trazido por Ogum na noite anterior, eles já tinham doze príncipes resgatados. Faltavam apenas quatro. Em compensação, o grupo de sete agora tinha apenas seis pessoas, se contasse com Obá. Se ao menos Exu tivesse encontrado uma forma melhor de livrar Ossain de Omolu – algo melhor que decepar uma perna saudável –, talvez seu antigo assistente pudesse completar o grupo. Isso tudo só confirmava sua impressão de que o plano das Iá Mi nunca fora impedir que eles resgassem os odus. Elas queriam fazer com que eles perdessem tempo para que o controle das histórias do mundo ficasse definitivamente nas mãos delas. Por isso haviam colocado aquela isca na cidade de Ifon.

Isso só poderia trazer duas conclusões – pensou o babalaô – o tempo estava acabando, pois elas ainda não haviam tomado nenhuma atitude desesperada; e elas continuavam por perto, prontas para atacar de novo. Orunmilá olhou o pequeno pica-pau, mas o pássaro, desta vez, encarou-o de volta, como se zombasse dele. Depois voou para dentro da floresta. O adivinho sentiu o ventre queimar.

Não havia tempo a perder. Eles precisavam partir, mesmo que em número menor do que o esperado. Mas para onde? Orunmilá entrou correndo na sala principal do palácio pela última vez. Pegou seu material, que ainda estava no mesmo lugar que deixara desde a última vez que tentou uma resposta do Orum, e jogou displicentemente os búzios na tábua mágica. Mais uma vez, continuou sem orientação.

Desta vez, entretanto, o babalaô sorriu. Se o axé dos orixás tivesse mesmo acabado, as Iá Mi não precisariam mais tentar dificultar as coisas para eles: elas já teriam controle sobre o destino dos homens do presente e do futuro. E se eles ainda estavam no jogo, era hora de contra-atacar.

– Tive uma ideia, Exu. Você tem medo das Iá Mi?



O mercado de Ejigbo já era mais familiar a Exu do que aquele onde nascera. Não seria difícil, portanto, encontrar a filha do babalaô entre as esteiras estendidas no chão e os compradores que negociavam, búzio por búzio, o preço de cada compra. Oxum havia ido até lá para comprar os preparativos para a última refeição do grupo antes da partida. Como ela demorava demais, Orunmilá enviou Exu para buscá-la. Mas ele era disperso. Gostava de observar tudo e, por vezes, como fazia naquele momento, se distanciava de sua intenção original para participar do que acontecia à sua volta. Especialmente quando passava pelas vendedoras de uma feira daquele tamanho.

Desta vez, sua atenção foi roubada por um mendigo que deixava um ebó preparado com muita dificuldade numa encruzilhada. Não era muito. Apenas um punhado de farofa catada provavelmente das sobras das barracas e um pouco de otim tomado de algum resto pela cidade. Exu ficou penalizado com o esforço genuíno do mendigo e se aproximou, curioso:

– Para que vai servir esse ebó, meu rapaz?

– Um adivinho, amigo meu, me orientou a oferecer otim e farofa aos orixás para que me tornassem rico e poderoso. Sabe, eu já fui dono de muitas barracas nesse mercado. Tinha uma casa grande perto do rio, onde estocava os produtos que vendia nos mercados das quatro cidades aqui em volta. Um dia acordei, e a chuva havia feito o rio crescer e levar tudo o que tinha. Nem o telhado da casa sobrou em pé. Perdi tudo – suspirou o mendigo. – Tentei negociar aqui e ali, mas a notícia de que estava arruinado se espalhou e logo eu estava sem crédito algum. Ninguém queria mais fazer negócios comigo. Desde então, eu sobrevivo de restos do mesmo mercado que me fez rico e de esmolas que compradores e vendedores às vezes me dão. Juntei alguns desses restos e esmolas e preparei este ebó. Sei que não é muito, mas espero que os orixás enxerguem o que venho passando e reconheçam a dificuldade com que preparei tudo isso.

– Pode deixar comigo. Até que os orixás vejam o que você está passando, pode ser tarde, e você pode já ter morrido de alguma doença. Eu vou ajudar você.

– Mas...

– Não precisa agradecer. Apenas faça o que eu digo. Procure agora mesmo o homem mais rico que tiver por aí e venha me chamar.

– Mas...

– Anda, vai logo. Estarei aqui mesmo esperando.

Exu esperou o pobre homem sair para devorar sem culpa os restos de farofa e beber o otim. Conforme combinou, aguardou calmamente o retorno de seu novo amigo enquanto pensava na estratégia que deveria usar. Quando o mendigo voltou, estranhou o prato vazio, mas não perguntou. Apontou para um homem de cabeça branca e roupas imponentes, que caminhava seguido por quatro vassalos. Exu observou o sujeito com cuidado e deu suas instruções:

– Vá até lá e comece a gritar que aqui não tem ninguém tão poderoso quanto você. Faça uma confusão, um arruacê da moléstia, e saia gritando a mesma coisa até o outro lado do mercado. Fique lá, gritando, até eu mandar você parar. Combinado?

– Certo.

O mendigo cumpriu as ordens à risca. Gritou e correu do milionário, deixando-o indignado:

– Está louco, o sujeito! A pobreza causa isso aos homens!

– Pois eu acho que ele tem razão – disse Exu às suas costas.

– Quem disse isso?

– Eu.

– Pois você, então, deve ser igualmente doido.

– Tem certeza?

– Do que você está falando?

– Quem aqui é mais poderoso do que ele?

– Mais importante que aquele pobre coitado? Qualquer um. Você, eu...

– Pois ele saiu por aí provando que ele é capaz de fazer qualquer coisa que queira. Por exemplo: há pouco ele me disse que era tão poderoso que era capaz de deixar qualquer um, por mais rico que fosse, completamente descontrolado por causa dele.

– Eu não estou descontrolado.

– Nem é mais poderoso do que ele, pelo visto.

– Continuo sem entender nada.

– Se você é tão rico e poderoso assim, prove. Mostre do que sua fortuna é capaz.

– Como assim?

– Deixe-me pensar... Ah, tive uma ideia!

– Conte de uma vez, homem!

– Quer mesmo provar que você é mais poderoso do que ele? Então vá até lá e mostre como o seu prestígio e seu poder são capazes de mudar até mesmo a condição de um mendigo louco. Se conseguir isso, ele mesmo será a prova encarnada de que seu poder é maior do que o dele.

A voz do mendigo ainda era ouvida ao longe, e o milionário aceitou. Pediu que Exu o seguisse para servir de testemunha de seu feito. Juntos, cruzaram o mercado e, quando chegaram até o lugar onde o indigente esbravejava seu poder, declarou:

– Provarei a você, pobre homem, que sou muito mais poderoso. Mostrarei que, mesmo sem gastar um búzio qualquer, sou capaz de transformar alguém tão pobre quanto você em um homem rico. Está disposto a enfrentar o desafio?

O mendigo, que ainda não compreendia o plano de Exu, manteve a disposição:

– Estou. Mas pode se preparar para a decepção. Eu continuo firme na minha opinião. Ninguém aqui é mais poderoso do que eu.

– Cale-se e venha comigo.

O milionário tomou o mendigo pelo braço e desfilou diante de todas as barracas da feira, comentando ao seu ouvido coisas que ninguém conseguia compreender. A intimidade era tanta que logo os mercadores ficaram desconfiados. Quem seria aquele figurão excêntrico que, apesar de ter o privilégio de usufruir da companhia dos poderosos, insistia em andar tão maltrapilho?

O poderoso homem continuou seu desfile, como se estivesse sendo orientado pelo mendigo sobre o que deveria comprar. Até que parou diante de uma barraca de inhames e disse com segurança:

– Estou aqui com meu conselheiro escolhendo os melhores produtos para abastecer minha casa até a próxima colheita. Gostei dos seus inhames, mas ele insiste em dizer que não são bons.

– Eu garanto que são ótimos. Os melhores da cidade – disse o mercador.

– Então tenho uma proposta a fazer: deixe que ele compre alguns de seus inhames e leve para casa para experimentar. Se ele gostar, pagará por eles e poderá comprar mais para ele e para mim. Se não gostar, não pagará um búzio sequer.

O vendedor olhou desconfiado. Conhecia bem o homem rico que

sempre comprava com ele, mas não lembrava do maltrapilho conselheiro.

– Está bem. Eu aceito, desde que o senhor se responsabilize pelo pagamento se ele desaparecer.

– Eu aceito.

Os dois fizeram negócios naquela esteira e em várias outras que se seguiram. Logo atrás, Exu vinha contabilizando cada compra que faziam, os descontos que conseguiam sob a perspectiva de um negócio maior e o crédito que os mercadores ofereciam. Ao final de uma volta inteira pelo mercado, o mendigo já tinha produtos suficientes para montar uma grande barraca em qualquer feira da região, e o milionário desafiou o pobre homem:

– Está vendo? Sou tão poderoso que consegui até transformar um mendigo num mercador com crédito.

– É verdade, senhor. Tenho de admitir que o senhor é mais poderoso que eu.

– Então está tudo encerrado. Mas, cuidado, não vá dar o calote em mim nem nessa gente ou eu mesmo irei atrás de você e destruirei sua imagem junto ao povo do mercado, entendeu?

– Entendi, senhor. Pode ficar tranquilo, pagarei tudo sem dificuldade amanhã mesmo. Com os preços que conseguimos aqui, venderei tudo com lucro nos mercados mais próximos.

– Então está bem. E, da próxima vez, meça suas palavras antes de sair por aí dizendo bobagem.

– Está certo, senhor – disse humildemente o mendigo.

Exu e seu amigo acompanharam com os olhos o poderoso tomar distância antes de se abraçarem em comemoração. Sua vida estava de volta. Sua profissão, seu crédito e seu prestígio haviam voltado. O homem deu a Exu, em agradecimento, mais alguns pedaços de carne de carneiro cozida e se despediu com pressa.

– Tenho que ir para Ifon. O mercado de lá é bem fraco, e vou conseguir vender tudo isso antes de o sol se pôr. Só tenho mais uma pergunta.

– Diga.

– Você veio até o mercado, olhou, olhou, olhou, mas não comprou nada. O que você veio fazer aqui, afinal?

– Meu mestre pediu-me que encontrasse a filha dele.

– Seu mestre? Quem é ele? É daqui mesmo?

– Não! Eu trabalho para o grande Orunmilá, o maior babalaô de

todos os tempos.

– Aquele que o povo conta que está procurando os odus sequestrados pelas Iá Mi?

– Ele mesmo.

– Não acredito!

– Não acredita em quê?

– Quando você não tem dinheiro para comer, acaba aceitando qualquer serviço. Há alguns dias, uns homens me pagaram para levar uns embrulhos de comida para uns soldados nas cidades de Ifon e Ilobu. Quando cheguei a Ilobu, vi que eles tomavam conta de um gigantesco buraco dentro de um iroco imenso. Foi aí que ouvi, sem querer, que estavam guardando os prisioneiros das Iá Mi. Entreguei a comida e voltei correndo. Não quero me meter com essas mulheres. Elas são perigosas demais.

– Nem tanto. Meu mestre, por exemplo, mandou-me buscar a filha aqui, depois ir procurar as mães feiticeiras para desafiar as próprias Iá Mi em um duelo.

– Mas elas são fortes demais!

– Elas são poderosas, mas meu mestre é mais inteligente.

– Então, boa sorte.

– Sorte é para os fracos e os estúpidos. Nós vamos vencê-las com astúcia mesmo.

– É, se depender de astúcia, não há como vencer você – disse ele, apontando para a pilha de compras que haviam feito sem gastar um búzio sequer.

– Acabei de lembrar uma coisa. Acho que você pode me ajudar nisso também.

– Se estiver ao meu alcance...

– Queria uma daquelas galinhas.

– São três búzios.

– Como assim? – perguntou Exu, indignado.

O novo mercador caiu numa divertida gargalhada:

– Pode escolher a que quiser!

Exu pegou a que queria e colocou ainda viva num saco de algodão que trazia nas mãos, antes de se despedir:

– Agora vá ganhar seu dinheiro. Você é rico de novo.

Exu acenou de longe para o novo amigo, orgulhoso de seu feito, enquanto saboreava a carne de carneiro ainda quente em suas mãos.

Enquanto caminhava, viu Oxum, que conversava concentrada com uma vendedora de folhas e raízes um pouco adiante. Ele lembrou então por que estava ali.

Correu imediatamente. À essa altura, seu mestre não só deveria estar aflito com a ausência prolongada da filha como também pela sua própria demora.

– Seu pai pede que volte para casa com urgência.

– O que aconteceu? – perguntou Oxum, aflita.

– Nada. Mas ele está ansioso para partir.

– Então volte e diga que já estou indo.

– Não posso. Tenho que procurar por aquelas bruxas e dar-lhes um recado de seu pai.

– Que recado?

– Um desafio.

Oxum ficou curiosa, mas preferiu não alongar o assunto na frente de estranhos.

– Tudo bem. Então vá fazer o que ele mandou. Estou comprando alguma comida aqui e volto daqui a pouco.

– Ele insistiu para que eu a mandasse embora imediatamente.

– Digo a ele que estava num lugar meio escondido e que você não me achou tão fácil. Não se preocupe.

Exu se aproximou da bela jovem e puxou-a pelo braço. Olhou para trás e mediu a distância que estavam da barraca antes de sussurrar ao ouvido de Oxum:

– Descobri onde estão mais odus. Um sujeito que conheci aqui no mercado me informou que as Iá Mi guardam prisioneiros em Ifon e Ilobu. Em Ilobu, estão em grande risco.

– E como sabe que não é mais uma armadilha?

– Confio nele. Além disso, se for mentira, eu volto aqui e arranco o nariz dele!

Oxum riu do entusiasmo inocente de Exu. Ela o conhecia desde que nascera e sempre se divertia com o jeito alegre que o mensageiro de seu pai falava até mesmo quando fazia uma ameaça.

– Está bem, Exu. Agora vá fazer o seu trabalho e deixe-me fazer o meu, está bem?

A jovem esperou o gigante desaparecer entre os compradores antes de se virar novamente para a vendedora e perguntar:

– Estou vendo que há produtos de qualidade por aqui, mas procuro algo muito especial.

A mulher de nariz pontudo e cabeça branca sorriu levemente. Apontou sua esteira e disse com segurança:

– Estou cheia de coisas especiais por aqui. Diga o que você quer, e eu lhe mostro o que levar.

Oxum olhou-a nos olhos sem dizer uma palavra. Como se conversassem sem emitir sons, a velha sorriu e ajeitou a pequena esteira de penas em que sentava confortavelmente e repetiu:

– É só dizer o que está procurando.

– Quero fazer um jantar encantador. Preciso conquistar um homem disputado. E também preciso de algo para afastar minhas adversárias.

– Tenho tudo de que você precisa, minha filha. Mais alguma coisa?

Oxum retribuiu o sorriso com uma expressão irônica e desconversou:

– Sim. Onde você mora?

– Aqui e acolá, minha querida. Mas, esta noite, pousarei bem ali – disse a vendedora, apontando para uma frondosa cajazeira pouco além dos muros da cidade.

O mercado se agitava cada vez mais. Tanto que ninguém ouviu o que a vendedora explicava com tanto empenho à bela jovem filha de Orunmilá. Falando baixo, gesticulando e rindo sem parar. Como se tramassem algo divertido. Mas ninguém naquele mercado conhecia nenhuma das duas, e a conversa não interessava a ninguém que estivesse ali naquele momento.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (27): Minha história

Caro Laroiê,

Deixe ver se entendi: para fazer a cabeça para você tenho que me isolar por um mês, comer umas e tomar outras bebidas estranhas e prometer fazer oferendas para você o resto da vida? Não sei... nunca me vi fazendo nada “para o resto da vida”. Mas a parte de raspar a cabeça, isso não tem como negociar? Eu tenho o nariz muito grande. Ia ficar horroroso.

E sobre o retorno do meu investimento nessa relação? Gosto da ideia de ter contato com a Duda de volta, claro. Mas talvez você consiga também me tirar de vez de dentro desse mundo da Pilar, sem perder aquilo que conquistei até agora. Extração total mesmo, não quero sentir medo nem saudades nem nada. E o que faço com minha carreira? Algumas das melhores coisas que têm acontecido são por causa de Pilar ou da turma dela. Não queria ter de abandonar o jornalismo porque há alguém poderoso como o AA contra mim. Eu nasci jornalista, e quero continuar sendo. Apesar de todos os problemas da profissão, eu amo o que faço e sou muito bom nisso. Dá para incluir isso no pacote?

E se der também... Dá para tirar os jornalistas de dentro do jornalismo? Porque ô povo complicado esse!

Ontem, veja você, sequestraram a filha do Silvio Santos. Sequestro de cinema, pode-se dizer. A família, orientada pela polícia, solta uma nota à imprensa pedindo que não se comente o caso até que ele esteja resolvido. “Todos os órgãos de imprensa serão avisados simultaneamente”, insistiu o assessor. Por que ele ofereceu essa garantia? Porque a certeza do não-furo é a única força capaz de resgatar a humanidade do contador de notícia. Diante do risco de ser furado, que se foda a vítima.

Jornalista é santo de sacrifício alheio. Só respeitam os bons costumes quando o seu está garantido. Mas quando o outro transgredir... aí o pau come. Quando comecei a fazer as aplicações com o dinheiro do meu chefe, estava apenas cumprindo ordens. Mesmo assim, os hipócritas de plantão diriam que eu estava sendo antiético. “Antiético por quê?”, perguntaria. E eles, seguros de suas posturas, diriam que sou um canalha por me aproveitar da profissão em benefício próprio, não o do leitor.

E aí voltamos para o sequestro da srta. Abravanel. Aqueles que optaram

pelo silêncio, escolheram colocar o interesse do leitor em segundo plano. E aqueles que preferiram cobrir a matéria, arriscaram a vida da vítima em benefício próprio. Percebe onde quero chegar? O jornalismo é nosso maior defeito de caráter. Entrou na profissão, tem que estar pronto para acabar com esse *mimimi*. Ou então vai escrever em jornal de bairro!

Quando o Fred interrompeu minha viagem para me encher o saco por causa da conta de investimentos, não tinha nada a ver com seus questionamentos éticos. Se tivesse, teria denunciado antes. Mas resolveu abrir a boca quando foi mandado embora, o infeliz. Aí acontece o que aconteceu.

Se você não viu essa história no noticiário, eu conto.

Yara e eu trocamos de roupa e fomos nos encontrar na casa do AA, onde ele e Pilar nos aguardavam. Foi ele quem nos confirmou que o Fred tinha registro de todas as movimentações que eu havia feito e cruzara as informações com as minhas matérias naquela semana. Pareciam amedrontados, os dois poderosos.

Sobre a mesa de centro, algumas folhas impressas mostravam imagens das telas do site em que o dinheiro havia sido aplicado. Como poderia ser?

Ninguém ali parecia ter uma resposta. Havia mudado o código de segurança por via das dúvidas. Mesmo assim, a ameaça estava feita. E as exigências também: ele deveria ser readmitido no cargo ou denunciaria todo o esquema.

Difícilmente a chantagem pararia por aí. E, no meu caso, duvido que o Fred me aceitaria na equipe. Mas meus protetores já tinham um plano e precisavam de mim como elemento surpresa. Para nosso inimigo, eu ainda estava viajando.

Era um plano simples, mas sem garantias de sucesso. Mesmo assim, era o menos arriscado para nós. Bastava que seguisse o Fred e fotografasse suas atividades noturnas. Contra-chantagem.

O AA tinha informações de que ele estava tendo um caso. E, se o filho da puta ainda pretendia salvar o casamento, tínhamos uma boa possibilidade nas mãos. Claro que ele poderia cuspir na nossa cara. Não sabíamos em que nível de desgaste estava a vida do casal, mas valia a tentativa.

Assim, naquela mesma noite eu dava uma de detetive particular de filme B, seguindo o sujeito com uma câmera armada com uma objetiva de longa distância emprestada do *Jornal*. Por sorte, já na primeira noite tive a oportunidade de confirmar a informação que o AA havia recebido. Numa esquina pouco movimentada, a umas dez quadras do *Jornal*, ele parou, abriu a

porta e uma mulata linda entrou. Do visor da câmera, captei o primeiro amasso do casal e cheguei a ter a impressão de que a mulher olhou para mim.

O carro seguiu até um prédio popular não muito longe. Eu sabia onde ele morava, aquela deveria ser a casa dela. Plantado na frente do prédio, liguei para o celular de Yara, que me colocou no viva-voz. Do outro lado da ligação, Yara e AA cantavam uma música dessas que cantavam para chamar Olomô. Ouvi o grito “*IÁÁÁ!*” e Olomô dizendo alguma coisa. Eles mandaram que eu saísse dali, e desligaram. Tomariam conta de tudo.

Resolvi ficar para tentar tirar mais algumas fotos, quem sabe até identificar o rosto da mulher. Cacoete de repórter.

Esprei um pouco e, de repente, ouvi um barulho de vidro quebrando vindo lá do alto. E um corpo se espatifou no carro bem do outro lado da rua onde eu estava de tocaia. Era sangue e vidro para todo lado, alarmes disparados, gente olhando da janela e gritando. Antes que alguém me visse, corri dali.

Yara, Pilar, e AA não me ligaram mais naquela noite. Só me disseram por mensagem no telefone para não falar com ninguém. Apenas ir para casa e acompanhar o que estava acontecendo pela internet:

Fred Siqueira, 49, foi encontrado morto no apartamento da namorada, a secretária Ângela dos Santos. A polícia acredita que Ângela o esfaqueou e saltou pela janela do décimo andar. Os investigadores continuam procurando a arma do crime.

Olhei meus e-mails recentes. Ângela Gouveia dos Santos, secretária do AA!

No dia seguinte, cheguei cedo no *Jornal*. Não fazia sentido ficar em casa se não conseguia pregar o olho. Todos pareciam em choque. Uns choravam, outros olhavam em transe para seus computadores. Havia um recado para que eu subisse até a diretoria. Uma secretária substituta, gorda e de óculos, me recebeu na porta da sala do AA: “Pode entrar”, ordenou em vez de avisar, como seria de costume.

Na grande sala da diretoria, AA me olhava calado, encostado na estante das bebidas. Agora era ele quem tinha uma garrafa de uísque em cima da mesa. Me ofereceu um gole, eu neguei, ele desandou a falar:

“Às vezes Pilar sai do controle. Quando fizemos aquilo de chamar Olomô, não imaginaria que ela...” – e parou, me olhando para saber se eu estava acompanhando o raciocínio.

“Você quer dizer que foi a Pilar?”

“Ela nos pediu para cantar, para chamar Olomô. Eu achei que ela ia até lá dar um susto no Fred. Não achei que ela ia fazer uma barbaridade dessas.” –

tomou outro gole e encheu o copo novamente.

Ele sugeria que Pilar havia possuído o corpo da Ângela, esfaqueado o Fred e pulado pela janela. Achei que lembrava dela gritando a partir do meio da queda, aliás. Talvez Pilar tivesse deixado aquele corpo bem ali, deixando a secretária alerta para ver seu último segundo de vida. Ninguém jamais vai saber, imaginei, porque, se isso era mesmo possível, a polícia jamais teria como investigar. Do mesmo jeito que ela teria feito com o Carlos. Se alguém entrasse naquela sala naquele momento, iria pensar que eu e o AA havíamos assassinado o casal, porque não dava pra esconder nossos olhares de medo e culpa.

Achei melhor aceitar o copo de uísque. Duas pedras de gelo, por favor – pedi.

Enquanto o AA preparava meu drink, de costas para mim, notei uma cópia do *Jornal* da véspera, no dia em que estávamos voando. Mania de repórter é ler notícia velha pra ver se não sabia de alguma. E uma delas me fez engasgar. Ergui o *jornal* em direção ao AA, querendo perguntar o que era aquilo, mas a tosse não deixava. Ele me deu o copo de uísque. Sabia o que eu tentava dizer:

“É verdade. O Carlos saiu do hospital ontem. Enquanto vocês estavam viajando, uma pessoa apareceu com a seringa que envenenou os iogurtes. Funcionário daquele mesmo supermercado. Tome um gole que melhora...”

“Mas eu vi o Carlos injetando alguma coisa naquelas embalagens!”

“O que quer que você tenha visto, esse carinha contou todos os detalhes para a polícia, tudo exatamente como aconteceu, e tinha a seringa na mão. Com isso, tiveram que liberar o Carlos.”

Olhei a reportagem de novo. A foto do assassino confesso me pareceu familiar... Tomei o copo inteiro num gole só e voltei ao Carlos.

“Você acredita nele? – perguntei.”

“Não sei, New. Eu só escrevo notícias. Quem julga é o juiz.”

Mentira. Mas não discuti. Para entender o que estava acontecendo, eu precisava encontrar o Carlos.

Comecei a me sentir esquisito. Vi o AA colocando o *jornal* e o copo sobre a escrivaninha e caminhar na minha direção.

Tudo se apagou.

Axé,
New

São Paulo, 22 de agosto de 2001.

O JANTAR

Para quem havia acabado de ser deixada pelo marido, Oxum carregava um sorriso estranho enquanto cortava com cuidado os ingredientes de mais uma refeição. Havia chegado há pouco e fora direto para a cozinha. Só desviou o caminho por alguns instantes quando passou pelo quarto para adornar a cabeça com um belo ojá amarelo que cobria tanto o cabelo quanto as orelhas.

– Chame meu pai, por favor. Tenho um recado de Exu para ele – gritou assim que avistou um escravo parado no fundo da gigantesca cozinha. – E traga Obá até aqui também! Mas traga depressa.

Chegaram os dois de uma só vez, o babalaô e a poderosa, e desconfiada, Obá. Orunmilá elogiou o belo turbante da filha, que há tempos não se enfeitava tanto, mas estranhou a repentina simpatia pela mulher que dormia com o homem que ela desejava. Mesmo assim, preferiu não se intrometer, até porque Oxum não manifestou qualquer interesse em comentar o elogio. Orunmilá então foi direto ao ponto e perguntou sobre o tal recado.

– Parece que Exu descobriu onde estão mais alguns odus, babá.

Orunmilá estremeceu levemente. Sempre se sentia assim quando pressentia que estavam perto de mais uma vitória. Antes que pudesse perguntar mais, no entanto, a filha se antecipou:

– Parece que eles estão guardados nas cidades de Ifon e Ilobu. Em Ilobu, eles estão presos dentro de um iroco, próximo à entrada da cidade. Em Ifon, eu não sei. Mas não deve ser difícil descobrir.

– Vamos para lá agora mesmo – gritou Orunmilá.

– Calma, papai. Já está escurecendo, e os leões e hienas devem estar caçando a esta hora. Não queremos sofrer mais nenhuma perda, não é?

O babalaô se surpreendeu com a sensatez da filha e se viu obrigado a concordar. Partiriam todos pela manhã, então. Xangô e Iansã iriam tentar descobrir onde estavam os odus de Ifon, enquanto Orunmilá seguiria com a filha e Obá para o iroco de Ilobu.

– Então, babá, vá avisar os outros sobre os seus planos que eu preciso mostrar uma coisa para minha amiga Obá.

– Está bem. Mas veja bem o que você está fazendo, hein? Estou de olho em você. – disse o babalaô.

– Deixe de ser bobo, meu pai. Pode ir tranquilo. E aproveite para avisar a todos que teremos um belo jantar esta noite.

O velho se retirou ainda mais incomodado com a repentina alegria da filha. De longe, ainda ouviu algumas palavras que não conseguiu identificar e, quando dobrou o corredor principal, deixou-as sozinhas diante de um pequeno embrulho de pano.

– Quero lhe mostrar uma coisa.

– O quê? – perguntou Obá, mantendo o tom seco e objetivo que lhe era tão característico.

– Uma receita maravilhosa.

– Eu não sei cozinhar. Isso não vai me servir de nada.

– E se eu disser que tenho aqui quase tudo de que precisamos para preparar duas porções da maior prova de amor que uma mulher pode dar a um homem?

– Do que você está falando?

– E se eu disser que nada no mundo encanta e agrada mais o gosto de Xangô do que este prato especial, e que eu estou pronta para dividir esta receita secreta com você?

– E por que você faria isso?

– Porque gosto de você.

– Não acredito. Você deve estar armando alguma armadilha.

Obá não era de desperdiçar movimentos nem palavras, especialmente quando estava em situação de combate. Virou-se, portanto, e saiu em linha reta na direção da porta.

– Está bom, eu explico.

Obá parou sob o portal e girou apenas o pescoço para trás. Não disse nada, mas aguardou que Oxum continuasse.

– Você viu o que aconteceu. Não preciso esconder de você o que sinto por Xangô.

– Vi tudo mesmo. E aí?

– Aí que não sou sua inimiga. Na verdade, não me importo em dividir Xangô com você. Somos tão diferentes que não chegamos a competir. Xangô gosta da minha beleza, da minha doçura. Ele mesmo já me disse isso

várias vezes. Mas noto também como ele se sente atraído pela sua força, pela sua postura.

– Não compreendo aonde você quer chegar.

– Estou tentando dizer que somos tão diferentes que não precisamos sentir ciúmes uma da outra. Não somos inimigas.

– Quem aqui tem ciúmes? Você por acaso acha que eu vou perder meu tempo disputando ele com você?

– Comigo não. Afinal, você é uma mulher madura, firme e já percebeu isso tudo há mais tempo que eu. Mas quanto à outra...

– Iansã?

– Ela. Aquela baixinha, sim, pode ser um problema. Para nós duas.

Obá se aproximou com cuidado. As sobrancelhas cerradas indicavam que enfim a argumentação de Oxum a tinha fisgado. Fez sinal que continuasse e apoiou o rosto numa das mãos.

– Aquela mulherzinha não é tão bonita quanto eu, mas não dá para dizer que seja feia. Ela também não luta como você, mas é bastante habilidosa.

– Entendo onde você quer chegar...

– Estou querendo fazer uma aliança. Se não nos unirmos, ela vai acabar convencendo nosso homem de que ela é suficiente para ele. Que tem o que ele gosta em nós duas de uma só vez e que, portanto, ele pode nos dispensar.

– Mas ele não me pareceu um homem de uma só mulher.

– Exato! Eu sei disso, você também. E por isso mesmo duas mulheres diferentes com todas as qualidades que ele procura são melhores do que uma só que reúna todos os seus gostos. Entendeu?

– Que receita é essa?

Oxum olhou para o pequeno fogo onde ardia entre algumas, uma pequena panela de ferro que borbulhava uma água escura. Obá podia ouvir o som da fervura, mas não podia ver o que tinha dentro:

– O que tem aí?

– A sopa preferida de Xangô. Uma mistura de todos esses ingredientes que separei aqui e mais um segredo especial que só vou contar para você – disse Oxum ao se abaixar ao lado do fogo.

Obá a seguiu, curiosa:

– Que ingrediente?

– Sua orelha.

Instintivamente, a guerreira levou a mão ao lado da cabeça, como se protegesse seu lóbulo de um cachorro faminto:

– Minha orelha? Ficou louca?

– Não fique, não. Olhe lá dentro e veja com seus próprios olhos. Cortei minha orelha também e misturei àquelas folhas e legumes. Por isso coloquei este turbante. Não quero que ninguém me veja assim.

– Isso é revoltante!

– Talvez seja para você e para mim, mas Xangô adora.

– Você é louca!

Obá não disse mais nada enquanto cruzava a porta da cozinha protegendo sua orelha como se ela estivesse em perigo. Batia os pés com força para deixar claro o seu repúdio, mas não pode deixar de ouvir o pedido final de Oxum.

– Avise a todos para irem para a sala principal agora mesmo. Já estou quase terminando a comida.



Orunmilá estava bem diante da porta. Queria comer logo e se deitar. A caminhada no dia seguinte seria bastante cansativa, e ele queria estar bem-disposto. Bem à sua frente, Xangô estava exatamente entre Iansã e Obá. Todos se mostravam bastante ansiosos em relação à surpresa que Oxum tanto anunciara, mas ninguém estava mais curiosa que Obá.

Quando, enfim, a filha do babalaô surgiu com duas panelas, eles quase voaram sobre ela.

– Tenho uma sopa feita de inhames cozidos para vocês. E para Xangô eu trouxe um prato especial.

Obá nem olhou para a comida. Enquanto os outros se serviam e saboreavam ruidosamente o caldo de inhames, ela manteve os olhos fixos na pequena tigela que servia Xangô. Viu claramente o momento em que a orelha caiu, gorda e inchada, sobre a água quente, mas não percebeu qualquer alteração na expressão do homem. Olhou para Oxum. Seu turbante continuava impecável, não deixando perceber que ela havia se mutilado daquela forma. Até que aquele poderia ser visto como um ato de dedicação, que um homem vaidoso como Xangô poderia apreciar. Mesmo com toda a esquisitice que na verdade era.

O guerreiro olhou para o fundo do prato, estudando calmamente

cada ingrediente. Sentiu o cheiro e, após um gesto de aprovação, virou um pequeno gole na boca.

– Incrível!

Obá tinha toda a atenção no prato de Xangô. A orelha ainda estava lá. Grande, gorda, boiando inteira no meio daquela água colorida. Mais um gole. Obá olhou o prato de novo. Nada da orelha de Oxum. Observou mais uma vez o rosto de Xangô, a tempo de ver sua boca, cheia como o peito de um sapo, engolir o caldo quente e se fechar com alguma dificuldade ao mastigar os pedaços sólidos que, pela sua expressão, pareciam estar deliciosos.

Tão perto e atenta que estava, Obá chegou a ouvir o som da carne se partindo dentro da boca de Xangô. Uma, duas, três vezes. Ouviu-o mastigar, sem qualquer receio, aquela orelha cozida na água quente. Sentiu-se enjoada e levantou.

– O que foi? – perguntou Xangô, exibindo entre os dentes alguns pedaços da comida que ainda não havia engolido.

– Nada. Só estou sem fome.

Xangô, Iansã e Orunmilá se entreolharam em busca de uma explicação. Depois se voltaram de uma só vez para Oxum. Se havia algo errado, ela certamente deveria saber.

– Não olhem para mim. Sempre achei essa mulher meio louca.



– É bem ali – apontou Orunmilá, enxugando a primeira gota de suor daquela manhã.

A pequena cidade de Ilobu estava bem onde Orunmilá havia contado. Do alto da pequena colina era possível avistar todo o seu contorno, assim como o grande iroco próximo à entrada principal. Um pequeno movimento de homens armados à volta da árvore confirmava a informação que Exu havia conseguido no mercado. A batalha estava próxima.

– Espero que Xangô e Iansã tenham a mesma sorte – comentou Oxum.

O babalaô a olhou com severidade. Não gostava de palavras desnecessárias, especialmente quando traziam confiança demais.

– Não vejo sorte alguma até aqui, Oxum. Apenas um confronto que ainda não ganhamos.

- Mas, babá, eles são apenas três. Não acredito que possam confrontar nossa amiga Obá.

Obá não sorriu. Permaneceu agachada, observando cuidadosamente o movimento dos guardas.

- Até uma mosca pode morder uma vaca sem rabo. - resmungou Obá.

O babalaô olhou para a filha. Quisesse ela se tornar uma grande guerreira, teria de aprender a controlar sua ansiedade. Mas, ao perceber que mesmo num dia como aquele a filha exibia o mesmo turbante reluzente, Orunmilá suspirou e se voltou novamente para Obá:

- O que você acha?

- Me parece uma armadilha.

O velho babalaô concordou. Já não acreditava em facilidades quando se tratava das Iá Mi Oxorongá. Continuaram observando, mas foi Oxum quem percebeu um movimento estranho nas proximidades do iroco.

- O que aqueles velhotes estão fazendo ali, num lugar tão perigoso?

Era verdade. Um acampamento, com oito homens curvados sobre suas longas bengalas, estava montado bem próximo ao local em que estariam escondidos os odus. Orunmilá se levantou rapidamente e beijou com alegria o rosto da filha, que ainda não compreendia a razão de tanta euforia por causa de um comentário como aquele. Embora Oxum tivesse apenas intuído o estranhamento, não fazia sentido que um grupo de anciãos repousasse com tanta calma naquele lugar. O iroco era um local perigoso. Dizia-se que era a morada de espíritos ancestrais e que a árvore andava e matava aqueles que invadissem seu território durante a noite. Por isso, o povo da região costumava evitar chegar próximo da grande árvore de tronco robusto depois que o sol baixava. Não era seguro, diziam por aí. Só um grupo enfeitado ou atemorizado por algo muito mais terrível poderia estar disposto a enfrentar o iroco à noite. E aquele acampamento devia estar ali desde muito antes de o sol nascer. Deveriam ser, portanto, mais um grupo de homens das Iá Mi. E, se isso fosse verdade, teriam de enfrentar não um pequeno trio, mas sim onze soldados, que poderiam estar mais bem preparados do que aparentavam à distância.

Oxum continuava sem compreender o que estava acontecendo, quando o pai se sentou novamente ao lado de Obá. Ficaram os dois ali, quietos, observando o movimento. Até que o babalaô se levantou:

- Já sei, me esperem aqui.

Foi a vez de Obá ficar sem entender. Tinha pouco tempo com o grupo e ainda não havia se acostumado com os repentinos desaparecimentos de Orunmilá. Oxum percebeu a confusão da companheira e se aproximou. Com um ar delicado de cumplicidade, ajeitou o turbante na cabeça e tocou-lhe o braço de leve antes de explicar que aquilo era uma reação que o pai sempre tinha quando lembrava de alguma forma de convocar a ajuda do Orum. Sempre se levantava animado e saía sem dar explicações. Esconder as descobertas era típico de qualquer babalaô, naquela época em que qualquer um se julgava capaz de sair pelo mundo falando sobre as coisas dos orixás. O maior dos babalaôs não haveria de ser diferente.

Pouco depois, Orunmilá retornou:

– Estamos prontos. Avaca tem seu rabo, agora – brincou.

Sem muitas instruções, o adivinho conduziu suas duas companheiras pela descida da pequena montanha, e se aproximaram o suficiente para que pudessem observar os adversários com mais detalhes. Aquele pé de iroco era um dos mais imponentes que o velho adivinho já havia visto. As raízes grossas, mais pareciam braços que descansavam de uma longa batalha, subiam contorcidas formando um tronco dando a impressão de um amarrado de vários, e subiam tão altas e fortes que quase podiam tocar as nuvens mais altas. Como se ligassem o céu e a terra.

Aquela altura, o sol já estava quase no seu ponto mais alto, e a sombra esbelta do iroco já havia trazido os mais preguiçosos para dormir sob a sua proteção.

– Tudo como eu imaginava – murmurou Orunmilá antes de segurar Obá pelo braço e dar suas primeiras instruções.

– Está vendo aquela tenda armada lá no fundo?

– A dos *velhinhos*? – perguntou Obá, irônica.

– Essa mesma. Quero que você atire uma flecha nela. Não precisa acertar ninguém, só a tenda. Mas faça a flecha cair do alto, para eles não saberem de onde veio. Depois, atire mais uma, mas dessa vez acerte a perna de um daqueles homens que dormem sob a árvore. Você consegue?

Obá fez um gesto afirmativo e sacou sua primeira flecha. Atirou bem no alvo. Oito soldados se revelaram sob as mantas de couro cru que os disfarçava. Empunharam suas lanças e espadas, mas não sabiam para onde olhar. Os gritos confusos acordaram os soldados que tomavam conta do iroco, e Orunmilá fez um sinal indicando que era hora do próximo tiro.

Obá sacou a segunda flecha enquanto Orunmilá batia as palmas ocas com cadência, o que Oxum sabia ser a invocação das forças que o pai havia convocado, seja lá qual tenham sido. E foi esse o único som que se ouviu detrás daqueles arbustos enquanto a flecha rasgou o ar, atingindo em cheio a perna de um dos guardas. Ele gritou, chamando a atenção dos companheiros, que dessa vez apontaram para o grupo. Onze homens partiram naquela direção.

Obá sacou sua espada e só não se levantou porque palmas ininterruptas de Orunmilá a fizeram acreditar que algo estava por vir. Oxum instintivamente se escondeu atrás do pai, como se aquele corpo envelhecido pudesse protegê-la de onze homens enfurecidos. Os três primeiros já estavam bem próximos, e os outros oito ainda cruzavam a sombra do iroco quando, de súbito, Orunmilá se ergueu de braços abertos e, olhando para o alto, gritou:

– Agora!

Obá lançou sua lâmina sobre o joelho do primeiro dos soldados, desviando a violência do golpe que ele lançara sobre Orunmilá. Estirado no chão, o homem gritou de pavor quando viu sua perna arrancada do corpo. Obá interrompeu seu grito com um chute bruto, no meio do rosto que o desacordou, e partiu para o segundo adversário. Ela podia sentir o cheiro do sangue fervente enquanto ele se aproximava, gritando, na sua direção. O homem girou o braço para o alto e lançou sua espada curta com toda fúria sobre o dorso de Obá. A guerreira observou friamente e esperou até sentir o frio do metal antes de se mover. Então, com um giro rápido de ombros, pernas e quadril, deixou a espada descer bem à frente de seus olhos. Enquanto o adversário passava como um rinoceronte cego, ela continuou a girar e, no mesmo movimento, ergueu a espada e arrancou sua cabeça.

O sangue jorrou enquanto ele caía, e continuou pulsando para fora do corpo por mais um pouco. Oxum gritou num misto de medo e nojo e se calou ao sentir o toque do pai sobre seu ombro. O velho, entretanto, não a olhava. À sua frente, Obá havia baixado a guarda e mirava com o mesmo encanto, na mesma direção. Oxum estava confusa, nervosa, mas seguiu com a vista para onde apontavam os olhos dos outros dois. Sua boca também se abriu e ela levantou devagar. Não sabia o que dizer.

– Iroco Kissilê! – gritou seu pai.

Sob o frondoso iroco, oito homens se debatiam, amarrados pelas poderosas raízes voadoras da grande árvore. Orunmilá sorria encantado.

Tocou o chão e a testa e, olhando para o alto, gritou novamente em agradecimento:

– Eró, Iroco isso! Eró!

Obá se aproximou do homem deitado ao chão com a flecha encravada na coxa. Olhou-o fundo e perguntou sobre os odus. Não teve resposta. Repetiu a pergunta, silêncio mais uma vez. Na terceira, insistiu apontando seu arco para a outra perna. Diante da ameaça, o guarda alvejado indicou uma alça de corda no tronco do gigantesco iroco. Obá continuou com a ponta da flecha apontada enquanto esperou que Oxum e Orunmilá fossem até lá verificar. Não que ele pudesse fugir dali com a perna daquele jeito, mas queria demonstrar que, se os enganasse, ficaria sem andar por muito mais tempo.

Orunmilá estendeu a mão para puxar a corda, mas o iroco se retraiu e escondeu a abertura com suas próprias raízes. Ao lado, os homens gritavam como se aquele momento de tensão tivesse feito a árvore os apertar ainda mais. O babalaô tentou mais algumas vezes, mas o velho iroco não queria ceder.

Oxum então tomou a frente. Acariciou o tronco, sem se aproximar da entrada. E cantou uma canção. Lentamente o iroco relaxou. Sem interromper o canto e os carinhos, Oxum acenou para que o pai tentasse mais uma vez. Deu certo.

O interior do iroco era ainda maior do que o que se via do lado de fora. Algum tipo de magia fazia com que o espaço dentro da árvore incluísse galerias, escadas, salas de todos os tamanhos. Orunmilá foi na frente, contrariando a indicação de Obá, que preferia ser a primeira em caso de algum guarda ainda estar escondido quando chegassem lá dentro.

– Não acredito que seja provável. – comentou o babalaô –, eles não contavam que pudéssemos vencê-los de forma alguma.

Obá não tinha certeza sobre a teoria de Orunmilá. Entrou o mais rápido que pôde. Ainda estava no meio do caminho, porém, quando ouviu novamente a voz do adivinho:

– Príncipe Irosun, Príncipe Ofum, vocês estão salvos.



Não havia mais uma viva alma em Ifon. Acorados por trás dos arbustos, Xangô e Iansã só viram movimento ao redor do casebre nos fundos

da pequena cidade abandonada. Eram doze homens, puderam contar. Seis para cada um, se nenhum dos dois fosse egoísta demais. Para não chamar a atenção dos guardas, eles discutiam o plano de ataque com a voz mais baixa que podiam, mas, mesmo aos mais experientes guerreiros, o destino tinha lá suas surpresas.

De uma só vez, quatro homens pularam sobre Xangô, agarrando-lhe braços e pernas, deixando seu machado no chão, bem ao lado de Iansã. Ela levantou rápido, mas manteve a espada escondida às costas. Precisava saber com quem estava lidando antes de atacar. Deparou-se com mais quatro homens, todos carregando longas espadas de corte fino e espinhos afiados junto ao punho. Xangô gritava e se debatia, mas ela preferiu não se mexer. Quando o homem que parecia ser o líder daqueles capangas se pronunciou, no entanto, até Xangô se calou:

– Que bela presa temos aqui hoje. Ela traz até uma espada para brigar conosco, viram, rapazes?

Seus soldados riram sem naturalidade, da maneira que achavam mais ameaçadora. O chefe continuou:

– E, já que encontramos a caça, temos direito ao nosso banquete, não é?

O líder dos soldados deu um passo à frente e à distância raspou de leve a ponta de sua espada na parte interna da perna de Iansã. Subiu devagar sem nenhum respeito ou cuidado, nem mesmo quando ouviu Xangô murmurar:

– Você não deveria ter feito isso.

Enquanto o soldado líder ainda sorria, desdenhoso ao descobrir as partes mais escondidas do corpo de Iansã, a lâmina da guerreira rasgou sua barriga ao meio. Um corte diagonal, profundo, preciso. Ele não teve tempo de perceber de onde viera o golpe, mas seus olhos ainda viram as vísceras saindo de seu próprio corpo antes que desabasse no chão. Iansã segurou sua arma no alto e mirou cada um dos três homens à sua frente. A princípio, nenhum deles se moveu, mas alguém tinha de tomar uma atitude. Aquele que estava mais à frente partiu para o combate, lançando um golpe à meia altura na direção de Iansã. Sem dificuldade, ela aparou o ataque com sua espada e, aproveitando a força do choque, girou-a num círculo oposto, acertando em cheio a clavícula do oponente.

A força do golpe foi tanta que Iansã sentiu os ossos quebrando e os órgãos do soldado se rompendo enquanto rasgava-lhe o tronco. A arma

ainda estava alojada no meio do tórax da segunda vítima quando seu corpo caiu. Na queda, todavia, o corpo girou para trás, carregando consigo a espada de Iansã. Ela ouviu os passos dos outros dois soldados se aproximando.

Iansã saltou para frente, girando sobre as próprias costas no chão. Caiu de joelhos, já de frente para os oponentes, mas a uma distância segura o suficiente para pegar um punhado de terra e soprar nos olhos dos dois homens que a atacavam. O punhado de terra, porém, foi acompanhado de uma ventania que levantou muito mais terra, enchendo os olhos dos dois de uma poeira fina que os cegou. Quando conseguiram abrir os olhos, tudo o que viram foi um único golpe que lhes rasgou o ventre de uma só vez. E caíram mais dois, mortos, no chão.

Os quatro que ainda seguravam Xangô não sabiam o que fazer: se soltavam o baixinho musculoso para pegar a mulher que matara seus companheiros ou se fugiam. Dois deles partiram na direção de Iansã, deixando soltos um braço e uma perna de Xangô. Correram juntos para cima da guerreira, levantando de forma ameaçadora suas espadas pontudas. Iansã não se amedrontou. Esperou que eles chegassem perto e, ao invés de desviar, partiu para cima de um deles antes mesmo que tivesse tempo de iniciar o movimento descendente de sua arma. Com um braço, Iansã empurrou a espada do oponente para cima. Com o outro, enfiou-lhe a lâmina na barriga. Rolaram os dois pelo chão e, quando a poeira baixou, Iansã já empunhava a espada da vítima. O outro homem era grande e forte. Tinha um sorriso burro, faltando alguns dentes, e não deixava transparecer medo algum da pequena mulher, mesmo depois de tê-la visto aniquilar com facilidade cinco de seus companheiros. Ele a olhou de cima abaixo, com olhos do mais profundo desejo, e ela apenas sorriu.

Ela atacou com força. Ele aparou o golpe como se não sentisse dor. Com o impacto, sua espada voou longe. O gigante saltou em direção a Iansã. Agarrou-a, desajeitado mas com muita força, pelos cabelos e pelo braço e a atirou contra uma árvore. Com a boca enfiada na terra e a vista confusa, tentou levantar, mas estava tonta demais. Seria esse o seu fim? Aniquilada por um gigante sem cérebro? Embora tivesse consciência da morte, porém, ela não fechou os olhos. Decidiu morrer como uma guerreira. Como Ogum morreria. Olhando seu algoz nos olhos. Ela se preparou para o pior.

Nesse exato momento, o grandalhão caiu de uma só vez e lá ficou, com o rosto afundado no chão e uma abertura de três dedos de largura na

parte traseira da cabeça. Detrás de onde estava o grandalhão desdentado, Xangô piscou para Iansã, com o machado coberto de sangue. Mais atrás ainda, outros dois corpos, divididos em pedaços irreconhecíveis, espalhavam-se pelo chão. Xangô colocou a mão na bolsa de couro que carregava e tirou algumas pedras de raio e um punhado do pó que os dois conheciam tão bem. Iansã pegou um pouco de tudo, e os dois avançaram na direção da única casa povoada da cidade de Ifon.

Um a um, mais guardas atacaram. E um a um foram vítimas dos contragolpes certos e eficientes de Iansã e Xangô. Ela aparava num tempo e cortava no outro. Ele cortava os inimigos antes mesmo que seus golpes chegassem. Vez ou outra cuspiam fogo ou explodiam um dos soldados das Iá com suas pedras de raio, mas nunca desviavam seu caminho. Em nenhum momento pararam ou deram um passo para trás. Assim, certos e objetivos, seguiram seu caminho até a pequena prisão. A recompensa estava garantida: o príncipe Ogbé-Ogundá.



– Só falta um! – comemorou Orunmilá levantando uma pequena taça de otim.

– E eu já sei onde está – respondeu Iansã, repetindo o brinde.

– Onde, mulher? Diga logo! – gritou o adivinho.

– Você não vai acreditar – disse Xangô numa gargalhada.

– Vocês querem me matar? Estou velho demais para tanta curiosidade! – completou Orunmilá, que naquela noite estava com um bom-humor irreconhecível.

– Oyó! – respondeu Xangô. – Na minha cidade!

A festa só fazia aumentar. Todos se abraçavam e dançavam. Até os príncipes Irosun, Ofum e Ogbé-Ogundá se contagiaram e, embora exaustos, participaram da festa que começou assim que Xangô e Iansã trouxeram suas novidades para ao palácio. Os brindes se repetiram mais algumas vezes, e a alegria atingia quem quer que passasse por perto dos aposentos reais. No meio da festa, os olhares de Obá e Oxum se cruzaram. A filha do babalão apontou a cozinha com a cabeça. Obá pensou um pouco e, um pouco embriagada, gargalhou em afirmação.

– Falta um! – repetiu Iansã.

– Mas não se esqueçam de que *ainda* falta um, meus amigos. Vamos

comemorar a vitória importante de hoje e amanhã mesmo partiremos para a batalha derradeira!

– Você não relaxa nunca, babá? – perguntou Iansã, segurando-o pelo ombro.

– Relaxo, minha querida. Hoje, eu relaxo.

O tempo e o otim passaram, e ninguém ali dava sinais de querer parar. Festejavam tanto que só notaram a falta de Oxum e de Obá quando elas entraram novamente na sala. Estavam lindas, as duas. Enfeitadas com as joias de Oxum, turbantes reluzentes e vestidas com roupa de festa, elas traziam duas panelas cheirosas nas mãos.

– Preparem-se para um banquete! – gritou Obá.

Todos se surpreenderam quando perceberam que a guerreira havia participado do preparo daquela refeição, porque Obá não era de atividades domésticas. O aroma da comida, porém, já garantia uma aprovação adiantada.

– Obá preparou algo surpreendente para hoje. Garanto que ela irá ouvir muitos elogios – anunciou Oxum.

Obá sorriu, tímida, agradecendo o comentário de Oxum e fez um sinal para que todos, inclusive os três príncipes odus, se sentassem no chão. Um a um, receberam das mãos da própria Obá as folhas de mamona cheias de um conteúdo ricamente preparado. Ninguém perguntou o que era. Orunmilá e Iansã, que se atreveram a experimentar primeiro, suspiraram em aprovação. E isso incentivou os demais a prosseguirem.

Xangô foi o último a ser servido. Não recebeu a folha com o preparado misterioso, no entanto. Para ele, estava programado algo especial. Uma pequena tigela lhe foi oferecida, sobre a qual Obá derramou cuidadosamente uma sopa feita especialmente para ele. O guerreiro, envaidecido, olhou para os lados e ofereceu para os demais. Como ninguém aceitou, ele tomou o primeiro gole do caldo quente.

– Maravilhoso, Obá. Foi você mesma quem fez?

– Sim, fui eu, Xangô. Gostou?

– Claro! Mas o que tem aqui dentro?

– Coisas de que você gosta: inhames, batatas, algumas folhas e aquele ingrediente especial que você tanto apreciava.

– Que ingrediente?

Obá levantou-se e cuidadosamente tirou o turbante da cabeça. Xangô não parecia compreender do que se tratava até que a última volta do

turbante foi dada, mostrando, para a surpresa de todas, que lhe faltava uma orelha.

– O que é isso?

– Minha orelha – explicou cheia de orgulho –, usei para preparar seu prato preferido, Xangô.

Todos se levantaram com nojo. Gritavam e seguravam suas próprias bocas para não vomitar sobre a comida. Não que ainda fossem comer, depois de uma visão bizarra como aquela. Xangô, entretanto, não estava somente enjoado. Estava furioso. Afinal, ele era o único que fora induzido a beber aquela coisa.

– Orelha? Ficou maluca? Que brincadeira é essa? – vociferou Xangô, enfurecido, ao constatar que realmente algo parecido com uma orelha boiava entre os outros pedaços de sua sopa. Obá olhou para os lados, confusa. O ferimento de sua orelha decepada ainda sangrava um pouco, deixando os convidados ainda mais enauseados.

– Mas... Oxum disse que você gostava! Eu vi com meus próprios olhos quando você se deliciou com a orelha dela!

– O que você está dizendo? Ficou louca? – protestou Oxum.

A filha do babalô se levantou de uma só vez e retirou o próprio turbante:

– Você está louca? Eu fiz uma sopa com os cogumelos que Xangô adora. Olha aqui minha orelha!

Obá olhou em volta, cruzando os olhares com os espectadores enojados, ainda sem compreender o que estava acontecendo. Somente quando enfrentou o olhar de Oxum novamente percebeu a armadilha na qual havia caído.

– Sua...

A guerreira não completou a frase. Sacou a espada da cintura e partiu para cima de Oxum. A filha de Orunmilá correu por trás dos convidados, esperando que alguém a protegesse, mas ninguém o fez. Primeiro, porque todos estavam indispostos demais para tomar qualquer atitude. Segundo, porque todos ali conheciam Oxum o suficiente para imaginar que aquela poderia mesmo ter sido mais uma de suas armações.

A espada de Obá estalou no chão algumas vezes, passando bem perto de Oxum. Numa das tentativas, fez nela um corte raso, mas que para Oxum significava muito mais do que um ferimento qualquer: aquilo era uma marca na sua beleza.

Para o espanto de todos, a filha de Orunmilá parou e enfrentou de frente sua poderosa adversária. Sacou sua pequena adaga e saltou sobre a guerreira como se fosse um bicho. A adversária, surpresa, se defendeu e caiu para trás. Depois atacou de novo. Ninguém sabia de onde Oxum havia tirado aquela força e agilidade. Ela bufava de raiva. Seus olhos ficaram cada vez mais vermelhos, seu corpo se curvou e, diante de todos os presentes, sua pele começou a mudar de cor. Dos poros, saíram pelos grossos e deles se formaram penas. Seu rosto ganhou um bico pontudo e aos poucos ela foi se transformando num pássaro de penas azuis e um ornamentado rabo em leque. Oxum voou para cima da oponente, aproveitando-se do choque que sua metamorfose havia causado. Com a cauda, lançou para longe a espada de Obá, bicando-lhe com violência a nuca.

Sentindo a ferida arder e o sangue escorrer pelas costas, Obá saltou para o meio da roda, tomando a panela ainda cheia com a sopa quente e, sem se preocupar com quem estava no caminho, jogou todo o seu conteúdo sobre a ave que a confrontava. Orunmilá conseguiu escapar do caldo fervente, mas sua filha, não. Foi atingida em cheio, no meio do voo, e caiu, ruidosamente, no canto da sala.

O líquido quente queimou suas penas e acabou de vez com sua beleza, mas isso só serviu para aumentar ainda mais a fúria de Oxum. Com as penas queimadas, o pássaro agora parecia um abutre, negro e semipelado. Mas ainda podia voar.

Oxum lançou-se mais uma vez sobre a adversária, que dessa vez desviou com agilidade saltando para o lado e caindo pronta para desferir o próximo golpe.

Ninguém respirava, ninguém tomava qualquer atitude. As duas se olhavam furiosas. Tão enraivecidas que estavam, que os olhos de Obá ficaram tão vermelhos quanto haviam ficado os de Oxum. E de sua pele também saíram penas. Ela também virou um pássaro. Voaram os dois, um de encontro ao outro. Em volta, ouviam-se o gralhar e o bater das asas das duas aves, mas não era possível distinguir quem era quem naquele monte de penas que tentavam se matar.

O resultado não poderia ser bom. Se ninguém interrompesse a luta, uma das duas com certeza morreria e a outra ficaria gravemente ferida. Orunmilá olhou para Xangô e apontou para a confusão como se pedisse que ele salvasse sua filha. O guerreiro atendeu.

Bum! Um estrondo ensurdecedor levantou tanta fumaça pelo salão

que não se via mais nada. Quando se pôde enxergar, estavam os dois pássaros em cantos opostos da sala, prontos para continuar sua luta de morte.

– Deem mais um passo e não me pouparei de cortar vocês ao meio – gritou Xangô, interpondo-se entre as duas. Depois completou – agora saiam. Vão para bem longe. Tão longe que eu não tenha de encontrá-las de novo ou cumprirei minha promessa.

As duas aves, machucadas, mas ainda dispostas, encolheram-se num canto em resposta à voz poderosa de Xangô, mas não saíram.

De repente, tornaram-se dóceis como dois papagaios da costa procurando proteção. Mesmo assim, Xangô não se deixou tocar:

– Vão! – gritou, desta vez com uma pedra de raio em cada uma das mãos.

Elas obedeceram. Uma pela porta, outra pela janela, voaram em direções opostas. Em seguida, Xangô caiu ao chão, como se tivessem cortado o cordão que lhe segurava em pé. Olhou para Orunmilá. Ele também parecia meio morto. Nenhum dos dois tinha forças para falar. Um havia perdido duas companheiras. O outro, duas guerreiras.

E uma delas, não se pode esquecer, era sua filha.

De: New.Fernandes@hotmail.com

Re (29): Minha história

Não sei se foram minutos, horas ou dias depois, quando acordei, ainda meio zozinho. Me sentia fraco, desorientado. Mal conseguia ficar de pé.

O quarto era todo branco, sem móveis, apenas uma esteira de palha no chão e uma jarra de água. Até as janelas estavam cobertas por um lençol branco. O cheiro parecia familiar, mas não tinha certeza de nada. Do lado de fora, uma música chinesa, com aquelas notas estranhas e compasso marcado, me desorientava ainda mais. Gritei por socorro, e a porta, no mesmo instante se, abriu. Uma luz muito forte quase me atirou para trás.

Yara se aproximou em câmera lenta. Ela brilhava, uma luz colorida que destoava do resto do quarto. Um dragão sem pernas voava tomando todo o quarto com sua cauda vermelha. Me encolhi num canto de medo. Yara sentou do meu lado e colocou minha cabeça sobre seu colo. Eu sentia minha língua inchada, não conseguia falar. Mal conseguia respirar. Ela me deu água para beber e uma pílula. “Tome. Vai te fazer sentir melhor”. Ela cantou uma música de ninar. Levantei o braço com dificuldade e agarrei o seu peito. Ela riu e a desceu para seu colo novamente. Me ajudou a beber mais água. Fechei os olhos por um segundo e, quando abri, Yara não era mais ela mesma. Era Michelli, minha ex-colega de faculdade e ex-mulher do Carlos. Uma menina de maria-chiquinha sentada ao lado dela me olhava assustada. Agora tocava Metallica. Fora a música, tudo era muito lento, como se fosse um sonho. E mesmo assim, eu não tinha velocidade para reagir. Nem pensar. Quem era essa menina? Onde estava Yara? Tentei segurar o peito de Michelli. Não, eu não quero água de novo! Acabei de tomar esse remédio! O que é isso que vocês estão me dando? Pisquei mais uma vez, e minha cabeça repousava no colo de Pilar. “Pronto para conhecer o Nível 4?”

Não. Eu não estava sendo convidado para fazer parte do misterioso Nível 4. O convite era para conhecer o que ele era. E, para começar, fazer parte desse grupo é um privilégio apenas de mulheres.

Como meus registros daqueles dias estão bastante danificados pelas drogas que me deram, possivelmente na água e nas pílulas (a julgar pelo efeito, o mesmo pacote GHB+Ketamina que tomei em NY mas em dosagem maior) – não sei que memórias são acontecimentos, invenção ou alucinação. Mas tenho

uma lembrança vaga de umas vinte mulheres entrando naquele quarto pequeno. Yara, Michelli, Pilar, Cynthia e várias outras que nem sei se reconheceria ou não. Uma delas tinha uma coruja de asas pretas no ombro. Algumas tinham tatuagens, grandes e pequenas, todas de pássaros, penas, asas. Eu via as tatuagens se mexendo em seus corpos nus. Acho que elas estavam todas nuas, mesmo as mais velhas.

Elas derramaram uma água com folhas sobre meu corpo e entoaram um tipo de mantra. Om, Mani Padme Hum. Om, Mani Padme Hum. Om, Mani Padme Hum. Me ajudaram a levantar e retiraram meu manto branco. Meu corpo estava todo raspado, nenhum pelo abaixo do pescoço. Uma ereção poderosa pulsava entre minhas pernas.

Em grupos de duas ou três, as mulheres se aproximavam, passavam as mãos no meu ombro, esfregavam seus peitos nas minhas costas, passavam suas bundas em mim. Me apalpavam... No fundo do quarto, encolhida, vi a menina de 7 anos – Yasmin. Esse era o seu nome, mas eu não tenho ideia de como sei disso. Ela era a mesma que havia visto com Michelli. Seria uma alucinação? Tudo era possível. Ela me olhava no rosto, com medo. Não estava gostando de nada daquilo. Tudo se apagou de novo.

Do resto, tenho apenas fragmentos de memória. Mulheres me chupando, montadas em mim, gozando feito umas loucas, algumas de máscaras, outras me olhando nos olhos. Algumas tinham asas, outras rabos, até penas, eu acho. Algumas apenas cantavam para mim. Sempre me davam água. Vez ou outra, o remédio. Uma a uma, sempre sozinhas, mas várias. E lembro da voz de Pilar me dizendo que aquilo era para minha proteção.

Acordei num dia como os outros, mas não havia ninguém ali. Somente o quarto branco, a esteira. Sem música nem jarra d'água. Gritei por alguém, temendo o que viria por aquela porta, mas nada aconteceu. Me arrastei até ela e abri.

Para minha surpresa, estava em meu próprio apartamento, todos os móveis do meu quarto amontoados na sala de estar. E nenhum sinal de nenhuma delas. O porteiro me disse que eu havia chegado doente com um grupo de senhoras e que elas se revezaram por uns dias tomando conta de mim. “Que bom que o senhor já está bom, seu Newton”.

Eu não estava nada bom. A ressaca era parecida com a de Nova York depois do “alfabeto do amor” que Yara me ensinou. Meu fígado doía. Fui até a cozinha e bebi água direto da torneira. Havia uma comida preparada, mas joguei fora por medo do que poderia haver ali dentro. Enchi a banheira e me deitei na

água quente.

Acordei horas depois, ainda dentro da banheira, com a campainha tocando sem parar. Me enrolei na toalha, corri para atender.

Era o porteiro, assustado. Melhor, preocupado. Eu estava mais ainda, mas não tinha energia para demonstrar.

“Interfonei, liguei o senhor não atendeu e eu vim aqui. Já ia derrubar essa porta.”

“Desculpe seu Antônio. Eu acho que dormi na banheira. O que foi?”

“É que chegou essa encomenda aqui pro senhor. Um negão alto mandou entregar, disse que era seu amigo e que o senhor precisava disso urgente.”

Agradei e fechei a porta assim que ele entrou no elevador.

Eu ainda pingava. Tinha um gosto amargo horrível na boca. E sentia o corpo todo doer. Quando abri a caixa e vi o que tinha dentro, tive que sentar no chão.

Enrolado em mim mesmo, chorei até adormecer.

São Paulo, 25 de agosto de 2001.

O DUELO

Iansã andava na frente. Preferia deixar Xangô a sós com Orunmilá. Não que gostasse do assunto de que tratavam, mas, uma vez que suas adversárias estavam eliminadas, não havia por que constranger o marido num momento triste. A bem da verdade, seria até bom que ele pensasse bastante no assunto. Mesmo porque, quanto mais repetisse, para si mesmo ou para qualquer outra pessoa, a história de suas três mulheres, mais ele se acostumaria com a ideia de que agora ele tinha apenas uma. Ela mesma.

– Babá, você acha... – Xangô freou o impulso de curiosidade. Tinha medo da resposta.

– Acho, meu filho. Queria estar errado, mas não creio que elas voltem.

– Mas o que aconteceu? Elas viraram pássaros e aí...

Orunmilá fitou-o com tristeza. Xangô continuou:

– Será que isso significa...

– Elas são mulheres, como quaisquer outras. Como o mestre Etaogundá havia comentado...

– Estava tentando não pensar assim.

– Mas pense, e se conforme. Elas viraram pássaros, e isso só tem uma interpretação possível.

Percorreram um bom pedaço de caminho sem que nenhum deles dissesse uma só palavra. Caiu o dia, veio a noite, e eles dormiram sob a proteção de uma árvore de galhos fortes. Se fosse possível, teriam feito a noite passar mais rápido, tão ansiosos que estavam.

De Orunmilá, aliás, não se poderia esperar outro sentimento. Desde o dia em que sua filha, por puro capricho, tornara estéreis todas as mulheres de Ijerô, ele pressentiu algo perigoso. Em momentos como esse, em que acertava em cheio o pior do que o destino lhe reservava, ele sempre amaldiçoava sua própria sabedoria. “Quem sabe um dia ela retorne”, pensava, sem acreditar nem um pouco.

– Um novo dia, uma nova agonia – falou em voz baixa, em busca de

outro problema que lhe aplacasse a apreensão pelo destino da filha. Não foi difícil.

Naquele momento, seu senso de responsabilidade gritava por mais uma resposta, e o babalô logo se viu mergulhado na dúvida que, mais cedo ou mais tarde, teria de ser resolvida: como recompor o grupo? E se a busca era por problemas que o distraíssem, ali se apresentava mais um. O grupo, que diminuía a cada noite, só chegava a quatro se contassem com Exu. Mas onde estava ele? Por que demorava tanto?

Orunmilá relembrou a missão da qual incumbira Exu: que fosse à cidade de Pondá desafiar as feiticeiras. Depois da briga entre Obá e Oxum, Orunmilá ainda conseguira enviar uma ordem a seu mensageiro: que fosse até Irê e convencesse Ogum a voltar. Oxum não estava mais entre eles e, portanto, não havia mais motivo para ficar afastado. Mas depois não conseguira mais fazer contato com Exu, que não lhe enviara resposta sequer sobre a missão junto às feiticeiras. A espera pelo mensageiro se tornava cada vez mais insuportável.



Oraniã era um bom rei. Mas era feio. Muito feio. Seu povo o amava, mas ninguém gostava de olhar para aquele homem, metade branco, metade preto. Diziam que era assim porque sua mãe havia dormido com um homem sem cor e um negro na mesma noite. Mas nem os mais velhos sabiam ao certo. Oraniã jamais conseguiu se casar: apesar de seu poder, nenhuma mulher queria se juntar a ele. Solteiro e sem filhos, o rei de Oyó um dia pediu à orixá mãe, Iemanjá, que lhe desse um rebento. Colocou um cesto de flores e alguns orobôs sobre ele e mandou o rio levar até o mar. Oraniã esperou por dias por uma pretendente disposta a lhe dar um filho. Mas ela não apareceu. Uma noite o rei subiu a montanha, desolado. Caiu a noite e ele não voltava. Ficou lá de cima observando o mundo que seria de outro se um herdeiro não chegasse logo. Chorou tanto, que o céu se enterneceu, e uma tempestade desabou. Raios e trovões vieram juntos, e lá de cima, o soberano de Oyó viu um raio atingir em cheio uma pequena casa, bem na frente de seu palácio. O fogo brilhava de longe, e a fumaça era tão espessa que se via de qualquer lugar das terras iorubás.

Oraniã desceu o mais rápido que pode, e correu até a cidade para ajudar. Chegando lá, percebeu que os locais já haviam isolado o fogo, mas

nada que fizessem conseguia apagá-lo. “Foi minha culpa” – pensou o rei, imaginando que seu lamento havia despertado a tempestade que queimou grande parte da cidade. Olhou para o alto como se pedisse para ser punido ele mesmo, não seu povo, mas a resposta que ouviu foi bem diferente do que imaginava. Resposta, não, choro. Um pranto de bebê que vinha... de dentro do fogo!

Oraniã se cobriu com uma pele espessa e saltou dentro do fogo. E, de lá, trouxe um belo bebê que ele chamou de Xangô.

O menino cresceu rodeado de cuidados. Seu pai queria que ele fosse o mais belo e desejado homem iorubá. Um dia, quando começou a se interessar por mulheres, o pai chamou os maiores artistas da cidade para trançar seus cabelos, desenhar-lhe o corpo e cobri-lo de joias e roupas belíssimas; e o levou para desfilar pela cidade. Seu encanto foi tão grande que a própria Iemanjá, lá do Orum, ouviu falar, e decidiu ir a Oyó para conferir. Ela entrou no rio que ligava o Orum ao Aiê e se dissolveu num cardume. Os peixes, conhecidos pelos iorubás como as aves da água, nadaram até as redondezas de Oyó, onde se juntaram novamente na forma de Iemanjá.

A velha orixá mãe caminhou solitária até os portões da cidade, com seu corpo firme para uma senhora daquela idade e seios grandes e pesados de quem já havia tido centenas de filhos. Enfim, avistou Xangô, que desfilava sobre os ombros de um pequeno grupo de escravos. Ele era realmente tão belo quanto diziam. Ela se dirigiu ao rei:

– Sabes quem sou?

Ele caiu de joelhos e tocou a testa no chão, seguido por todos, menos Xangô.

– Respeite sua mãe, rapaz. – disse o rei.

Ao invés de se abaixar, porém, ele caminhou, curioso, em direção à orixá mãe. Ela lhe recebeu com um abraço carinhoso e pediu que fossem deixados a sós.

Os locais lhes arrumaram uma casa vazia. Sozinhos, Iemanjá rodeou o menino, curiosa. Ele era lindo, tinha um corpo esculpido de barro, mas era tímido.

– Já estive com uma mulher? – perguntou Iemanjá.

– Não, – respondeu o rapaz, tímido.

Ela olhou para ele e, num gesto, lhe despiu sem tocar em suas roupas e o arrastou para próximo dela com um simples pensar. As mãos de

Xangô então começaram a se levantar, abertas, espalmadas, na direção dos seios de Iemanjá.

– É assim que se começa – disse a senhora.

– Minha mãe? – suplicou o menino, assustado.

Iemanjá então parou. Olhou o molecote do joelho aos ombros novamente e desfez o encanto – aquele encontro poderia ficar para mais tarde. Mas deixou um outro feitiço em seu lugar.

– Nenhuma mulher que você realmente queira jamais vai resistir ao seu charme – declarou a orixá – e você vai se tornar tão experiente e habilidoso com elas, que vai valer a espera.

– Que espera?

– Você verá. Primeiro terá que incendiar a cidade, como fez no dia que nasceu.

Então ela virou-se, cobriu o corpo em torno do próprio braço, transformando-se num bando de pássaros. Voou embora da cidade, e nunca mais voltou.

Xangô então se tornou o mais cobiçado jovem de todas as terras ao redor. E a partir desse dia, muitas mulheres, impressionadas de como Oraniã havia tido um filho com Iemanjá, passaram a querer um filho dele também.



– O príncipe voltou!

– Kaô Kabiesilê! – gritava povo de Oyó.

Apesar da histeria, Orunmilá permaneceu com os olhos baixos por todo o percurso até o palácio de Oraniã. Uma tristeza que veio de repente, sem avisar. Saudades da filha, pensou. Não interrompeu sua determinação, todavia, nem desacelerou o passo. O tempo era pouco.

Apesar da pompa desnecessária, Orunmilá, Xangô e Iansã foram recebidos com a devida urgência pelo rei e pelo irmão de Xangô, Dadá Ajacá, responsável pela segurança da cidade. Nenhum dos dois sabia de nada. Se as Iá Mi Oxorongá haviam escondido o último prisioneiro naquelas terras, havia sido à revelia dos dois. O que soava estranho aos ouvidos tanto dos forasteiros quanto de Xangô. Oyó não recebia tantos visitantes assim. Se algum estranho entrava na cidade, o rei logo era informado. Pelo menos o príncipe ficaria sabendo. Estaria algum espião envolvido nisso? Olharam com desconfiança o corvo de estimação de Oraniã... que andava de um lado

para o outro ao lado do trono, acorrentado e com a ponta das asas cortadas. Será que ele poderia...

Talvez alguém soubesse mais do que estava falando. Xangô procurou qualquer reticência no pai e no irmão. Nada. Na verdade, havia mesmo era um certo desinteresse. Naquele momento, a família real de Oyó só pensava no retorno de Xangô. Como se tivessem esquecido a importância do que ele fora fazer quando se juntou ao grupo de Orunmilá.

Com tantos cumprimentos e festejos que vieram a seguir, Xangô não notou a saída silenciosa do irmão mais novo. Mas Orunmilá, que tudo observava com atenção, manteve seu olhar fixo na porta que dava para o corredor principal. Pouco tempo depois, Dadá estava de volta com seu cabelo coberto pela coroa baiani que o fazia fácil de reconhecer à distância, e um embrulho de couro nas mãos.

Interrompidos pelo som do sino de metal, os cumprimentos cessaram. Todos se voltaram para o príncipe Dadá. A curiosidade era palpável. O que havia naquele pacote misterioso? Dadá Ajacá se aproximou do irmão mais velho e lhe entregou o tal pacote, falando alto para todos poderem ouvir:

– Meu irmão, você sabe bem que não sou de guerras e conquistas como você, mas para demonstrar minha saudade e a felicidade de tê-lo de volta, trouxe este presente que mandei fazer com os maiores ojes da cidade. Por favor, abra.

Xangô obedeceu. Abriu a primeira face do embrulho, a segunda e, antes de virar a última aba, sentiu algo coriscar sobre o couro. Sorriu para o irmão como se já soubesse do que se tratava. Quem estava em volta só compreendeu de onde vinham aquelas faíscas quando, enfim, Xangô levantou a última língua do embrulho, revelando as cores faiscantes das novas pedras de raio que acabara de ganhar. Só de olhar, já se percebia que aquelas eram muito mais fortes e perigosas do que as pedras que ele tinha em mãos atualmente. E deveriam ser tratadas com muito cuidado.

– Vou testá-las em breve. Explodirei uma bruxa com cada uma delas. Vocês vão ver – agradeceu Xangô.

Orunmilá olhou desconfiado. Sabia que não seria tão simples assim. Mas preferiu não discutir, até porque, no rastro de Dadá, entraram incontáveis escravos, cada um com um prato diferente, tomando a sala com aromas que enfeitiçaram todos os presentes.

Tudo foi ricamente organizado numa esteira de bambus enfeitada

com detalhes em ouro. A comida vinha na temperatura certa para que ninguém queimasse os dedos nem a língua, provando a fama de eficiência dos cozinheiros do palácio de Oyó. Sem pressa, os convidados se deliciaram com os diferentes sabores de cada um dos pratos. Xangô foi o primeiro e o último a se servir dos amalás, açaás, pirões e orobôs, demonstrando por todos a aprovação de cada um dos pratos servidos. E quando o guerreiro enfim se disse satisfeito, foram todos descansar.

Iansã e Xangô foram para o quarto do príncipe, que permanecia exatamente como ele o havia deixado, enquanto Orunmilá se instalou no luxuoso aposento em que a família real costumava receber seus convidados mais célebres.

A decoração era rica, cheia de esculturas e adornos por todos os lados. Tudo bem típico de um povo que via na arte a expressão de seus deuses. Mas foi o corte de pano escuro amarrado sobre a janela o que mais chamou a atenção do adivinho. Antes que tivesse a oportunidade de perguntar para que servia, no entanto, o escravo que carregava sua bagagem cruzou o quarto. Com o torso levemente curvado em sinal de respeito, ele só se levantou quando esticou o braço para soltar a amarra que prendia uma das pontas do tecido a um gancho de pedra preso na parede. No mesmo instante, o tecido cobriu a janela, e o dia se fez noite. O escravo correu por toda a extensão do quarto e saiu sem dizer uma palavra. Orunmilá passou algum tempo pensando na engenhosidade daquele invento, até que conseguiu esvaziar a mente por completo e cair no sono que costumava ter nas tardes mais tranquilas.

Seu descanso, no entanto, foi logo interrompido. Um grito familiar o trouxe de volta e, antes que pudesse se dar conta do tempo que se passara, o vulto esbelto de Iansã surgiu bem à sua frente:

– Babá... Babá, acorde! Tem um soldado dizendo que um sujeito grandalhão com a cabeça de faca está aí fora, dizendo que quer falar com você. Vá lá, mestre. Deve ser Exu!

– Já chegou? Como assim?

Xangô, que amarrava novamente o tecido no alto da janela, recuperando a luminosidade do quarto, mandou chamar o guarda.

– Quem foi que falou com o sujeito?

– Fui eu, senhor. Ele está lá fora, sentado diante da porta, aguardando o senhor Orunmilá – respondeu o guarda.

– Está sozinho? – perguntou, afoito, o adivinho.

– Está.

Orunmilá nunca sabia o que esperar de seu mensageiro. Ele era capaz de demorar semanas para cumprir missões que poderiam ser executadas em um único dia e realizar no ato trabalhos julgados complexos, podia convencer um rei a se transformar num mendigo e matar um pássaro hoje com uma pedra que jogou ontem. Mas, se estava sozinho, não havia sido capaz de convencer Ogum a se juntar ao grupo. O que teria acontecido? Teria o general recusado seu convite? O babalaô sentiu aquela tristeza estranha abatê-lo de novo. Tanto que não notou quando Xangô fez uma piada no ouvido de Iansã, caindo no riso logo em seguida. Tampouco quando ela o repreendeu com o olhar e seguiu os passos do adivinho até a entrada principal.

– Elas estão prontas, babá! – gritava descontrolado o mensageiro, do lado de fora.

– Explique direito, Exu. Quero todos os detalhes. Xangô, mande trazer um pouco de água para ele. Rápido! Vamos lá, Exu, conte tudo bem devagar.

Orunmilá jamais havia visto seu mensageiro esbaforido daquele jeito. Assim que a água chegou, Exu tomou tudo de um só gole e continuou, um pouco mais pausado:

– Elas disseram que nós estivéssemos prontos, pois elas é que virão ao nosso encontro.

– As Iá Mi?

– Isso.

– E não disseram mais nada?

– Não, babá. Só isso. Elas riam sem parar, como se comemorassem alguma coisa. Elas falavam entre si, gargalhavam e brindavam com sangue.

– E você deu meu recado?

– Sim, babá. Disse que os pássaros delas não conseguiriam matar o seu e que, portanto, o senhor é muito mais poderoso do que elas.

– E elas continuaram rindo? Não ficaram com raiva?

– Nem um pouco!

– Isso não é nada bom.

– Quando elas vierem, estaremos prontos – declarou Xangô.

– Estou preparado para me encontrar com elas, Xangô. O que me preocupa é a reação que elas tiveram. Elas deveriam ter expulsado Exu de lá com muitas ameaças. Mas não, elas comemoraram.

– Tem mais, babá – retomou Exu.

– Conte.

– Quando cheguei novamente em Ejigbo, Oxumarê tinha um recado de Oxalá: temos poucos dias para terminar nosso trabalho... Ou estará tudo perdido.

– Como assim, Exu?

– Ele me disse que quando chegou com os odus no Orum, foi chamado para falar com Oxalá, que lhe contou que o feitiço para segurar o destino provisório estava enfraquecendo depressa e, se continuasse assim, não teríamos mais do que uma semana. Ou então...

– Estará tudo perdido.

Exu não respondeu.

– Então você veio correndo e não conseguiu visitar Ogum, certo? – indagou o babalaô.

– Não, babá. Infelizmente, não. Corri o máximo que pude até Irê. Sabia que, com o pouco tempo que tínhamos, o auxílio do general seria muito importante. Tinha certeza de que, quando ele ouvisse meus argumentos, não teria dúvidas em voltar.

– Pelo visto ele ficou com medo, então – zombou Xangô.

Orunmilá evitou olhar para o dono da piada inoportuna porque não pretendia interromper o relato por motivo algum. Exu continuou:

– Não, ele não estava lá.

– Ele não voltou para casa? – perguntou Iansã.

– Voltou, sim, mas foi embora. É melhor vocês se sentarem antes que eu continue.

Eles obedeceram, preocupados. Tomaram seus lugares ao redor do mensageiro bem ali, na frente da porta principal mesmo. Seus corpos estavam cobertos de um suor frio. Os olhos, mais abertos do que de costume, procuravam alguma resposta uns nos outros. Exu tomou fôlego e, substituindo o afobamento por um tom desolado, retomou sua história:

– Como vocês devem saber, os calendários festivos variam de cidade para cidade, certo?

– Sim – responderam todos.

– Isso vale também para o Dia do Ewó, o dia do segredo. Quando Ogum chegou a Irê, era o dia das proibições deles, mas o general havia esquecido, confundido ou sei lá o quê. Contaram-me apenas que ele chegou sujo e maltrapilho. Aproximou-se das pessoas como se esperasse uma grande

festa em nome de seu retorno. Mas ninguém disse nada, não olhou seu rosto nem veio recebê-lo. Ogum ficou furioso. Achou que haviam esquecido dele só porque passara algumas semanas fora. Gritou novamente e ninguém respondeu. Aí, se vocês conhecem bem o nosso amigo, não fica difícil imaginar o que aconteceu. O general sacou sua espada e ameaçou o povo da praça, mas todos continuaram mudos. Ele ficou indignado. Disseram que seus olhos ficaram da cor do sangue que ele costuma beber quando está com raiva. Então começou a matança. Cada um que não respondia às suas perguntas, Ogum matava. As pessoas se escondiam em suas casas, mas ele arrombava as portas e entrava em cada uma delas. E, se não lhe respondiam, ele cortava em sete pedaços. Podia ser homem, mulher ou criança. Ninguém escapou daquele acesso de fúria. Quando, enfim, o sol se pôs, não havia praticamente ninguém vivo na cidade. Só o cheiro enjoado do sangue apodrecendo. Então, as portas do castelo se abriram e um grupo de conselheiros veio cumprimentar o príncipe. Ele estava imundo, sujo de terra, folhas e coberto de sangue. Esperando reações de pavor, não entendeu os olhares tristes daqueles homens. E, como o haviam cumprimentado com respeito, Ogum resolveu poupar-lhes a vida. Mandou que se aproximassem e foi aí que puderam explicar ao general o porquê do silêncio diante da sua chegada. Ogum ficou envergonhado. Ele tinha se esquecido do Dia do Ewó de sua própria cidade. E, por isso, assassinara praticamente todos que viviam ali. Seu próprio povo. Assustado, ele voltou correndo para o interior da floresta. Disseram-me que suas últimas palavras foram: “Chega! Minha espada já viu sangue demais”. O conselheiro mais jovem correu atrás dele e viu apenas uma lágrima escorrer pelo seu rosto bem no instante em que ele encravou sua arma no chão. E o que aconteceu a seguir eles ainda não conseguem entender. A terra tremeu. Um tremido pequeno, como um rosnado. E de repente o chão foi se abrindo. Um corte que começou longe e foi se estirando até onde estava o general. E quando passou por ele, o corte se separou. Foi um pedaço para cada lado, e um buraco se abriu sob seus pés. Ogum começou a afundar, rápido. Ogum, em vez de saltar, como pediam os conselheiros apavorados, desceu um dos joelhos ao chão e encostou a testa na empunhadura de sua espada. Em instantes, foi engolido pela terra. Nunca mais se viu ou ouviu falar do general. Foi isso que me contaram.

O silêncio que se formou foi tanto que quase deu pra ouvir o canto da boca de Xangô se levantar, o que não passou despercebido pelo grande

babalaô. Orunmilá se transformou. Levantou e gritou como nem mesmo Xangô sabia gritar. Apontou-lhe o dedo como se lançasse um feitiço:

– Você acha que é um herói, não? Só porque fala grosso? Você é um jogador de pedras irresponsável, à procura de fama e poder. Saber destruir árvores e roubar as mulheres dos outros não fazem de ninguém um guerreiro. E se você não entende isso, não deveria estar aqui entre nós. Onde eu estava com a cabeça quando...

Xangô se encolheu. Não pretendia causar tanta revolta. Segurou a mão de Iansã e, baixinho, pediu desculpas ao mestre.

– Desculpe, babá, não queria ofender ninguém.

Orunmilá continuou andando e gritando.

– Não! Você não queria. Só queria as mulheres de Ogum, a glória de Ogum, o lugar de Ogum.

– Não foi de propósito!

– Claro que não. Foi por vaidade mesmo! Se tivéssemos tempo deixava você aqui com seu papai e ia sozinho. Mas não temos esse luxo. Uma piada a mais, uma gracinha, e farei você se arrepender de ter me procurado. Fui claro?

– Não se preocupe, babá.

– E, para sua satisfação, só há uma explicação para a terra engolir um dos seus desse jeito. Ogum, esse homem tosco de quem você zomba, virou orixá enquanto vivo. Você conhecia alguém que havia virado orixá por sua bravura e poder? Não? Agora conhece.

Orunmilá levantou e partiu. Exu lançou seu olhar mais feroz para Xangô e seguiu o mestre, deixando Iansã e Xangô sozinhos. Do lado de fora, um pássaro negro observava cada movimento. Xangô olhou para ele e soltou um de seus gritos: *Rááá!* O pássaro fugiu apressado.

– Melhor ficar sozinho do que ter essa gente louca em minha volta – comentou o velho babalaô para o mensageiro.

Iansã, que vinha um pouco atrás, não conseguiu ouvir o que eles diziam, mas estranhou quando Exu se voltou para o mestre e, sem dizer uma palavra, seguiu em outra direção. Tudo que conseguiu escutar foi o grito arrependido do adivinho:

– Exu! Volte aqui. Eu não estava falando de você!



Em todo lugar Exu tinha a impressão de que havia um pássaro espionando seus movimentos. Mas o mensageiro parecia tão magoado com o mestre que mal se importava. Quando contou que as Iá Mi esperavam Orunmilá naquela noite, logo após o pôr do sol, e que o babalaô podia escolher o local, ele não pareceu se incomodar com o olhar de um par de corvos à espreita.

Mais tarde, na cozinha escura, feita sem janelas para que animais, atraídos pelo cheiro, não viessem roubar a comida de Oraniã, o babalaô mandou chamar Iansã. Pediu que ela preparasse uma buchada de oito carneiros, com muita pimenta de cheiro. Disse que cozinhasse metade, deixasse a outra metade crua depois misturasse as duas. A Exu, ordenou que fosse buscar seus instrumentos, uma galinha de penas crespas, depois partisse para transmitir seu último recado:

– Estaremos naquela casinha quase no alto da montanha, quando escurecer.

– Que desafio é esse, babá? – perguntou Xangô, atraído pela movimentação.

– Desafie as Iá Mi para um duelo. Mande dizer a elas que meu pássaro é mais poderoso que o delas. E que nem todos os pássaros delas juntos conseguiriam matar o meu. Se ganharmos, talvez eu consiga fazê-las desistir e nos dizer onde está, nesta cidade, o odu que ainda falta.

– Você ficou louco também? É de família!

Orunmilá mirou o pequeno guerreiro com severidade, arrancando dele um pedido imediato de desculpas.

– Não queria dizer isso, babá.

– Depois conversamos. Quero vocês todos prontos na hora do encontro. Vamos todos juntos. Xangô, você conseguiu descobrir alguma coisa sobre o odu escondido aqui?

– Não, mestre. Procurei por todos os lados, perguntei para todos que encontrei, mas ninguém soube me dar pista alguma.

– Amanhã então eu peço a Exu que tente descobrir mais alguma coisa.

– Garanto, babá, que se eu não descobri nada, não será ele quem vai descobrir.

– Amanhã explico o que quero fazer.



O casebre do morro não tinha nada de especial, além do fato de estar abandonado. Tinha uma área pequena, cheia de lixo e pedaços caídos do teto; da cobertura, mais alta que cinco homens empoleirados, mais sujeira escorria até o chão. Apenas os insetos e algumas aranhas habitavam o lugar. Iansã deixou seu embrulho do lado de fora e soprou a parede para afastar a poeira mais grossa do lado de dentro da casa e afugentar qualquer pássaro que os espionasse. Os três se sentaram poucos passos atrás de Orunmilá, que tomou seu lugar no centro do único cômodo da casa, bem abaixo do ponto mais alto do telhado em forma de cone. Não havia sinal das Iá Mi Oxorongá.

A única porta era voltada para a ribanceira, a cidade de Oyó e, mais além, o poente. Não era o ponto mais alto da montanha, mas ao certo o que tinha a melhor vista. Dali, puderam observar o final do movimento do sol, caindo do sanmô e mergulhando atrás do ilê. Observaram a luz das estrelas surgindo entre os buracos da cobertura malcuidada enquanto combinavam os detalhes do que fazer naquela noite. Tinham de ser rápidos.

Sentiram enfim um frio estranho percorrer suas colunas, como se um vento gelado tivesse varrido a casa, mas o ar não havia se mexido. A hora estava chegando. Orunmilá, segurando o saco de pano branco, permanecia mudo. Xangô, por sua vez...

– Babá, sobre o que você falou sobre mim e Ogum...

– Agora não, Xangô. – replicou o adivinho.

– Agora sim, babá. O senhor nos dá ordens, nos acusa... e agora que estamos prontos para morrer tenho que ficar calado? Não quero morrer com isso engasgado!

– Xangô! – repreendeu Iansã.

A discussão foi interrompida quando duas senhoras entraram porta adentro. Protegiam-se com um pano coberto de penas escuras e carregavam várias cabacinhas, dessas de levar poções e bruxarias, ao redor do peito. A mais velha era a mesma que encontraram antes, na reunião dos gheledes. Cabelos brancos e escassos, poucos dentes e seios pequenos e murchos. Tinha mais idade que os quatro ali juntos. A outra, apesar de não tão idosa, ainda aparentava o suficiente para ser mãe de qualquer um deles, exceto Orunmilá. Tinha seios fartos e cadeiras frondosas. Entre todos, foi em Xangô que seus olhos pousaram. Cada uma delas carregava, sem qualquer dificuldade, uma grande e ornamentada cabaça.

Sua presença parecia sorver parte do ar, e quase toda luz do lugar. As temidas Iá Mi Oxorongá.

– Vejo que não fugiram, afinal – disse a mais velha, com voz de quem já sabe o fim da história.

– Eu convidei. Aqui estou. – respondeu o adivinho, sem a segurança de sempre.

– Você sabe por que ainda não o matamos, babalaô? Porque quando tivéssemos o destino nas mãos poderíamos precisar de você para ler nossas histórias. – comentou a mais velha das ajés.

Os dois grupos se observaram, as Iá Mi mais à vontade com a situação. A mais nova continuou:

– Depois nos demos conta de que há muitos outros oluôs quase tão bons quanto você, mas que não nos atentam tanto a paciência. Eles devem ser suficientes. Então a pergunta que fica é: como você prefere morrer, então, adivinho?

– Não vou morrer, minha mãe. Aqui, neste saco branco, está o meu pássaro. Ele é tão poderoso que os de vocês não conseguirão matá-lo de jeito algum. Esse é meu desafio.

– Pode escolher qualquer uma de nós e poremos um deles à prova. – elas mal podiam esperar para abrir suas cabaças.

Orunmilá sorriu pela primeira vez naquela noite. Esticou o braço e estendeu dois dedos:

– Podem vir os dois ao mesmo tempo. Só quero combinar uma regra. – disse o babalaô, seguindo uma última olhada do lado de fora para se certificar de que o sol já havia partido.

– O que quiser, babalaô.

– Como vocês têm dois pássaros e eu tenho um, acho melhor que o combate ocorra sem que eles voem, ou então nós todos acabaremos nos machucando aqui dentro desta casa pequena.

– Que assim seja.

Asenhora mais nova olhou para Xangô, que teve um calafrio:

– Você está quase no ponto, menino bonito...

– Minha mãe!? – respondeu o guerreiro.

– Porque não vem conosco, meu filho? Você já está praticamente pronto, pelo que vejo.

Xangô parecia confuso.

– Quer ir? Vá! – gritou, irado, o babalaô.

– Depois que isso acabar eu pego você, seu nanico sem respeito! – gritou Exu, se controlando para não começar uma briga ali mesmo.

– Silêncio, crianças! – zombou a mais jovem das feiticeiras.

E as duas juntas abriram suas cabaças. Dois pássaros da noite saíram de dentro delas. Negros como uma sombra, cobertos de couro e pelos em vez de penas. Garras nos pés e nas articulações da asa. Não tinham bico nem rabo, os monstros. Voaram fazendo barulho em direção ao alto e lá pousaram, pés no teto e cabeça para baixo, os olhos fixos no saco de pano que Orunmilá ainda segurava.

O adivinho sorriu pela segunda vez naquela noite:

– Estão prontas, então?

– Deixe que vejamos o seu pássaro antes que os nossos acabem com ele.

– Só mais uma coisa.

O babalão começava a irritá-las. E era bom que soubesse bem o que estava fazendo – pensavam os três logo atrás – pois não era de bom grado causar a ira de uma eleyé.

– Se eu vencer, vocês devolvem o odu que resta.

– E se nós ganharmos?

– Podem me devorar vivo bem aqui, na frente dos meus.

Exu se sentou sobre os joelhos, antecipando a possibilidade de ter de se levantar correndo para proteger o mestre. Xangô bateu a maior pedra de raio que encontrou na bolsa de couro. Iansã segurou firme o punho de sua espada. Estavam todos prontos para a luta, quando a primeira delas concordou.

Orunmilá olhou para trás, com um ar de confiança. Depois, virou-se para as Iá Mi e abriu de uma só vez o saco de algodão, atirando uma ave branca na direção do teto.

Os sorrisos das velhas bruxas se alargaram ainda mais quando viram a galinha de Orunmilá cortar, desajeitada, o ar. Mas logo se fecharam quando ela pousou no chão, bem no canto da sala, e pôs-se a ciscar alguns pequenos insetos que andavam por perto como se nada de importante estivesse acontecendo.

O rosto das senhoras começou a se contorcer. Uma vez que a galinha de penas crespas não sabia voar, seus pássaros da noite também não poderiam pegá-la de onde estavam, no alto do teto. Uma gargalhada, vinda do outro lado da sala, interrompeu os olhares furiosos na direção de Orunmilá. O adivinho levantou a mão, ordenando que Exu se calasse, e disse:

– Então está decidido. Seus pássaros não conseguiram vencer o meu, agora vocês têm de me entregar o odu que ainda falta.

As duas se entreolharam. Conversaram gesticulando muito e falando baixo. Depois, voltaram-se para o babalaô, mas, antes de falar, abriram novamente as cabaças e seus pássaros voltaram para dentro:

– Nós não perdemos ainda – disse uma delas.

– Havia uma regra que dizia que... – disse a segunda – caso o combate não se realizasse da primeira vez, todos recolheriam seus pássaros e um novo combate se iniciaria – completou, num sorriso malévolo.

– Quem inventou essa regra? – protestou Exu.

– Nós – responderam, sorrindo, as duas de uma vez.

Exu olhou para os companheiros. E, como todos pareciam confusos, ele deu um passo à frente. Orunmilá tentou impedi-lo, mas o mensageiro não quis ver o gesto de seu patrão.

– É, talvez nós tenhamos nos esquecido dessa regra, mas vocês também se esqueceram, certo?

– Não. Nós sempre soubemos dela.

Dessa vez foi Xangô que os interrompeu, com sua voz grave de estremecer o chão:

– Chega! Para que perdermos nosso tempo se sabemos que vocês vencerão? É só vocês, nessa próxima rodada, soltarem seus pássaros no chão e nossa pobre galinha não poderá dar um grito sequer.

– Exatamente.

– Então por que perdermos esse tempo?

– Diga logo aonde quer chegar, meu filho gostoso. Já estou sentindo o cheiro do sangue desse homem entrando pelas minhas narinas...

– É disso mesmo que estou falando. Por que não pegam ele logo e nos deixam em paz?

Xangô se aproximou de sua mãe, a abraçou com uma tentativa desconfortável de carinho e continuou:

– Eu já não aguento mais ficar correndo de um lado para o outro atrás desse velho que não dá valor para ninguém. Por que vocês não o devoram de uma vez? Só não se surpreendam se quando estiver no bucho de vocês ele reclamar do que comeram ontem... – só as feiticeiras riram.

Exu levantou, pronto para protestar, porrete na mão. Orunmilá estendeu o braço sem mesmo olhar em seu rosto:

– Xangô está certo. Fiz a aposta e perdi.

– Mas, babá! – suplicou Iansã.

– Deixe, minha filha. Não se pode derrubar uma casa e deixar o telhado de pé. Terei o destino que eu mesmo escolhi. – e olhando para as ajés, pediu com respeito: – Poupem esses meninos, porém?

As feiticeiras concordaram. E aquilo foi como um sinal. Orunmilá correu porta afora. Xangô, acenando para sua mãe, o seguiu, pedra de raio em punho. Iansã saltou sobre ele e tentou agarrá-lo pelo braço, mas Xangô foi mais ágil, e lançou a guerreira vários metros para frente, deixando-a desacordada no chão. Na confusão, Exu saltou sobre as feiticeiras como uma hiena raivosa, pronto para parti-las em pedaços com os próprios dentes. Mas elas ergueram as mãos e um feitiço segurou Exu no ar. Preso, se debatendo no nada. Exu não era forte o suficiente para o poder das Iá Mi Oxorongá, duas juntas, pelo menos. Uma delas talvez não conseguisse dar conta sozinha.

De fora, ouviu-se uma explosão. E um grito tão apavorado que partiu as árvores ao redor.

Xangô havia jogado uma pedra de raio tão forte que abriu um buraco no chão. Iansã, ainda desnordeada no chão, parecia congelada, com a mão sobre a boca, em absoluto choque.

– Desgraçado! Eu vou matar você! – gritava e chorava e esperneava o leal Exu, preso no ar.

Xangô voltou para dentro, e amarrou ele mesmo o mensageiro para que as Iá Mi pudessem ver o que havia feito.

– Desculpe, companheiro. Nós já havíamos perdido essa desde que chegamos a Oyó.

– Perdemos quando trouxemos você, seu...

– Chega! – gritou a feiticeira mais velha, impondo novamente o silêncio.

Ela cruzou a porta da pequena casa. Do lado de fora, Iansã soluçava, sem voz nem vento, como ninguém jamais a havia visto. O grande buraco no chão ainda fumegava. Pedacos queimados de carne espalhados por todo lado.

– Ah... como é digna a vida quando se tem bons ebós... – se gabou a velha feiticeira, enquanto ninguém mais ousava sequer respirar.

Num movimento brusco, a feiticeira se cobriu com os próprios braços e se transformou numa gigantesca coruja. A ave de asas negras e olhos amarelos saltou e, num pequeno voo, pousou, mais uma vez em sua

forma humana, no fundo do buraco. Agachou-se com dificuldade e enfiou a mão num amontoado de pedaços de órgãos e sangue. Os restos queimados de Orunmilá, ainda fumegando pela pedra de raio e Xangô, escorriam por entre seus dedos. Ela se divertia com isso.

– Venha logo, minha irmã! – gritou, chamando a feiticeira mais nova, que apareceu na borda da cratera em seguida – Venha que isso aqui está cheirando muito bem.

– Vá você na frente, minha mãe. Eu como quando a senhora estiver satisfeita.

A velha ajé então estendeu a língua e lambeu com gosto os pedaços de carne que lhe escorriam pelos dedos, palma e pulso. E foi para o chão, à procura de mais. Comeu uma mão inteira. Depois mais uma... quando começou a se sentir estranha. Levou as mãos ao pescoço e começou a respirar com barulho.

– É verdade que vocês não podem comer bucho, minha mãe? – perguntou Iansã, de pé, empunhando sua espada e carregada por um redemoinho de vento. Já não chorava mais.

A feiticeira olhou para cima. Xangô, Iansã, Exu e... Orunmilá haviam lhe enganado. Das brigas dos últimos dias, ao aparente plano de enganá-las com o truque das galinhas... tudo aquilo eram apenas distrações para o verdadeiro objetivo: fazer com que elas comessem a única coisa que uma ajé não pode comer: bucho de bicho. Com os olhos arregalados e se contorcendo e tossindo, acusando toda dor que Orunmilá esperava, ela se voltou para Iansã e disse:

– Verdade, minha filha. Mas esse aqui está tão bom que eu vou levar para comer mais um pouquinho em casa. E sorriu seu sorriso sem dentes, contorceu-se mais uma vez em cólicas, e transformou-se novamente em coruja. Voou assim que conseguiu, levando um bom pedaço de buchada no bico, e outro tanto nas garras.

Orunmilá olhou para a feiticeira mais nova.

– Nosso plano era que você comesse também. Mas, já que você não nos deu essa honra, teremos que ser mais *energéticos* nas nossas conversas.

Iansã de um lado e Exu de outro, saltaram sobre a ajé. Sem demonstrar nenhuma emoção, ela se transformou num bando de corvos negros, uma massa disforme e barulhenta, mas impossível de se atingir. A guerreira e o mensageiro atravessaram o bando como quem passa por uma parede d'água.

Em sua quase formação, os corvos voaram para fora da colina, longe o suficiente para não serem alcançados pelas mãos dos guerreiros de Orunmilá, mas ainda a uma distância que pudessem ser ouvidos. Num uníssono, gargalhavam:

– Vocês acham mesmo que um plano mequetrefe desses vai nos segurar?

Balançaram suas asas todos juntos e uma tromba d'água que brotou da terra jogou longe Orunmilá, Exu e Iansã. Sozinha diante de seu filho, a feiticeira, naquela nuvem de pássaros então perguntou:

– E você, Xangô. Falta tão pouco... Por que não vem comigo? Esses aí só não querem que as mulheres tenham poder, nada de grandioso como eles dizem...

Xangô olhou para ela, dessa vez sem dissimulação, e atirou de uma vez, e com toda força, todas as pedras de raio que tinha em sua bolsa. No meio do arremesso, ouviu três vozes às suas costas gritando um longo e desesperado “nãããã!” – mas já era tarde. As pedras saíram de suas mãos como flechas, e novamente os pássaros se desviaram sem nenhum arranhão.

– Bom, agora você está pronto – disse a feiticeira, num tom de profecia, e voou na direção das estrelas.

Iansã, Exu e logo atrás Orunmilá chegaram a onde estava Xangô a tempo de ouvir as pedras de raio caindo na base da montanha. Acercaram-se da encosta e viram a fumaça subir. Ouviram os gritos e o choro longínquo. Uma gigantesca labareda lambia toda a extensão da cidade de Oyó. Começando pelo palácio. Um fogo tão largo e intenso que nada dali poderia ter sobrevivido.

Xangô não disse uma só palavra. Olhou para as mãos, ainda sujas com o pó amarelo das pedras que o irmão havia lhe dado. Olhou de novo para o fogo e para os companheiros e sequer tentou controlar as lágrimas que corriam.

Iansã apertou seu braço. Ninguém disse nada.

À luz crepitante de Oyó, a sombra trêmula de Xangô entrou solitário na pequena casa da colina. Sumiu no seu interior por um instante e logo surgiu de volta, com seu machado apoiado no ombro. Parou sob a porta e tentou dizer algo com os olhos. Algo triste, que só Iansã compreendeu.

Ela caminhou até ele e o abraçou. Aquela era sua resposta. Como se não houvesse mais ninguém ali, ele a beijou na testa e juntos saíram sem se despedir. Estavam juntos para sempre.

Marido e mulher andaram depois correram de mãos dadas na direção do topo. Exu ameaçou segui-los, mas foi interrompido pelo mestre. Lá de onde estavam, o mensageiro e o adivinho viram o casal subir a encosta até o cume do morro. Xangô se aproximou primeiro do despenhadeiro. Sozinho, levantou seu machado com violência e gritou:

– Rááááá!

Como se atraísse o espírito das nuvens, o céu se fechou sobre suas cabeças. Raios e trovões se juntaram ao espetáculo triste, deixando ver, de tempos em tempos junto aos clarões, a silhueta de remorso no casal abraçado. Por fim, mais alto do que qualquer trovão que os céus pudessem gritar, o brado de Xangô soou novamente por todo o lugar:

– Perdããããão!

O eco repetiu a lamúria por mais trezentas e uma vezes, e a chuva desabou forte, como se chorasse por eles. Entre um relâmpago e outro, Exu ainda viu o amigo bater o pé com tanta força que o chão chegou a tremer. Um buraco se abriu bem abaixo de onde choravam e, no lampejo seguinte, nem Xangô nem Iansã estavam mais lá.

– Agora somos nós dois, Exu – falou Orunmilá, pela última vez naquela noite.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (31): Minha história

Caro Laroiê,

Acho que compreendi o que preciso fazer para o processo de iniciação, e espero que você entenda que a descrição de como eu preciso preparar meu quarto para a chegada da sua emissária é tão semelhante a como deixaram meu quarto quando me drogaram. Isso não é algo pelo qual eu queira passar novamente, você entende? Vamos marcar o dia e eu farei todo o resto. Mas não esqueça que essa iniciação deve vir com a promessa de me reconectar com a Duda e especialmente proteger a mim e a ela da loucura de Pilar e sua gente. E quando eu explicar o que aconteceu depois que abri aquela caixa, que carregava um mariô, você vai me dar razão em querer tanto fugir dessa seita. Então vamos lá:

Depois que recebi a caixa com o mariô, corri para a cama e, sem ritual ou preparação, acordei diante do lago do Orum. Ifá estava lá, no mesmo lugar de sempre, no centro dos dezesseis bancos de pedra, onde um dos odus substitutos aguardava solitário que a cerimônia se iniciasse. Embora não fosse aquele meu corpo de carne e osso, eu continuava com dor, enjoo, ressaca. Para piorar, tão logo me sentei, as águas do lago se agitaram como o alto-mar. Ondas e mais ondas quebravam nas pedras da margem e em seguida explodiam geladas no meu peito. Lembrei de Pilar jogando o copo d'água no meu corpo e avisando que isso aconteceria. O que aquela mulher estava fazendo comigo?

Meu único companheiro não parecia muito feliz com a agitação que eu havia causado. Ifá, menos ainda. Seu amigo sabe ser bravo quando quer. Antes que pudesse perguntar o que havia acontecido aos outros ou que pedisse satisfação sobre tudo o que vinha me acontecendo, o príncipe de coroa turquesa encheu o peito e lançou seu sermão com uma voz assustadora.

Ele me disse que minha ausência havia comprometido toda a missão. Sem a presença de todos os odus substitutos não havia axé suficiente para enviar as respostas a Orunmilá. E, embora o babalô e seus guerreiros tivessem conseguindo resgatar alguns dos príncipes sequestrados (o que explicava tantos lugares vazios), esse resgate estava demorando muito mais do que deveria. Se eles não corresse, o que dependia fundamentalmente de mim e do outro homem ali sentado, todo o esforço estaria perdido.

O tempo estava acabando.

“Vocês não podem fazer isso que estão fazendo comigo. Não podem me obrigar...”, pensei, e repito: apenas pensei, não disse nada.

Um estrondo me interrompeu: “Cale-se, sua criança estúpida! Se não consegue ver além da neblina, fique parado!”. Sempre odiei provérbios e frases feitas. Naquela noite, tudo de repente me irritava. Ele continuou gritando: “Você acha que é importante, não acha? Acha que todos nós dependemos de você? Pois entenda que você é que precisa de nós. Sem nossa ajuda, as consequências do que você fez seriam muito piores. Abra os olhos, rato ignorante”.

Queria sair dali imediatamente, mas temia o poder daquele homem enorme. Fiquei. Torcia para que as imagens que se formariam me libertassem dos deveres daquele lugar, mas você sabe bem o que aconteceu. Quando vi o sorriso aliviado do meu companheiro, entendi que eles ainda exigiriam minha presença pelo menos mais uma vez. Ifá se dirigiu a mim de novo, dessa vez um pouco mais calmo, como se de repente visse algo que ninguém, nem ele mesmo, havia reparado até então. “Você não é muito inteligente. Nem tem um espírito sincero, mas tem sua função e não cabe a mim questionar sua presença. Se Ajálá moldou sua cabeça assim, devia saber o que está fazendo. E, considerando quem você está substituindo, seu comportamento é até compreensível.” A campainha tocou. Isso, na porta de casa. Eu conseguia ouvi-la de dentro do meu sonho, bem longe do lago de Ifá. Senti como se uma corda me puxasse pela nuca. Acordei. Fui ver o que era.

Era Yara. Não sabia ao certo como reagir. Não tinha certeza do que lembrava. Se eu havia mesmo sido abusado por toda aquela mulherada, se ela havia me drogado, se Pilar havia mesmo estado ali... Achei melhor perguntar direto.

“Cada um lembra da sua experiência do seu próprio jeito. O que quer que tenham sido seus demônios, conte como se fossem reais.”

Acontece que não era tão simples assim. Como eu poderia confiar nela, ou Pilar ou AA ou qualquer outro se tinha impressão que todos eles haviam feito algo tão horrível comigo?

“Vamos falar com Pilar.”— disse Yara — “Ela lhe explica melhor.”

Chegamos em poucos minutos. O cheiro de incenso e samambaia me dando calafrios. Uma música chinesa tocava ao fundo. Será que eu havia ouvido antes e inserido na minha alucinação? Ou ela fazia aquilo para me provocar? Mas isso não era nada. Chegando na sala de estar, encontramos Pilar conversando com Michelli, a ex-mulher do Carlos e... a mesma menina de 7 ou 8 anos que eu

lembrava de ter visto nos dias anteriores. As três se levantaram ao me ver, Pilar caminhou em minha direção:

“Newton, que surpresa boa!”

“O que elas estão fazendo aqui?”

“Michelli e Yasmin? Vieram aqui para acompanhar o Carlos, marido da Michelli, pai da Yasmin... não é uma graça essa menina?”

Disse isso e, do fundo da poltrona de costas para mim, o próprio Carlos se levantou. Apoiava no espaldar, mancando com a perna que eu havia quebrado.

Tentei dar meia-volta. Yara segurou meu braço. Ela já não tinha o sorriso amistoso de sempre. Me olhava com a mesma intensidade que os demais.

“Melhor você sentar.”

Obedeci. Ainda estava fraco demais para resistir.

“Nós precisamos de você.” – disse Pilar.

“Para quê? Quem sou eu pra influenciar essas coisas que vocês fazem?”

“Você foi escolhido por Ifá, e nós precisávamos de alguém nosso lá dentro. Você parecia ser a pessoa certa.”

“Por quê?”

“Você tem suas próprias ambições, joga para si mesmo. Não é?”

Pilar tinha uma certa razão. Mas o que isso tinha a ver com o Carlos, e a Michelli e a menina estarem ali? Eles não haviam deixado o grupo?

“Eles? De jeito nenhum! O Carlos sempre foi Nível 3, eu confio tanto nele que coloquei pra te seguir desde a época que descobri quem você era.”

“Desde quando!?”

“Casa Branca, faculdade... daquela época” – disse ele, com um sorriso.

Carlos já não tinha aquela cara de bobalhão de antes. Parecia seguro, corajoso. Me enfrentava com o olhar como nunca havia feito. Ele era uma pessoa completamente diferente da que eu havia conhecido. Pilar continuou:

“E a Michelli? Ela é Nível 4, o que significa que a Yasmin, por ser filha dela, também é. E a Yara também. Como você pode ver...”

A campainha tocou. Michelli mandou Yasmin ir brincar num dos quartos. Yara tomou a palavra.

“Nós temos acompanhado você ao longo de todos esses anos, New. Tudo para que você pudesse fazer o que vai precisar fazer amanhã.”

“Chega dessa merda!” – falei e levantei novamente. “Pode deixar que não vou mais pra Orum nem pra caralho nenhum. Mas me esqueçam também!”

AA entrou sala adentro. Deu um beijo em Pilar, Yara, Michelli. Acenou para Carlos. Finalmente se dirigiu a mim.

“Desculpe pelo uísque, New. A Yara me disse que você era forte com essas coisas, eu devo ter exagerado na dose.”

“Você há de convir, New, que tivemos um baita trabalho para chegar até aqui. Desde fazer o Carlos envenenar os iogurtes...”, emendou Pilar.

“O quê?”

“Você ainda não tinha entendido? Caralho, Newton, Delgado, Delegado... ou você achou que era fácil demais pra ser verdade?” – colocou Carlos e logo soltou uma gargalhada.

“Eu mandei ele fazer aquilo tudo e te mandar as pistas.”

“Depois te transformamos em herói.” – adicionou o AA.

“Quer dizer que o Carlos não estava possuído?”

Todos gargalharam. Yara olhou para mim, endureceu o corpo como se estivesse ela possuída e fez o mesmo sinal de boquete que Carlos havia feito para mim quando o peguei envenenando os iogurtes.

“Isso é uma brincadeira que fazemos para botar medo no pessoal do Nível 1 e 2. Eu achava que você teria entendido isso a essa altura” – disse o AA meio incrédulo.

“Brincadeira? E o Bob Thompson? O menino na Casa Branca que quebrou a própria mão?”

“Todos muito bons servos, que entendem sua própria responsabilidade. O rapaz que quebrou a mão, aliás, está preso por ter envenenado os iogurtes. Ele na verdade frequentava o Nível 2, e um dia quebrou a mão jogando bola. Mandamos ele aparecer no Nível 1 e contar a história da martelada e a lenda se consolidou.”

Era de lá que eu o conhecia! Eu havia tido essa impressão quando o vi no jornal, mas não consegui conectar os pontos.

Pilar tinha um exército internacional. Gente que a seguia cegamente, espalhados por todo o mundo. Empresários, políticos, peões... Todos dispostos a seguir qualquer tipo de ordem. E ela não parecia poupar ordens para solidificar seu poder e fazer o que precisava para atrapalhar os orixás.

“O difícil foi tirar aquela Maria Eduarda da jogada. Mas você ajudou bastante quando fez com que ela perdesse o emprego. Aí a Yara conseguiu arrumar algo para ela, bem longe...”

“Não, Pilar, essa foi seu mérito mesmo, parabéns.” – disse Yara.

(Um dia lhe falei das vergonhas tão profundas que definem um

homem. Essa é uma das minhas. Ter me deixado afastar da Duda por duas vezes consecutivas. E agora ter que conviver com essa ideia de ela ter descoberto e virar apenas “uma memória”, como ela escreveu no seu bilhete de despedida. Mas essa não é a pior das confissões...).

“Mas vamos voltar ao que importa. Você ainda tem mais um trabalho a fazer.”

“E por que eu faria se você não é a bruxa que sempre me meteu medo?”

Pilar pareceu tomar aquilo como um elogio.

“Porque você gosta do poder que a gente te dá. Do seu carro. Seus investimentos. Do seu status de ser um dos melhores jornalistas do Brasil... você vai ganhar um monte de prêmios esse ano, meu jovem. Você sabe disso, não sabe?” – se apressou o AA.

Carlos tirou de um envelope uma série de fotos e colocou sobre a mesa. “E, se isso não funcionar...” As fotos eram minhas, na frente da casa do Fred, uma delas caminhando bem ao lado do corpo, andando apressado e nervoso, como se fugisse.

“Como você tirou essas fotos?”

“Eu? Não fui eu quem tirou. Paguei um menino pra fazer isso pra mim. Ele está tremendo até agora... Eu estava ocupado lá em cima com a Ângela e o Fred.”

“Foi você?”

Carlos tirou mais uma foto do envelope. Tirada da câmera de segurança do *Jornal*. Eu e a Ângela transando na copa.

“Estamos falando de coisas muito importantes aqui, New. Eles morreram por uma boa causa. A Ângela inclusive era gente nossa e se ofereceu para fazer o sacrifício.” E logo o AA completou:

“Os irmãos mais novos dela não vão precisar se preocupar com mais nada na vida.”

“Aliás, falando em se preocupar, essa aqui é a faca com que eu, quer dizer... você matou o Fred. Você tá meio fodido, meu amigo...” – e jogou um ziploc sobre a mesa com a mesma faca que eu havia usado para cortar o pescoço da pomba. Todas as minhas digitais estavam lá!

E, para piorar o AA esclareceu:

“Você acha que o Fred conseguiu acesso a sua conta de investimentos como? Eu pedi ao pessoal de tecnologia para levantar essa bola com ele, e mostrar os registros, até gravar a sua tela enquanto você trabalhava. Coisa fácil

pra esses meninos que gostam de se achar hackers.”

Com aquilo, entre ciúmes e a tentativa de calar o diretor que jogaria minha carreira no lixo, eu tinha vários motivos aparentes para querer matar o Fred. Meu estômago embrulhou. Vomitei ali mesmo, parte por nervosismo, parte por causa da ressaca das drogas que me deram. Eles me levaram para um segundo ambiente, enquanto Michelli foi até a cozinha, pegou um pano e, calada, limpou minha sujeira. Por algum motivo, acho que ela era a única ali que não estava se divertindo com a situação. Já a Yara:

“Mas calma. Isso tudo é só um seguro. Sei que você é esperto e não vai querer jogar fora tudo que conquistou até agora.”

“Olhe em volta, Newton. Se há uma coisa que você há de convir é que, quem está comigo, sempre progride. E não se preocupe que não vou pedir para você fazer nada violento. O Carlos é meu homem para trabalhos mais... intensos.”

Carlos levantou a camisa e me deixou ver uma pistola que levava à cintura.

“O que você quer que eu faça?”

“Na próxima vez que você for chamado, cumpra todos os rituais, faça tudo que eles mandarem.”

“Não entendi, Pilar. O que vocês queriam não era que eu não fosse, para atrapalhar o que aquela gente estava tentando fazer?”

“Isso era só uma distração. Um ganha tempo. Para eles acharem que iam conseguir, e, na última hora, estragarem tudo por pura displicência.”

“Então eu vou lá e faço o que deveria fazer?”

“Isso. E depois disso, eu prometo que você, assim como todos meus discípulos do Nível 3, terá uma vida bastante próspera.”

“Você merece.”

Disse Yara antes de me fazer um carinho no cabelo, e eu empurrar sua mão.

“Vocês são todos uns sociopatas! E o que vocês fizeram comigo esses dias? Que merda foi aquela?”

“Uma lavagem, New. Estávamos tirando de você essas influências ruins que te jogaram. Quer um chá?” – falou Yara querendo ser entendida.

Claro que disse que não. Não tomaria nada vindo das mãos de nenhum deles. Levantei novamente. Yara segurou meu braço e Carlos tentou se levantar. Michelli se colocou no meio do caminho até a porta. Mas Pilar fez um sinal e ordenou que eles me deixassem ir.

Chamei o elevador, mas não aguentei esperar. Entrei pela a escada de incêndio e desci correndo. Saindo do prédio, chamei um táxi e fui de volta para casa. No caminho, repassei mentalmente o que havia ouvido.

Carlos sempre foi Nível 3, e se aproximou de mim para colher informação. Ele era o sujeito que fazia o trabalho sujo de Pilar, inclusive matar quem ela quisesse, sem deixar muitas pistas. Ele parecia ser bom nisso, o que era assustador visto que ele sempre me pareceu um nerd sem bagos. Yara era a sedutora de plantão, e a bruxa das drogas modernas; enquanto o AA foi escolhido porque poderia me oferecer a carreira e oportunidades como jornalista que eu sempre sonhei. O episódio dos iogurtes, no entanto, esse eles não poderiam me tirar todo o mérito. Porque o Carlos mesmo só me deu o que eu conseguiria de qualquer forma, e o resto eu resolvi, na astúcia, na minha maneira de entrevistar, de achar informação. Esse mérito eles não iriam tirar de mim. Eu sou um belo jornalista. Sei planejar, executar, sei me posicionar para conseguir o que preciso em cada etapa da reportagem... Se bem que, depois de hoje, percebi que não sou nada em comparação com Pilar. Que habilidade de pensar adiante, se aliar aos poderosos e ainda fazê-los comer na sua mão! A estratégia de manter os Níveis separados para que a base tenha medo e o topo se sinta prestigiado por meter medo?! E a lenda de que ela conseguia possuir outros corpos? Até eu, que não queria acreditar, caí nessa! E agora esse compromisso em fazer com que todos fiquem tão ricos que ninguém tenha coragem de abrir mão de ganhar mais... Um plano de gênio, tenho que admitir. Executado com perfeição.

Eu podia contar que a última etapa fosse impecável como as anteriores. Não me surpreendi, portanto, quando cheguei à porta da minha casa e encontrei um maço de mariô pendurado.

Ifá me recebeu com um carinho incomum, como se previsse que eu poderia perder o controle e colocar tudo a perder. Não me recriminou nem me acusou de nada. Apenas explicou que eu substituíra o último odu, o príncipe responsável pelas histórias de traição.

Tudo havia sido preparado para aquele momento especial. Eu não deveria me preocupar com nada, apenas deixar que meu coração fizesse a escolha correta, seja lá o que eu achasse que “correto” significasse. E, quando o velho adivinho jogou seus búzios nas imagens do lago, eu me concentrei para sentir alguma coisa.

E senti. Sabia o que eu queria que os búzios dissessem. E também sabia, de alguma forma inexplicável, que minha mensagem havia sido transmitida invertida, que Orunmilá havia recebido exatamente o contrário do que eu

gostaria de ter dito.

O lago então se apagou. Antes que eu pudesse ver o que aconteceu. “Nããão!”, eu gritei. Entrei no lago como se isso o reacendesse, sem resultado. Ifá abanou a cabeça em uma triste e resignada reprovação:

“Você deixou que elas adulterassem seu axé? Vá para casa, rapaz. Espero que consiga dormir com o que fez. Quando o mundo começar a se despedaçar ao seu redor, sinta-se orgulhoso.”

Ifá estendeu o braço em minha direção, como se lançasse um feitiço mortal. E eu acordei.

Nunca mais voltei ao Orum, nem soube de mais nada do que aconteceu. As consequências, o impacto no mundo. Aquelas bruxas conseguiram mesmo ficar com o destino para elas? Isso afeta apenas o mundo que eu vi no lago ou nosso mundo também? E Pilar, ficaria mais poderosa por causa disso? Eu devo esperar algum castigo? Ela nunca mais me procurou.

E, assim, chegamos ao fim da minha história. Da minha parte do trato. Então, pelo amor de seja lá do que for que você acredita, me conte o que aconteceu depois. E me ajude a fugir da sombra de Pilar. Eu pensei bastante no que você me propôs e estou pronto para fazer minha cabeça. Me avise o dia e o horário, e eu estarei pronto.

Axé,
New

São Paulo, 28 de agosto de 2001.

A sombra de Exu encostado na porta retardou o encontro da luz do sol com o rosto cansado de Orunmilá. Quando o primeiro raio conseguiu, enfim, alcançar seus olhos, o adivinho os abriu, sem vontade alguma. Deitado no chão empoeirado da casa da colina, sentiu o cheiro de lama, cinzas e o resto de sangue de carneiro que a chuva não havia lavado. O incêndio de Oyó não havia sido apenas um sonho ruim. O último odu estava morto. Sua missão estava encerrada.

Levantou a cabeça, apoiada na única bagagem que escapou do fogo: a bolsa de instrumentos que sempre carregava nas costas. Um embrulho meramente sentimental.

“Mesmo que tivessem escapado”, pensou, “não seria possível resgatá-los”.

Não tinham mais tempo para formar um novo grupo. Um velho babalaô, cansado e com os instrumentos mudos, junto com um mensageiro forte porém inexperiente em batalhas, jamais seriam suficientes para fazer frente às armadilhas e ataques dos exércitos encantados pelas Iá Mi Oxorongá.

Seu único alento era que Oxóssi, Ogum, Iansã e Xangô agora descansavam no Orum na gloriosa condição de orixás. Uma conclusão maravilhosa em qualquer outra circunstância. Com a vitória das Iá Mi, no entanto, até mesmo os orixás teriam problemas. O babalaô se esticou, e deixou um bocejo demorado escapar – ao menos a preguiça agora vinha sem culpa.

O movimento chamou a atenção do mensageiro, que aguardava da porta o despertar do mestre. Com delicadeza, se aproximou e pôs a mão pesada sobre o ombro de Orunmilá.

– Fracasso, meu amigo. – disse o babalaô – Nosso primeiro fracasso. Justamente quando tudo dependia de nós.

Devagar, Exu estendeu o braço, numa infração consciente. A bolsa de instrumentos. Orunmilá jamais permitiu que alguém os tocasse. Não

importava mais. Orunmilá divertiu-se, melancólico, observando seu mensageiro repetir, por pura observação, os movimentos que ele mesmo fizera à sua frente, tantas e tantas vezes. Espalhou o pó branco pela tábua redonda; tocou a testa e em seguida o alto da tábua, onde um rosto entalhado sorria, desavisado, na sua direção. O mensageiro sempre achou que aquele desenho se parecia com ele mesmo, talvez pelo fato de estar sempre rindo de tudo. Naquele dia era diferente, contudo, o desenho era o único que se atrevia a sorrir.

Exu tomou os búzios nas mãos em concha e repetiu as palavras que Orunmilá sempre dizia antes de lançá-los. O babalaô aprovava cada gesto do aprendiz, às vezes, corrigindo uma pronúncia, outras acertando uma postura; como se o ritual tivesse mérito. Mas não quis ficar para ver o fim. Não precisava de mais dor.

Os búzios caíram, um depois do outro, como fizeram durante tantos anos, sempre que Orunmilá se propunha a ajudar os mais necessitados. Só que dessa vez pelas mãos do mensageiro. O aplicado aprendiz, então, tomou-os de volta nas mãos e lançou-os mais uma vez como se tudo estivesse perfeitamente normal. Ao final da segunda jogada, um grito assustado veio de dentro da casa:

– Babá! Tem algo errado aqui!

– Claro que tem, Exu. – a ingenuidade do mensageiro ainda lhe acalentava.

– Não, meu pai. O errado é que está certo! Venha ver!

Mas Orunmilá não queria mais olhar para a tábua, os búzios... todos símbolos do seu fracasso. Sabia que a brincadeira de Exu não era por mal. Queria até animá-lo um pouco, mas já estava velho demais para esse tipo de jogo. Exu insistiu:

– Mestre, aqui está dizendo que tudo parece ruim, mas não há nada decidido...

– Deixe de bobagem, Exu. Você nem sabe interpretar os búzios.

– Venha aqui então e jogue o senhor mesmo!

Orunmilá arrastou os pés até o interior da casa. Não tinha ânimo para a brincadeira de Exu, mas também não tinha nada mais importante para fazer. Lá dentro, no entanto, havia uma certa intriga: aquela resposta soava mesmo como um caminho do príncipe Oxé odu que eles não haviam conseguido resgatar.

O adivinho tomou novamente os cauris e lançou-os com uma certa

displícência.

Estava tudo lá. Como se seus instrumentos pudessem falar. Mas não podiam. Ou podiam? Não fazia sentido. Orunmilá colheu os búzios e lançou a segunda jogada. Não acreditou no que seus olhos lhe mostravam. O mesmo jogo que Exu enunciara há pouco. Entreolharam-se numa mistura de espanto, confusão e euforia.

– Eles voltaram, babá! Eles voltaram!

O adivinho e o babalaô levantaram-se e, gritando de alegria, abraçaram-se. Dançaram como se houvesse música. Não sabiam direito o que estavam comemorando, mas sabiam que algo inesperado, e bom, havia acontecido.

Quando a surpresa assentou, Orunmilá deu instruções para Exu levar as oferendas daquele jogo até o Orum e sentou-se mais uma vez diante da sua velha tábua, encantado com a magia e sabedoria de seus orixás.

– Não sei ainda o que aconteceu, Exu, mas só posso acreditar que o último príncipe não morreu no incêndio. Talvez tenha sido um truque das Iá Mi? De qualquer forma, ainda temos muito trabalho a fazer.

– E pouco tempo, babá.

Mais uma vez, Orunmilá arrumou o traçado sobre o efun e lançou os búzios da costa no centro da tábua de jogo. Murmurava algumas perguntas incompreensíveis antes de cada jogada e seu rosto se iluminava um pouco mais a cada resposta. Subitamente, levantou-se mais uma vez e falou:

– Ilorin!

Exu não entendeu, mas não precisou perguntar. Orunmilá explicou em detalhes as jogadas e as respostas que recebera, como se Exu, por causa da demonstração que deu diante da tábua, fosse agora um adivinho como ele. Falou sobre voltar ao princípio, sobre o caminho de dissimulação e coragem. Mencionou ainda algo sobre riscos, desavenças, reconciliações. Exu ainda tinha muito a aprender. De tudo, o mensageiro entendeu do que precisava: depois de levar o ebó ao Orum, deveriam se encontrar novamente na cidade de Odoguiá, onde estavam quando os búzios começaram a falhar. Era o suficiente.



Dois dias de caminhada se passaram antes que Orunmilá cruzasse

os portões de Ilorin. De longe, viu seu amigo babalaô se levantar do pequeno banco junto à porta, como se estivesse exatamente à sua espera. Uma impressão precisa que Orunmilá veio a confirmar assim que se aproximaram o suficiente para ouvir as vozes um do outro:

– Meu amigo Orunmilá, estava ansioso pela sua chegada.

O velho babalaô não estranhou a recepção. Se ele havia sido orientado pelos búzios a ir até lá, Odoguiá também deveria estar esperando sua visita. Não perguntaram mais nada. Nem como um foi parar lá nem como o outro soubera de sua chegada. Não importava nada daquilo para gente como eles. O adivinho de Ilorin foi direto ao ponto:

– O rei está com um problema grave. E sei que você poderá me ajudar a resolver.

– Também preciso da sua ajuda.

Orunmilá colocou o amigo a par da situação. Contou sobre os resgates, as vitórias e as derrotas. Conferiram, juntos, as datas de silêncio e as atividades de seus instrumentos e, enfim, chegaram ao último odu que restava.

– Infelizmente não tenho ideia das razões do Orum ao mandá-lo até aqui – disse o dono da casa –, mas, se foi isso que desejaram nossos orixás, que assim o seja.

Ele não estava mentindo. Não tinha ouvido nada a respeito do sumiço dos dezesesseis odus desde o dia em que se despediram no portão de Ilorin. Por outro lado, o desafio que o rei lhe havia imposto não era de todo desconhecido para Orunmilá. Sendo assim, preferiram desviar o caminho e partiram direto para o palácio real.

Muito tempo atrás, contou Odoguiá, uma maldição horrível foi jogada sobre o rei. Das mais cruéis que alguém poderia receber: seu próximo filho seria um abiku, um espírito de criança predestinado a morrer ainda bebê, quantas vezes tentasse nascer de novo. O espírito abiku, como eram chamados pelos iorubás, é um caso difícil de consertar. Somente com a ajuda de forças muito poderosas é possível prender uma dessas crianças ao Aîê. Depois que essa maldição foi rogada ao rei de Ilorin, a barriga de qualquer uma de suas quatro esposas gerava crianças saudáveis, que faleciam antes de completarem o primeiro ano.

Eles passaram anos sem arriscar ter filho. Até que aconteceu, sem querer. Um dia, não tomaram os cuidados que lhes foram ensinados e pronto, uma delas engravidou. Várias semanas depois, as outras três esposas

também acusaram o sumiço de suas regras. Tudo aquilo junto chegou a parecer uma bênção. Talvez, de todas aquelas crianças, alguma sobrevivesse. E eles começaram a ter esperanças novamente.

– Pouco tempo depois de vocês deixaram a cidade, no entanto – contou o adivinho –, a segunda mulher do rei de Ilorin pariu uma criança linda. A pele negra, olhos amendoados, nariz largo... e uma voz poderosa de quem se tornaria um grande guerreiro.

Ao comando de Odoguiá, o rei fizera as oferendas indicadas para evitar que a criança tivesse o mesmo fim dos outros filhos mas, com os búzios calados, ele não pôde ter certeza de sua receita. Dias depois, a criança adoeceu. O rei ficou apavorado. Foi quando uma viajante que viera até a cidade vendendo algumas poções mágicas ouviu falar na história e orientou o monarca a fazer novas oferendas, desta vez para as Iá Mi Oxorongá.

– Eu fui contra – ressaltou Odoguiá –, mas ele não me ouviu.

O castelo já estava próximo, e a dupla diminuiu o passo para que pudesse terminar a história antes de chegar ao portão. O adivinho de Ilorin contou sobre a estranha visita das velhas senhoras e sobre a ameaça que haviam feito:

– Seu filho continuará doente até que nós decidamos se ele não deve morrer. Ou se deve. Até lá, você deverá cuidar de um assunto para nós – repetiu Odoguiá, imitando a voz estridente de uma das Iá Mi. – Nesse momento – ele contou – o grande salão foi esvaziado e somente o rei soube o que elas pretendiam. Ninguém mais. A criança, no entanto, piorou sensivelmente desde a noite anterior, e ele mandou chamar o adivinho local.

– Mas eu não sei o que fazer – disse Odoguiá.

As coisas começavam a fazer sentido para Orunmilá. A história sobre os dois odus escondidos em Oyó era apenas uma mentira para despistá-los. Por isso ninguém lá sabia dizer nada a respeito. Pode ser que tivessem enganado o pobre homem que lhes deu a informação. Talvez tivesse sido ele quem os enganou. De qualquer forma, isso não era importante naquele momento.

Odoguiá pediu licença para entrar, e os guardas abriram o portão sem causar dificuldade. Assim que entraram no mesmo salão no qual tiveram, há vários dias, a única audiência com o rei, a porta se fechou às suas costas. Ninguém os anunciou. No entanto, como se os estivesse esperando, uma terceira pessoa cruzou a entrada do corredor, carregando

uma criança no colo. Um homem magro. Não era alto nem se vestia com muito luxo, apenas um abadá branco de algodão fino e sandálias de couro sem muitos ornamentos:

– Ele veio.

A voz era inconfundível. Orunmilá olhou ao redor. Viu as peles de leopardo e as estátuas de madeira e pedra. O homem na sua frente era o mesmo que os recebera naquela sala, da última vez que estiveram ali.

– Creio que posso ajudá-lo, majestade.

O rei, sem coroa, cetro nem ornamento, não lhes pareceu se importar com formalidades. Desceu da área elevada em que somente o rei pode transitar e, em frente ao forasteiro, tocou a testa da criança.

– Ele está ardendo em febre.

Orunmilá pegou a criança no colo e pediu que o rei sentasse. Contou algumas histórias pelas quais já tinha passado e, pouco a pouco, foi vendo relaxar o rosto e o corpo do jovem rei. Então anunciou que resolveria o problema antes que pudesse imaginar. Era só seguir tudo que ele dissesse. O rei aceitou na hora e, após presenciar pessoalmente o jogo de búzios dos dois babalaôs simultaneamente, se pôs a preparar o que lhe foi indicado.

Em pouco tempo, tudo que o fora solicitado estava no centro da sala. Muitos obis, cauris sem conta, um galo para cada filho perdido, um pombo, muita comida, muita bebida, uma tornozeleira de conchas do tamanho do filho recém-nascido, muita pipoca, várias flautas, alguns pequenos tambores e uma boa porção de óleo de ossum. Deveriam ainda ser ofertados 1.400 panos de cabeça e um pedaço de tecido embebido em ossum.

Orunmilá mandou trazer o filho, a mãe e o próprio rei. Passo a passo, orientou-lhes em relação à oferenda que deveriam fazer a iroco, a árvore-orixá, e os procedimentos necessários para evitar que os espíritos das outras crianças abikus conseguissem levar a criança para o outro lado.

– São duas coisas diferentes – explicou Odoguiá – uma é o trabalho para que iroco abençoe esse e os outros filhos que estão por vir. Quem quer muitas crianças pela casa tem de fazer oferenda a iroco. A outra parte, que Orunmilá vai lhes ensinar, não é uma oferenda, e sim uma proteção contra os abikus.

Odoguiá, de um lado, explicou como ofertar obis, cauris, galos, pombos, comida e bebida, assim como os panos de cabeça e o tecido colorido de ossum. As outras esposas, ainda grávidas do rei ouviram atentamente e

correram até o iroco para lhes deixar as oferendas que iriam tanto aplacar a ira do orixá, quanto amolecer os corações dos pequenos espíritos infantis que toda noite brincam ao redor da árvore. Os tambores, as flautas e as pipocas ajudarão os abikus a entender que este mundo também pode ser bastante divertido. Se a oferenda fosse feita de coração, ambos deixariam de importunar as novas crianças que nascessem, nem mesmo as mães ancestrais poderiam convencê-los do contrário.

Do outro lado da sala, o monarca ouvia concentrado ao lado de sua outra mulher as instruções sobre o que fazer para proteger o filho recém-nascido. Deveriam pintar, com as próprias mãos, todo o corpo do menino com o óleo de ossum. Depois, o babalaô colocou nas suas pernas a tomozeleira de conchas igual à de seus amigos gheledes e disse:

– Esta pulseira de pé servirá para manter seu filho preso no Aiê até que ele tenha idade suficiente para querer ficar de vez. Ele não vai querer sair desse corpo e deixar seu barulhinho para trás. Para reforçar, é muito importante que ele se sinta muito amado e querido para que, quando os espíritos das outras crianças vierem chamá-lo para brincar, ele prefira não ir.

Orunmilá amarrou o bebê nas costas da mãe e orientou que ela saísse pela cidade cantando e dançando. Três voltas completas ao redor de Ilorin, todos os dias, até que a criança comesse a falar. Quando ela dissesse sua primeira palavra, o encanto estaria quebrado, e nenhum abiku poderia levá-la embora dos pais.

– Muito obrigado, babalaô. Que os orixás lhe paguem esta bondade.

– Majestade – interrompeu Orunmilá. – Creio que o senhor é que pode pagar aos orixás a bondade em manter seu filho vivo.

– Como assim?

– Quando aquelas senhoras estiveram aqui, pediram alguma coisa a vossa majestade?

O rei olhou em reprovação nos olhos de Odoguía.

– Não me lembro.

– Pois deixe-me ajudá-lo, majestade. Aquelas senhoras estão escondendo algo muito precioso dos mestres do Orum. Exatamente esses para quem o senhor acaba de fazer tantas oferendas.

– Meu caro. Não pretendo desafiar ninguém, nem elas nem os orixás. Só não quero colocar em risco a vida de minha criança. Se entregar o prisioneiro a vós, aquelas senhoras vão levar meu filho do mesmo jeito. Prometo que, assim que meu filho disser sua primeira palavra, eu vos

entrego o prisioneiro.

Os olhos do adivinho faiscaram. Era tudo o que ele precisava saber. Se o último odu estava naquele castelo, era uma questão de tempo para que conseguissem resolver o caso. Esperar as primeiras palavras da criança não poderia ser parte do plano. Odoguiá, que ouvia a tudo com atenção, interrompeu:

– Agô, meus amigos. Tenho uma proposta a fazer.

– Diga, então – autorizou o rei.

– Majestade, peço-lhe apenas o seguinte: um milagre irá acontecer. Isso eu lhe garanto. Gostaria que, quando ele chegasse até seus braços, o crédito nos seja dado.

O rei não entendeu do que se tratava. Mas, confiando na relação que cultivava há anos com seu velho conselheiro, aceitou a proposta. Como se conversassem sem se falar, os babalaôs olharam para fora e seguiram pelo mesmo caminho pelo qual as mulheres do rei haviam partido. E, ao chegarem ao pé do iroco, ajudaram-nas a cumprir as obrigações de maneira impecável. Aquela era a única chance.

Antes de o sol se pôr, estavam todos de volta. As esposas do rei e os dois adivinhos. Não era prudente ficar próximo a um iroco quando não havia luz.

No dia seguinte, os dois adivinhos se mantiveram quietos num quarto escuro e avisaram que só sairiam de lá no dia certo. O rei de Ilorin não conseguia imaginar o que eles estavam preparando, mas respeitou a sabedoria dos mestres, deixando sempre um escravo à disposição do lado de fora e garantindo que nenhum ruído desnecessário soaria naquele palácio enquanto os dois não deixassem o quarto. Acima de tudo, eles não deveriam ser interrompidos em hipótese alguma. Essas eram as ordens reais, e não deveriam ser questionadas por ninguém.



Exu chegou cansado, suado e maltrapilho, mas sua ansiedade era maior que a fadiga. Correu tanto que mal foi visto nas ruas largas de Ilorin. Passou despercebido pelo povo e só parou em frente ao majestoso portão do palácio real. Como ele sabia que os dois babalaôs não estavam em casa, ninguém poderia dizer, mas, em se tratando de Exu, isso não era tão estranho assim.

O mensageiro levantou o braço forte e se preparou para bater na porta de madeira entalhada. Mas, antes que pudesse tocá-la, ela se abriu. Como se fosse mágica, uma velha escrava surgiu na pequena fresta e olhou para o gigante como se esperasse uma explicação.

– Vim me encontrar com mestre Orunmilá.

– Quem é o senhor?

– Exu, seu mensageiro. Avise-o que cheguei de volta, por favor.

A senhora fechou a porta. Do lado de fora, o mensageiro sentou no chão para recobrar o fôlego, mas logo começou a se irritar com a demora. Levantou e começou a andar em círculos. Quando se preparou para bater, a porta abriu mais uma vez. E lá estava a velha escrava:

– Ele não pode atendê-lo.

– Mas ele está me esperando.

– Ele disse que não quer ver ninguém.

– Como assim? Eu vou...

A porta fechou com força e, vindos não se sabe de onde, um grupo de mais de dez soldados surgiu às costas de Exu. O mensageiro lhes estendeu as mãos em sinal de paz e novamente sentou, desta vez um pouco mais longe, para que os brutamontes armados não viessem importuná-lo. Decidiu que ficaria ali até seu mestre chamá-lo. E assim o fez.



Orunmilá sabia que o fim estava perto e tentava evitar que a confiança lhe embotasse os sentidos. Meditaram por todo o resto do dia. Permaneceram calados ao longo da noite, do dia e de mais uma noite inteira. Na manhã do terceiro dia, ainda não tinham comido ou bebido nada nem dito uma palavra sequer. Mas de repente, sem aviso ou sinal, os dois se levantaram de uma só vez. Não disseram nada, como se soubessem tudo o que se passava na cabeça do outro, e caminharam juntos na direção dos aposentos reais. O adivinho do rei, então, anunciou:

– Está na hora de vir conosco, majestade.

O rei precisou convencer as mulheres a obedecerem as ordens dos babalaôs. Elas deveriam aguardar no palácio até que eles chegassem de volta. Só então as três deveriam partir, e pela porta dos fundos, e correr até o grande iroco.

Os homens caminharam bastante, em completo silêncio. Quando se

aproximaram do velho iroco, Odoguiá enfim falou:

– Abrace esta árvore e peça que ela o abençoe. Sinta seu cheiro, sinta o aroma das folhas, da madeira. Trate-a com carinho.

O rei estranhou, mas cumpriu. Respirou fundo e envolveu o tronco esticando os braços o máximo que pôde. De repente, um som esquisito chamou a atenção dele. Uma música mal tocada, como se macacos tivessem roubado flautas e tambores. Ele soltou o abraço e olhou em volta. Nada. Deu uma volta completa na grande árvore, mas continuou sem resposta. Confuso, olhou para os adivinhos. Eles sorriam com a serenidade de sempre, achando graça da agonia do rei. Odoguiá, então, apontou para o alto. O rei obedeceu. Estavam lá, trepadas num galho mais baixo, três crianças bem pequenas. Gargalhando e se divertindo com seus tambores e pequenas flautas. Seus olhos se encheram de lágrimas e, completamente mudo, ele caiu de joelhos quando o menor deles chamou:

– Babá!



Depois de tanto tempo de silêncio, Exu ouviu uma gritaria vinda de dentro do palácio. Uma grande festa, provavelmente. Gente gritando, cantando. De vez em quando, uma pessoa ou outra saía correndo para o lado de fora. O mensageiro tentou abordá-las, mas todas se desviaram e passaram direto antes que ele pudesse fazer qualquer pergunta. Em pouco tempo, homens e mulheres bem-vestidos começavam a entrar por aquela porta. Sem dúvida, era uma comemoração.

Com todo aquele tamanho, Exu não conseguiu se misturar ao povo que entrava para comemorar o que quer que fosse. Todas as vezes que tentava entrar, os soldados o impediam. Como já estava cheio de esperar, aproximou-se o quanto pôde, ou melhor, o quanto os guardas permitiram, e gritou. Chamou uma, duas, três vezes. Mas Orunmilá não deu sinal. Aquilo já era desrespeito demais. Nem mesmo seu velho mestre tinha direito de deixá-lo tanto tempo esquecido. Levantou e voltou a gritar. Desta vez, no entanto, a porta se abriu.

A velha escrava, ao contrário do som alegre que escapava pela fresta da porta, sequer sorriu. Olhou-o de cima abaixo, como se não fosse ela uma escrava quase morta, e disse, mal-humorada:

– Eles foram embora. Vá você também e não nos importune mais.

Ninguém aqui tem esmolas para você, rapaz. – e bateu de novo a porta.

O mensageiro ficou furioso. Quem era aquela velha para tratá-lo daquele jeito? Não via ela que um homem com um colete de búzios como o dele não poderia ser um pobre mendigo como ela achava que era? E o patrão? Por que não o viera chamar? Depois de tanta dedicação, seu mestre o tratava assim? Na certa, queria todos os louros do resgate dos odus só para ele, pensava Exu. Que assim fosse, então. Ele não precisava de glórias. Apenas do agito dos mercados do mundo e de um lugar aberto para ver o sol. Levantou-se, bateu os pés para tirar a poeira do corpo e, cínico, bateu de leve nas costas dos soldados como se fossem seus grandes amigos:

– Ele vai se arrepender. Vocês vão ver.



No exato momento em que Exu saía por um lado, Orunmilá entrava pelo outro, acompanhado de Odoguiá e dos três herdeiros, os príncipes que haviam sido levados pelos espíritos das outras crianças. Iroco os havia trazido de volta, e lá estavam eles, como se nada tivesse acontecido, pendurados no pescoço do pai.

O rei gritou, e a porta se abriu. Uma enorme festa acontecia no castelo, como se todos previssem o que aconteceria ao pé da grande árvore. Guardas, escravos e homens influentes de toda a cidade estavam lá. Um serviçal se aproximou, trazendo as roupas reais. Coroa, cetro, manto, sapatos. As roupas de festa de um rei.

– Todo mundo sabia, menos eu? – perguntou o rei, extasiado, para seus dois companheiros.

Eles sorriram e ajudaram a segurar as crianças enquanto o dono da festa se vestia.

– Onde estão minhas mulheres? – perguntou o rei.

Duas serviçais estavam tão felizes que se esqueceram do protocolo. Seguraram o rei pelas mãos e o trouxeram para uma porta que ligava os salões a um pequeno quarto tranquilo. E lá se foi a compostura do rei.

Ao ver as três esposas deitadas sobre suas camas, sujas, suadas e ensanguentadas, o chefe de Ilorin jogou a coroa no chão. Olhou ao redor sem compreender a alegria daquela gente. Seis escravas entraram no quarto. Cada uma com uma criança no colo. Enquanto o rei buscava junto ao iroco seus três filhos que os abikus levaram, as três mulheres grávidas haviam

parido gêmeos. Seis de uma só vez. Ele se ajoelhou e beijou as mãos de cada uma de suas esposas. Cansadas, elas sorriram de leve e voltaram a dormir. A quarta mulher trouxe então o moleque amarrado nas costas. “Babá” – disse ele, sem febre e contente. O encanto estava quebrado.

Ao longo do dia, a festa cresceu. Logo a cidade inteira estava tomada pela música que celebrava a saúde de seus dez pequenos príncipes. Odoguía e Orunmilá, todavia, permaneceram serenos e concentrados, aguardando o momento exato de abordar o rei.

A oportunidade só chegou no início da noite, quando ele voltou ao palácio para se trocar. Os adivinhos estavam lá, na mesma sala principal, aguardando sua chegada.

Quebrando o protocolo, o rei se ajoelhou diante dos dois e bateu de leve a testa no chão. Os adivinhos ficaram constrangidos e correram na sua direção. Levantaram-no antes que alguém aparecesse para presenciar aquela humilhação.

– Devo-lhes minha gratidão eterna.

– Seu sentimento já nos é suficiente, majestade. Não precisamos de mais demonstrações.

O rei se levantou e começou a bater palmas:

– Devo mais do que meus sentimentos, meus amigos. Conforme havia prometido... Ajanaku! – chamou o chefe da guarda. – Traga até nós o prisioneiro que mandei esconder.

– Sim, majestade.

A serenidade dos babalaôs já não podia ser vista em seus olhos brilhantes nem nas mãos suadas. Aquele era, enfim, o grande momento pelo qual tanto esperavam. O último odu. “Se pelo menos Exu estivesse aqui”, dizia Orunmilá para si mesmo.

Os soldados entraram pouco depois, trazendo um homem franzino vestido com um capuz que lhe escondia o rosto. Com um gesto sutil, o rei mandou que seu rosto fosse descoberto, enquanto Orunmilá dava as boas-vindas ao odu que marcava o fim de sua missão:

– Príncipe Ic...

O babalaô congelou no meio da frase. Odoguía e ele ficaram ali, boquiabertos, sem saber o que dizer. O rei perguntou por duas vezes o que estava havendo. E só na terceira o adivinho forasteiro respondeu:

– Este não é o príncipe Icó.

De longe, escondida entre as sombras, a velha escrava deixou a sala

antes que o prisioneiro se pronunciasse:

– Você foi enganado, Orunmilá. Eu sou apenas um mendigo. Nada mais. E essa não é a única má notícia que tenho para você.

Orunmilá o interrompeu. O impostor se vestia igual ao príncipe Ică. Mas havia uma conta a mais na pulseira do falso príncipe resgatado. Isso o lembrou de quando encontraram o príncipe Ejilá Xeborá: ele também tinha uma conta a mais. Não foi preciso perguntar, pois ele sabia exatamente o que chamava a atenção do babalaô:

– As feiticeiras mandaram lhe avisar que essa conta diz que a partir de agora há mais uma história para aqueles que caírem no caminho de Ică.

Elas começavam a tomar conta do destino. O tempo estava realmente acabando.

– Agora tem algo mais urgente para você saber.

O falso odu contou então que, naquela noite, tivera um sonho grande. Uma moça belíssima, toda envolta em lindos panos brancos, surgia da névoa e lhe pedia para dar um recado para Orunmilá.

– Eu perguntei como poderia lhe dizer alguma coisa, se estava preso e ela me disse que apenas guardasse a mensagem.

– Que mensagem? – perguntou imediatamente o babalaô.

O príncipe-mendigo respondeu na mesma velocidade:

– Você tem apenas dois dias.

Orunmilá empalideceu. Não fosse ter se apoiado no ombro de Odoguiá, teria despencado no chão. Sentou-se devagar, tentando recuperar as forças. Tinha de pensar rápido. Não havia mais tempo. Mas onde procurar a próxima pista?

O rei, compreendendo a situação, chamou o chefe da guarda e falou-lhe ao ouvido. Pouco depois, estava de volta, sussurrando algo de volta junto à orelha do rei. O dono do castelo abriu um sorriso, depois ficou sério de novo. Só então contou o que acabara de saber:

– Os guardiões dos portões de Ilorin estavam lá quando as velhas senhoras partiram. Foram eles quem lhes indicaram o melhor caminho até seu destino.

– Então eles sabem para onde elas foram? – perguntou o babalaô, recobrando o ânimo.

– Sabem. O grupo se dividiu em dois. Uma foi para Ilá, outra para Osogbo.

– Mas são direções opostas! – exclamou Orunmilá.

Odoguiá confirmou com a cabeça enquanto Orunmilá se levantava. Mais uma vez o babalaô andava de um lado para outro à procura de uma resposta. Olhou para Odoguiá como se pedisse algo especial. Ele levantou e foi até um pequeno quarto ao lado da pele de leopardo. Voltou logo, ainda desanimado, confirmando as suspeitas que nem chegaram a expressar:

– Eles disseram apenas: “Vá em frente”.

Dois dias não eram suficientes para ir a ambas as cidades. Orunmilá teria que arriscar. Uma ou outra? Se pelo menos os búzios tivessem sido mais claros... o adivinho sentou novamente, com os olhos cerrados de raiva, pensando em como as velhas feiticeiras deveriam estar se divertindo naquele momento.

O rei ofereceu uma pequena patrulha para acompanhá-lo numa direção, sugerindo que Odoguiá comandasse outra do mesmo tamanho, que fosse no outro sentido. Mas ninguém ali chegou a acreditar que funcionaria. O adivinho de Ilorin era sábio e poderoso, mas foi Orunmilá o escolhido para encontrar o odu desaparecido. Foi então que ele se lembrou novamente de Exu.

– Meu mensageiro passou por aqui?

– Não vimos ninguém – disse um dos empregados.

– Então vou sozinho. Viajarei a noite toda e chegarei antes do almoço. Se Exu aparecer, digam para ir atrás de mim.

– Para onde, Orunmilá?

– Sigam-me até a entrada da cidade. Decidirei quando chegar lá.

O adivinho levantou e jogou nas costas o pequeno embrulho de pano com seus instrumentos. Seguiu à frente de todos e juntos chegaram à entrada de Ilorin. As primeiras estrelas começavam a aparecer no céu, e a luz da lua prometia uma viagem um pouco mais segura. Orunmilá olhou para um lado e para outro. Diante dos olhares confusos da comitiva real, ajoelhou e encostou os cotovelos no chão. Em seguida, abaixou a cabeça e suas mãos começaram a bater as mesmas palmas ocas que ele sempre usava quando precisava de ajuda dos orixás. Ninguém ousava sequer respirar.

Um trovão explodiu no nascente.

– Digam-lhe que fui para Ilá – sorriu Orunmilá, e partiu naquela direção.

Seu grupo ainda estava com ele.

#DDDM

TRAÇÃO

“Ainda há gente que pensa nos outros neste mundo.” Foi a primeira conclusão de Exu quando ganhou uma porção de farofa da vendedora da feira. Era uma moça muito bonita e tinha um dos olhares mais penetrantes que ele já vira na vida. Mais do que isso, pelo jeito como apreciava furtivamente seu corpo robusto, parecia-lhe interessada. Exu se lembrou da última vez que teve uma mulher em seus braços. Fazia tempo. Desde o início da missão não tivera nem um segundo para pensar no assunto.

– Estou ficando velho – concluiu alto.

Anoite estava caindo, e todas as vendedoras já se preparavam para guardar as mercadorias que não conseguiram vender. Não era muito, pois o dia de festa havia sido bastante movimentado. Mas a imagem de todos aqueles vultos estranhos agachados no chão, junto com o falatório típico do fim do mercado, proporcionava uma experiência diferente para Exu. De pé, ali no meio, ele via tudo em sua volta, mas não conseguia ouvir nada. Nem mesmo o que lhe dizia a menina que gentilmente o servira. Também não era preciso, o olhar dela falava tudo. Quando ela parava de tagarelar, sorria e acompanhava o trajeto dos olhos dela. Aquela ali já estava no papo.

O gigante passou um bom tempo com a pequenina. Se tocaram com alguma intimidade, e ela já não tentava esconder seus olhares. Exu procurou em volta algum lugar mais escondido. Não encontrou. Voltou-se para a vendedora resolvido a pedir que ela os levasse para algum canto tranquilo. Mas, quando virou novamente, os olhos da menina estavam fixos em algum lugar bem atrás das suas costas.

Uma grande comitiva caminhava do palácio real em direção à entrada da cidade. Exu não viu sua amiga apontar o rei, mas reconheceu quem queria encontrar. Ameaçou levantar os braços e acenar, mas desistiu no meio do caminho. O senhor à frente da comitiva, concentrado e resolutivo como nos velhos tempos, nem olhou para os lados. Andou em linha reta até o portão e parou como se esperasse alguma coisa. Agachou de joelhos e, cotovelo ao chão, bateu palmas de chamar orixá. Logo depois que um trovão

ecoou de longe, ele partiu. Exu esperou a comitiva passar e se despediu sem explicações:

– Volto amanhã. Pode me esperar.

Não teve tempo nem de um carinho final. Tampouco de perceber a expressão estranha da pequena vendedora. Ela sorria.

O atento babalão vez ou outra se virava para os lados, olhava para trás, como se sentisse que estava sendo observado. Jamais avistou o mensageiro, no entanto. Exu seguia Orunmilá de perto o suficiente para não perdê-lo de vista, porém não tão próximo a ponto de ser percebido. Estava furioso com o mestre.



Ansioso que sempre foi, Exu tomou à frente e teve a ideia que procurava, quando encontrou um agricultor que colhia algumas frutas. Escondido atrás de um pequeno arbusto, esperou que o agricultor sumisse no meio das árvores e rapidamente roubou o seu cesto. Antes que o dono estivesse de volta, ele retomou o caminho por onde seu velho mestre seguia e deixou o cesto em um lugar no qual ele certamente passaria. Um rastro mais que evidente levaria o fazendeiro até lá.

“Não tinha aproveitado o banquete sem ao menos levar uma pequena refeição ao mensageiro?”, pensou Exu. “Pois que agora sentisse o peso de sua própria gula.”

No mesmo passo, Exu se escondeu e pouco depois assistiu ao plano começar a funcionar. Por um breve instante, Orunmilá procurou pelo dono do cesto. Vencido pela sede, contudo, sentou-se para comer alguns daqueles frutos.

Enquanto isso, Exu correu novamente até o agricultor, que a esta altura já dava por falta do cesto, e contou que um velho senhor o roubara e o levava na direção do nascente.

– Ali está o rastro! – apontou Exu.

– Você pode apontar o caminho, meu jovem? Minha vista não é mais como antes...

Exu levou o fazendeiro até onde estava Orunmilá. Só se afastou quando estavam perto o suficiente para que seu novo amigo pudesse confrontar o babalão.

– Ladrão! – disse o senhor, com sua faca em punho.

O adivinho tentou se explicar e evitar a luta. Se esquivava como podia dos golpes furiosos e desajeitados do agricultor. Quando percebeu que não conseguiria fazê-lo ouvir suas explicações, sua mão jorrava sangue. O adivinho correu então para a cidade que o aguardava. E, se não fosse o cesto ainda estar cheio demais para que o agricultor arriscasse deixá-lo, o homem armado o teria perseguido. Furioso, o dono das frutas acompanhou o pequeno vulto do velho ladrão ir embora na direção que ele sabia ficar a cidade de Ilá e decidiu que o denunciaria ao rei ainda na primeira hora. Seria fácil, mesmo com a única testemunha sendo praticamente cega. Precisava apenas mandar encontrar o homem com o corte nas mãos.

Exu estava vingado. Foi cumprimentar o novo amigo e, em pagamento, ganhou algumas frutas para enganar a fome durante a viagem.



Orunmilá ainda tentou falar com o rei naquela mesma tarde, mas ele havia deitado mais cedo. Diante da insistência do velho senhor, os guardas concordaram em garantir-lhe o primeiro lugar entre as audiências do dia seguinte.

Orunmilá procurou uma casa de visitantes e se apresentou.

– Não gosto dessas coisas de adivinhos e deuses. Mas melhor você entrar e lavar esse ferimento para não ficar pior. — respondeu o dono da casa.

O adivinho pediu algumas ervas e pedaços de pano branco e fez um curativo nos ferimentos antes de ir dormir. Agradeceu a hospitalidade do anfitrião e avisou que não faria nenhum feitiço ou adivinhação enquanto estivesse lá. Sairia junto com os primeiros raios de sol.

De: New.Fernandes@hotmail.com
Re (34): Minha história

Caríssimo Laroiê,

Desculpe não ter respondido sua última mensagem. E não estar em casa no dia que sua emissária foi me visitar para o processo de iniciação.

Sei que 13 dias sem dar resposta é algo ao menos indelicado da minha parte. Mas um imprevisto aconteceu e tive que passar as últimas semanas envolvido numa negociação que não estava nos meus planos. Agora que ela terminou, acho justo lhe contar, visto que você foi sempre tão paciente com minhas histórias.

Você sabe como prezo minha carreira, como olho no espelho de manhã e vejo o jornalista antes de ver o carinha que precisa se barbear. Tudo isso que aconteceu na minha vida durante os últimos meses, no entanto, causaram um impasse monstruoso.

Por um lado, não consigo me imaginar mais dentro do *Jornal*. Eu conseguiria conviver com o AA, mesmo com a Yara, apesar de não nos falarmos mais, a não ser por motivos estritamente profissionais. Chegar todo dia naquela redação, todavia, e imaginar a razão frívola pela qual o Fred morreu, e não poder fazer nada, iria me matar.

A alternativa mais óbvia seria o *Diário*, mas desde que eu levei a primeira matéria sobre os iogurtes para lá, entrei na lista negra.

Revista para mim seria a morte. Acho chato, demorado, e acredito que elas desabem antes dos jornais diante da avalanche do mundo digital.

Televisão é uma carreira paralela. Você tem que ter nascido para isso, e estar pronto para ajustar sua aparência, jeito de falar e pensar para adotar o padrão da emissora. Eu me sentiria violentado.

Finalmente, esses sites de notícias parecem uma piada de mau gosto. Para mim, visões como a do Bob Thompson, sobre a notícia ser produzida pelo leitor e o jornal apenas sublinhar aquelas nas quais acredita, são bobas e imbecis. Mas, se ele estiver certo, aí mesmo é que eu não quero mais nada com essa profissão.

De repente, embora eu seja hoje um dos jovens mais reconhecidos do jornalismo brasileiro, me encontrei sem opções.

Dois dias depois de entregar minha carta de demissão no *Jornal*, porém,

uma alternativa simplesmente... aconteceu. Eu estava tomando café numa padoca perto de casa, aproveitando que não tinha hora para chegar em lugar nenhum, quando um carro escuro, de janelas pretas, parou do lado de fora e buzinou. Quando o vidro do banco detrás desceu, revelou o rosto de Pilar.

Eu imaginava que ficaria enjoado, irado, ou mesmo em pânico na primeira vez que a visse depois de tudo isso. Mas não...

Estava mais curioso do que amedrontado. E aqui vai minha verdadeira confissão, minha real e mais profunda vergonha: apesar do medo e raiva que sentia dela por tudo que fez para mim e para tantos outros, preciso admitir que também a admiro.

O que eu não poderia antecipar ou melhor, poderia, porque ela havia prometido, mas jamais imaginei que fosse sério, era que estivesse me trazendo uma proposta. Isso, uma proposta. De sociedade.

Ela havia feito o mesmo raciocínio que eu. Não havia mais lugar para mim no jornalismo. Mas onde eu vi impasse, ela enxergou oportunidade. Se um dos principais nomes do jornalismo empresarial do país não poderia mais trabalhar em jornais, então por que não trocar de lado e abrir uma assessoria de imprensa para ajudar empresas e empresários a lidar exatamente com as ameaças de repórteres como meu antigo eu?

Um ano antes, eu ria dessa ideia. Sempre enxerguei a assessoria de imprensa como uma aposentadoria sem dignidade para o jornalista sem vocação. Um asilo profissional. Naquelas circunstâncias, contudo, era uma opção a se considerar. Especialmente se isso fosse somado aos benefícios de ter Pilar como sócia.

“Pense bem” – disse ela – “Quem daqueles empresários que você conheceu nas sextas-feiras você acha que *não* vai querer contratar a *minha* empresa de relações públicas? E mais: com a proximidade do *Jornal* e a conexão direta com o AA, você pode mostrar uma influência que nenhuma outra empresa do setor jamais teve nem terá. E, finalmente, com o que eu tenho nesse envelope, acredito que não há como você dizer não.”

Mais um envelope. Da última vez que ela me entregou um estava recheado de fotos comprometedoras. Para minha surpresa, no entanto, aquele continha um documento de duas páginas com termos básicos da sociedade que ela se propunha a montar. Cinquenta e um por cento da empresa para ela, 49% para mim. Ela investiria quatro milhões de reais, sendo um milhão adiantado para mim, como bônus por aceitar a proposta. Mais um salário que eu jamais receberia enquanto trabalhasse dentro de um jornal. Tudo para cuidar de

empresários sem noção e manter notícias ruins fora de circulação.

A mulher de quem eu mais queria fugir na minha vida agora fazia uma proposta para ser minha sócia. O único pedido dela era que eu voltasse a frequentar o grupo, retornasse ao Nível 3, que é onde eu merecia estar por tudo que vi, vivi e passei.

Pensei por dias. Sabia que isso era o oposto do que eu havia prometido a você – pois não poderia ao mesmo tempo dedicar minha cabeça a um orixá e frequentar a seita pós-moderna de Pilar.

O que me permitiu escolher é que eu sou jornalista. Do lado que for da notícia, eu vivo dela. O resto da minha vida é secundário. Ou quase. Perguntei a Pilar se eu poderia voltar a ver a Duda, e se não haveria nenhum tipo de cobrança para ela frequentar o grupo também. Pilar topou, e ali nós fechamos o contrato que iniciava uma nova etapa na minha vida.

Sendo assim, infelizmente tenho que declinar de seu convite para fazer a cabeça, e me desculpo por não ter avisado antes da sua emissária ter ido me visitar. Imagino, claro, que essa notícia venha com um certo grau de frustração. Mas espero que entenda as circunstâncias e considere que, apesar dessa última mudança de percurso, eu cumpri todo o meu trato original. Por meses, contei minha história, descrevi pratos, noitadas. Deixei que você tivesse acesso a segredos que ninguém jamais havia ouvido. E, mesmo assim, ainda não sei o que aconteceu depois daquela noite no lago.

Espero que você ainda esteja disposto a me contar o final dessa história. Caso contrário, entenderei sua posição com serenidade e prometo buscar as explicações sobre que aconteceu no destino de uma outra forma. Como, por exemplo, abrir o jornal pela manhã e tentar interpretar o que acontece no nosso planeta.

Quanto à Duda, não se preocupe. Não vou deixá-la se tornar apenas uma memória. Se você não puder me ajudar, eu vou encontrá-la sozinho, e quem sabe consiga até deixar o passado para trás?

Até algum dia, meu amigo.

Axé,
New

São Paulo, 10 de setembro de 2001.

Do alto de um morro ao lado da cidade, Exu observou seu velho mestre vagar sem êxito pela cidade e só passou pelo portão quando ninguém mais o avistava. A cidade era pequena e qualquer um ali se daria conta da entrada de um estranho durante o dia.

O mensageiro chegou decidido à base da janela onde sabia que Orunmilá estava dormindo. Sacou seu porrete da cintura e entrou sem ser ouvido. Sua sombra gigantesca escondeu a luz da lua que lambia o corpo desprotegido de Orunmilá. Olhou para seu porrete. Dali, poderia acertar as mãos do babalaô e, com elas destroçadas, mesmo que os orixás encontrassem alguma solução para seu problema, por mais improvável que isso fosse agora, ele jamais voltaria a exercer sua profissão. Ou as pernas, um alvo fácil e que o impediria de caminhar mundo afora, seu maior prazer, depois de predizer a vida dos homens. A cabeça: uma morte rápida que extinguiria definitivamente a vida daquele homem a quem Exu havia dedicado a sua vida, mas que, à primeira dificuldade, o abandonou. Seria fácil como abater uma ave amarrada.

Mas ele não o fez. Saltou de novo a janela e correu até os fundos da casa. Estava assustado com o que ele mesmo havia sentido. Orunmilá poderia tê-lo traído, mas não merecia morte ou invalidez. Nem prisão como um ladrão qualquer. Exu notou no chão, ao lado de uma pedra que lhe fazia sombra, uma pequena faca, dessas feitas para retirar a pele da caça, suja e ensanguentada. Teve uma ideia, e desapareceu na sombra das pequenas casas de palha e barro socado.

Quando o dia raiou, Orunmilá deixou no chão alguns búzios que deveriam cobrir os custos de sua estada e, cumprindo sua promessa, partiu sem incomodar. Foi o primeiro a chegar à porta do palácio e o primeiro a ser recebido no salão principal, no qual o rei e o conselho de anciãos ouviam os pedidos do povo mais precisado.

Um guarda o anunciou, conforme ele mesmo se intitulara: Orunmilá, o grande babalaô enviado pelos orixás para libertar o prisioneiro

que o palácio guardava. Um sussurro geral tomou conta do salão, e o rei olhou para um homem ao seu lado, que acenou positivamente como se já tivesse ouvido a respeito da reputação do adivinho e da missão que o Orum lhe havia confiado. Foi a vez do rei acenar e, imediatamente, a grande porta dupla se abriu e Orunmilá correu na direção do trono.

Antes que ele pudesse falar, guardas bem armados o cercaram. Não pareciam amistosos, muito menos dispostos a deixar um estranho se aproximar correndo do rei de Ilá. Orunmilá já não tinha medo, porém. Avisou mais uma vez, com a voz mais alta que pode:

– Estou aqui em paz, em nome dos grandes orixás do Orum. Esta é sua última oportunidade de me ouvir. Me prender não vai salvar a pele de nenhum de vocês.

O círculo ao seu redor se abriu levemente, ao comando do rei. Entre eles, um senhor de costas se voltou na direção do adivinho:

– Ladrão! Eu reconheço essa voz!

– Meu estimado amigo – respondeu o rei, diante do agricultor que lutara contra Orunmilá na véspera –, esta é uma acusação muito séria. Especialmente quando jogada sobre um homem importante.

– Importante ou não, majestade, ele roubou minhas frutas, e eu exijo que seja punido por isso!

O rei olhou ao redor, enquanto os membros do conselho gritavam sua sentença:

– Morte! Morte! Ninguém rouba um velho cego e vive para se gabar!

Detrás de sua coroa de franjas coloridas, o monarca ouviu paciente e esperou que o povo se calasse antes de continuar:

– Como disse, meu caro, é uma acusação séria essa que você me traz. A morte é a única pena possível para estrangeiros que roubam comida em nossas terras. Mas você bem sabe que, nesse tipo de situação, ou o acusador prova o que diz, ou o acusado tem direito de exigir o que quiser do rei e do povo da cidade que o acusa. Inclusive a execução de quem o caluniou. Sabe disso, não sabe? Pois se você tem uma prova, que me ofereça agora mesmo, ou comece já a se despedir deste mundo. Não estou disposto a ter meu reino comentado como uma terra em que se difama impunemente um homem da importância do babalão aqui presente.

Todos se calaram, ansiosos pela resposta. O velho agricultor, no entanto, não se intimidou.

– Pois bem, majestade. Ontem, no fim do dia, parei para beber água no fim da colheita e, quando cheguei de volta, meu cesto havia sido roubado. Um rapaz alto me ajudou a encontrar esse homem aí, se acabando nas minhas frutas.

– E a prova?

– Eu lutei com ele, majestade. Esse covarde não só lutou com um velho quase cego mas ainda fugiu de mim. Eu vi quando ele veio para Ilá. Vejam se ele não tem um corte na mão?

Alguém arrancou o pano que amarrava a mão de Orunmilá, e a ferida aberta gotejou no chão. Em meio aos olhares furiosos, o adivinho não sabia o que dizer. Sabia bem que aquela gente não estava disposta a ouvir que tudo não passava de um mal-entendido. Em vez disso, simplesmente fechou os olhos e concentrou-se na busca de uma saída para mais aquela armadilha que as Iá Mi haviam armado para ele. Tinha de ser rápido, pois se não soubesse o que fazer, não só a sua vida como a de todos os homens vivos no Aiê acordariam sem destino na manhã seguinte.

Baixou o rosto e, mesmo com a ferida aberta, começou devagar a bater palmas em conchas. Por um instante, chegou a pensar que desta vez nem os orixás poderiam salvá-lo. Voltou a limpar os pensamentos e ouviu o som das próprias mãos, o som da própria súplica. Foi quando a voz do rei penetrou em seus ouvidos:

– Seu argumento é razoável, meu bom homem. Mas não tenho certeza de que seja conclusivo.

Não, a voz não falava com ele. O rei dirigia-se ao agricultor que o acusava, que imediatamente respondeu:

– Mas, meu rei... o corte na mão!

– Isso prova apenas que ele pode ser o homem que você procura, mas não necessariamente que foi ele.

Desta vez, ninguém compreendeu e foi o próprio rei quem continuou:

– Se seu relato é mesmo real, não é apenas ele o suspeito do roubo.

Ao dizer isso, o rei entregou o cetro para um serviçal e desenrolou sua própria mão, deixando ver um corte praticamente igual ao do adivinho. Imediatamente, vários outros homens no aposento levantaram suas próprias mãos feridas.

Dois guardas imediatamente tomaram o velho pelos braços. O rei olhou para ele, depois para Orunmilá, e sentenciou:

– Como eu havia explicado, meu nobre convidado, ninguém aqui acusa um estrangeiro se não puder provar o que diz. E, uma vez que nada foi provado a seu respeito, meu reino está em dívida com você. Pode pedir o que quiser para reparar sua honra. É só você dar um comando e imediatamente esse pobre caluniador será executado. O que deseja, afinal?

– Posso pedir qualquer coisa? – disse Orunmilá, olhando o baixinho gorducho com um ar superior. Ao sinal positivo do rei, ele continuou: – Ouvi dizer que nesta cidade está guardado um prisioneiro de nome desconhecido, a pedido das Iá Mi, enviado aos seus cuidados.

– É verdade – respondeu o rei. – E até alguns dias atrás, havia uma delas aqui, conversando baixo durante todo o tempo com ele. Mas já sei foi e deixou o coitado a nossos cuidados.

– Então é ele que eu quero.

Não era uma decisão fácil. Entregar um prisioneiro enviado pelas Iá Mi era comprar com elas uma briga que não se poderia ganhar. Mas para um rei iorubá, não havia nada pior do que a quebra de um compromisso. Como se esperava, ele fez um sinal, e o guarda pediu que o adivinho o acompanhasse.

Antes que a porta se fechasse às suas costas, ouviu curioso o início da audiência seguinte: uma voz familiar reclamava o sumiço de sua faca de caça. Sem saber bem o porquê, Orunmilá já imaginava quem havia sido o responsável por isso. Mas, se Exu estava tão perto, a ponto de cortar as mãos de todos aqueles homens da cidade só para protegê-lo, por que não estaria com ele naquele momento?

Mais uma extravagância do mensageiro, pensou.

Havia algo mais importante para se preocupar naquele momento. Acelerou o passo e fez com que o guarda, muito mais jovem que ele, tivesse de correr para acompanhá-lo. Enfim, chegaram ao local guardado por uma dezena de outros guardas fortemente armados. Quando a porta se abriu, o único prisioneiro saiu da sombra.

Era ele, o príncipe Ică, dono das histórias que sempre indicam a bonança no final a tempestade, o último dos príncipes do destino que ainda faltava ser resgatado. Os dois se abraçaram numa dupla euforia, que contagiou os soldados ao seu redor. Um porque havia sido libertado de tantos dias de cárcere. O outro porque conseguia, enfim, cumprir a missão que os orixás lhe haviam confiado e permitido que tanto ele quanto todos os outros babalaôs pudessem voltar a fazer suas previsões mundo afora.

Naquele único abraço, o babalaô viu passar pela sua mente o primeiro dia em que sua tábua falhou e a desconfiança de seu amigo, que sugeriu que ele se aposentasse. Lembrou da sofrida formação do grupo, do resgate dos outros quinze príncipes e dos encontros com as Iá Mi Oxorongá. Sentiu uma onda de orgulho correr pelo seu corpo, como se fosse jovem novamente e o fôlego não mais lhe faltasse. Era tanto axé que parecia que seu corpo vibrava como um terremoto. Abriu os olhos e viu os guardas correndo para longe. Eles olhavam assustados para trás, apontando o chão. Uma rachadura gigantesca havia se formado e engolia tudo no caminho.

Assustado, o adivinho soltou as costas do príncipe odu e apontou na direção oposta da rachadura que avançava rapidamente para aquele lado. Mas o último prisioneiro das Iá Mi segurou-o pelo pulso e sorriu:

– Vem comigo, babalaô.

A terra se abriu embaixo dos dois, engolindo-os devagar. Um sopro inebriante de axé gelava e esquentava o corpo de Orunmilá. Um turbilhão de energia bruta. Sentia cada pelo, arrepiado. O corpo leve.

A mente, crescia como se entendesse tudo, de repente. Sua pele transpirava luz! Foi assim que sentiram seus amigos? Chegara enfim a sua vez de conhecer os orixás? Comandar a natureza? Encantar os homens... tão de longe que não poderia mais vê-los sorrir e chorar? Não poderia sofrer nem dançar com eles? Não seria mais abraçado em agradecimento nem se fartaria nas festas das vitórias? Nunca mais? De repente, a ideia de não ser mais a ligação entre humanos e os deuses lhe pareceu triste. Orunmilá abraçou o amigo Icá, tirou uma perna, coberta de terra até o joelho, para a superfície e deu um passo para fora da fenda. Dali, se despediu. Era um babalaô, afinal. Seu lugar era no Aiê.



Contam por aí que alguns dias depois, Exu foi visto comendo e bebendo com as feiteiras. Comemorando o dia em que, se elas não roubaram o destino, ao menos adicionaram algumas histórias aos cordões de contas de alguns odus. Se esse episódio é verdade ou invencione de dessa gente, ninguém sabe, nem nunca vai saber.

O que se tem certeza é que, depois desse dia, Exu ficou livre para seguir seus próprios caminhos, entre tantas cidades e tantos mercados. Fazendo o acerto virar desacerto e o desacerto virar acerto na vida do povo

de todos os tempos do Aiê. Virando tudo do avesso e aplicando lições naqueles que tentavam passá-lo para trás.

Contam que nunca deixou seu apetite de lado e que, de tão respeitado que se tornou, ninguém mais faz oferenda para orixá sem antes lhe dar de comer. Exu continua vagando como o príncipe das estradas e encruzilhadas da nossa terra, sem jamais perder a alegria da profissão. Ainda canta quando leva aos homens as mensagens dos deuses e se orgulha de ser o escolhido do povo do Aiê para levar seus pedidos ao Orum. Entre os deuses e entre os homens, não há quem não reconheça sua importância, e os mais velhos chegam a dizer que, sem Exu, não tem oração, não tem refeição, não tem diversão. E, por onde quer que passe, o povo canta e comemora sua chegada.

Laroiê, Exu! Laroiê!

EPÍLOGO

Maria Eduarda estranhou sua própria imagem no reflexo da janela de vidro da Starbucks. Aqueles cabelos vermelhos definitivamente não eram seus. Na mesma imagem, só que mais além, podia ver o prédio onde trabalhava há poucos meses. Foi o próprio mestre quem conseguiu aquele emprego. Ou melhor: foi ele quem a obrigou a aceitar. Por ela, ainda estaria trabalhando como jornalista no Brasil, usando os cabelos como sempre usou. Mas uma coisa era verdade: estava ganhando muito bem e morando confortavelmente em Manhattan, um sonho secreto (ou não) de nove entre cada dez paulistanos que conhecia.

– Uma bela visão, não acha? – perguntou o vozeirão às suas costas.

Laroiê retirou um passaporte do bolso, colocou-o sobre o balcão e o deixou aberto na página da fotografia.

– Estela. Este é o seu novo nome.

Junto do passaporte, um número de uma conta no Citibank. Quatro milhões de dólares. Era esse mesmo o combinado? Quanto seria isso em reais? Esse era o preço de sua vida? De seus cabelos negros? De seu nome? Por quanto tempo? Seria chamada novamente de Maria Eduarda alguma vez na vida? Veria seus amigos alguma vez antes de morrer? Lembrou-se novamente da pergunta: “Quanta culpa um homem é capaz de carregar numa única vida?” e tentou imaginar quanto New sofreria por causa daquele cheque.

Duda sabia o que havia acontecido na batalha pelo destino – tanto num lado quanto no outro. Sabia que, se New havia traído os orixás, isso era o que ele deveria ter feito, e foi apenas por isso que o destino voltou às mãos dos homens. Então por que ele deveria ser punido?

– Ele me traiu. Descumpriu nosso trato.

– E o meu trabalho? O que você vai fazer ali?

O mestre fez sinal que falasse mais baixo e olhou em volta, achando graça da situação. Ninguém parecia estar dando a menor atenção. Ele ainda assim sussurrou:

– Eu? Nada. O importante é que achem que você, ou melhor, a Maria Eduarda, esteja lá dentro.

Duda levantou assustada. Antes que pudesse prosseguir, no entanto, foi segurada pelo braço. Dessa vez não havia sorriso, sarcasmo ou amizade naquele olhar.

– É melhor você sentar.

Ela obedeceu.

– Mas tem gente ali! – disse ela baixinho, porém desesperada.

– O que vai acontecer, acontecerá. Seu amigo sofrerá porque não me obedeceu.

Duda observou o mestre se levantar e o ouviu com atenção enquanto ele lhe dava sua última recomendação:

– Só me prometa que não vai fazer nenhuma bobagem, minha filha. Que vai se manter longe daquelas duas torres.

Ele lhe deu um beijo carinhoso no alto da cabeça e um abraço do jeito antigo de abraçar, batendo os ombros alternados, de um lado, e do outro. Já cruzava a porta de entrada quando a voz de Maria Eduarda perguntou pela última vez:

– Ele poderia ter impedido tudo isso?

– Aproveite a vida nova.

De dentro da limusine, Exu viu a Starbucks desaparecer pela janela traseira, depois a cidade sumir atrás da ponte do Brooklyn. Ainda tinha as últimas palavras de Maria Eduarda na cabeça, mas não havia sobra de remorso ou indignação naquela lembrança. Apenas uma certa impaciência melancólica em relação à sua nova discípula: “Será que algum dia eles vão entender que não são tão importantes assim?”.

Minutos depois, de onde sentava, Maria Eduarda assistiu a um avião de passageiros acertar em cheio uma das torres. Possivelmente onde ela estaria sentada se Exu não a houvesse mandado faltar ao trabalho naquele dia. Nas ruas, a multidão não sabia se corria para longe ou para perto do acidente. Ela permaneceu no mesmo lugar. Viu dali o segundo avião acertar a outra torre, e, quando ambas caíram, assistiu à massa de pó branco varrer a cidade. E chorou, pelos milhares que caíram ali, e pelo seu amor, que choraria também, para o resto da vida.

POSFÁCIO DO AUTOR

Eu estava no aeroporto de Washington, capital norte-americana, no aniversário de dez anos dos atentados de 11 de setembro. O ar carregava uma dose de apreensão e tristeza. Como se estivéssemos afrontando o destino e teméssemos a punição pela ousadia de voar bem naquele dia. Na TV, familiares das vítimas prestavam seus respeitos. O presidente Obama falou à nação. Todos os canais comentavam o assunto. De repente, estávamos em 2001.

Os dois primeiros livros dessa trilogia foram escritos durante essa época. Do atentado, digo. Eu ainda procurava um enredo para a ideia de escrever sobre os orixás quando Bin Laden jogou os aviões contra as torres. Tanto quanto o resto do mundo, eu parei. E, nos meses seguintes, nada do que eu conseguia escrever fugia do terror das torres despencando. Tentei resistir mas, finalmente, cedi. A trama queria ser escrita daquele jeito, eu pensei. E assim nasceu a triste história de Newton Fernandes. Um homem atormentado pela culpa do que aconteceu para o mundo inteiro, mas que New tomou para si.

Esse livro foi a única maneira que encontrei de processar a ideia de que uma ou mais divindades, dependendo do que você acredita, fosse capaz de deixar um acontecimento tão atroz ocorrer. Observar aquilo tudo com o olhar de um imortal que recebe os mais diversos pedidos de ajuda, razoáveis e absurdos, de nós humanos foi meu processo de luto. Não, a culpa ou responsabilidade daquilo não era de nada metafísico. Foram homens que cometeram aquele crime em nome do radicalismo religioso. Assim como são homens que protestam em funerais de homossexuais norte-americanos com placas de “God hates fags” – algo como “Deus odeia os veados”. Afé pode ser uma coisa hedionda, às vezes.

Era esse o tema sobre o qual eu queria escrever. Minha motivação. Essa dor, que foi meu ponto de partida, começou na violência do terrorismo e terminou na violência do abuso ritual, cometido por tantos gurus de tipos e denominações diferentes. Monstros que abusam de almas, numa violência

pouco discutida, mas capaz de marcar para sempre crianças e adultos que tem a má sorte de sofrer essa barbárie sem ter uma família que os apoie.

Essa violência privada, dos pequenos grupos religiosos, todavia, jamais criaria tanto barulho quanto a controvérsia do atentado em Nova York. Por isso, quando o manuscrito original foi rejeitado por várias editoras no ano seguinte (por se tratar de literatura de nicho, diziam eles, não por causa do atentado), confesso que senti certo alívio. No fundo, continuava com aquelas imagens horríveis na cabeça e me sentia culpado de estar aproveitando da dor alheia. A mudança para a Califórnia veio logo depois, e com ela resolvi guardar o livro no fundo de uma gaveta. “De longe, fica muito difícil procurar uma editora” – eu dizia. Mentira. Tentava ganhar distância do fato que gerou a narrativa. Quem sabe um dia me sentisse à vontade para tirá-la da gaveta novamente, o que começou a acontecer, com a delicadeza de quem tira o último esparadrapo de uma ferida antiga, naquele dia no aeroporto. Dez anos depois. Aquele voo foi meu rito de passagem.

Olhando para trás, aguardar tanto tempo foi uma decisão acertada. Ou uma circunstância que me salvou de um trabalho contra a violência religiosa ser entendido como um ato de violência em si.

Mas esse não é o final. A tragédia de New ainda precisa de alguns capítulos para chegar ao seu desfecho. Assim como ainda temos a história dos orixás que precisa ser contada: a rotina daqueles que vivem no Orum, os imortais. Em especial, a visão incompreendida daquelas a que tantos chamam... de feiticeiras.

Espero que tenham gostado de *O livro da traição*. Vejo vocês de volta em *O livro da morte*.

Abadá: bata ou túnica.

Abará: bolinho de feijão-fradinho moído, cozido em banho-maria embrulhado em folha de bananeira.

Acarajé: feijão-fradinho, partido num moinho em pedaços grandes e colocado de molho em água para soltar a casca, após retirar toda a casca, passar novamente no moinho, desta vez deverá ficar uma massa bem fina. A essa massa acrescenta-se cebola ralada e um pouco de sal. O segredo para o acarajé ficar macio é o tempo que se bate a massa. Quando a massa estiver no ponto ela fica com a aparência de espuma, para fritar use uma panela funda com bastante azeite de dendê.

Acaçãs: prato feito com milho branco ou vermelho, fica de molho em água de um dia para o outro, passado em um moinho para formar a massa que será cozida em uma panela com água, sem parar de mexer, até ficar no ponto. Este se adivinha quando a massa não dissolve, se pingada em um copo com água. Ainda quente, pequenas porções da massa devem ser embrulhadas em folha de bananeira já limpa, passada no fogo e cortada em pedaços de igual tamanho, para ficar harmonioso.

Adjá: sino de metal com duas cabeças.

Agô: olá, ou como pedido de licença.

Aiê: terra, o mundo dos homens.

Ajés: feiticeiras poderosas, mães ancestrais respeitadas e temidas, têm o poder de se transformar em pássaros.

Amalá: cozinhe a rabada com cebola e dendê. Em uma panela separada faça um refogado de cebola com dendê, separe 12 quiabos e corte em rodelas bem finas, junte a rabada cozida. Com fubá, faça uma polenta e com ela forre uma gamela, coloque o refogado e enfeite com os 12 quiabos enfiando-os no amalá de cabeça para baixo.

Apaocá: jaqueira.

Araticuna: tipo de árvore sagrada.

Atotô: saudação a Omolu.

Axumã: controlam as cerimônias de egungum não deixando que encostem neles para não trazer má sorte.

Babá: pai.

Babalaô: sacerdote do Oráculo; adivinho.

Baini: coroa baixa que cobre parte do rosto com várias tiras de contas penduradas.

Baobá: gênero de árvore sagrada de troncos largos e gigantes. Algumas são tão grandes que pode-se entrar nelas.

Cauri: búzios.

Ebó: oferenda, dedicada a orixás, podendo ou não envolver o sacrifício animal.

Ecuru: massa de acarajé colocada em pequenas porções em folhas de bananeira, cozinhar em banho-maria e depois diluir em mel ou azeite de dendê.

Egum: espírito desencarnado dos ancestrais. Aparecem em festas específicas para aconselhar e brigar com os vivos, cobrindo-se com panos coloridos e muito enfeitados.

Eleyé: feiticeira dona do pássaro. O pássaro é o poder da feiticeira; é recebendo-o que ela se torna ajé.

Eró: folha que tem a função de tranquilizar.

Escarificação: conjunto de pequenas incisões ornamentais na pele que deixam marcas para sempre.

Etu: galinha d'angola.

Ewó: proibição, especialmente proibição alimentar. Alimentos que uma pessoa não pode comer para não desagradar os orixás.

Exu: mensageiro entre os homens e os orixás e transportador de oferendas.

Gheledes: tradicional das sociedades iorubás, expressa o poder feminino sobre a fertilidade. Originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso, são grupos de culto às mulheres anciãs e também às mulheres ancestrais. Acalmam as forças da natureza. Usam máscaras de madeira no topo da cabeça e se vestem com panos coloridos.

Iá Mi Oxorongá: feiticeiras, mães ancestrais.

Ialodé: mulher com poderes.

Iansã: guerreira que dirige ventos, raios e tempestades.

Ibeji: crianças gêmeas. Ligadas a tudo que se inicia; nascente de rios, nascimento de seres humanos ou germinação de plantas.

Iemanjá: reconhecida como mãe de todos os outros orixás, deusa das águas. Rege o equilíbrio emocional e a loucura. Feminina, generosa e maternal.

Ifá: orixá dono do destino. Comanda o conselho dos 16 odus, que controlam todas as histórias dos homens.

Iku: orixá que representa a morte.

Ilê: terra, o chão onde se vive.

Iorubá: um dos povos de oeste africano, especialmente onde hoje estão situados a Nigéria e o Benin. O iorubá foi um dos principais povos dos quais traficantes roubaram homens, mulheres e crianças para trazer ao Brasil.

Iroco: árvore orixá, ou o espírito da mais sagrada das árvores.

Irunmalé: termo genérico para consciências não encarnadas. Gente que ainda vai nascer, mesmo orixás.

Kaô Kabiesilê: expressão que significa “venham saudar o rei”. Saudação de Xangô.

Laroiê: saudação para Exu. Laroiê, Exu!

Mojubá: uma saudação: “meus respeitos”.

Mojubaxé: saudação respeitosa em resposta a “mojubá”.

Obá: guerreira Fon que representa o aspecto masculino das mulheres, temida e mais forte que muitos homens.

Obi: fruto sagrado.

Oborô: masculino, santo macho.

Odu: cada um dos príncipes do destino que falam através do jogo de búzios ou do opelê.

Ofá: arco e flecha.

Ogum: general sangrento, senhor das batalhas, das defesas, do ferro e da forja de espadas.

Ojá: turbante.

Ojé: sacerdote.

OKê Arô: saudação feita para Oxóssi.

Olodumare: o deus único, criador de todos os orixás.

Oluô: adivinho, vidente poderoso.

Omolucu: prato feito com feijão-fradinho e ovos.

Omolu: orixá que se ocupa em castigar os malfeitores e descrentes com doenças, e em cosequência a morte, se não for reverenciado. É o responsável pela translação da morte para Orum (o que chamamos de céu).

Opelê: instrumento de adivinhação usado pelos babalaôs. Tem a forma de um colar aberto feito de um fio de palha e oito medalhas feitas com metades de fava de opelê.

Ori: cabeça, espírito de uma pessoa.

Orixás: forças do universo, criadas por Olodumare para gerar o mundo e interagir com os homens. Alguns orixás foram criados diretamente por Olodumare, outros foram homens e mulheres que se tornaram orixás.

Orobô: Fruto muito utilizado no candomblé, imprescindível em inúmeros atos do culto aos orixás.

Orum: lugar sagrado onde vivem os orixás, os outros irunmalés e eguns.

Orunmilá: o maior adivinho de todos os tempos.

Ossum: tipo de óleo.

Otim: aguardente de cana; cachaça.

Oxalá: grande orixá masculino. Ajudou Olodumare a criar o homem e o princípio da vida.

Oxô: feiticeiro.

Oxóssi: o grande caçador que garante o alimento de todos.

Oxum: filha de Orunmilá, é a senhora das águas doces, dos lagos e das cachoeiras.

Oxumarê: adivinho com poderes de erguer o arco-íris e ligar o céu e a terra. Controla a chuva, a fertilidade do solo e a prosperidade das colheitas. É masculino e feminino.

Palha da costa: extraída da palmeira representa a eternidade, geralmente é amarrada nos braços e cintura dos iniciados, afastando as energias negativas e espíritos malévolos. Também é utilizada na confecção das roupas dos orixás.

Pano da costa: tipo de tecido vindo com os escravos, Costa Mina, Costa do Ouro. Um xale retangular com grande variedade de cores e padronagens, caracteriza a identidade daquele que o usa. A decoração, impressa, tingida, pintada, tecida ou costurada representa os espaços, os objetos, seres e as metamorfoses presentes na mitologia.

Pelé: expressão que pede calma.

Sanmô: abóboda celeste.

Vinho de palma: bebida obtida a partir da fermentação alcoólica da seiva de várias espécies de palmeiras e coqueiros.

Vodun: nome genérico dado às divindades em algumas partes do oeste africano.

Xangô: guerreiro senhor dos raios e trovões. Foi rei em Oyó, uma das principais cidades de língua iorubá.

Xaxará: objeto confeccionado com nervura da folha do dendezeiro, ornado com búzios, palha da costa, fio de conta e cabaça, elimina energias negativas, utilizada por Omolu para limpar e varrer a peste.

Yaxanã: erva que faz cuspir fogo.

AGRADECIMENTOS

De certa forma, os agradecimentos do primeiro livro deveriam servir também para esse segundo volume. Mas tanta coisa aconteceu entre um e outro que criou-se mais uma oportunidade para agradecer a muita gente nova.

Começando (novamente) pelo meu amigo Zeno Millet, que, mais uma vez, demonstrou paciência de imortal ao rever os originais, discutir detalhes, resolver dúvidas, me ajudar a entender a filosofia por trás das tradições africanas no Brasil. O André Anacleto, por sua vez, companheiro conhecido por causa do primeiro livro, também merece uma menção de peso. Fiel às suas responsabilidades no santo, jamais me revelou segredos mas sempre se dispôs a discutir temas controversos e me provocar com perguntas que eventualmente me levaram a ajustar trechos importantes da narrativa.

O maior risco que corri ao separar o livro em dois, como mencionei no Prefácio, foi que se *O livro do silêncio* não fosse um sucesso, talvez não houvesse essa continuação. E, se há, é porque um monte de gente me ajudou a fazer o primeiro livro acontecer. A turma por trás disso tudo, aliás, começa com a mesma, incansável galera de sempre. Minha agente Ana da Motta Kohlitz, meus editores Marcelo e Adriana Melo, minha assessora de imprensa Debora Bacaltchuk. Vocês continuam matando a pau. Mas, dessa vez, quero agradecer também ao pessoal da Pereira & O'Dell que ajudou no lançamento, divulgação, e na confecção do site deusededoismundos.com.br – Flavio Lima, Joana Campanelli, Andre Pupo e Vinicius Sakamoto; Denise Corazza por cuidar da minha vida; Molly Parsley por ajudar com a divulgação internacional; e Andrew O'Dell e Jaime Robinson por me ajudar a fugir do trabalho quando precisei me isolar para terminar minhas tantas revisões.

Uma das boas coisas de ter construído uma boa reputação e feito bons amigos quando ainda morava no Brasil é que todos eles foram muito generosos comigo nesse lançamento. E como não deu tempo de incluir o

nome de todos eles no primeiro livro, aqui vai: o sempre disponível Rogério Callegari; o divertido amigo Marcelo Tas; o premiadíssimo Marco Gomes, da Boo Box; os velhos amigos Marco Bebiani e Flavia Simon, do Google; a Karina Santos, do iG; o Enor Paiano, do UOL; a Ana Moises e Gabriela Veloso, do Yahoo; e meu ex-sócio Rapha Vasconcellos, hoje no Facebook.

Nizan Guanaes e Donata Meirelles merecem um agradecimento à parte por terem aberto sua casa linda e oferecido um jantar para comemorar o lançamento do primeiro livro. Não vou esquecer nunca mais. Naquela noite, aliás conheci Licia Fabio, que me deu várias dicas e me convidou a ir à minha querida Salvador para o lançamento desse volume. Aí vou eu, Licia.

Algumas pessoas me ajudaram a melhorar o texto em si, seja com críticas ao primeiro volume ou comentários sobre versões anteriores de *O livro da traição*, que me ajudaram a reescrevê-lo de uma forma muito mais interessante. Gustavo Melo, Mauricio Motta e João Marcelo Beraldo, muitíssimo obrigado pela sinceridade e interesse.

E Robert Lambrechts, a *big thank you* por me dar o livro perfeito, mesmo que sem querer, quando eu me preparava para a tarefa mais difícil de todas: construir a personalidade da Pilar. Espero que vocês tenham gostado do resultado.

Tudo isso, no entanto, o trabalho, a ajuda dos amigos, a contribuição de velhos parceiros, de um modo ou de outro, por mais agradecido que esteja, eu podia imaginar. O que eu jamais sonhei foi o carinho, o interesse e o entusiasmo dos fãs. Não consigo imaginar como escritores do passado passavam de um livro para outro sem esse apoio motivador. E tenho certeza de que muito poucos autores tiveram a sorte de contar com uma audiência tão bacana. Falo dos cento e cinquenta mil que assistiram ao trailer no YouTube, os cinquenta mil fãs no Facebook, inclusive os que se deram ao trabalho de criar e administrar grupos específicos como a Tamires Pacheco e Natalia Rocha. Todos os que leram e publicaram suas resenhas em blogs, livrarias online e no Skoob. Vocês nem imaginam como acompanhar as discussões, perguntas e comentários de vocês me inspirou para escrever e melhorar o livro que acabaram de ler. E, claro, às mil pessoas que foram no lançamento no Rio, São Paulo e Brasília. Velhos amigos, ex-colegas de trabalho, colégio e faculdade que não via há décadas, e os primeiros fãs do DDDM, que já o eram mesmo tendo lido apenas algumas páginas online.

Como comentei em algumas entrevistas, esse livro foi escrito como um processo individual de lidar com meus próprios preconceitos contra as

religiões africanas (e uma forma de lidar com o horror do onze de setembro, agora posso contar). Mas lentamente ele cresceu para se tornar uma forma de luta contra o mesmo preconceito que eu mesmo carregava. Nesse processo, no entanto, tive a grata surpresa de conhecer a Talita Ribeiro, uma menina que me faz lembrar as palavras de Mãe Menininha do Gantois sobre o orixá Logum Edé – dizia ela que “Logum é santo menino que velho respeita”.

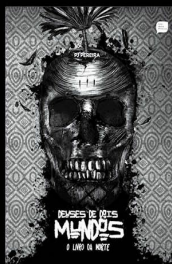
A Talita é assim. Com seus 150 anos disfarçados de 25, nascida e criada numa família evangélica fervorosa, ela me ajudou a enxergar como essa mensagem poderia cruzar as fronteiras religiosas e atrair a atenção, interesse e respeito de outras religiões, especialmente entre os evangélicos, que historicamente pareciam se opor em bloco à tradição africana no país. Foi ela que me mostrou o peso do preconceito do lado “oposto”, quando por conta própria escreveu um artigo num popular blog de discussões sobre o cristianismo, comentando como DDDM lhe havia permitido “conhecer o mundo da mitologia africana sem agredir sua fé”. O artigo já me havia surpreendido. Todavia, com sua publicação, tive a oportunidade de assistir a outras centenas de evangélicos curiosos, abertos, generosos discutir o assunto com uma sinceridade surpreendente, revelando como generalizações de qualquer grupo, por conta de suas facções mais barulhentas, trazem sempre um risco de lhe deixarem com cara de palhaço. Lição aprendida, Talita. Amém.

O suporte emocional e a dedicação da família, finalmente, foram a diferença entre o abandono desesperado e a obstinação cega. Em São Paulo, Rio e Brasília, primos, tios e minha avó me fizeram sentir seguro e confiante. Meus irmãos Pedro Ricardo Milet Pereira e Bruna Milet Pereira Santoyo, assim como meus queridos cunhados Rodrigo Santoyo e Paula Faria, deram ainda mais do que apoio. Foram eles que eu aluguei e de quem abusei ao pedir para comprar livros e mais livros e mandar entregar aqui na Califórnia, além de tantos outros favores que um dia ainda hei de pagar. Minha mãe, por sua vez, foi abusada de outra forma: horas e horas de entrevistas, conversas e expedições por sua memória para buscar histórias de família que usei como base para algumas cenas e momentos importantes de *O livro da traição*. E finalmente, de San Francisco, minha mulher Lo Braz e meu filho Francisco Pereira me empurraram para frente com seu orgulho zeloso e a caridosa abertura que me deram para escrever no tempo que deveria ser deles. Vê-los felizes no lançamento do primeiro livro valeu o esforço de uma

vida. Família, toda, de todos os cantos e cidades, de mais perto e nem tanto,
amo muito todos vocês.

DEUSES DE DOIS MUNDOS

A HISTÓRIA JÁ COMEÇOU, E VAI CONTINUAR!



WWW.LIVROSDESAFA.COM.BR

